

MESTRADO
ARQUITETURA

O concurso como ferramenta de investigação na arquitetura

Resposta ao UIA HYP CUP 2019 International student competition in
Architectural design.

Petros Diana Terra Palatsidis
2019

M



O concurso como ferramenta de investigação na arquitetura
Resposta ao UIA HYP CUP 2019 International student competition
in Architectural design.

Petros Diana Terra Palatsidis



Nota

Por opção do autor, a presente dissertação obedece ao novo Acordo Ortográfico.

Agradecimentos

Ao meu orientador Prof. Dr. Carlos Nuno Lacerda Lopes por toda ajuda durante meu ingresso na FAUP e pela inspiração e confiança ao longo do desenvolvimento do presente trabalho.

A todos amigos e professores que de alguma forma colaboraram para meu crescimento pessoal e acadêmico.

À minha mãe e minha avó por não medirem esforços para que eu conseguisse chegar até aqui.

RESUMO

Nesta dissertação propõe-se a realização de um concurso de arquitetura de maneira a gerar uma investigação sobre a formação e urbanização de favelas. As componentes teóricas exploradas nesse estudo serviram de base para o desenvolvimento do projeto correspondente ao concurso *UIA HYP CUP 2019 - Happy Places – Integrating Architecture and Landscape* promovido pela União Internacional dos Arquitetos.

A investigação visa estudar a formação das favelas do Rio de Janeiro, assim como as relações socio espaciais deste contexto. Frente a isso, busca-se ressaltar as qualidades desses tecidos em contraponto ao urbanismo formal contemporâneo. Acredita-se que no contexto informal a apropriação e as relações sociais são mais ricas por conta do caráter comunitário responsável por construir esses assentamentos.

Considerando as qualidades do tecido informal como tônica das relações sociais e culturais, busca-se tirar partido dessas características para propor um edifício respeite o contexto da favela em questão. Para além da questão da informalidade, a proposta desenvolvida é pensada numa escala urbana de maneira a conectar o tecido informal ao formal, com o objetivo de romper as barreiras criadas ao longo da história da cidade.

Palavras-chave: Concurso, investigação, cidade informal, favela, urbanização, integração

ABSTRACT

This dissertation proposes to hold an architecture competition in order to develop an inquiry on the development and urbanization of slums. The theoretical scope explored in this study supports the design process of the *UIA HYP CUP 2019 - Happy Places - Integrating Architecture and Landscape* competition, promoted by the International Union of Architects.

The current research aims to debate the growing process of the favelas from Rio de Janeiro, as well as the socio-spatial relations of this context typology. Altogether, it seeks to highlight the qualities of the informal urban fabric, in counterpoint to contemporary formal city. In the informal context, it is believed that the appropriation and social dynamics are richer due to the sense of community responsible for developing these settlements.

Considering the qualities of the informal fabric as the base of social and cultural relations, this proposal seeks to take advantage from these characteristics in order to propose a building that respects the context of the favela. Apart from the topic of informality, the proposal developed is designed on an urban scale in order to connect the informal to the formal fabric and break down the boundaries created throughout the city's history.

Keywords: Competition, research, informal city, favela, urbanization, integration

INDICE

Introdução *p.11*

Estrutura *p.12*

Capítulo 1: O concurso de arquitetura *p.14*

1.1 Tipos de concurso *p.22*

1.2 O concurso no campo de investigação *p.26*

1.3 Parc de la Villette como referência *p.31*

1.4 O concurso na formação acadêmica *p.37*

1.5 UIA HYP Cup 2019 International Student Competition *p.41*

Capítulo 2: A cidade informal *p.48*

2.1 Contexto *p.49*

2.2 Dicotomia informal e formal *p.53*

2.3 Aprendendo com o urbanismo informal *p.56*

2.4 Rizoma *p.59*

2.5 Labirinto *p.64*

2.6 Fragmento *p.67*

Capítulo 3: O Rio de Janeiro e o surgimento das favelas *p.72*

3.1 A fundação da cidade *p.74*

3.2 O governo Pereira Passos e a origem das favelas *p.80*

3.3 A evolução das favelas no Rio de Janeiro *p.85*

3.4 A urbanização do tecido informal carioca *p.91*

Capítulo 4: Complexo do Alemão: contextualização da intervenção *p.98*

- 4.1 A Zona Norte *p.100*
- 4.2 Histórico de ocupação do Complexo do Alemão *p.105*
- 4.3 As dinâmicas do território: cultura ofuscada pela violência *p.108*
- 4.4 O PAC e urbanização do Complexo do Alemão *p.112*
- 4.5 Leitura urbana e territorial *p.118*
 - 4.5.1 Rizoma: fronteiras e potencialidades *p.119*
 - 4.5.2 Labirinto: percursos e aglomerações *p.123*
 - 4.5.3 Fragmento: habitação e espaço público *p.127*
- 4.6 Conclusões *p.131*

Capítulo 5: A intervenção *p.134*

- 5.1 Ponto de partida *p.135*
- 5.2 Escala urbana *p.137*
- 5.3 Programa *p.141*
- 5.4 Processo conceptual *p.145*
- 5.5 Tipologia e desenho *p.151*
- 5.6 Espaço público *p.157*
- 5.7 Tectónica *p.161*

Considerações finais *p.167*

Bibliografia *p.173*

Autoria e proveniência das imagens *p.179*

Anexos *p.189*

- a. Esquícios *p.189*
- b. Painéis submetidos ao concurso *p.195*

INTRODUÇÃO

Próximo à conclusão do curso de arquitetura e do começo de um percurso profissional, pretende-se explorar o poder dos concursos como ferramenta de investigação em contraponto a academia. Entende-se que as temáticas que envolvem os concursos de arquitetura são campos de estudo para a realização de uma intervenção concreta. Dentro desse enquadramento, se busca um concurso com uma temática pertinente, para então desenvolver uma investigação que resulte em um projeto.

Diante disso, surge a oportunidade da participação no concurso “*Happy Places – Integrating Architecture and Landscape*”. A proposta visa o desenho do espaço humano com um senso de pertencimento nas cidades, cada vez mais fragmentadas e desordenadas. Espera-se dos participantes a apresentação de intervenções em áreas “periféricas” ou degradadas, que estejam desconectadas do restante da cidade devido ao mal planejamento ou ausência do mesmo. Para além do projeto de um edifício, o edital sugere repensar o contexto como um todo, articulando a construção ao espaço público e paisagem.

A escolha do contexto de intervenção, através de uma densa investigação, surge da experiência de vida no Brasil e consequentemente no Rio de Janeiro. Ainda de um ponto de vista exterior, as favelas são abordadas como parte de um tecido urbano rico culturalmente, mas carente de infraestrutura e investimento. A partir do estudo da formação e situação atual das favelas, nota-se a riqueza daquilo que lá é produzido e a capacidade de criar recursos para superar a ausência do poder público. Dessa forma volta-se para o Complexo do Alemão, um dos maiores conjuntos de favelas do Brasil. Embora seja retratado como um local exclusivamente marginalizado, procura-se olhar para esse local de maneira que potencialize suas características morfológicas e suas ricas dinâmicas sociais.

Ao investigar o território escolhido, nota-se a oportunidade de desenvolver uma proposta voltada para as manifestações informais desenvolvidas no Complexo. Além de propor um ponto de encontro da informalidade das favelas, é buscada uma solução de integração do edifício com o tecido urbano, tratando o edifício como um articulador e gerador de espaço público. A proposta elaborada serve de base à reflexão sobre o poder da arquitetura como agente de transformação socio-espacial e será explicitada ao longo da presente dissertação.

ESTRUTURA

Em busca de um embasamento consistente para a proposta a ser desenvolvida, o primeiro capítulo apoia-se em uma componente teórica, que parte de uma reflexão sobre os concursos como ferramentas de investigação, tanto na esfera profissional quanto estudantil. Em seguida, o segundo capítulo investiga a cidade informal como temática do concurso, buscando relacionar sua formação espacial com o desenvolvimento de redes de socialização.

Após um panorama geral da dicotomia entre o tecido formal e informal, a terceira parte da dissertação aborda o contexto do Rio de Janeiro e suas favelas, apresentadas desde o período pós escravista até os dias de hoje. Com o objetivo de desenvolver uma proposta que valorize a cultura da cidade informal, debruça-se não só sobre uma bibliografia e base de dados histórica e geográfica, mas também a partir de registros de autores e agentes que atuam no âmbito das favelas.

No contexto de urbanização das favelas, é estudado o trabalho do arquiteto Jorge Mário Jauregui, autor de projetos em comunidades onde todos os aspectos da informalidade são a tônica dos seus desenvolvimentos urbano-arquitetônicos e sociais. A leitura do arquiteto diante do Complexo do Alemão é levada em consideração para a futura intervenção, visto que Jáuregui é uma das principais referências em urbanização de assentamentos informais.

No quarto momento, se aproxima da componente prática, sempre apoiada pelo embasamento teórico antes explorado. Uma leitura pessoal do Complexo do Alemão é feita a partir de figuras conceituais que dissecam o tecido informal de maneira a identificar particularidades em diferentes escalas. Essa leitura contextual será o ponto de partida para os primeiras intenções e traços projetuais, que surgiram através de potencialidades e fraquezas apontadas ao longo da investigação.

O quinto e último capítulo da dissertação corresponde a apresentação e defesa da proposta desenvolvida. De maneira a indicar o processo projetual, a proposta é revelada da escala urbana até o pormenor arquitetônico. Mais uma vez, utiliza-se da componente teórica e referencial para embasar cada gesto, além da apresentação das peças desenhadas.

De forma conclusiva, o projeto desenvolvido resulta por traçar possibilidades de intervenção e transformação do tecido informal. Além da qualidade arquitetônica e do programa estabelecido, o projeto busca o direito à cidade ao mesmo tempo que respeita as particularidades e dinâmicas da favela.

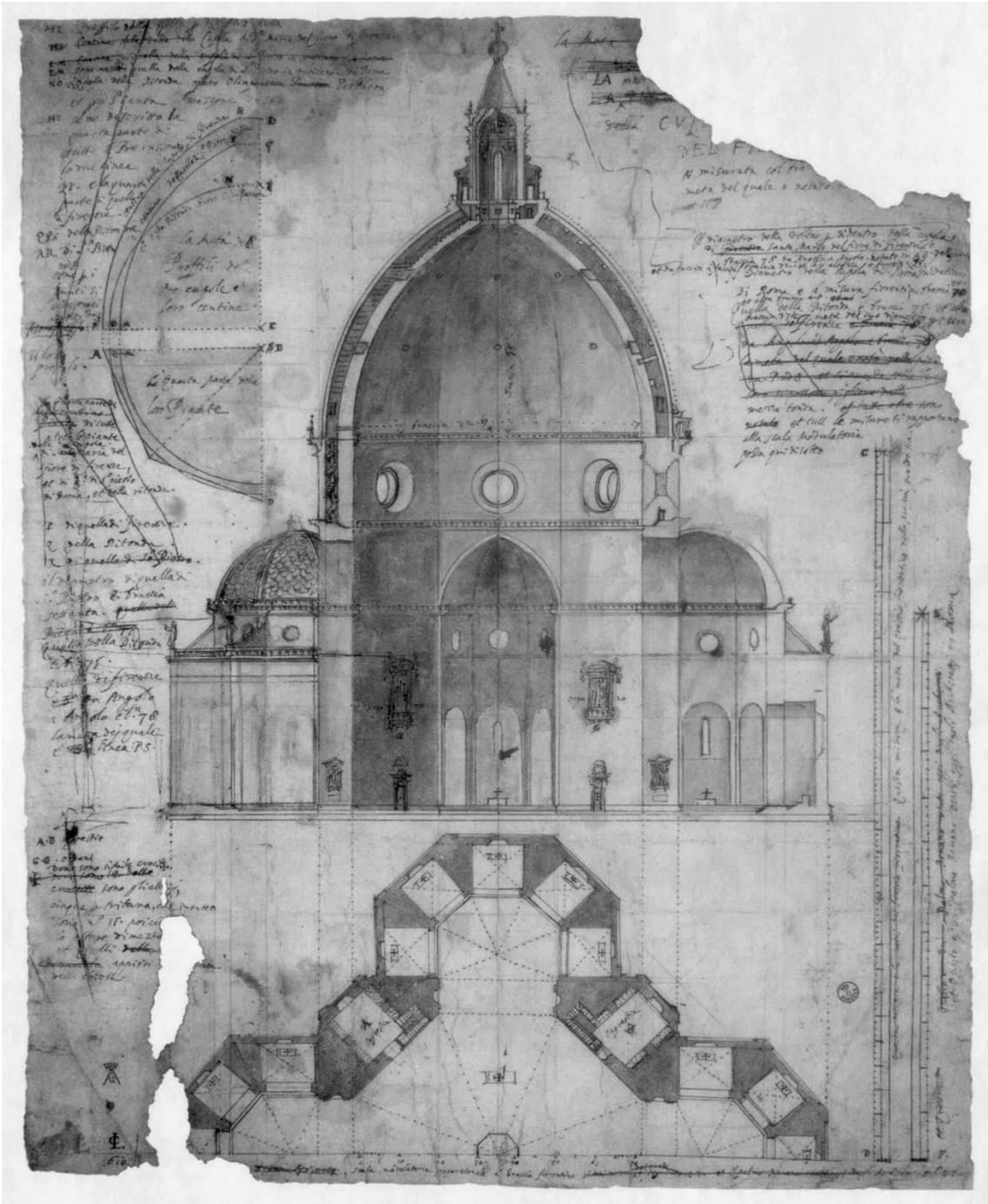


Figura 1: Desenho de Lodovico Cardi da Duomo de Florença de Brunelleschi.

Capítulo 1 – O concurso de arquitetura

Considerados como ferramentas históricas que promovem a democracia no campo da arquitetura, os concursos têm sido considerados laboratórios para produção de qualidade projetual e renovação cultural e intelectual. Elas são frequentemente vistas como parâmetros úteis para conceitos contemporâneos onde novas modas, fantasias e modismos podem ser explorados.¹ Este método que envolve não só arquitetos e clientes, mas também promotores, ou público, que observam no concurso uma oportunidade de alcançar resultados de alto nível através de um processo experimental com regras que asseguram resultados comparáveis.

*“Competitions are driven by the desire to go beyond what already exists – unthought-of architecture – whereas commissions are mostly demand-driven and often by those of the market. We could say that competitions are to everyday architecture what competitive sport is to everyday fitness training. Competitive sports break existing human boundaries and set records for bodily capacities. Similarly, architectural competitions are invitations to make conceptual leaps and to open new frames, speeds and scales through which we perceive space and time.”*²

A história dessa componente projetual, ainda que precise ser escrita de maneira mais clara, é observada desde o surgimento de concursos míticos como para a reconstrução do Parthenon na Grécia Antiga, ou para a Duomo de Florença no século quinze, vencido por Brunelleschi. Mesmo com exemplos mais antigos, estima-se que este método de encomenda eclodiu no século vinte com a École de Beaux-Arts, que utilizava a competição de forma acadêmica e política. Segundo Jean Chupin, é possível relacionar os concursos com o princípio democrático e contemporâneo da política no decorrer da Revolução Francesa como estabelecimento de uma ordem pública de bem-estar.³ É neste período que emerge a Convenção Nacional, regime político que temia o discurso “liberte, égalité et fraternité”, qual por sua vez prezava recursos transparentes e desenvolvimento de projetos revolucionários que sobrepusessem ética e estética. É durante o período revolucionário que os concursos de arquitetura proliferaram na França, mudando completamente o papel dos arquitetos frente a crise social, cultural e religiosa.⁴ Marcada por uma série de competições para projetos realísticos e utópicos como arcos triunfais, arenas, templos e

¹ SHARP, Dennis; “Architectural Competitions: A watershed between old and new”; In: DE HAAN, Hilde e HAAGSMA, Ids; Architects in competition: international Architectural competitions of the last 200 years; Thames and Hudson; Londres; 1998; p.181

² MOUSAVI, Farshid; “Viewpoints on Competitions” referido por CHUPIN, Jean; 2015; p.11

³ CHUPIN, Jean; Architecture Competitions and the Production of Culture, Quality and Knowledge; Potential Architecture Books; Montreal; 2015; p.12

⁴ Ibidem; p.13

outros edifícios públicos, é na Revolução Francesa que surge também o primeiro campo de estudos sobre concursos.

Quartemère de Quincy, arquiteto e acadêmico da *Académie des Beaux-Arts*, incluiu o termo “concurso” em sua *Encyclopédie méthodique*, onde definira noções e conceitos da arquitetura no âmbito da teoria francesa do século dezanove. Ele retratara os concursos como uma forma articulada de juízo de valores, enquanto que também fazia certa crítica que até hoje é pertinente no campo das competições:

*“The competition’s main purpose is to remove from the ignoramus choice of the artista who are responsible for public works and to prevent that scheming does not usurp the work due talento. Therefore, on the other hand artista should not be able top plot, and on the other, the ignoramuses must not be able to choose: but if the artists judge, or appoint themselves as judges, the intrigue reappears, and if they do not judge themselves, or do not appoint their own judges, then we can see that ignorance influences the order of things again.”*⁵

Esta teorização dos concursos, acompanhada da Revolução Francesa, esta diretamente ligada ao sistema *Beux-Arts* e o surgimento do positivismo científico. Neste contexto histórico, o método competitivo em arquitetura surge como maneira de estimular o desenvolvimento de projetos no âmbito acadêmico. A escola de Belas Artes francesa, no campo da arquitetura, ficou conhecida pela sua estrutura competitiva dentro dos ateliers da instituição. Essa cultura competitiva culminou na criação do “Grand Prix de Roma”, criado em 1786, estendendo-se até 1967. O prêmio constituía numa bolsa de estudos destinada a estudantes das artes e patrocinada pelo governo francês. Eram premiados jovens talentos que se destacassem em categorias como: arquitetura, pintura, escultura, gravação e música.

*“Estas competições asseguraram que a hierarquia fundamental dos membros da academia (os professores e jurados: quem definia o que era arte e arquitetura) e aqueles que ascenderiam a ele (os estudantes: que eram valorizados e, portanto, eram os bons artistas e arquitetos) e perpetuou uma maneira secular de ascender ao estrelato.”*⁶

Desde então, o concurso de arquitetura enraizou-se no tradicional atelier de projeto nas universidades. Uma temática ou proposta de projeto é apresentada aos alunos, junto com um

⁵ DE QUINCY, Quartemère; “Encyclopédie méthodique: Dictionnaire d’architecture” referido por CHUPIN; Jean; 2015; p.14

⁶ GUILHERME, Pedro; “Competitions serve a larger purpose in architectural knowledge”; Lusofona Journal Of Architecture And Education; 2014; p.02. Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/revlae/article/view/4782/3210>

contexto físico, programa de necessidade e formatos de entrega predeterminados. Sendo o desenvolvimento do projeto uma atividade individual, os estudantes acabam por serem submetidos a um ambiente de competição informal, que por um método comparativo definia os destaques em cada atelier.

Acredita-se que as competições entre estudantes, conforme estimulado pelo sistema *Beux-Arts* apenas têm de colaborar para a qualidade e diversidade daquilo produzido. Por outro lado, no campo profissional, os concursos estão inseridos num campo contraditório que cada vez mais está dividido entre prós e contras, onde o aumento de profissionais no mercado tem criado um cenário saturado que muitas vezes não é visto como vantajoso. O doutor e pesquisador da Universidade de Évora, Pedro Guilherme busca ponderar os aspetos positivos e negativos sobre concorrer em concursos: *“Mesmo que com base em diversos investigadores, os aspetos negativos ultrapassem os positivos, enfatiza-se que a decisão entre concorrer ou não depende também de uma série de eventos políticos, sociais e profissionais e não exclusivamente do arquiteto. Nos primeiros anos de profissão, a ausência de uma carga de trabalho constate dá espaço para os concursos, podendo lançar novos talentos no mercado.”*⁷



Figura 2: Crítica aos concursos. Atelier popular, École des Beuxs-Arts, 1968

Ao longo do tempo, as competições foram papel essencial para realização de diversos projetos de cunho público, tanto na escala de edifício quanto no contexto urbano, associados a vontade de ir além da qualidade arquitetónica e alcançar nunces de invenção e inovação.⁸ Em conjunto ao legado arquitetónico possível através de concursos, muitos destes eventos lançaram renomados

⁷ GUILHERME, Pedro; Shall we compete? ; Universidade de Évora; Portugal; 2014; p.06; Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/261633580_Shall_we_compete

⁸ THEODOROU, Maria e KATSAKOU, Antigoni; Experimenting with & within Architecture Competitions; RIBA Publishing; Londres; 2018; p.19

arquitetos no mercado, que só através desse tipo de oportunidade tiveram seu trabalho reconhecido.

Na necessidade de convencer um júri através de um projeto e contra diversos outros, o concurso assume um senso retórico⁹. De maneira mais ampla, a retórica é essencial por conta da necessidade de persuasão e argumentação na qual o arquiteto tenta atrair olhares para sua maneira de pensar. Quando o sucesso de uma proposta depende da capacidade de convencer os avaliadores e a audiência, a retórica busca uma “persuasão mental” através de informações e argumentos.¹⁰ Para obterem sucesso, as propostas também precisam ativar emoções da audiência, envolvendo o elemento qualidade artísticas expressadas por palavras, imagens e desenho. É através da retórica nas competições e das demandas contemporâneas que os concursos surgem como sinônimo de inovação e apelação, gerando resultados e métodos de projeto cada vez mais inovadores.

O caráter experimental e retórico dos concursos é entendido em relação ao resultado do projeto arquitetônico ou se refere a própria estrutura do concurso. Esse conceito de experimentação surge da ausência da abordagem das competições como objetos de estudo. Estas encomendas geram muito material de valor arquitetônico, mas em grande parte passam a ser inacessíveis. Apesar disto, com o passar do tempo pesquisadores passaram a abordar os concursos como tópicos de pesquisa, coletando materiais e avaliando efeitos e potenciais. Acredita-se que a componente investigativa dos concursos possa mostrar os bastidores destes processos, e pode atrair profissionais a transformarem suas experiências profissionais em forma de conhecimento.¹¹ Enquanto que para a academia, essa abordagem sobre os concursos abre um novo ramo de pesquisa.

Ainda que os concursos atuem num campo bipolar no âmbito da *praxis*, é indiscutível o seu papel e valor no desenvolvimento de projetos de excelência. Além de resultarem em arquitetura construída de qualidade, os concursos abrem espaço para reflexões e pesquisas sobre contextos e tipologias que estão inseridos. Enquanto projetos através de comissões são diretamente influenciadas pela relação entre arquiteto e cliente, sem grande espaço para especulação. Por isso, nota-se que arquitetos ausentes do âmbito acadêmico, mas a realizarem concursos, parecem dar sequência a pesquisa arquitetônica através da prática profissional. Ainda sim, existe o conflito entre a academia e a *praxis* quanto a definição de “investigação arquitetônica”. Ambos campos

¹⁰ THEODOROU, Maria e KATSAKOU, Antigoni; *Experimenting with & within Architecture Competitions*; RIBA Publishing; Londres; 2018; p.23

¹¹ *Ibidem*; p.19

tendem a admitir semelhanças e diferenças entre pesquisa e projeto, mas tendem a concluir que cada caminho leva a um diferente resultado.

Cada um desses lados tende a existir de maneira independente, enquanto o projeto de arquitetura sempre fora referenciado como uma componente prática, relacionada às atividades de atelier. Como dito Alexandre Alves Costa, “a arquitetura não é ensinável, nós aprendemos isso fazendo. Ninguém ensina linguagens codificadas, mas o mesmo instrumento para o exercício de projeto é aprendido na escola, e o desenho é uma ferramenta vantajosa para a descrição, interpretação e construção de uma proposta transformadora.”¹²

Os concursos, dentro da esfera de projeto, atuam não só para garantir a excelência no projeto, mas também são produto de muita reflexão e ação. A experiência e capacidade dos arquitetos é julgada de forma democrática, baseada em regras pré-estabelecidas, desenhos, esquemas e maquetes. O material de concurso então resulta no fim de uma pesquisa. Por fim, o desenho relaciona-se com uma componente visual retórica, que, em complemento com outros elementos de comunicação, tende a moldar a argumentação e ação reflexiva da proposta.¹³ Essa dimensão de argumentação, verbal e não verbal, está diretamente ligada e formam a estratégia de comunicação dos concursos. As propostas procuram, através de ferramentas visuais, construir uma narrativa e leitura da questão a ser solucionada.

Além das peças visuais que compõe a conclusão de concursos, o edital é uma componente muito importante para esse processo. É através dele que o tópico e problema são apresentados, guiando a investigação a ser desenvolvida e consequentemente influenciando na proposta final. Mesmo sendo documentos claros, com o objetivo de garantir condições iguais para todos participantes, a interpretação do mesmo garante o caminho da pesquisa e do projeto a se desenvolvido. As condições igualitárias (tempo, formatos, perguntas) fornecidas a todos competidores assegura oportunidades iguais. Porém, somente os mais bem preparados prevalecerão e disponibilizarão os diversos recursos necessários para os concursos: mão de obra, tempo, competência, resistência, expertise, custo e material.¹⁴ De maneira a garantir um processo mais democrático e qualificado

¹² COSTA, Alexandre A.; Primeira anotação do Curso de arquitetura de Coimbra; Joelho: Revista de Cultura Arquitectónicainov No.3; Editorial do Departamento de Arquitetura; 2012; p.27; Disponível em: https://digitalis.uc.pt/pt/artigo/primeira_annota%C3%A7%C3%A3o_do_curso_de_arquitetura_de_coimbra

¹³ TOSTRUP, Elisabeth; Architecture and Rhetoric: Text and design in Architecture Competitions; Andreas Papadakis Publisher; Oslo; 1999

¹⁴ GUILHERME, Pedro; “Competitions serve a larger purpose in architectural knowledge”, Lusofona Journal Of Architecture And Education; 2014; p.12; Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/revlae/article/view/4782/3210>

possível evitando retóricas ao longo das avaliações, os concursos devem seguir a linguagem determinada pelo edital, garantindo a anonimidade dos participantes.¹⁵

Por fim, o júri, normalmente composto por profissionais experientes dentro do âmbito da arquitetura, atuam como conselheiros do cliente, mesmo que seja de uma maneira indireta. A função crítica do júri sempre esteve presente em todos os campos de desenho e projeto. Dificilmente existirá uma proposta que não seja submetida a uma crítica, seja em instituições académicas ou em práticas profissionais. De facto, dificilmente um projeto pode ser desvinculado de uma crítica, dado que a leitura de tal produto é sempre feita de uma opinião pessoal. Ainda que partir de um processo e com critérios pré-definidos, é de responsabilidade do júri escolher a proposta que mais se adequa aos interesses do contratante e que apresente qualidade arquitetónica. Este processo de avaliação, segundo Camille Crossman o critério de julgamento é identificado por duas vertentes opostas:

“an elimination-style judgement procedure which results when judges comment on the problematic aspects of a project, and a selective judgement procedure Where judges comment on the ideas as well as the eficiente and innovative solutions of a project”¹⁶

Ainda dentro da reflexão sobre como a qualidade arquitetónica é julgada nos concursos, deve ser enfatizado o paradoxo entre qualidade e iconicidade. Esta tensão surge do quadro processual das competições que frequente demandam propostas icónicas, mesmo em setores de construção como habitação, onde propostas similares costumavam ser menos frequentes.¹⁷ Mesmo que a iconicidade possa estar associada a inovação, o espaço de especulação dos concursos pode desfavorecer projetos mais conservadores ainda que qualificados e eficazes.

Dado o campo especulativo dos concursos e as dinâmicas por trás da avaliação de concursos de arquitetura, a crítica arquitetónica assume uma complexidade que tende a seguir os critérios estabelecidos pelo edital, mas que simultaneamente não determina o que é certo ou errado. Os projetos, frutos da interpretação do programa e dos critérios pré-estabelecidos são entregues a um júri designado a escolher a melhor proposta. Neste momento vital, jurados tendem a redefinir a sua visão inicial do projeto, idealizado na elaboração da competição. Estas reinterpretações geram

¹⁵ GUILHERME, Pedro; “Competitions serve a larger purpose in architectural knowledge”, Lusofona Journal Of Architecture And Education; 2014; p.12; Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/revlae/article/view/4782/3210>

¹⁶ CROSSMAN, Camille; “Judging Architectural Quality: Judgment Criteria and Competition Juries” referido por CHUPIN, Jean

¹⁷ CHUPIN, Jean; Architecture Competitions and the Production of Culture, Quality and Knowledge; Potential Architecture Books; Montreal; 2015; p.15

debates que irão guiar a escolha da proposta vencedora.¹⁸ Um relato dessa avaliação sigilosa é publicado através de um relatório, ainda que não reporte todas discussões que levaram a tal resultado. Em seguida, os resultados são compartilhados, dando continuidade a um julgamento, agora público, qual é importante para futuros concursos. Diferente dos critérios usados pelo júri, o julgamento público atua de forma mais completa, levando qualquer tópico em consideração para a avaliação das propostas.

A partir do panorama geral sobre o complexo campo dos concursos, desde o desenvolvimento de propostas até a reação pública, conclui-se que a qualidade arquitetônica não depende somente do processo investigativo e exaustivo que envolve o gesto projetual. Os concursos, independente da categoria, estão sempre sujeitos a opinião pública, que caracteriza seu cunho democrático e identifica a real demanda socio espacial por intervenções arquitetônicas. Dito isto, o presente trabalho explora a competição como um veículo de comunicação e disseminação de ideologias e interpretações de múltiplos pontos de vista.



Figura 3: Diagrama esquemático segundo a estrutura do processo competitivo de Bechara Helal.

¹⁸ CROSSMAN, Camille; "Judging Architectural Quality: Judgment Criteria and Competition Juries; In: CHUPIN, Jean; Architecture Competitions and the Production of Culture, Quality and Knowledge; Potential Architecture Books; Montreal; 2015; p.165

1.1 TIPOS DE CONCURSOS DE ARQUITETURA

No contexto dos concursos de arquitetura, uma principal distinção é feita entre as categorias de competição: os concursos de ideias e os concursos de projeto, abertos ou não. Por não necessariamente envolverem a construção do projeto vencedor, condição que desafia ideias radicais e criativas, os concursos de ideias surgem em primeira instância como aqueles mais suscetíveis ao desenvolvimento de propostas experimentais.¹⁹ Contudo, devido ao amplo leque de modalidades de concurso e contextos, observa-se o potencial dos concursos de projeto como laboratórios de experimentação.

O método competitivo de encomendas frequentemente abre espaço para divergências de opiniões e inquietudes, por isso, ao longo do século XIX diversas associações arquitetônicas ao redor do mundo passaram a elaborar suas próprias regras com o intuito de proteger os arquitetos.²⁰ O efeito destes regulamentos varia de acordo com cada país, por exemplo na Inglaterra eles são tratados de forma muito justa, enquanto em outros países muitos governos os ignoram.

Com o passar do tempo e o crescimento de organizações internacionais, as categorias de concurso passaram por uma estandardização. Na esfera internacional, órgãos como a União Internacional de Arquitetos (UIA) e a UNESCO foram pioneiros no estabelecimento de um modelo para concursos internacionais (1956). Esse modelo diferenciou os concursos entre “projeto” e “ideia”, podendo também ser uma combinação dos dois.

A designação “internacional”, de acordo com os Regulamentos da UNESCO, aplica-se a concursos nos quais participação está aberta a arquitetos de diferentes nacionalidades que residem em diferentes países, com um júri composto por pessoas de diferentes nacionalidades, uma das quais é nomeada pela UIA como seu representante. Os concursos podem ser restritos a uma área geográfica específica em nível nacional ou regional, ou internacional de acordo com a legislação nacional pertinente. O caráter internacional de um concurso varia de acordo com o grau em que o cliente deseja limitar ou ampliar a participação internacional.

Já os concursos nacionais, sejam de projeto ou ideias, ficam a cargo da organização/ordem de arquitetos vigente em cada país. Concursos abertos a todos ou a determinados arquitetos do país de acolhimento e um número limitado de arquitetos convidados de países estrangeiros não são competições internacionais e não podem obter certificado de aprovação da UIA. Um concurso

¹⁹ HELAL, Bechara; “Competitions as Laboratories”; In: CHUPIN, Jean; *Architecture Competitions and the Production of Culture, Quality and Knowledge*; Potential Architecture Books; Montreal; 2015; p.245

²⁰ DE HAAN, Hilde e HAAGSMA, Ids; *Architects in competition: international Architectural competitions of the last 200 years*; Thames and Hudson; Londres; 1998; p.205

aberto com apenas alguns competidores convidados viola o princípio da igualdade tratamento e não é compatível com a legislação em matéria de contratos públicos.²¹

Independente da categoria, o guia de concursos elaborado pela UIA classifica os concursos como uma forma de encomenda baseada na qualidade e orientada para solução de um problema. Ainda, o concurso de projeto permite ao cliente encontrar seu autor e parceiro com o qual buscarão alcançar determinada realização. Como critério de escolha são determinados pela organização: estética, técnica, economia, ecologia e sustentabilidade. Além disso, é dada a prioridade para projetos com qualidades que incluam valores culturais e benefícios à sociedade.

Por tratarem de diversas escalas, níveis de complexidade e investimento, tem sido cada vez mais ocorrente a realização de concursos em duas ou mais etapas. As encomendas de duas etapas exigem um compromisso substancial e adicional tanto para o cliente quanto para os participantes e, portanto, sua realização é recomendada apenas para tarefas arquitetônicas particularmente complexas. Em competições de dois níveis, a primeira etapa deve ter requisitos de entrega razoavelmente básicos, consistindo em uma abordagem geral, geralmente um plano conceitual acompanhado de desenhos esquemáticos e esboços suficiente para demonstrar as intenções do concorrente.²²

Além de ocorrerem por conta da complexidade de projetos, concursos em duas etapas também podem ser realizados como forma de dar oportunidade para mais profissionais e ao mesmo tempo convidar arquitetos desejados pelo cliente. Nesse caso, uma primeira fase é aberta para o selecionar arquitetos que irão competir com os profissionais convidados na segunda fase. Esse método é visto como uma boa oportunidade para jovens arquitetos, visto que os concursos abertos estão cada vez mais sendo substituídos pelos fechados.

Dentro das categorias de ideia e projeto, os concursos de ideia são vistos ainda mais como uma ferramenta de especulação e pesquisa. Os concursos de ideias buscam elucidar certas abordagens para problemas de arquitetura e / ou planejamento. O projeto vencedor não é geralmente comissionado à realização e seu autor não é, portanto, comissionado como o arquiteto. Se o cliente pretender fazer uso do esquema ganhador ou de qualquer outro esquema, ele / ela deve alguma forma de colaboração formal com seu autor. Em certos casos, um contrato com o vencedor como arquiteto consultor pode ser considerado.²³

²¹ UIA; Guidelines UIA Competition Guide for Design competitions in architecture and related fields; Adotado pelo 130º Conselho em Kuala Lumpur; 2017; p.07; Disponível em: <https://www.uia-architectes.org/webApi/uploads/ressourcefile/32/uiacompetitionguide.pdf>

²² Ibidem; p.09

²³ UNESCO Regulations Art.2
Disponível em: : <https://www.uia-architectes.org/webApi/uploads/ressourcefile/32/uiacompetitionguide.pdf>

O simples fato da existência de concursos onde estudantes e arquitetos licenciados podem disputar igualmente pode levar a uma relação entre a academia e a prática. Num cenário de competição onde não há quase limitações, arquitetos são desafiados mais ainda a investigação, enquanto os estudantes precisam encontrar o ponto de tensão entre a pesquisa e a prática.

Também a distinção entre o “projeto de construção”, onde se espera que a praxis não passe muito tempo em um “exercício para elucidar certos aspectos do problema de arquitetura e planejamento”, nos faz entender o diferente objetivo da entidade organizadora.²⁴ Espera-se que o primeiro concurso aberto ou fechado) seja produzido com experimentações e conhecimento prévio, enquanto o segundo (concurso de ideias) deve produzir novo conhecimento e soluções. Assim, pode-se dizer que concursos de ideias normalmente são feitos com a intenção de explorar soluções existentes e ao mesmo tempo promover novas alternativas.

Garry Stevens expõe duas vertentes de estratégia de concurso que levam os arquitetos para o sucesso. “*Aqueles que fizeram, a fração dominante ou vanguarda estabelecida, e aqueles que não o fizeram, a fração subordinada de novatos*”.²⁵ Essa primeira vertente, mais conservadora, já domina o mercado de arquitetura e tende a operar de maneira mais defensiva, dentro de uma zona de conforto, dotada de estratégia para que sejam evidenciados. Por outro lado, os considerados novatos, engajados em concursos para alcançar certa consagração, tem dois caminhos óbvios a seguirem. Eles podem tentar acompanhar os profissionais já consagrados ou adotar uma estratégia mais arriscada e inovadora.

O fato dos concursos fechados serem a escolha mais atrativa para os clientes, acaba por apenas promover empresas e arquitetos já reconhecidos. Enquanto isso, jovens profissionais encontram nos concursos abertos a alternativa de exercer a profissão com projetos conceituais e baixo custo de participação. No geral, os participantes de concursos, sejam fechados ou não, preferem manter distância dos clientes e não terem sua criatividade sobreposta por orçamentos e outras restrições.

Embora arquitetos tenham tendência a competir, cada vez mais surge a reflexão sobre a real necessidade de competir e se realmente essa é a melhor forma de exercer a profissão. Os arquitetos, como declara Philip Plowright, consideram “o custo e as questões em torno da competição de ideias abertas na arquitetura por meio da compreensão da sintaxe e das prioridades disciplinares”²⁶, mas ainda optam em competir em busca de reconhecimento e fama.

²⁴ GUILHERME, Pedro; “Competitions serve a larger purpose in architectural knowledge”, Lusofona Journal Of Architecture And Education; p.437; Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/revlae/article/view/4782/3210>

²⁵ STEVENS, Garry; *The Favored Circle: The Social Foundations of Architecture Distinction*; MIT PRESS; 1998

²⁶ Plowright, Philip. D.; 'Competitions of Distraction or Hope? Public Responsibility, Social Advocacy, and the Dismantling of Architectural Priorities in the Open Ideas Competition'; 2014; p.379 Disponível em: https://www.academia.edu/5985937/Competitions_of_Distraction_or_Hope_Public

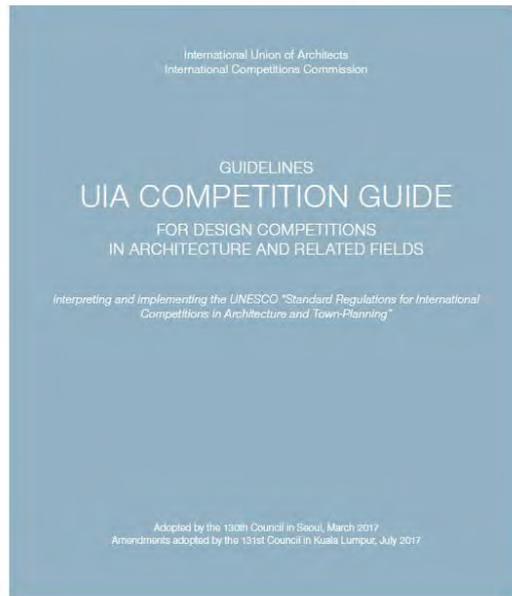


Figura 4: Guia para concursos internacionais de arquitetura e campos relacionados elaborado pela União Internacional dos Arquitetos e Unesco. Kuala Lumpur, 2017.



Figura 5: Bonjour Tristesse, fruto de um concurso internacional ganho por Álvaro Siza Vieira e Peter Brinkert.

1.2 O CONCURSO NO CAMPO DE INVESTIGAÇÃO

De facto, existe uma crença comum que busca relacionar os concursos com arquitetura experimental. Segundo Bechara Helal, as competições seriam os eventos onde ideias novas e audaciosas são oferecidas, mudando dramaticamente o percurso da arquitetura.²⁷ Seja no campo de projeto ou ideias, as competições levantam muito mais questões do que uma encomenda direta. Interessa, portanto, a iniciativa de arquitetos e estudantes em discutir e propor novos discursos na arquitetura, diante dos contextos e programas dispostos para cada ocasião competitiva. Le Corbusier ensinou que “o trabalho de um arquiteto nunca é perdido; o trabalho feito em cada projeto tem algo para ser usado no próximo”²⁸ Dessa forma, os concursos nada mais são que uma maneira de exercício e aprendizado na carreira do arquiteto.

Para alguns autores, os concursos são “o momento em que o arquiteto pode livremente desenvolver novas capacidades, conhecimento e ideias que podem virar um campo de investigação.”²⁹ Todo esse esforço feito pelos profissionais em competições não deve ser descartado, pois é matéria para o profissional e para a comunidade da arquitetura. Então, embora haja derrota, as propostas servem como aprendizado e desenvolvimento pessoal, mesmo que não sejam tão reconhecidas.

Quando projetos não vencedoras são divulgados, torna ainda mais rico a realização de um determinado concurso. Pois assim é possível ter acesso a diversos pontos de vista sobre um problema, servindo de aprendizado aos competidores e a comunidade da arquitetura. Ainda mais, na atual revolução digital em conjunto com as possibilidades de disseminação, debate e compartilhamento de ideias, passa surgir uma nova forma de se pensar arquitetura que pode ser beneficiada com acesso a base de dados e divulgação de concursos.³⁰ A troca de ideias através dos concursos se torna mais forte quanto mais são difundidas pelos próprios autores. É preciso estar ciente da diversidade de exemplos de concursos perdidos, que por sua qualidade permaneceram como tópico de discussão e contribuíram para o campo intelectual da arquitetura.

²⁷ HELAL, Bechara; “Competitions as Laboratories”; In: CHUPIN, Jean; Architecture Competitions and the Production of Culture, Quality and Knowledge; Potential Architecture Books; Montreal; 2015; p.233

²⁸ UTZON, Jorn; The importance of architects; 1984; Disponível em: <https://utzon.dk/the-importance-of-architects/>

²⁹ González, L. A. & Fernández, F. J. M. (2012) Aprendiendo de los concursos. La investigación en arquitectura. Proyecto, Progreso, Arquitectura; No 7 Arquitectura entre Concursos; 2014; p.40
Disponível em: <https://revistascientificas.us.es/index.php/ppa/article/download/111/124>

³⁰ SOBREIRA, Fabiano; “Design Competitions in Brazil: Building a Digital Culture for Architectural Quality”; In: CHUPIN, Jean; Architecture Competitions and the Production of Culture, Quality and Knowledge; Potential Architecture Books; Montreal; 2015; p.285

Tratando o concurso como método de investigação, nota-se na arquitetura portuguesa a capacidade de fazer dos concursos como um espaço de experimentação. Eduardo Souto de Moura, graduado em 1980 pela Universidade de Belas Artes do Porto, trabalhou com Álvaro Siza e em 1980 começou sua carreira individual, após vencer o concurso para a “Casa da Artes”. O reconhecimento internacional de Souto de Moura reflete não só a evidência da profissão em Portugal após a Revolução de 1974, mas também na qualidade baseada numa crítica de valores indiferenciados de civilizações globais e o desenvolvimento de valores implícitos para cultura locais e materiais.³¹

Na publicação “Eduardo Souto Moura – Concursos 1979-2010” feita pelos arquitetos Francisco Barata, André Campos e Pedro Guedes Oliveira, são apresentados os cinquenta concursos realizados pelo arquiteto. Dentro deles foram obtidos primeiro ou segundo lugar em 16 concursos, ao mesmo tempo em que metade dos concursos foi realizado entre 2007 e 2010. Ainda de acordo com a publicação, Souto de Moura tivera até 2010 mais sucesso em concursos nacionais (vencendo 11 dos 24 realizados). Como dito pelo próprio arquiteto “50% de todos projetos nunca são construídos...”³²

Seguido da publicação citada e da componente prática de História da Arquitetura Contemporânea do terceiro ano do curso de arquitetura, notou-se uso do concurso como investigação no percurso de Eduardo Souto de Moura. Foram observadas conexões entre três propostas desenvolvidas entre 1987 e 2007. A proposta para um hotel em Salzburgo (1987), o banco Olivetti (1993) e a Torre do Burgo (1991-2007) parecem compor uma extensa pesquisa e construção de uma narrativa do arquiteto.

O hotel de Salzburgo é um projeto urbano onde a localização é a origem do conceito projetual, onde a envolvente do terreno e suas relações urbanas resultaram na estruturação da proposta. As referências para esse projeto são pilhas de elementos sobrepostos, como madeira, betão e ferro. Não é claro quando o arquiteto coletou essas referências, mas elas surgem num estágio inicial do concurso, ajudando-o a permanecer focado à ideia.³³ São essas imagens de objetos do cotidiano, que o arquiteto usa como pesquisa de transposição figurativa, que segundo Pedro Guilherme representam “a mínima estrutura que permite a melhor possibilidade combinatória de

³¹ GUILHERME, Pedro; O concurso internacional de arquitetura como processo de internacionalização e investigação na arquitetura de Álvaro Siza Vieira e Eduardo Souto de Moura; Doutorado em Arquitetura; FAUL; 2016; p.278

³² ABRANTES, Vitor, RANGEL, Barbara e MARTINS, João; Cdo – Revista Científica Internacional de Construção N°1; GEQUALTEC; 2009

³³ GUILHERME, Pedro; O concurso internacional de arquitetura como processo de internacionalização e investigação na arquitetura de Álvaro Siza Vieira e Eduardo Souto de Moura; Doutorado em Arquitetura; FAUL; 2016; p.277

interpretação, com a ideia de que algo muda com a combinação de materiais na fase de adaptação para a nova função...”³⁴



Figura 6: Eduardo Souto de Moura, Salzburg Hotel

Seguido do concurso em Salzburgo, nota-se novamente a ideia de sobreposição dos mesmo materiais no concurso para o banco Olivetti em 1993. Trata-se de um concurso de ideias fechado e sem terreno pré-determinado. Souto de Moura, David Chipperfield e Jacques Herzog & Pierre de Meuron foram convidados para repensarem a tipologia das agências bancárias. A competição visava estimular a reflexão e o debate sobre a evolução dos ambientes da vida económica e social em relação às tecnologias para o trabalho.³⁵ A proposta de Souto de Moura atua como um volume completamente transparente, revestido por uma pele horizontal similar ao Hotel de Salzburgo. O arquiteto desenha a planta a partir de obras do artista catalão Antoni Tàpies, definindo quadro pilares nos cantos do edifício, fazendo um jogo de compensação entre espaços cheios e vazios.³⁶



Figura 7: Colagem para o Banco Olivetti, Eduardo Souto de Moura

³⁴ ANGELILLO, Antonio; Eduardo Souto de Moura; Blau Monographs; 1996

³⁵ DE CARVALHO, Raul; Revista Architecti v.7 - Olivetti Projectos: O Banco, Três conceitos arquitetónicos para o futuro; Lisboa; 1996; p.70

³⁶ Ibidem; p.86

Com o mesmo objetivo de ocultar os pisos, o arquiteto parte da ideia da fachada “container”. Assim, a altura do edifício é camuflada e contaminada pelos elementos construtivos, como se o projeto incorporasse os materiais presentes nas imagens recolhidas por Souto de Moura. Esses fragmentos coletados por Souto de Moura expressam uma intenção de pesquisa de sobreposição como ferramenta de ocultar a escala do edifício, assunto iniciado no hotel em Salzburgo e a ser concluído posteriormente na Torre do Burgo.



Figura 8: Referências para a fachada da Torre do Burgo, Eduardo Souto de Moura

A partir desta cronologia de projetos de Eduardo Souto de Moura, identifica-se uma vertente dos concursos como ferramenta de pesquisa na *praxis*, dado que a competição resultara em um possível modelo de arquitetura e não em um projeto com localização específica. As competições são de fato o meio onde a academia e a prática encontram-se dentro de um mesmo propósito: a prova da arquitetura como uma forma de conhecimento que é e deve ser desenvolvida através de investigação.

“...para se estabelecer com credibilidade e forte epistemologia, a arquitetura deve se voltar para outras disciplinas em busca de autoridade.... Um projeto pode sim ser uma forma de pesquisa, mas um bom edifício não é necessariamente uma boa pesquisa, e uma boa pesquisa não necessariamente resulta num bom edifício.”³⁷

Ainda assim, com a popularização dos concursos surgem os questionamentos e críticas quanto a contribuição destes frente a solução de problemas e a investigação por trás das propostas. Diante do movimento moderno, período onde os concursos passaram a ganhara regras, formatos e prazos mais formalizados, a competição passou acompanhar o desenvolvimento tecnológico da profissão.

³⁷ TILL, Jeremy; What is architectural research? Architectural Research: Three Myths And One Model; RIBA Research and Development Committee; 2005; p.03; Disponível em: <http://dla.epitesz.bme.hu/appendfiles/1024-WhatisArchitecturalResearch.pdf>

A forma sempre fora a principal condicionante para o sucesso de uma proposta, mas nem sempre essa surgira como resposta de um problema concreto. Os concursos muitas vezes são decididos pela imagem, que com a tecnologia, cada vez mais mostra propostas ultrarrealistas que não necessariamente representam o fruto de grande pesquisa e experimentação.

*“O que eu acho é que um concurso com um período relativamente curto não pode apresentar imagem viva, tem de ser um pouco esquemático. Pode mostrar bem a intenção, mas ela não é visível se não se analisar a fundo os problemas que estão em causa e as pistas que estão apontadas para percorrer. Isso na maior parte dos casos tira logo hipóteses, porque é quando surgem as imagens. Não quer dizer que não possam surgir imagens brilhantes correspondendo a um trabalho real de pesquisa, mas muitas vezes não é isso que acontece...”*³⁸



Figura 9: Torre do Burgo, Eduardo Souto de Moura

³⁸ VIEIRA, Álvaro Siza. Entrevista por GUILHERME, Pedro e SALEMA, Sofia. 2015. Disponível em: <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/11525>

1.3 PARQUE DE LA VILLETTE COMO REFERÊNCIA

Tratando os concursos a partir da componente investigativa, o emblemático concurso para o Parc de la Villette em Paris expressa diferentes formas de experimentação que podem ser descritas como operações provenientes do processo competitivo. Lançado em 1976 como um concurso de ideias, os participantes eram desafiados a repensar um terreno de cinquenta e cinco hectares ocupado por matadouros de La Villette, integrando diversos componentes programáticos como escritórios, habitações, zona industrial e um parque.³⁹ Após o fim do concurso nenhum vencedor entre as 167 propostas fora anunciado, resultando em um novo concurso em 1982 sobre comando do então presidente François Mitterrand visava revitalizar um terreno abandonado que antes fora matadouro e mercado nacional de carnes. La Villette era esperada como o “parque do século 21”, fazendo parte do plano *Les Grandes Opérations d’Architecture et d’Urbanisme*, um programa que incluía diversas intervenções urbanas ao redor da cidade.

Quando fora anunciado o segundo concurso, a proposta passara a ser reduzida ao parque, um auditório e um museu de ciências. Dessa vez, concurso atraiu 472 propostas de 41 países, sendo necessária uma segunda fase a ser disputada entre os nove finalistas, levando o arquiteto Bernard Tschumi a vitória. Em seguida, Rem Koolhaas fora eleito o segundo colocado representando o Office for Metropolitan Architecture (OMA).

*“There is only one winner. But all of the participants have made their contribution towards shaping the future.”*⁴⁰

O fato dos dois arquitetos terem se destacados em um concurso de espaço público atraiu muita atenção, e o resultado disso ainda é estudado no campo arquitetura-paisagem.⁴¹ Na altura, Tschumi e Koolhaas eram relativamente desconhecidos. Os trabalhos mais relevantes de ambos arquitetos não se relacionava com o campo da prática e sim com o âmbito do pensamento teórico. Bernard Tschumi era um teórico da arquitetura, um escritor e um professor quando fora comissionado como arquiteto do projeto e ao mesmo tempo não havia realizado nenhum projeto público de destaque, ao invés disso, desenvolveu seus conceitos através da escrita do livro *Manhattan Transcripts*. Enquanto isso, Rem Koolhaas seguia um percurso similar e sua produção crítica e acadêmica envolvia escritor como *The City of the Captive Globe* e *Delirious New York*.

³⁹ HELAL, Bechara; “Competitions as Laboratories”; In: CHUPIN, Jean; *Architecture Competitions and the Production of Culture, Quality and Knowledge*; Potential Architecture Books; Montreal; 2015; p.237

⁴⁰ BARZILAY, M., HAYWARD, C., LOMBAR, VALENTINO; L. *L’Invention du Parc*; Tours: Graphite Editions/EPPV; 1984

⁴¹ DONOVAN, Joey; *Deconstructing Villette: A Critical Analysis of Parc de la Villette’s Influence as Design and as Competition*; University of Greenwich; Disponível em https://www.academia.edu/8951226/Deconstructing_Villette

O projeto do Parc de la Villette é então visto como a catalise de assuntos que ambos arquitetos vinham investigando e que resultaram em algo prático. Ambos projetos são a aplicação de um relevante pensamento teórico, incorporados no campo profissional da arquitetura.⁴² Nesse sentido, ambas as propostas podem ser consideradas como projetos teóricos, testando novas possibilidades para uma arquitetura futura. Seja no projeto de Tschumi ou Koolhaas, é encontrado diretas referências arquitetônicas que remetem a movimentos *avant-garde* dos anos 1920 e 1960 que expressam um caráter experimental, alimentando uma abordagem ao caráter investigativo.

Bernard Tschumi descreve seu projeto como o “*encontro de três sistemas autônomos: sistema de objetos, sistema de movimento e sistema de espaço*”, fazendo referência ao *Archizoom* e seu projeto *No-Stop City*. De forma similar, a proposta de Koolhaas pode ser vinculada ao sistema programático do projeto para o *Lenin Institute* de Ivan Leonidov e o projeto *Potteries Thinkbelt* de Cedric Price.⁴³ Dito isso, as propostas citadas podem ser lidas como uma nova materialização teórica a partir de modelos prévios de arquitetos experimentais. Ainda que tenha um discurso teórico muito expressivo por trás dos projetos, os mesmos são descritos e apresentados pelos arquitetos de maneira objetiva.

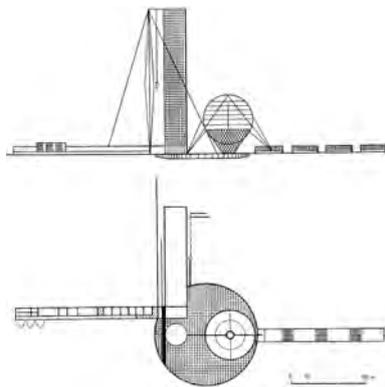


Figura 10: Lenin Institute, Ivan Leonidov 1927.

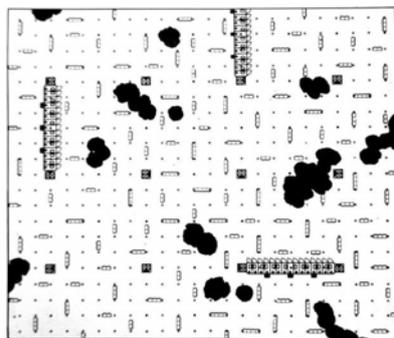


Figura 11: Non-Stop City, Archizoom 1964.

⁴² HELAL, Bechara; “Competitions as Laboratories”; In: CHUPIN, Jean; *Architecture Competitions and the Production of Culture, Quality and Knowledge*; Potential Architecture Books; Montreal; 2015; p.239

⁴³ Ibidem

A proposta de Tschumi não resultara em um projeto final e sim em um “conjunto de princípios” que idealizavam o parque.⁴⁴ O arquiteto acreditava que uma estrutura pré-concebida deveria ditar o futuro do parque, que fosse se adaptando através de diferentes sistemas. Estes sistemas são expressos na organização do parque, disposta em pontos, linhas e superfícies, todas elas ao longo de uma malha ortogonal e referidos pelo arquiteto como *sistemas programáticos*. Os pontos correspondiam a um sistema de objetos que marcam a malha com equipamentos a cada intervalo de 120 metros de distância.

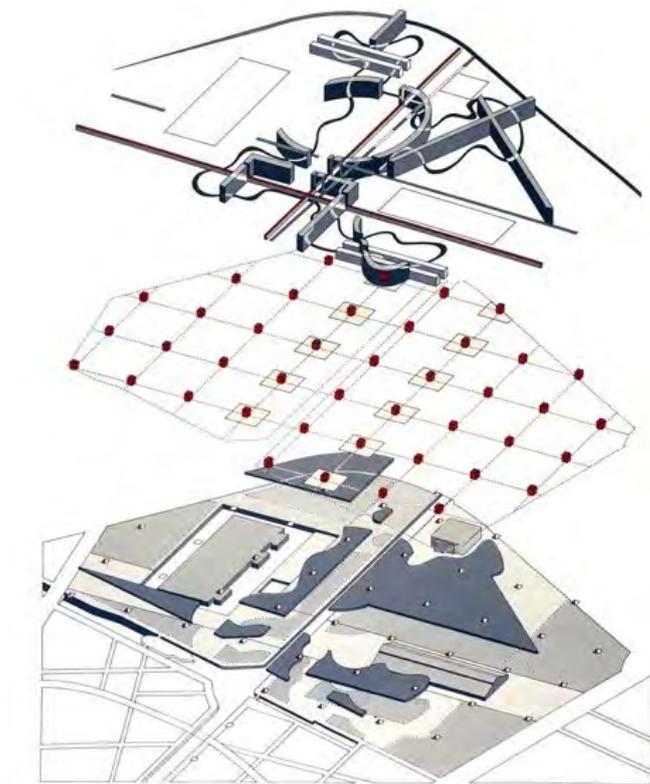


Figura 12: Axonometria da proposta para o Parc de la Villette, Bernard Tschumi

As linhas correspondiam ao sistema de movimento, representadas por dois passadiços cobertos, o primeiro conectando duas estações de metro e o segundo percorrendo a distância de um canal presente no terreno. O objetivo do sistema de linhas era promover a interação entre os pontos e as áreas verdes do parque. Além dos passeios cobertos, outras linhas são desenhadas ao longo do terreno no sentido norte-sul, conectando a Cidade da Música com os parques temáticos.

Por fim, as superfícies compõem o *sistema de espaço*, que Tschumi trata como desafio devido a extensa horizontalidade do parque. O próprio arquiteto revela sua preocupação com a terceira estrutura programática:

⁴⁴ HELAL, Bechara; “Competitions as Laboratories”; In: CHUPIN, Jean; Architecture Competitions and the Production of Culture, Quality and Knowledge; Potential Architecture Books; Montreal; 2015; p.241

*'The surface of the park receives all activities requiring large expanses of space for play, games... so-called left-over surfaces (when every aspect of the programme has been fulfilled) are composed of compacted earth and gravel, a park material familiar to all Parisians. Earth and gravel surfaces allow for complete programmatic freedom.'*⁴⁵

De maneira geral, podemos notar a proximidade de Tschumi com o Desconstrutivismo, como uma rejeição da ideia do modernismo e da estrutura ditando a forma. Os pontos, linhas e superfícies do arquiteto são elementos arbitrários que não possuem mais significados além dos já expostos. Isso talvez vá em contradição com as dinâmicas do sítio, qual são definidas na colisão dessas estruturas.⁴⁶ Para o arquiteto, o desconstrutivismo representa o trabalho a partir da análise de conceitos de maneira rigorosa (Tschumi,1994). Ele ainda afirma não haver limites para La Villette, enquanto sempre tenta expor esses limites para a arquitetura através da investigação.

A proposta de Rem Koolhaas para o Parc de la Villette também era extremamente complexa e partia de uma sobreposição de elementos programáticos, similar a Tschumi. Para o gabinete holandês, o programa proposto pela Camara de Paris era demasiado grande para o terreno, não deixando espaço para o parque. O projeto desenvolvido não é definitivamente um parque, mas sim um método que combina instabilidade programática com especificidade arquitetônica, eventualmente gerando um parque.⁴⁷

De maneira geral, a proposta de Rem era composta por cinco passos:

- 1- Distribuição horizontal dos principais componentes do programa ao longo de todo o terreno, criando uma atmosfera contínua em seu comprimento e mudança rápida e perpendicular na experiência.
- 2- Quiosques, playgrounds e churrasqueiras distribuídas matematicamente de acordo com uma quadricula de pontos.
- 3- Adição de uma “floresta redonda” com elementos arquitetônicos
- 4- Conexões
- 5- Sobreposições

Mesmo perdendo para Tschumi, a proposta de Rem Koolhaas teve e ainda tem sua importância no campo da arquitetura e paisagem. O consistente embasamento teórico do arquiteto no concurso, dá sequência a sua maior obra publicada na altura. Nova Iorque delirante (1979), uma

⁴⁵ TSCHUMI, Bernard; *Cinegramme Folie: Le Parc de la Villette*; Princeton Architectural Press; 1987; p.08; Disponível em: https://issuu.com/echeverriapatricio/docs/bernard_tschumi__cinegram_folie__le/17

⁴⁶ DONOVAN, Joey; *Deconstructing Villette: A Critical Analysis of Parc de la Villette's, Influence as Design and as Competition*; University of Greenwich; p.16; Disponível em https://www.academia.edu/8951226/Deconstructing_Villette

⁴⁷ OMA; *Memória descritiva de projeto: Parc de la Villette*; 1982; Disponível em: <https://oma.eu/projects/parc-de-la-villette>

mistura de manifesto, crítica e celebração da “capital do século XX”, traz o culto a tecnologia e modernidade segundo o ponto de vista do arquiteto. Nessa época, assim como Tschumi, o gabinete de Koolhaas não tinha projetos de relevância. Isto marcou um período de intensa pesquisa e produção teórica, que através da realização de concursos era difundida no campo prático da arquitetura.

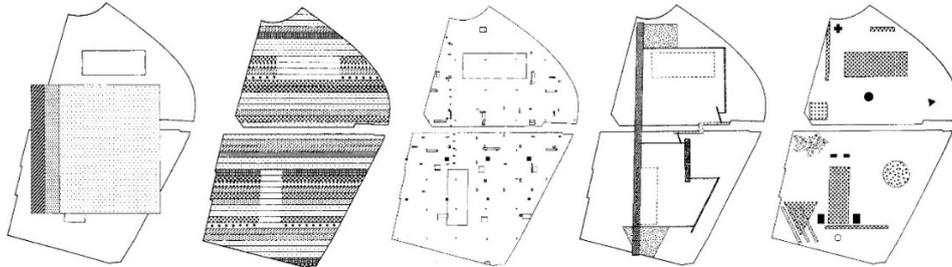


Figura 13: Esquema de cinco camadas para o Parc de la Villette, Rem Koolhaas e OMA

Reconhecendo a importância desse concurso para o campo da arquitetura, deve-se reconhecer não só as propostas submetidas, mas também o processo do concurso como um todo. Tendo sido lançado como um concurso de ideias, o Parc de La Villette já criou base para ideias e programas mais utópicos, e conseqüentemente a realização da segunda fase para a concretização do projeto, criou-se mais espaço para inovação. Junto a isto, o próprio júri do concurso, composto por especialistas não de arquitetura e urbanismo, mas também de ciências, música e artes plásticas revelou o objetivo experimental da disputa. Um júri totalmente heterogêneo pode ter contribuído para debates absolutamente incomuns, influenciando diretamente a seleção da proposta vencedora. Portanto, caso o júri fosse composto exclusivamente por membro do âmbito arquitetônico, os resultados poderiam ser totalmente diferentes e talvez as propostas de Tschumi e Koolhaas não teriam sido tão reconhecidas por seu valor investigativo e interdisciplinar.

Posto que o trabalho de Koolhaas e Tschumi para La Villette são peças de extrema importância para a história da arquitetura contemporânea, nota-se a frequente abordagem dessas propostas em forma de referência e caso de estudo. Um estudo feito por Bechara Helal mostra o crescimento das referências ao concurso e os projetos dos dois arquitetos, expondo um bom indicador sobre a importância e o impacto desse concurso para a disciplina da arquitetura.⁴⁸ Mesmo não sendo vencedor e nem tendo sua proposta construída, Rem Koolhaas aparece nas pesquisas com dados quantitativos semelhantes a Tschumi, expressando que o projeto ainda é um caso de estudo e não só uma mera proposta arquitetônica.

⁴⁸ HELAL, Bechara; “Competitions as Laboratories”; In: CHUPIN, Jean; Architecture Competitions and the Production of Culture, Quality and Knowledge; Potential Architecture Books; Montreal; 2015; p.241

Com a conclusão do concurso para o Parc de La Villette, conclui-se que os concursos podem oferecer muito ao campo de estudo da arquitetura. Apenas uma proposta em competições é de facto construída, mas cada projeto submetido possui o potencial de enriquecer e transformar a disciplina. Neste senso, o processo de concurso assume um papel experimental que acima de tudo resulta em conhecimento.⁴⁹ O caso de La Villette expõe que as propostas de concursos não oferecem apenas soluções para um específico problema, mas também levantam novas questões que vão influenciar a prática e pesquisa na disciplina, não se limitando apenas a um determinado contexto. Por fim, a compilação de todos projetos desenvolvidos ao longo de concursos podem gerar uma base de dados arquitetónica que pode ser utilizada por investigadores e virar uma contribuição para o âmbito académico e teórico da arquitetura.⁵⁰

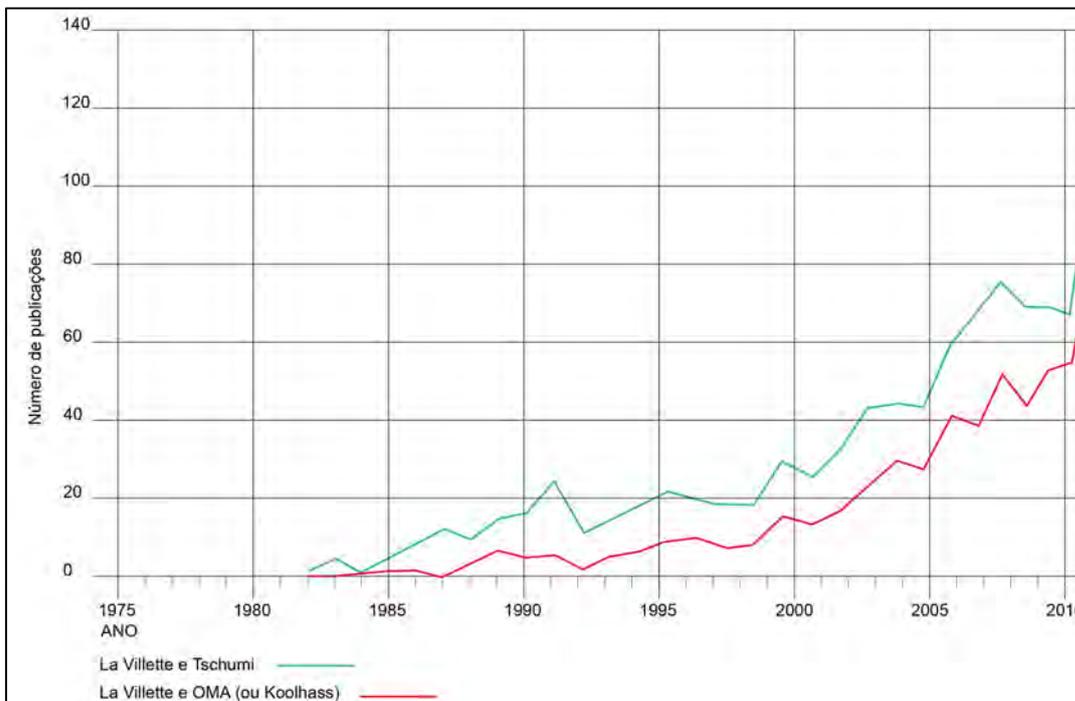


Figura 14: Quantidade de publicações com citações diretas às propostas de Tschumi e Koolhaas, de acordo com Bechara Helal e dados do Google Scholar.

⁴⁹ HELAL, Bechara; “Competitions as Laboratories”; In: CHUPIN, Jean; Architecture Competitions and the Production of Culture, Quality and Knowledge; Potential Architecture Books; Montreal; 2015; p.251

⁵⁰ Ibidem

1.4 O CONCURSO NA FORMAÇÃO ACADÊMICA

Nos primórdios na Revolução Industrial e o surgimento do iluminismo no século XVIII, a arquitetura passou por uma grande evolução tecnológica e conceitual. Novas formas de construir com betão e metal iniciaram uma demanda por novos projetos, que agora rejeitavam a religiosidade e o exagero do barroco. Almejava-se uma síntese morfológica mais racional, que culminaram posteriormente na arquitetura moderna. A necessidade da reimaginação da arquitetura no contexto do iluminismo resultara também no ensino da arquitetura. O concurso emerge na academia francesa como método de projeto que depois foi difundido em instituições ao redor do mundo. O *Grand Prix* da Escola de Belas Artes era considerado o momento mais importante da academia, onde os melhores projetos eram escolhidos através de um extenso processo de avaliação.

Para além do *Grand Prix*, a Escola francesa desenvolveu formatos de ensino que estimulavam a competição e que são utilizados até hoje. No século XIX, a faculdade de arquitetura observou a dificuldade de alunos em finalizarem os projetos dentro do prazo estabelecido. Visto isso, conforme as entregas aproximavam-se, um carrinho de mão (ou *charrette* em francês) era empurrado pelo atelier de projeto para recolher os desenhos para as avaliações.⁵¹ Depois da entrega, os trabalhos desenvolvidos eram avaliados pelos professores diante do atelier, fomentando mais ainda o ambiente competitivo.



Figura 15: Charette, L'Ecole des Beaux Artes

⁵¹ ROGGEMA, Rob; *The Design Charrette: Ways to Envision Sustainable Future*; Springer; 2014; p.15 Disponível: https://www.researchgate.net/publication/300103503_The_Design_Charrette

Esse método de projeto colaborou para a introdução do ambiente profissional ainda na sala de aula, conforme Pedro Guilherme realça: “A turma é desafiada com uma proposta ou problema, um terreno e contexto, um cronograma, e é esperado que os estudantes investiguem a arquitetura através do projeto com o objetivo de apresentar (usando modelos e meios pré-estabelecidos) as conclusões. Cada investigação pessoal é de fato sujeita a uma competição informal, onde os professores agem como clientes, patrocinadores e jurados para avaliarem os autores que estão no caminho para se formarem como arquitetos. A pesquisa é validada pela competição e assegura a originalidade, significância e rigor do projeto.”⁵²

Para além do caráter competitivo do atelier de projeto, a partir do Grand Prix de Roma começaram a surgir diversos prêmios na esfera acadêmica. Assim, a cultura do concurso segue fomentada até hoje, dentro e fora das salas de aula. Inúmeras organizações que premiam arquitetos passaram a adicionar categorias estudantis nos seus prêmios, atraindo um público disposto a desenvolver ideias em prazos e formatos similares ao ambiente profissional.

O grande crescimento das competições estudantis se deu com o avanço da tecnologia, que passaram a atrair estudantes de todo o mundo, gerando interpretações cada vez mais heterogêneas. Propostas que antes precisavam ser enviadas fisicamente, hoje podem ser entregues via internet, aumentando a competitividade. Isso colaborou no surgimento de entidades que promovem os concursos estudantis, lançando propostas por meio de plataforma digital e disponibilizando toda base de dados necessária para todos participantes, independente da localização dos mesmos.

De um ponto de vista educacional, as competições acadêmicas são usadas como uma ferramenta pedagógica, considerando o desenvolvimento extracurricular que a prática pode dar aos alunos. O sucesso dos concursos estudantis surge do paradoxo em que alunos e recém graduados se encontram: eles são o principais afetados pelas tensões e contradições entre a *praxis* e a *academia*, tendo na maioria das vezes um primeiro contato com a realidade da prática marcada por pressão de clientes e restrições econômicas, após passarem cinco anos no ambiente acadêmico.⁵³ Deste modo, os estudantes interessados pela prática enxergam a competição como uma transição suave para o mercado de trabalho e uma atividade que enriquece o portfólio.

Ademais, o concurso estudantil tem sido muito procurado pelos estudantes como uma forma de exercitar capacidades através de problemáticas muitas vezes não encontradas no atelier de projeto. Estes exercícios são meios de se afastar do medo muitas vezes sentido no ambiente acadêmico, quanto ao seguimento de diretrizes indicadas por professores e padrões definidos pela própria

⁵² GUILHERME, Pedro; “Competitions serve a larger purpose in architectural knowledge”, Lusofona Journal Of Architecture And Education; p.425; Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/revlae/article/view/4782/3210>

⁵³ THEODOROU, Maria e KATSAKOU, Antigoni; Experimenting with & within Architecture Competitions; RIBA Publishing; Londres; 2018; p.196

instituição. Isso acaba gerando um campo de experimentação muitas vezes utópico, principalmente devido ao programa e contexto dessas competições.

Uma das plataformas mais procuradas por estudantes ultimamente é a *Bee Breeders*, uma organização de Singapura que desde 2015 promove concursos de ideias a partir de parcerias com instituições públicas e privadas. Desde sua fundação a plataforma já promoveu 53 concursos, que costumam receber mais de cem projetos por edição. Além de premiar e publicar as propostas vencedoras em diversos veículos de comunicação, o site *Bee Breeders* serve como um rico acervo de projetos desenvolvidos nos concursos, que abordam assuntos pertinentes como habitação social, urbanização da pobreza, sustentabilidade entre outros.

Pensando do ponto de vista estudantil, a procura por concursos manifesta-se a partir do ambiente competitivo da sala de aula e da necessidade de reinvenção dos estudantes. A partir do momento em que uma turma desenvolve projetos sobre uma mesma problemática, surge a vontade de ir além daquilo feito dentro na academia. Refletindo sobre a rotina de realização de concursos ao longo do percurso acadêmico iniciado no Brasil e a ser concluído em Portugal, optou-se por desenvolver o presente trabalho dentro deste campo de investigação. A realização de concursos de ideias como estudante e de concursos de projeto como estagiário em gabinetes de arquitetura contribuíram para uma construção crítica e prática, que serviu e ainda serve de experiência para os projetos desenvolvidos no ambiente universitário.

Visto isso, iniciou-se uma busca em torno dos concursos de ideias em andamento ao longo do ano de 2019 e que propusessem uma temática estimulante para a investigação no campo da arquitetura contemporânea, resultando em um projeto. Neste sentido, procurou-se através das plataformas de concursos mais conhecidas, chegando até a *UIA* (Uninon Internationale de Architectes). Essa organização, como citado anteriormente, tem um papel de extrema relevância no âmbito de concursos internacionais de arquitetura, devido a elaboração do modelo de concursos internacionais em 1956 e vigente até hoje. Além de ser um órgão de representação profissional, a *UIA* também promove diversos concursos voltados para o âmbito acadêmico que anualmente abordam questões emergentes na arquitetura.

Anualmente, a União Internacional de Arquitetos promove o *UIA HYP CUP*, concurso estudantil internacional que desde 2012 é realizado em parceria com a universidade chinesa de Tiajin. A cada edição, a *UIA-HYP Cup* é presidida por um arquiteto de renome e um júri proveniente de escolas de arquitetura ao redor do mundo. Para impulsionar a educação da arquitetura, o concurso assume papel de uma plataforma externa para o aluno adotar uma nova abordagem de pensamento para melhorar sua capacidade de resolver questões abrangentes, enquanto é uma forma de *caça-talentos* para descobrir arquitetos emergentes.



Figura 16: Concursos realizados pelo autor entre os anos de 2016 e 2019

1.5 UIA-HYP CUP 2019 – International Student Competition

Apresentada em março de 2019, a oitava edição do *UIA-HYP CUP* assume como tópico o argumento “*Happy places*”. Trata-se da necessidade em responder aos desafios e mudanças do mundo contemporâneo, principalmente dentro do campo arquitetura, cidade e meio ambiente. O concurso visa investigar e construir o espaço humano com “*espírito de lugar*” em cidades cada vez mais fragmentadas e desordenadas, explorando ideias sustentáveis e integrando conceitos inovadores com ferramentas básicas de projeto.

A proposta exige que os participantes façam *insights* e reflexões a partir do projeto de arquitetura, explorando demandas populacionais por arquitetura e urbanismo, prestando atenção a contextos específicos e eventos que acontecem nos mesmos. O principal objetivo desta concepção é expor o poder da arquitetura em mudar contextos e sociedades:

*They can create “happy spaces” that contribute to people’s well-being. Inserting a building in a nice environment makes this goal easier. When the building is linked to its surroundings, when the limits are blurred with the construction, all of the positive elements of the site can contribute to create this good feeling inside. But the real defy is how to do the opposite, how to influence in a positive way the surroundings throughout the architecture?*⁵⁴



Figura 17: Cartaz oficial do concurso UIA HYP CUP 2019.

O tópico de discussão que alimenta o concurso surge do crescimento de áreas categorizadas como “periféricas” ou “degradadas”, que são isoladas e desintegradas, como bairros com conflitos sociais e pobreza. Esses contextos normalmente não passaram por processo de urbanização ou tiveram intervenções sem impacto positivo. Por isso, a missão dada aos estudantes é reconhecer o caráter do contexto e criar um “senso de lugar”. Por conseguinte, o processo do concurso resume-se na

⁵⁴ Trecho do edital do concurso UIA-HYP CUP 2019; Disponível em: <http://hypcup.uedmagazine.net/?r=info/content&en=1>

transformação de espaço negativos em positivos, destacando suas qualidades e atrações – isso é, projetar um “edifício feliz” em um “ambiente infeliz”.

A intervenção a ser elaborada deve ser concebida em harmonia com o tecido urbano e sua paisagem natural, além de conectar-se com a população local e sua história. O edital do concurso reforça a necessidade da consideração ao contexto pré-existente e eventos significantes do passado. Isso é exigido como maneira de estabelecer um sistema orgânico entre a proposta e a envolvente, expondo a necessidade não apenas do desenho de um edifício, mas também do cuidado com o espaço público.

As atividades cotidianas também devem ser consideradas como uma parte essencial do sistema, por isso, espera-se que os participantes proponham não apenas a forma do edifício em relação com o entorno, mas também as atividades e os programas associados ao espaço público. Essas considerações precisam ser conduzidas através de uma abordagem ecológica, gerando uma proposta que promova a melhoria de uma área e não apenas o conforto dentro de um edifício.

“...we would like to ask students to think about a building in its wider context. From the perspective of sustainability, sociality and history, students are encouraged to place their architectural projects as consequence of the past and as a contribution to the future, thinking the inhabited areas as interrelated artificial ecosystems in harmony with the rest of the city, the landscape, the climate, the physical and social context. Architects can create a sustainable environment that could improve the health and well-being of the people”⁵⁵

De maneira geral, a proposta do concurso é concebida como um exercício que pode ajudar os estudantes no desenvolvimento de edifícios e espaços públicos como um sistema compreensivo e junto a isso melhorar um cenário através do gesto arquitetônico. Também se espera que o problema exposto gere uma reflexão quanto a integração interior e exterior do edifício e da paisagem. Tudo isso compõe uma forma de investigação que pode resultar em um projeto “feliz”, que quando feito a partir de muita investigação e um olhar cuidadoso ao local, resultará em uma intervenção transformadora.

Para realização do exercício proposto os participantes precisam escolher um terreno em uma área degradada, preferencialmente em periferias ao redor do mundo. O terreno deve incluir a área de construção e um área envolvente do edifício, onde também é esperada a intervenção por parte dos competidores.

“A degraded area can be for instance an urban unstructured area, residual zones where urban planning didn’t arrive or didn’t have a positive effect, areas that remained un-integrated in a

⁵⁵ Trecho do edital do concurso UIA-HYP CUP 2019;
Disponível em: <http://hycup.uedmagazine.net/?r=info/content&en=1>

*city/landscape, self-constructed neighborhoods. They can be areas that remained isolated, can be difficult neighborhoods, areas with social conflict or poverty, areas that have been damaged and need reconstruction, etc. They are places that are not attractive for the people or investors”.*⁵⁶

Dada a definição de área degradada, o edital exige que o contexto de intervenção seja real e que os participantes definam como a proposta pode melhorar a qualidade, valor, vida social e conforto da comunidade envolvida no projeto. A área de intervenção pode variar em dimensões, mas a integração do edifício com o entorno deve ser garantida de maneira que crie um ecossistema.

Quanto ao programa, os participantes devem propor o uso misto de pelo menos duas atividades e além de proporem o programa do edifício, devem pensar o programa como algo que colabore na construção do espaço público. Uma área de aproximadamente 4000 metros quadrados é esperada para o edifício, mas ao mesmo tempo não precisa ser restrita a esse número. O edital dá total liberdade aos estudantes em proporem projetos maiores, desde que isso seja justificado.

Assim como a descrição do exercício proposto pelo concurso, critérios de avaliação das propostas são muito objetivos: Integração do edifício com a envolvente; Sustentabilidade da proposta; Benefícios sociais da proposta e como ela pode melhorar a vida das pessoas.

A cada edição do concurso um júri diferente é escolhido, sempre com grandes nomes da arquitetura mundial. Na última edição, que tinha habitação coletiva como tema, o júri fora presidido pelo arquiteto alemão Patrick Schumacher, sócio do gabinete da falecida arquiteta Zaha Hadid. No concurso atual, a arquiteta italiana Benedetta Tagliabue é a responsável pelo júri, seguida por Cui Kai, arquiteto chinês e representante da UIA.



Figura 18: Júri reunido durante a avaliação do HYP CUP 2018.

⁵⁶Trecho do edital do concurso UIA-HYP CUP 2019;
Disponível em: <http://hypcup.uedmagazine.net/?r=info/content&en=1>

Benedetta Tagliabue é arquiteta formada pelo *Instituto di Architettura di Venezia* (IUAV) e atualmente atua como diretora no gabinete internacional *Miralles Tagliabue EMBT*, fundado em 1994 em colaboração com Enric Miralles (1955-2000), situado em Barcelona e desde 2010 com filial em Shangai. O seu gabinete trabalha no campo da arquitetura, espaço público, reabilitação, design de interiores e desenho industrial. Sua arquitetura poética, sempre atenta ao contexto, ganhou inúmeros prêmios no campo do urbanismo e arquitetura.

Fora sua prática profissional no gabinete *EMBT*, Benedetta é professora visitante da Universidade de Harvard, Columbia e Escola Tècnica Superior d'Arquitectura de Barcelona. Recentemente Benedetta ingressou no júri do premio Pritzker e do Príncipe de Asturias, além de ser convidada frequentemente para diversos júris de concursos e prêmios no campo da arquitetura.

Dentro de um extenso portfolio de obras em diversas escalas, os projetos mais conhecidos da arquiteta são o Mercado de Santa Catarina (Barcelona 2005), Parlamento Escocês (Edimburgo 2004) e a sede do Gás Natural Fenosa (Barcelona 2006), sendo todos frutos de concursos.



Figura 19: Mercado de Santa Catarina



Figura 20: Parlamento Escocês



Figura 21: Sede Gás Natural Fenosa

O trabalho desenvolvido por Benedetta e Enric Miralles ficara conhecido pela forma que abordam a questão da memória, tempo e história dos contextos onde atuam. Assim, as obras do gabinete representam uma visão de domínio do património construído, que é transformado a partir de suas intervenções contemporâneas.

*“Eu acho que você precisa ter algo que seja realmente importante para você como parte do seu projeto. E então o projeto também pode se tornar interessante para os outros. Eu sugiro que os estudantes e jovens arquitetos insiram personalidade e algo que eles realmente amam em seus projetos.”*⁵⁷

Dado o perfil do júri convidado para a presente edição do UIA HYP-CUP e a proposta apresentada no edital, nota-se uma oportunidade de intervenção através da história, considerando que ela está em constante transformação. Essa postura frente ao desafio de intervir num contexto considerado

⁵⁷TAGLIABUE, Benedetta; Entrevista com Trent Fredrickson; 2014; Disponível em: <https://www.designboom.com/architecture/benedetta-tagliabue-interview-embt-12-05-2014/>

“infeliz” pode colaborar em uma investigação que busca olhar para o local de maneira positiva, levando a um melhor entendimento das dinâmicas que lá ocorrem e a população que habita esse espaço.

Considerando a livre escolha do contexto de intervenção para o concurso e proposta do mesmo, surge imediatamente um possível tema a ser abordado: a favela ou a cidade informal. O imediato interesse em usar esse contexto como campo de trabalho no concurso surge da experiência vivida durante dezassete anos na cidade do Rio de Janeiro. Apesar desse período de vivência tenha sido no tecido formal do Rio de Janeiro, as favelas e sua comunidade sempre teve de alguma forma presente no cotidiano.

A imagem da favela esteve presente durante esse período não só como residente, mas também como estudante de arquitetura. Em 2016 surge a oportunidade de realizar um estágio de férias no gabinete Atelier Metropolitano, do arquiteto argentino Jorge Maurio Jauregui. O trabalho do escritório está associado, principalmente, a projetos de urbanização e habitação social em comunidades carentes. Além de realizar projetos em diversas favelas do Rio de Janeiro, o gabinete atua também como um grupo de estudos interdisciplinar que envolve até o campo da filosofia e psicanálise, atraindo estudantes e profissionais de todo o mundo.

A atuação do escritório em favelas começou em 1994 através do Projeto Favela-Bairro, programa criado pela prefeitura do Rio de Janeiro, com o intuito de realizar obras de urbanização, infraestrutura e melhoria das moradias de diversas favelas da cidade. O programa surgiu a partir da atualização do Plano Diretor da cidade (PDDCRJ-92), que passou a determinar que as favelas passassem a ser bairros, recebendo serviços e infraestrutura de qualidade. Esse plano teve grande importância na urbanização das favelas, que antes eram tratadas como “aberração” segundo o Código de Obras desenvolvido em 1937.

Desde então, Jorge Mário Jauregui atuou com projetos em mais de 25 favelas na cidade. O arquiteto defende através de seus projetos que as favelas sejam integradas à urbanidade para garantir a todos o direito a cidade. Ele ainda defende o reconhecimento de diversos aspectos positivos desenvolvidos pela favela a partir da ausência do Estado e os trata como oportunidades, ao invés de reconhecer a favela como problema.

“O que você pode ver em um lugar e o que você pode ouvir quando você escuta as pessoas é completamente diferente. Paul Klee distinguia as coisas que você vê das que você sente... um olho vê e o outro sente. Enric Miralles fez isso quando foi convidado por mim e pela prefeitura do Rio de Janeiro para um workshop na cidade. Enric não sabia nada sobre favelas. Mas ele tinha uma maneira própria muito interessante de ir para lugares e estudá-los. Ele se comparava com um cachorro: com o nariz próximo ao sítio para cheirar cada detalhe, andando e sentindo tudo... combinando seus olhos, orelhas e nariz. Um local precisa ser interpretado em todos seus aspectos, em todos seus “plateaux”, como dizia Deleuze e Guattari.”⁵⁸

Durante o estágio realizado no Atelier Metropolitano foi possível ter contacto direto com favelas, moradores e líderes comunitários do Complexo do Alemão, conjunto de favelas, onde o arquiteto Jorge Mario realizou diversos projetos de urbanização e habitação. Essa experiência, ainda que breve, despertou interesse sobre a investigação da cidade informal, seja no Brasil ou fora. Além disso, o contacto com as ideias do arquiteto Jorge Mario Jauregui colaborou para a formação de um pensamento positivo quanto as favelas, enxergando-as como áreas de riqueza cultural incalculável e grande capacidade de reinvenção, desenvolvidas a partir da ausência de políticas públicas.

Por fim, próximo a conclusão do curso de arquitetura e da realização da presente dissertação, opta-se por desenvolver a proposta para o HYP-CUP 2019 no tecido informal do Rio de Janeiro. Para isso, desenvolve-se um estudo sobre o tema “cidade informal” como base para, posteriormente, estudar o caso específico do Rio de Janeiro e desenvolver uma intervenção a ser submetida ao concurso.



Figura 22: Núcleo Habitacional da Rocinha, Atelier Metropolitano.

⁵⁸ JAUREGUI, Jorge Mario; Entrevista por Elisabeth Blum e Peter Neitzke; Rio de Janeiro; 2002; Disponível em: http://www.jauregui.arq.br/texto_entrevista_PauloMendes.htm



Figura 23: Favela de Paraisópolis, São Paulo.

Capítulo 2 – A cidade informal

2.1 Contexto

O adjetivo informal representa tudo aquilo que não segue um padrão ou não é regular, ou seja, aquilo que carece de organização. Num contexto concreto, o informal se traduz num gesto espontâneo contrário à uma linguagem preconcebida que pode estar ligada à económica, literatura, arte, arquitetura, entre outros. Na arquitetura, a questão informal é sempre colocada em oposição ao formal, de maneira a identificar as carências de algum tipo de manifestação. Nesse contexto, a representação informal é dada a partir do surgimento de aglomerados autoconstruídos que foram se desenvolvendo até ganharem expressões urbanas.

Ao redor do mundo, esse tipo de tecido urbano é conhecido através de diversos nome, como bairros clandestinos (Portugal), favelas (Brasil), “musseques” (Angola), e “caniços” Moçambique, além de muitos outros.⁵⁹ De acordo com a ONU, esses aglomerados são áreas com problemas fundiários, habitações precárias, ausência de instalações sanitárias, carência infraestrutural e falta de espaços de convivência. Esse fenômeno é um dilema entre os urbanistas e as esferas públicas responsáveis pelas cidades, uma vez que a população informal é vista de forma marginalizada e preconceituosa pela população formal.

O fenômeno dos aglomerados informais não é novo. Historicamente, os menos favorecidos foram construindo suas moradias ao redor de centros urbanos das populações mais ricas. Na América latina por exemplo, de acordo com Jorge Hardoy “*autoconstrução já era característica das áreas que hoje são grandes centros latino americanos. Abrigos informais rodeavam pequenos urbanos construídos para os pré-Colombianos, colonizadores ou elites nacionais.*”⁶⁰

A diferença dos assentamentos que formam o tecido informal de hoje é a situação em que a população envolvida se encontra. A partir do crescimento dos grandes centros urbanos, motivados pela industrialização, surge a problemática habitacional nas grandes cidades ao redor do mundo. A procura por habitação por parte da população trabalhadora e a ausência de planejamento e políticas públicas para receber essa demanda deram origem aos primeiros assentamentos no tecido urbano.

Ao comparar com Ásia e África, esse movimento migratório ocorreu antes na América Latina, e até meados da década de 1960 a maioria da população, em rápido crescimento, já vivia em áreas urbanas, sendo muitas delas em situações de improviso. Inicialmente, o tecido informal era visto como uma poluição socio espacial através de estereótipos negativos sobre a moral e capacidade

⁵⁹ GRAÇA, Ana Catarina e PAIO, Alexandra; Formal city vs Informal city: From clandestine neighbourhoods to concept of UAIG (urban areas of illegal genesis); Instituto Universitário de Lisboa; 2019; p.03; Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/17087/1/FORMAL%20CITY%20VS%20INFORMAL%20CITY.pdf>

⁶⁰ HARDOY, JORGE; “The building of Latin American cities” referido por KELLET, Peter; 1995; p.08

dos moradores que lá habitavam, colaborando para uma construção histórica baseada no preconceito e medo.

“...every Thrid World city is a dual city – na Island of wealth surrounded by black belt misery. Outside the Bright, shinning modern city of skyscrapers, flyovers and desirable residences, the poor are camped in squalor, disease and neglect, in shacks and hutments of plywood, cardboard, mud or straw...”⁶¹

Com a proporção que essa ocupação urbana tomou, os assentamentos informais viraram elementos fixos na paisagem global. Embora sejam vistos pela população como lugares marginalizados, as suas qualidades socio espaciais devem ser registradas.⁶² De acordo com as Nações Unidas, aglomerados subnormais são casa para mais de 1 bilhão de pessoas. De acordo com a Pesquisa Mundial Econômica e Social de 2013, realizada pela ONU, caso não sejam desenvolvidos projetos para a população dessas áreas, até 2050 o mundo terá 3 bilhões de pessoas vivendo nessas condições.

A razão para o surgimento da questão informal, além de estar vinculada com diversos modelos políticos e econômicos, é também relacionada com o modelo modernista ainda recorrente nas cidades. Esse ainda é o modelo que os arquitetos e urbanistas tentem a seguir ou participar, pois acreditam que ele é capaz de garantir a liberdade de criação, grandes investimentos e visibilidade. Conforme Sérgio Magalhães, a cidade informal surge da generalização do modernismo:

“A simultânea condição (a) de valorização da estética popular, do entendimento de que o urbanismo modernista, por impositivo, dificulta a interação e a cultura de vizinhança, e de exigência política de participação da população nas decisões que lhe afetam diretamente permitiu a construção de uma nova percepção desde os estratos profissionais e acadêmicos, a qual contempla, por exemplo, as experiencias dos assentamentos produzidos pelos pobres.”⁶³

⁶¹ HARRISON, Paul; “Third World Tomorrow” referido por KELLETT, Peter; 1995; p.08

⁶² KELLETT, Peter e NAPIER, Mark; Squatter Architecture? A critical ecamination of vernacular theory and spontaneous settlemnt with referenc to South America and South Africa; International Associaton for the Study of Traditional Environments; 1995; Disponível em: https://www.jstor.org/stable/41757181?read-now=1&seq=1#page_scan_tab_contents

⁶³ MAGALHÃES, Sergio; A cidade na Incerteza: ruptura e contiguidade em urbanismo; Editora Viana & Mosley; Rio de Janeiro; 2007

O modelo de cidade informal está crescendo paralelamente às políticas públicas e de forma acelerada, de maneira que governos e políticas de planejamento não conseguem conter. Essa cidade se espalha por todo território, seja qual for a topografia e envolvente, mas sempre cercado os grande centros urbanos. A arquitetura autoconstruída desses assentamentos é vista pela cidade formal como uma rutura, que acaba por colaborar para a sua difícil ligação com o espaço urbano envolvente.⁶⁴



Figura 24: Favela de Dharavi, Índia

Os resultados desses assentamentos podem parecer semelhantes uns aos outros, mas quando dissecados, descobre-se um contexto urbano heterogêneo. Mesmo que atendam a uma mesma necessidade de abrigo, eles refletem diferentes requisitos correspondentes às diferentes estruturas sociais e heranças culturais. Expressões comuns nessas realidades urbanas inconscientemente compartilhadas por pessoas, são a extrema articulação e o sangue vital da necessidade de viver e o desejo de dar forma e expressão à individualidade, e o senso de pertencimento dos habitantes às suas casas e, portanto, também sua identificação com seus resultados estéticos.⁶⁵

Quando se observa um determinado contexto informal, seja no Brasil, Venezuela ou até Índia, nota-se que a ausência da infraestrutura e auxílio do poder público foram superados pela vontade de estabelecer uma ordem. Visto que a cidade formal é gerida por um conjunto de regras para regular a vida social e promover o desenvolvimento, no tecido informal é esperado que as comunidades desenvolvam suas próprias regras e estéticas.

⁶⁴ LOUREIRO, Vânia; Da arquitetura vernacular à informalidade contemporânea dos assentamentos; Dissertação de mestrado; Universidade da Beira Interior; 2011; p.11;

⁶⁵ QUICI, Fabio; The Interpretation of the Informal City; Sapienza Università di Roma; 2011; p.139 Disponível em: https://www.academia.edu/16259405/The_Interpretation_of_the_Informal_City

“A liberdade estética, como considerada, é, de facto, o reconhecimento de outros signos, produzidos em contextos não centrais nem hegemônicos em determinada cultura, como pode ser o caso da favela na sociedade urbana do Rio – e do Brasil, em geral – e como foi identificado por Venturi, em Las Vegas. Do ponto de vista dessa micros sociedade, a liberdade estática é um instrumento de reforço para sua própria identidade.”⁶⁶

Por isso, cada vez mais procura-se decodificar essa linguagem complexa, que o campo da arquitetura e urbanismo deveria respeitar, ao invés de tentar impor sua presença substituindo a informalidade desses assentamentos. Porém, ainda há muitas tentativas, ao redor do mundo, de tentar resolver a questão das favelas e aglomerados subnormais. Através da relocação dos moradores em conjuntos habitacionais totalmente diferentes do ambiente em que vivem e que ao serem relocados acabam por romper todas relações socio espaciais com suas origens.

A presente dissertação procura estudar a estrutura das cidades informais através de diferentes categorias socio espaciais, mas sempre considerando a individualidade de cada assentamento. Entende-se que nenhum crescimento urbano, seja forma ou informal, é espontâneo, mas é pelas tendências naturais dos grupos dispersos nas diversas partes da cidade que se podem explicar as modificações de estrutura.⁶⁷ A abordagem aqui proposta vai contra a forma como esse fenômeno costuma ser abordado, onde as questões materiais e sociais são desconsideradas e apenas os aspetos negativos são ponto de partida para qualquer diagnóstico ou intervenção.

Para entender melhor a estrutura desse tipo de tecido urbano, investiga-se a cidade informal a partir da escala e da localização, aproximando-se até a unidade habitacional. Essa parte investigativa serve de base para a posterior abordagem do contexto informal das favelas no Rio de Janeiro, que conseqüentemente resultará numa intervenção arquitetônica, concluindo o processo investigativo do concurso em questão.

A realização de uma intervenção arquitetônica após a presente investigação surge da necessidade de uma maior presença da arquitetura social no campo acadêmico e prático. Acredita-se que o repensar da cidade contemporânea deve levar a cidade informal em consideração e buscar potencialidades na mesma. As respostas estão na riqueza de sugestões e na dinâmica da cidade informal - como alguns intérpretes arquitetura moderna e contemporânea já adivinhou. As soluções estão nos olhos daqueles que treinaram o olhar para reconhecê-los.

⁶⁶ MAGALHÃES, Sergio; A cidade na Incerteza: ruptura e contiguidade em urbanismo; Editora Viana & Mosley; Rio de Janeiro; 2007;

⁶⁷ ROSSI, Aldo; A arquitetura da cidade; Edições 70; 2019; p.182

2.2 – Dicotomia informal e formal

O ato de fazer cidade através da arquitetura e do planejamento urbano é há muito tempo definido por diretrizes, planos e normas que estabelecem uma maneira de apropriação do tecido urbano, visando a ordem e o funcionamento das cidades. São essas condutas que criam base para a cidade formal e definem os espaços públicos e privados, que serão a gênese das relações sociais e manifestações culturais. Os planos, aqui, são entendidos como aquelas operações levadas a cabo pela municipalidade, de maneira autónoma ou acolhendo propostas de privados que preveem, coordenam e operam sobre os aspetos espaciais da cidade.⁶⁸

Higienistas, engenheiros e administradores da cidade intentaram controlar essencialmente a ocupação do solo, a viabilidade da circulação e as condições sanitárias, subestimando-a como como figuração paisagística, como especialidade ou pelo menos partindo do princípio que continuaria composta de tipologias e volumetrias conhecidas que se não previa viessem a ser postas em causa.

“...agora é um organismo sem vulto que se desenha nas matrizes dos engenheiros sociais, para que administradores e promotores venham a povoar de edifícios quaisquer que se limitarão a cumprir as previsões tendenciais. É a cidade locacional, resultado mais cómodo, mas agnóstico da racionalização das atividades e suas intercomunicações.”⁶⁹

Atualmente observa-se na cidade formal a tentativa de destruição da experiência passada desses grandes centros urbanos, seguida por uma tentativa de um processo de globalização e pacificação desses espaços urbanos, em particular, dos espaços públicos. A pacificação do espaço público através da fabricação de falsos consensos, busca esconder as tensões que são inerentes a esses espaços e, assim procura esterilizar a própria esfera pública, o que, evidentemente, esterilizaria qualquer experiência e, em particular, a experiência da alteridade nas cidades.⁷⁰

Apesar da ideia de cidade formal ser bem definida e presente no inconsciente de quem a compõem, a questão urbana é de extrema complexidade e diversidade, podendo seguir a lei ou não. A necessidade de trabalho e moradia atrelada ao desenvolvimento industrial e económico dos grandes centros urbanos deu origem a uma outra forma de ocupar o tecido urbano de forma alternativa à cidade formal.

⁶⁸ ROSSI, Aldo; A arquitetura da cidade; Edições 70; 2019; p.182

⁶⁹ PORTAS, NUNO; A cidade como arquitetura; 4ª edição; Livros Horizonte; 2011; p.18

⁷⁰ JACQUES, Paola; Elogio aos errantes; EDUFBA; 2ª edição; 2014; p.22

“A cidade informal não deve então ser erradamente interpretada como cidade sem forma: pelo contrário, possui um conjunto de características morfológicas e espaciais muito interessantes no seu conjunto, pela complexidade e riqueza que traduzem, consequência do processo arquitetônico e urbanístico vernacular com que se desenvolve, e que lhe conferem uma estética muito própria.”⁷¹

Os contextos informais e formais diferem entre si muito além da questão tipológica, essas duas realidades estão separadas por índices de violência, desigualdade e características culturais. Essas diferenças colaboram para a segregação social, fomentando um dos principais problemas das cidades da atualidade: a cultura do medo de que como consequência desintegra diferentes grupos da população de determinado contexto.

Os espaços informais são vistos, nessa proposição como externos à polis, ou seja, ao território conhecido como o lugar de exercício à cidadania. Nessa lógica, o reconhecimento da cidadania é relativizado de acordo com a cor da pele, escolaridade, faixa salarial e o espaço de moradia.⁷² Esse imaginário preconceituoso frente à cidade informal tomou tamanha proporção principalmente da maneira que é abordado nos veículos de comunicação, que muitas vezes generaliza o morador informal como um potencial criminoso ou um problema para a sociedade de maneira geral.

Atualmente, além das ocupações informais serem vistas como espaços de carência e ausência (urbanas, sociais, legais, morais, etc.), os grandes conjuntos habitacionais, construídos como tentativa de acabar com essa problemática, também são vistos no imaginário da cidade como locais marginalizados.⁷³



Figura 25: Cena do filme *Cidade de Deus*, Brasil 2003

⁷¹ CARDOSO, Maria do Rosário; Da cidade informal à cidade forma: A reinterpretação da estrutura socio-espacial como suporte para a intervenção no bairro do Barruncho; Dissertação de mestrado; Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa; 2014; p.22

⁷² SOUZA, Jailton e BARBOSA, Jorge Luiz; Favela: Alegria e dor na cidade; SENAC-RIO; 2005; p.57

⁷³ Ibidem

Essas áreas residências que foram se expandindo, na maioria das vezes, para a periferia das cidades, tem sido uma tentativa de dar solução ao problema de maneira puramente produtivista e não sociológica, desconsiderando as questões de desigualdade e preconceito relacionadas à população que forma a cidade informal. Para além da continuidade de exclusão e preconceito, a população que é relocada de assentamentos informais para conjuntos habitacionais, é inserida em contextos que desconsideram toda rica relação social e afetiva desenvolvida no âmbito informal.

A política de habitação atuada por organismos de financiamento e administração ocupados com a tal “solução do problema”, resultou e ainda resulta quase sempre anti urbana (mesmo quando de alta densidade e concentrada junto às cidades), na medida em que se espalhou bairros-dormitórios convencionais, para populações de baixo nível de vida que ficavam a constituir novas necessidades de serviços, sempre atrofiados porque pontualmente dispersos.⁷⁴

Essas zonas opacas, ocultadas e apagadas se opõem a uma outra cidade, por sua vez luminosa, gentrificada e viva, que é palco do urbano pacificado. Esse outro urbano, agora informal, busca sobreviver criando seu próprio cotidiano, reinventando novos modos de fazer e de se apropriar do espaço público. Por isso, busca-se olhar para essas “cidades ignoradas” de maneira a extrair tudo aquilo que o urbanismo e arquitetura contemporânea podem aprender com elas e, conseqüentemente dar início a uma nova maneira de fazer cidades, agora mais democrática e integradora.



Figura 26: Contraste entre a habitação informal e formal em Paraisópolis, São Paulo

⁷⁴ PORTAS, NUNO; A cidade como arquitetura; 4ª edição; Livros Horizonte; 2011; p.148

2.3 Aprendendo com o urbanismo informal

O urbanismo como campo disciplinar e prática profissional surgiu da necessidade de modernizar as cidades, ou seja, para transformar as antigas cidades- na América Latina, as coloniais e na Europa, as medievais – em metrópoles modernas.⁷⁵ A atual variedade de processos de urbanização está ligada à fluxos populacionais ao redor do território, assim com o surgimento de novas práticas de subsistência e eventos- socioeconômicos.

A densificação dos grandes centros urbanos ocorre de acordo com dois principais processos: a verticalização dos centros e áreas remotas e por outro lado o espraiamento de aglomerados suburbanos, sejam através de loteamentos fechados ou por autoconstrução, sem constituírem uma cidade devido a ausência de atributos de urbanidade (equipamentos públicos, serviços e transporte).

De acordo com Jailton de Souza, *“o eixo de representação informal é a noção de ausência. Ela é sempre definida pelo que não teria: um lugar sem infraestrutura urbana, água, luz, esgoto – sem arruamento, sem ordem, sem moral e globalmente miserável. Ou seja, o caos.”*⁷⁶

Dessa forma, a imagem da cidade informal é generalizada como palco de violência, caos e insalubridade, devido ao fato do urbanismo contemporâneo relacionar os problemas desse tecido com suas características morfológicas e espaciais. Essa imagem homogênea, independente da posição política, não leva em consideração a diversidade de características morfológicas, espaciais, culturais e ambientais, resultando num juízo de valores pré-concebido que impede que a riqueza desses contextos seja explorada.

Em contraponto a generalização do contexto informa, acredita-se que esse contexto seja uma rica fonte de cultura, relações sociais e reinvenção. A partir da extrair qualidades socio espaciais que possam colaborar no desenvolvimento de investigações e intervenções em tecidos informais específicos, visto que a grande pluralidade dessa forma de ocupação não pode ser homogeneizada como tem sido feito no urbanismo contemporâneo.

Este tipo de urbanização surge de uma ocupação anárquica do solo, condições inadequadas de acessibilidade e inexistência de propriedade de terra e resulta em um tecido que é principal fonte das relações sociais criadas nessas áreas, dado que a formação da cidade informal é um processo coletivo feito pela sua própria população.

⁷⁵ JACQUES, Paola; Elogio aos errantes; EDUFBA; 2ª edição; 2014; p.39

⁷⁶ SOUZA, Jailton e BARBOSA, Jorge Luiz; Favela: Alegria e dor na cidade; SENAC-RIO; 2005; p.24

A ideia de pertencimento à cidade, seja informal ou formal, estão ligadas a maneira de apropriarem-se ao espaço. Por um lado, na cidade formal, prevalece a busca pela individualidade e exclusividade. Enquanto isso, na cidade informal impera o senso de comunidade, solidariedade e recreação. Esse contraste socio espacial é observado não só nas praticas cotidianas, mas também na própria arquitetura.

Por um lado, a cidade formal apresenta uma arquitetura defensiva, com construções protegidas e sem muita relação com o espaço público, enquanto a cidade informal tem o seu tecido como uma própria extensão da “casa”, que é construída a partir de ações coletivas. Essa dualidade entre a intensa vivencia do espaço informal e a introspeção formal cria uma barreira que deve ser rompida entre as duas realidades. Esse rompimento pode ser feito a partir de um sistema de trocas que forneça os direitos citadinos ao cidadão informal, e que por outro lado, crie uma atmosfera mais coletiva na cidade formal.



Figura 27: Campo de futebol na favela Tavares Bastos, Rio de Janeiro

Portanto, cidade informal não deve então ser erradamente interpretada como cidade sem forma: pelo contrário, possui um conjunto de características morfológicas e espaciais muito interessantes no seu conjunto, pela complexidade e riqueza que traduzem, consequência do processo arquitetônico e urbanístico vernacular com que se desenvolve, e que lhe conferem uma estética muito própria.⁷⁷

⁷⁷ CARDOSO, Maria do Rosário; Da cidade informal à cidade forma: A reinterpretação da estrutura socio-espacial como suporte para a intervenção no bairro do Barruncho; Dissertação de mestrado; Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa; 2014

Com o objetivo de realizar uma leitura da cidade informal a partir das características espaciais e morfológicas, estabelece-se uma investigação a partir de três escalas: à escala territorial da cidade, à escala urbana do bairro e por fim à escala da rua e da construção. Essa fragmentação em escalas que vão de uma esfera macro a micro são propostas por Paola Jacques⁷⁸ como maneira de dissecar a *estética* desses espaços informais. Essa leitura do território é categorizada através de três figuras conceituais que expõem a identidade própria do tecido informal (embora cada caso seja diferente entre si): **rizoma, labirinto e fragmento**.

*“Cremos, pelo contrário, que o todo seja mais importante do que cada uma das partes; e apenas o facto urbano seja mais importante do que cada uma das partes; e que apenas o facto urbano na sua totalidade, logo também o sistema viário e a topografia urbana até às coisas que se podem apreender passeando de um lado e para outro de uma rua, constitua esta totalidade. Naturalmente, como me preparo para fazer, devemos examinar essa arquitetura total por partes.”*⁷⁹

Aldo Rossi (1965), propõe a análise do território através de diferentes fragmentos arquitetónicos e diante disso, Paola Jacques sugere em olhar para o território informal visa estabelecer diferentes “Patterns”⁸⁰ dentro do tecido informal. Trata-se de um contraponto ao “Pattern” formal de bairro, que é muitas vezes imposto como exemplo a ser seguido ao intervir nos tecidos informais como imposição unificadora do contexto urbano. Por fim, a criação de um “Pattern” informal pode ser uma forma de entender a complexidade e riqueza da cidade não planejada, podendo tirar partido desse contexto até para atuar na cidade formal como maneira de romper fronteiras entre as duas realidades.

*“A singularidade, ou melhor, a alteridade, desses espaços ditos “informais” ou “selvagens” era até pouco tempo completamente desprezada pelos arquitetos e urbanistas. Eles possuem uma identidade espacial própria (mesmo sendo diferentes entre si) e ao mesmo tempo fazem parte da cidade como um todo, da sua paisagem urbana. Para se intervir nesse universo espaço-temporal, que é completamente diferente do resto da cidade, é imprescindível se compreender um pouco melhor essa diferença.”*⁸¹

⁷⁸ JACQUES, Paola; *Estética das favelas*; 2001; Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.013/883>

⁷⁹ ROSSI, Aldo; *A arquitetura da cidade*; Edições 70; 2019; p.47

⁸⁰ O conceito de Pattern é utilizado conforme a aceção dada por Kevin Lynch, *Good City Form*, Cambridge Mass., MIT, 1981.

⁸¹ JACQUES, Paola; *Estética das favelas*; 2001; Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.013/883>

2.4 – Rizoma

A teoria do Rizoma de Deleuze⁸² parte da estrutura orgânica de algumas plantas, que podem ramificar-se em qualquer ponto. No campo do urbanismo, o rizoma representa a ocupação territorial orgânica sem planejamento prévio. Ainda na etimologia orgânica, os assentamentos informais podem surgir em qualquer terreno, determinando um processo de territorialização e crescimento que só pode ser impedido por questões físicas. Assim como plantas podem crescer em pequenas brechas do tecido artificial, assentamentos informais podem crescer em terrenos da cidade informal, criando microterritórios. Interessa aqui, identificar o começo de um processo territorial espontâneo, que independente do contexto e território, é fundamentado pelo conceito de comunidade.

“A territorialização se faz então através de três níveis diferentes: a própria ocupação do terreno baldio, a situação desses terrenos dentro da cidade, e as relações dos moradores das favelas entre si, através de uma forte idéia de comunidade, e destes com os habitantes da cidade "formal". Esses três níveis seguem o que pode ser chamado de "lógica da erva-rizoma" em oposição à "lógica da árvore-raiz" das cidades planejadas. Já é sabido, como diz Alexander, que "a cidade não é uma árvore" como os urbanistas modernistas pretendiam ao projetar dentro de um sistema racional (estrutura em árvore) as suas cidades. Na crítica alexanderiana (pós-moderna), as cidades planejadas por arquitetos e urbanistas (ditas artificiais) seguem uma lógica da árvore, uma ordem simples e binária, e as cidades vernáculas e espontâneas (ditas naturais) seguem uma lógica da semi-treliça, que seria uma ordem mais complexa, múltipla.”⁸³

Com o intuito de criar uma *Pattern* desses diferentes rizomas presentes no tecido informal, Dovey e King (2012)⁸⁴ identificam diferentes tipos de assentamentos informais a partir da topografia e vias de circulação que compõem essas tipologias rizomáticas. Esse é um primeiro passo para aproximar-se da cidade informal até a figura conceitual do fragmento, que representa a escala individual de cada construção da cidade informal. Essa aproximação ao tecido “espontâneo” é um ponto de partida para se compreender como esses assentamentos informais emergem dentro da morfologia espacial da cidade e como essa imagem da informalidade se relaciona no campo discursivo do espaço público e da vida urbana.

⁸² DELEUZE, Gilles; Filósofo francês criador do modelo epistemológico do Rizoma;

⁸³ JACQUES, Paola; Estética das favelas; 2001; Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.013/883>

⁸⁴ DOVEY, Kim e KING, Ross; Forms of Informality: Morphology and Visibility of Informal Settlements; 2012; Disponível em: https://www.jstor.org/stable/23289768?read-now=1&refreqid=excelsior%3A1798cb5407fdb67d2e3f1568f2adcbbf&seq=1#page_scan_tab_contents

Os assentamentos informais, ainda segundo Dovey e King (2012) ⁸⁵, apresentam três maneiras principais ou processos de surgimento. O primeiro é simplesmente a **apropriação**, em terrenos expectantes e muitas vezes abundantes, da mesma maneira que aldeias indígenas e cidades surgiram ao longo dos milênios. A segunda é através da **inserção**, em fragmentos restantes, abandonados no espaço urbano já desenvolvido. A terceira e última é o **anexo**, à medida que extensões informais crescem ou fixam-se em estruturas da cidade formal. Esses processos de **apropriação, inserção e anexo** ocorrem em uma diversidade de situações urbanas – terrenos não ocupados, infraestruturas urbanas, afastamentos de assentamentos formais e até linhas férreas.

O fruto dessas ocupações parece ser infinito dentro da variedade de condições espaciais no tecido urbano. Esse processo é impulsionado pelo aumento da pobreza e falta de acesso a recursos básicos, independente de ser em casos de *apropriação, inserção* ou *anexo*. O interesse por essas tipologias é referente à variedade urbanística onde a informalidade se desenvolve, normalmente em espaços intersticiais entre as áreas formais do tecido urbano.

1- *Frente de águas*: Para os assentamentos frente à rios, lagos, canais ou portos, que normalmente são classificados como inseguros para habitação devido à exposição a alagamentos ou deslizamentos de terra. Esse caso é muito recorrente em cidades de clima tropical na Ásia e América Latina.



Figura 28: Casas de palafita em Manaus, Brasil

⁸⁵ DOVEY, Kim e KING, Ross; Forms of Informality: Morphology and Visibility of Informal Settlements; 2012; Disponível em: https://www.jstor.org/stable/23289768?readnow=1&refreqid=excelsior%3A1798cb5407fdb67d2e3f1568f2adcbbf&seq=1#page_scan_tab_contents

2- *Escarpas*: Essa área normalmente tem topografia considerada acentuada demais para construção, mas são muito apropriadas pela tipologia informal. Normalmente, essa é a fronteira entre a cidade formal e montanhas, devido ao difícil acesso e área de risco de deslizamento de terra. As favelas do Rio de Janeiro são o exemplo mais famoso dessa ocupação, assim como Medellín na Colômbia.



Figura 29: Favela em Medellín, Colômbia

3- *Afastamentos*: Normalmente, corresponde a ocupações ao longo de infraestruturas como linhas de comboios, avenidas e linhas de transmissão. São áreas que costumam ter afastamentos ou “*buffer zones*”. Esse tipo de assentamento pode formar grandes distritos ao mesmo tempo que também pode ser apenas ocupações pontuais ao longo de determinado trecho.



Figura 30: Ocupação ao longo de ferrovia em Soweto, África do Sul

4- *Distritos*: As formas mais conhecidas de favelas são normalmente aquelas que passaram de apenas assentamento informal para grandes distritos de uso misto, incorporando programas como comércio e indústria. Esses tipos de ocupação, após um determinado crescimento, não são mais caracterizados como infiltrações informais devido a sobreposição de elementos da cidade formal.



Figura 31: Comunidade de Kibera, Quênia

5- *Passeios*: Ocupações no passeio público surgem da construção de linearmente ao longo de ruas. Nesses casos as construções possuem apenas um andar e um cômodo, tendo o restante do passeio como extensão da habitação, que por sua vez dificulta o transito de pedestres. Normalmente essas construções são as mais vulneráveis dos assentamentos informais, sendo construídas de papel cartão, placas de madeira e outros materiais reaproveitados.



Figura 32: Assentamento ao longo de passeio público em Mumbai, Índia

6- *Ocupações*: Representa a reinterpretação do assentamento formal através da ocupação ilegal de edifícios e infraestruturas abandonadas. Essa tipologia normalmente está vinculada a lutas e movimentos políticos e não necessariamente é realizada por grupos em situação de pobreza. Pode-se dizer que essa forma de assentamento é cada vez mais recorrente na Europa, como por exemplo o caso dos famosos *Squatters* em Berlim.



Figura 33: Kunsthaus Tacheles ocupada por Squatters, Berlim

Ainda que seja possível fazer uma clara diferenciação entre esses diferentes tipos de ocupação, cabe ressaltar que qualquer uma das categorias não são exclusivas ou estáveis. Um único assentamento pode conter diferentes formas de ocupação, assim como a maneira de ocupação e construção pode variar ao longo do tempo. A função dessa caracterização desenvolvida por Dovey e King (2012) tem a função de auxiliar a investigação sobre o surgimento e localização das cidades informais, assim como a identificação das fronteiras com o tecido formal.

Dado o panorama macro das possíveis formas de ocupação do rizoma informal, aproxima-se para a próxima escala, a do *labirinto*, definida por Paola Jacques (2001) como o estudo do conjunto de construções que formam o percurso e a experiência do espaço informal, de maneira totalmente adversa ao urbanismo formal.

2.5 –Labirinto

O tecido informal é composto de diversas formas morfológicas e espaciais, que estão relacionadas a disposição e densidade das construções, que criam diferentes experiências e percursos, na maioria das vezes labirínticos e espontâneos. A transição pelo espaço exterior causa a sensação de labirinto principalmente ao transeunte que desconhece tal território. Isso acontece devido à falta de referências no espaço e ao mesmo tempo o costume com o tecido formal e a maneira de localizar-se nele. Sendo assim, a experiência do visitante é completamente diferente em comparação aos percursos cotidianos de quem lá vive.

*“O conceito que se tem de um facto urbano será sempre algo diferente do tipo de conhecimento de quem vive aquele mesmo facto. Estas considerações podem de algum modo limitar a nossa tarefa; é possível que esta conquista principalmente em definir aquele facto urbano sob o ponto de vista do manufacto. Por outras palavras, definir e classificar uma rua, uma cidade, uma rua na cidade; e o lugar desta rua, a sua função, a sua arquitetura e sucessivamente os sistemas de rua possíveis na cidade e muitas outras coisas.”*⁸⁶

A perda do senso de localização na favela está relacionada ao fato dessa condição estar sempre em constante mudança e não possuir uma planta ou cartografia precisa suficiente. Assim, essas áreas incorporam a intensidade do labirinto, com visadas diferentes a cada esquina. São através dessas características espaciais que Paola Jacques (2001)⁸⁷ descreve o tecido do assentamento informal como “rizoma” e “favo de mel”.

Não obstante o seu tecido particular (na maioria das vezes orgânico), os assentamentos são voltados para a circulação pedonal, possuindo apenas uma parcela de vias com acesso à automóveis. De qualquer forma, essas vias não devem ser estudadas apenas em questões estéticas, elas representam também a expressão de ideologias e manifestações sociais. A permeabilidade dessas vias, assim como a maneira que fazem interseção com a malha formal normalmente formam um gradiente de acesso que determina até onde a formalidade pode penetrar no tecido informal. Assim, o “labirinto” cidade informal volta-se para dentro de si mesma de maneira a valorizar-se frente a ausência da formalidade.

Dentro da analogia entre o assentamento *informal* e o *labirinto*, Paola Jacques difere o tecido informal do formal a partir do improvisado em contraponto com o planejamento e desenho das cidades antes mesmo da sua construção.” *Nos espaços labirínticos como as favelas, é o oposto que acontece, as plantas só são produzidas a posteriori, e são desenhadas a partir do espaço já*

⁸⁶ ROSSI, Aldo; A arquitetura da cidade; Edições 70; 2019; p.182

⁸⁷ JACQUES, Paola; Estética das favelas; 2001; Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.013/883>

existente (cartografias). A maior especificidade do espaço urbano da favela reside em seu tecido urbano labiríntico cheio de surpresas, que causa uma percepção espacial que é praticamente impossível de ser prevista, ou seja, de ser obtida através de um projeto urbanístico tradicional que automaticamente elimina o próprio mistério do percurso: particularidade fundamental de um labirinto.”⁸⁸



Figura 34: Contraste entre o tecido formal e informal na Cidade do Cabo, Africa do Sul

Diferente do tecido urbano tradicional, que estabelece fluxos, nos assentamentos informais as vias e espaços públicos designam usos e programas. Essa maneira de apropriar-se do espaço exterior difere da cidade formal no sentido que estabelecem diferentes relações o público e privado. Nos assentos informais, existe um gradiente ligando esses espaços, de forma com que a habitação estabeleça relações diretas com a rua, como se fosse um espaço semiprivado que atua como extensão das moradias. Nesse caso, a fronteira entre o público e o privado é a ‘frente de rua’, que atua como superfície de contato entre a casa e o passeio, incorporando usos das duas esferas.

“A rua é um prolongamento da casa. As crianças brincam nas ruas. Os jovens encontram-se para conversar, jogar ou namorar. Os adultos e idosos fazem delas uma sala de estar com amigos e vizinhos. Há problemas, desentendimentos e disputas, sim, mas também há acordos, pactos e regras que celebram convivências solidárias. Mas aos olhares dos dominantes, tudo é desorganização: falta privacidade e a bagunça é insuportável.”⁸⁹

As fronteiras atuam então como o encontro da morada com a cidade, seja informal ou formal, criando um intercambio entre a vida privada e a vida coletiva. Segundo Jan Gehl⁹⁰, o desenho dessas fronteiras está diretamente relacionado com o desenho do rés do chão na escala

⁸⁸ JACQUES, Paola; *Estética das favelas*; 2001; Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.013/883>

⁸⁹ SOUZA, Jailton e BARBOSA, Jorge Luiz; *Favela: Alegria e dor na cidade*; SENAC-RIO; 2005; p.98

⁹⁰ GEHL, Jan; *Cidades Para Pessoas*; Island Press; 2010

arquitetónica e no desenho da rua na escala urbana. Assim, essas fronteiras atuam também na sobreposição de duas escalas que dão qualidade a habitação e a vida nas áreas urbanas.

A maneira como o morador informal se relaciona com o espaço público, em conjunto com a alta densidade comum nos assentamentos informais gera um senso de comunidade que ultrapassa as barreiras de cada habitação, unindo-as. Essa relação pessoal e afetiva que o morador desse tecido tem com o espaço público está por fim relacionada não só pela tipologia da malha viária, mas também pela densidade construída. As moradias costumam ser unifamiliares ou multifamiliares, mas por conta de questões financeiras e recursos construtivos, essas construções não costumam ultrapassar os quatro pavimentos. Conseqüentemente, o limite de altura dessas construções favorece o contacto do morador com o espaço público e por sua vez facilita a convivência com outros moradores do mesmo contexto.

Aldo Rossi em *Arquitetura da Cidade* aborda a maneira de fazer cidade através da disciplina da arquitetura como algo que carece de sensibilidade, justificando através da impossibilidade de a prática conseguir abranger as diversas camadas que envolvem as relações físicas e sociais através da construção.

“A arquitetura pressupõe, pois, a cidade, mas pode constituir-se por dentro de uma cidade ideal, de relações perfeitas e harmônicas, onde ela desenvolve e constrói os seus termos de referência. Diferente é a arquitetura concreta da cidade, que está para a primeira naquela relação característica, e ambígua, que nenhuma outra arte ou ciência pode apresentar. Assim se compreende a contínua atitude demiúrgica dos arquitetos, de apresentar sistemas em que a ordem espacial se torna a ordem da sociedade e pretende transformar a sociedade.



Figura 35: Via como extensão da habitação em Nova Delhi, Índia

2.6 – Fragmento

Deslocando-se da escala macro do **rizoma**, que corresponde a cidade informal como um todo, e passando pelo **labirinto**, responsável pelas relações socio espaciais desse tecido, atinge-se a escala de **fragmento**. Essa escala corresponde a observação da unidade habitacional, fundamentada no princípio da *cabana primitiva*⁹¹, que explora a capacidade antropológica do homem em criar arquitetura no ambiente natural. Portanto, pode-se relacionar o conceito da cabana com a arquitetura informal dos assentamentos aqui investigados, considerando o processo construtivo e necessidade de abrigo.

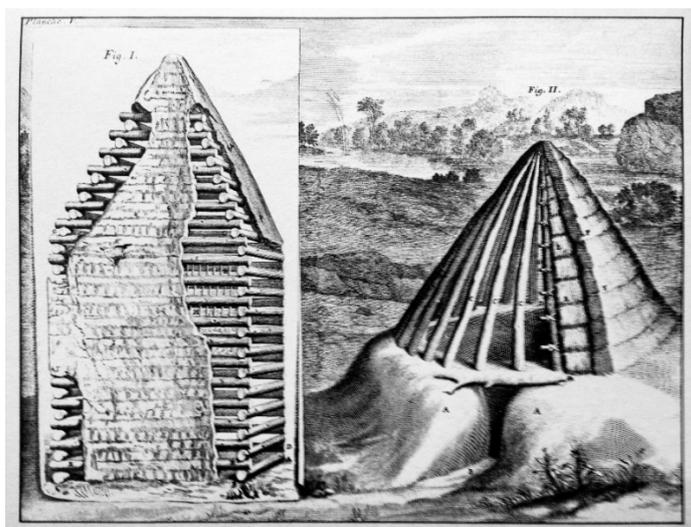


Figura 36: Ilustrações da Cabana primitiva, Claude Perrault

Tal como na teoria da cabana primitiva, o processo construtivo dos assentamentos informais, normalmente começa na sua forma mais rudimentar com a reutilização de materiais incomuns, que com o passar do tempo podem evoluir para técnicas construtivas formais, como o uso da alvenaria e do betão. O primeiro gesto de construção do tecido informal surge na maioria das vezes, com a colaboração de outros moradores, através da construção de abrigos rudimentares e de caráter emergencial. Assim, dá-se início a um processo construtivo que ficará em constante evolução, mudando as faces desse assentamento a cada alteração feita em cada construção.

Esse processo nunca é pré-determinado, ocorrendo de acordo com a demanda da família envolvida e também da capacidade financeira em adquirir novos materiais que melhorem ou aumentem a habitação. Mesmo que a construção atinga um nível material de alvenaria ou betão, ela nunca acaba, enquanto a arquitetura feita por arquitetos tem sua conclusão pré-determinada

⁹¹ A cabana primitiva como teoria na arquitetura surge em 1700 até meados do século XIX, elaborada por Marc-Antoine Laugier. Ele representou o homem na natureza e sua necessidade de abrigo em *An Essay on Architecture* que formou base à arquitetura e sua prática. Essa abordagem foi explorada na teoria de arquitetura para especular sobre um destino possível para a arquitetura como disciplina.

pelo projeto. Dessa forma, a “arquitetura informal” assume um posição temporária, a partir do momento em que ela está sempre suposta a alterar-se.

Quanto as técnicas construtivas, cabe ressaltar que essas variam de acordo com o assentamento, e conseqüentemente com o clima, indústria, preço e cultura do local. De acordo com o contexto de formação de um determinado assentamento, ele pode seguir uma tendência estética e material. Atualmente, os assentamentos mais consolidados tendem a ter suas construções feitas com técnicas que visam a durabilidade e caráter fixo das habitações, como é o caso das casas em alvenaria, taipa, adobe e até betão.



Figura 37: Processo colaborativo de construção na Favela do Moinho, São Paulo

“...abrigar diz respeito ao que é temporário e provisório, e habitar, ao contrário, ao que é durável e permanente. É como a diferença entre o estar e o ser. O abrigo é temporário mesmo se ele durar para sempre e a habitação é durável mesmo se ela desabar amanhã. Mas o abrigo, mesmo não sendo concebido como tal, possui o potencial de vir a ser uma habitação, em cada abrigo há um devir-habitação imanente. A grande distinção entre a maneira de tratar o espaço dos construtores das favelas e dos arquitetos é quanto à temporalidade, pois entre o abrigar e o habitar existe um processo espaço temporal completamente diferente.”⁹²

Apesar do caráter temporário explicito por Paola Jacques, quando essas construções são comparadas com a arquitetura formal, elas assumem um valor sentimental e imaterial que ultrapassa qualquer valor material que essas construções possam ter. Pressupondo que o surgimento dos assentamentos informais uma decorrência do quadro de desigualdade social e crise de habitação, cada unidade habitacional que compõe o tecido formal representa uma luta pela casa própria, independente do recurso usado para sua construção.

⁹² JACQUES, Paola; Estética das favelas; 2001; Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.013/883>

Para além do valor sentimental e de abrigo, na cidade informal, a habitação não se resume exclusivamente em servir como casa. O abrigo possui também outro sentido. A população informal exerce funções cotidianas muito mais abrangentes do que a de habitação. Como por exemplo, a geração de renda a partir do comércio ou prestação de serviços anexos à moradia. Trata-se de pequenos negócios que movimentam uma economia local, sendo mais acessíveis do que aqueles disponíveis na cidade formal.

No livro “Favela: Alegria e dor na cidade”, Jailson de Souza (2005) expõe o esforço do morador informal em construir seu próprio abrigo nas favelas do Rio de Janeiro, enquanto o resto da cidade interpreta esse movimento como algo marginalizado. Esse comportamento é visível não só no cenário das favelas brasileiras, mas também em qualquer assentamento informal ao redor do mundo.

“No entanto, todo esse empenho de construir abrigos para si e suas famílias, realizados pelos trabalhadores subalternizados da cidade, nunca foi devidamente reconhecido. Suas obras sempre foram interpretadas e tratadas como ilegais, irregulares, informais, subnormais e clandestinas por não obedecerem aos padrões racionais de edificação, por terem se constituído sem o crivo do controle governamental e por não possuírem documentação e escritura da propriedade.”⁹³

Através do olhar contraproducente da cidade formal e dos órgãos públicos frente aos assentamentos informais, entra em pauta a questão do direito à moradia e as políticas públicas habitacionais. Esse assunto, dentre todos os problemas que permeiam a cidade informal, é o que mais amedronta o morador. Esse medo da propriedade informal ronda os assentamentos devido a recorrente postura de órgãos públicos em realizarem remoções e relocarem os moradores para sítios, na maioria da vezes, incompatíveis com o ambiente socio espacial desenvolvido na informalidade.

A ausência de uma regularização dessas comunidades faz com que elas criem seus próprios mecanismos de cessão e posse de imóveis, com o intuito de estabelecer uma ordem no território. Para os moradores desses assentamentos, a titulação da terra é fundamental para a permanência das comunidades em seus territórios e, até mesmo para a sua inserção na economia urbana. Portanto, a cidade informal não deve ser vista como a cidade à margem da legislação. Em contrapartida, a normalização jurídica das casas requer que as autoridades públicas façam na cidade informal os mesmos investimentos em serviços feitos nas outras áreas da cidade.

⁹³ SOUZA, Jailton e BARBOSA, Jorge Luiz; Favela: Alegria e dor na cidade; SENAC-RIO; 2005; p.24

Considerando a forma estigmatizada com a qual o poder público atua frente à maioria dos assentamentos informais ao redor do mundo e os números crescentes desses tipos de moradia, cabe a conclusão de que medida eficiente não tem sido tomadas. Mais uma vez, esses tecidos são vistos como ameaça àqueles com mais poder, resultando em atuações que buscam impor uma ordem que vai contra todos os princípios desenvolvidos ao longo da formação da cidade informal.

Diante da breve apresentação sobre o contexto informal, interessa voltar-se para o caso de estudo do Rio de Janeiro. E assim aplicar os termos aqui abordados para que seja feita uma investigação sobre a formação das favelas e as particularidades do contexto brasileiro dentro do âmbito dos assentamentos informais. Como se pretendeu enfatizar anteriormente, cada assentamento apresenta características específicas, sendo relacionadas com o contexto histórico, condições geográficas, políticas e econômicas. Dessa forma, para realizar-se uma intervenção, cabe um estudo mais aprofundado do território para que a proposta seja um produto conclusivo da presente investigação e explore o potencial dos concursos como métodos investigativos no campo da arquitetura e urbanismo.

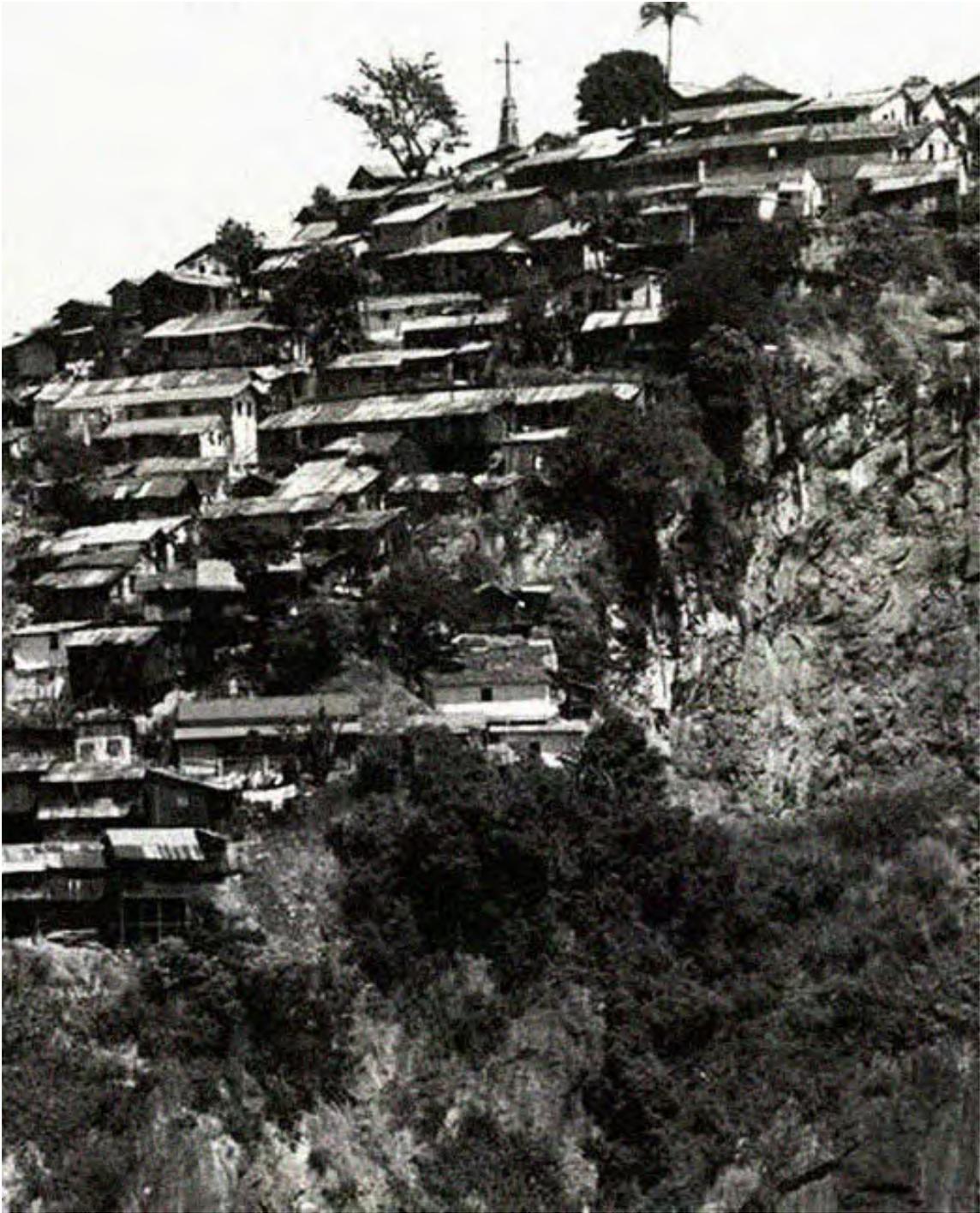


Figura 38: Favela do Morro da Providência, Rio de Janeiro.

Capítulo 3 – O Rio de Janeiro e o surgimento das favelas

No âmbito da investigação e intervenção em favelas, considera-se vital a contextualização do sítio de intervenção, tendo como ponto de partida o contexto histórico do surgimento das favelas no Brasil e conseqüentemente no Rio de Janeiro. A situação atual do Rio de Janeiro é o resultado de um processo de quinhentos anos de políticas públicas e planos urbanísticos que tendem a não beneficiar as minorias. Apenas a partir das décadas de 1980 e 1990 que surgem as primeiras medidas frente aos aglomerados subnormais, que eram e ainda são ditadas por conta do rico público eleitoral identificado nas favelas ao redor do Brasil.

A contextualização a seguir serve de embasamento para a construção de um senso crítico sobre as atuais atuações do poder público sobre os tecidos informais e sobre o tipo de urbanização que esse contexto vem recebendo ultimamente. Após a contextualização histórica e geográfica das favelas do Rio, essa análise volta-se para o Complexo do Alemão com o objetivo de criar embasamento para a intervenção proposta, levando em consideração não só as carências, mas como também a riqueza cultural da favela.



Figura 39: Contextualização da Baía de Guanabara e o Complexo do Alemão

3.1 A fundação da cidade

Em janeiro de 1504, o navegante português Gonçalo Coelho entrou na baía de Guanabara, confundindo-a com a foz de um largo rio, que resultou no nome da cidade. Acredita-se que a expedição de Pedro Alvares Cabral já tivera avistado a baía anteriormente, mas fora Gonçalo Coelho o primeiro a descrever em terra e ter contacto com os índios. Apesar da descoberta em 1504, a região da baía ficara abandonada por falta de interesse pelo governo português, atraindo estrangeiros que buscavam ingressar no comércio do pau-brasil.⁹⁴ Anos depois (155-1567), deu-se o episódio da França Antártica, que se desenvolveu na baía de Guanabara, formando uma pequena colônia.

No ano de 1560 conseguiram os portugueses, sob o governo de Mem de Sá, expulsar os franceses e arrasas as suas fortificações, implantando novamente na baía de Guanabara o domínio de Portugal.⁹⁵ O reconhecimento da relevância da baía de Guanabara surgiu a partir de diversos fatores geográficos que favoreciam os portugueses:

1. Para os navegadores que seguiam para o sul, a região era um ancoradouro com ótimas condições de abrigo e segurança.
2. Em segundo lugar, a abundância de água fresca foi um fator determinante na localização da cidade.
3. O terceiro fator que influenciou no desenvolvimento da cidade carioca foram os morros e pequenos maciços isolados, vistos como boas ferramentas de defesa devido ao difícil acesso.
4. O quarto fator geográfico agiu para a extensão da posse primitiva. O Rio de Janeiro possuía áreas potenciais para exploração agrícola, que tiveram importância no desenvolvimento das lavouras e engenhos de café.

Por fim, o desenvolvimento do Rio se explica pela sua situação geográfica, em relação a sua proximidade às serras. Eram, por conseguinte, numerosas as razões geográficas que militavam em favor da escolha do Rio, em primeiro lugar como ponto de defesa e em segundo como centro de irradiação. Era destinada a margem carioca da Guanabara a um rápido desenvolvimento económico e social. O movimento de alastramento para leste, esboçado nos tempos da primeira colonização, continua hoje com grande intensidade e está longe de terminado, pois o Distrito e suas extensas planícies continuam a oferecer novos horizontes à expansão da população, na sua marcha para Leste.⁹⁶

⁹⁴ Árvore leguminosa nativa da mata atlântica. O corte do pau-brasil foi uma atividade económica pioneira para os colonizadores portugueses na descoberta do Brasil, sendo usada na obtenção de madeira e resina para tecidos.

⁹⁵ CARVALHO, Delgado; História da cidade do Rio de Janeiro; 2ª edição; Biblioteca Carioca; 1990; p.24

⁹⁶ Ibidem; p.29

Ao perceber o potencial da cidade que ainda era um local primitivo, Mem de Sá nomeou em 1568 seu sobrinho Salvador de Sá como governador da nova capitania. Após o primeiro mandado de Salvador de Sá, o sucessor Cristóvão de Barros divide a colônia portuguesa em dois governos distintos, o do Norte, com sede na Bahia e o do Sul com sede no Rio de Janeiro.

O governo de Salvador de Sá voltou-se para a preparação da cidade como fortaleza, e de colonização, principalmente religiosa. No fim do século XVI, estimula-se que a população era de aproximadamente 3850 habitantes, sendo grande maioria de índios, apenas 750 portugueses e cerca de 100 africanos. A maioria da população ocupava o morro do Castelo, que se conectava com a planície da cidade através da Ladeira da Misericórdia, a Ladeira da Ajuda e a Ladeira do Cotovelo. Assim formaram-se as primeiras ruas da cidade: a Rua da Misericórdia, a Rua Direita, a Rua São José e a da Ajuda.



Figura 40: Quadro de Vitor Meirelles com uma vista do morro do Castelo, 1885

A importância das diferentes ruas da cidade era determinada pelos fatores econômicos do momento: a lavoura dos jesuítas, as fazendas agrícolas e o porto de mercadorias. A partir da emergência na exploração das terras cariocas por parte da colônia, entra em pauta a escravidão dos índios e africanos, responsáveis pela riqueza gerada pela colônia.

Entre os séculos XVI e XIX, o Rio de Janeiro era um centro de distribuição de escravos provenientes da África. A cidade teve o maior fluxo de escravos, que desembarcavam na baía de Guanabara para trabalhar principalmente em engenhos de café, açúcar ou em minas. No decorrer do comércio escravocrata, a chegada dos escravos na cidade carioca era feita no centro da cidade,

onde hoje é a Praça XV, ficando os africanos nos arredores e andando em grupos, às vezes nus e segundo relatos da época, com infinitas “moléstias”.⁹⁷

O desembarque dos escravos era realizado no Cais do Valongo, na zona portuária do centro da cidade. Construído em 1811, o local também servira de mercado de escravos nas chamadas “casas de carne”. Para além do comércio, o Cais abrigava também uma igreja e um cemitério, visto que muitos desses escravos não conseguiam completar as dolorosas jornadas transatlânticas, chegando ao Brasil com graves problemas de saúde. Apesar de ter sido fechado em 1831 com a proibição do comércio de escravos, o Cais do Valongo funcionou durante o período de maior comuta de africanos para mão de obra escrava no Brasil.



Figura 41: Cais do Valongo, por onde em apenas 20 anos passaram cerca de 500 mil escravos

Esse cenário contraditório da cidade do Rio de Janeiro, que por um lado era morada de um Império que se dizia civilizado e por outro estimulava a escravidão para seu rápido crescimento económico, fora registado por diversos viajantes que através de registos iconográficos relatavam uma “cidade negra” repleta de conflitos sociais. A partir da visão exterior, que relatava a barbárie da cidade do Rio de Janeiro e a dualidade entre a visão do Rio de Janeiro como uma extensão da Europa e ao mesmo tempo palco de exploração humana, iniciou-se o processo de abolição da escravidão.

Diante de tamanho contraste, como interromper a barbárie do comércio de homens? Apesar do seu auge, na década de 1820, após a vinda da família Real para o Brasil e a independência feita por D. Pedro, iniciou-se a negociação para pôr fim ao trânsito atlântico de africanos destinados

⁹⁷ MORAES, Renato Figueredo; A escravidão e seus locais de memória – O Rio de Janeiro e suas “maravilhas”; Revista ODEERE; Universidade do Estado do Rio de Janeiro UERJ; p.38; Disponível em: <http://www.pretosnovos.com.br/dropbox/textos/publicados/5960-22044-1-PB.pdf>

*a escravização para o Brasil. A lei que o eliminava foi assinada na Regência, em 1831, apesar de ter sido articulada pelo Imperador antes da sua abdicação.*⁹⁸

Em 1831, a Lei Feijó, ou Lei de 7 de setembro, foi uma iniciativa para coibir o comércio de africanos e tornar livre os escravos já importados. Essa medida colaborou com a redução da africanização do Império e estimulou a miscigenação da população que viria a formar o Brasil. Por meio da cessação da entrada de escravos, o Valongo passa a ser inativado em 1831, bem como toda infraestrutura de comércio escravo nas redondezas. Essa zona foi destruída pelas autoridades com fim de apagar as lembranças da “cidade negra”. Apesar do fim do Cais do Valongo, o contexto escravocrata permearia durante muitos anos no Rio de Janeiro e no Brasil.

Pode-se dizer que o tratado assinado em 1931 foi uma condição imposta para que o país pudesse ter sua independência reconhecida. No período da Independência a colônia dependia integralmente da mão de obra escrava, não podendo por a lei em prática de forma tão rápida. Caso a lei entrasse em vigor imediatamente, a economia poderia entrar em crise, levando a colônia ao fracasso. Por isso, se estabeleceu um prazo de preparação para o momento pós escravidão, que se estendeu durante anos mesmo com a independência concedida pelos ingleses. A ineficácia da lei e o auge do comércio de escravos fez com que a lei ficasse conhecida como “Lei para inglês ver”, pois não foram tomadas medidas concretas para implementá-la.⁹⁹

Diversos projetos abolicionistas, como a lei de 1931, culminaram apenas em 1888 na promulgação da Lei Áurea, projeto que extinguiu a escravidão no Brasil. Esse projeto foi aprovado no então Senado Imperial e posteriormente levado a sanção da princesa Dona Isabel.

A Princesa Imperial Regente, em nome de Sua Majestade o Imperador, o Senhor D. Pedro II, faz saber a todos os súditos do Império que a Assembleia Geral decretou e ela sancionou a lei seguinte:

Art. 1.º: É declarada extinta desde a data desta lei a escravidão no Brasil.

Art. 2.º: Revogam-se as disposições em contrário.

*Manda, portanto, a todas as autoridades, a quem o conhecimento e execução da referida Lei pertencer, que a cumpram, e façam cumprir e guardar tão inteiramente como nela se contém.*¹⁰⁰

O fim da escravidão no Brasil deixou heranças que ficaram enraizadas na população e na estrutura do Brasil. Logo após a libertação dos escravos, se deu início a segregação dos libertos no mercado

⁹⁸ MORAES, Renato Figueredo; A escravidão e seus locais de memória – O Rio de Janeiro e suas “maravilhas”; Revista ODEERE; Universidade do Estado do Rio de Janeiro UERJ; p.41; Disponível em: <http://www.pretosnovos.com.br/dropbox/textos/publicados/5960-22044-1-PB.pdf>

⁹⁹ DO AMARAL, Flávia Camapany; A Lei de 1831: debates sobre os escravos africanos e suas representações; referido por ABREU, Marta; 2011; p.59

¹⁰⁰ A lei n.º 3.353, (cujo projeto de lei foi apresentado à Câmara dos Deputados por Rodrigo Augusto da Silva, ministro dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas e interino dos Negócios Estrangeiros, deputado e depois senador) de 13 de maio de 1888.

de trabalho.¹⁰¹ A falta de auxílio àqueles que antes foram submetidos aos seus donos, resultou numa massa sem grandes perspectivas de vida. Para além da falta de oportunidades, a população “preta” e “parda” surge na imprensa a partir de 1888 como indivíduos marginalizados.

No Rio de Janeiro, o trabalho exercido pelos emancipados seguiram no contexto da exportação de produtos primários, semelhantes ao período da escravidão. Os trabalhos que se repetem com alguma frequência não deixam de revelar o caráter subalterno do trabalhador negro. Eram principalmente trabalhadores em casa de família, estivadores, operários, serventes de pedreiro, vendedores/ambulantes, carregadores, lavradores, cozinheiros, empregados em padaria ou em taverna, trabalhadores da estrada de ferro, entre outros.¹⁰²

Não obstante a economia brasileira dos séculos XIX e XX ocupasse um lugar inferior em comparação com a Europa e América do Norte, a exportação brasileira cresceu exponencialmente. Esse crescimento estimulou a economia urbana e crescimento do Rio de Janeiro, que era uma das principais rotas de exportação junto com Santos, Recife e Belém. O crescimento desses centros urbanos fez com que ex-escravos e seus descendentes optassem muitas vezes em permanecerem nas cidades independente das condições oferecidas. Isso fez com que essa população buscasse formas coletivas de moradia no centro das cidades, resultando em respostas opressoras por conta do estado.

No Rio de Janeiro, o século XIX foi marcado por uma crise habitacional proveniente das migrações locais e internacionais. Em apenas duas décadas a população cresceu 120% passando de 235 mil para 520 mil habitantes. Na mesma época, o aumento do número de domicílios ficou em 74%.¹⁰³ O problema da habitação era, todavia, esquecido pelo poder público. Durante o governo do prefeito Pereira Passos, entre 1902 e 1906, a cidade passa por reformas radicais que visam o embelezamento da cidade e o esquecimento da população emancipada. A partir desse momento de segregação espacial da cidade do Rio de Janeiro, começa o processo de favelização do território carioca. Esse processo é contextualizado a partir da abolição da escravidão indo até os dias de hoje, servindo de base para a intervenção a ser aqui proposta.

¹⁰¹ RIOS, Ana Maria e MATTOS, Hebe Maria; O pós abolição como problema histórico: balanços e perspectivas; Revista Topoi Volume 5; 2004; p.170; Disponível em: http://www.revistatopoi.org/numeros_antiores/Topoi08/topoi8a5.pdf

¹⁰² BARBOSA, João Paulo; O pós abolição no Rio de Janeiro: Representações do negro na imprensa (1888-1910); Dissertação de mestrado; Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; 2016; p.86 Disponível em: http://www.unirio.br/cch/escoladehistoria/pos-graduacao/ppgh/dissertacao_joao-paulo-barbosa

¹⁰³ SOUZA, Jailton e BARBOSA, Jorge Luiz; Favela: Alegria e dor na cidade; SENAC-RIO; 2005; p.25



Figura 42: Senhora com dois escravos no Rio de Janeiro- símbolo de status.



Figura 43: Manchete de jornal no dia seguinte à declaração do fim da escravidão no Brasil em 13 de maio de 1888.



Figura 44: Missa campal celebrada em função da Abolição da Escravidura no Brasil, 1888.

3.2 O Governo Pereira Passos e origem das favelas

A partir da eleição de Pereira Passos para a prefeitura do Rio de Janeiro, a cidade passara a ser palco de grandes reformas. O prefeito eleito no ano de 1902 começou um processo de urbanização e exclusão no tecido da cidade, tratando as classes sociais como inimigos da cidade. As providências higienistas e modernizadoras partiram do governo do então presidente Rodrigues Alves, e resultaram por causar efeitos que guiam o crescimento das cidades brasileiras até hoje.

No começo do século XX, a habitação popular no Rio de Janeiro era baseada na proximidade do centro da cidade. Frente a escassez de moradias, pequenos imóveis eram transformados em habitações coletivas que tendiam a abrigar o maior número de quartos possíveis. Essas construções eram residência de várias famílias dentro de uma mesma área e foram apelidadas de cortiços.

“Cortiço: Habitação coletiva, geralmente constituída por pequenos quartos de madeira ou construção ligeira, algumas vezes instalados nos fundos dos prédios e outras vezes uns sobre os outros; com varandas e escadas de difícil acesso; sem cozinha, existindo ou não pequeno pátio, área ou corredor, com aparelho sanitário e lavanderia comum”¹⁰⁴ (BACKEUSER, 1906)

Os cortiços eram conhecidos como lugares marginalizados, sujos e com concentração de doenças como febre amarela, peste e cólera. A população nobre do Rio de Janeiro via essas moradias como um risco para a vida social na cidade, visto que seus moradores eram identificados como “capoeiristas, ladrões, meretrizes e assassinos”¹⁰⁵ (Abreu 1986). Essa visão do cortiço, além de ser representada frequentemente na imprensa, também era abordada na literatura brasileira. O livro “O cortiço” de Aluísio de Azevedo narra o cotidiano e as péssimas circunstâncias das habitações populares do Rio de Janeiro, além de retratar de forma crítica o posicionamento do prefeito Pereira Passos diante do assunto.

“E naquela terra encharcada e fumegante, naquela umidade quente e lodosa, começou a minhocar, a esfervilhar, a crescer, um mundo, uma coisa viva, uma geração, que parecia brotar espontânea, ali mesmo, daquele lameiro, e multiplicar-se como larvas no esterco.”¹⁰⁶

¹⁰⁴ BACKEUSER, Everardo; “Habitações Populares: Relatório apresentado ao exmo. Sr. Dr. J.J. Seabra”; referido por SILVA, Natália Afonso; 2018; p.13

¹⁰⁵ ABREU, Maurício de Almeida; Evolução urbana do Rio de Janeiro; referido por SOUZA, Jailton e BARBOSA, Jorge Luiz; 2005; p.25

¹⁰⁶ AZEVEDO, Aluísio; O cortiço; Edição Martin Claret; 2012



Figura 45: Cortiço no começo do século 20, Rio de Janeiro.

Dada a problemática da habitação no Rio de Janeiro, Pereira Passos iniciou uma reforma no tecido urbano, espelhando-se no modelo europeu e especificamente em Paris. Acreditava-se que essas medidas de embelezamento baseada nos padrões europeus pudesse refletir na renovação dos ideais da sociedade carioca. Essas reformas tinham como principal objetivo o embelezamento da cidade e não a solução dos problemas sociais. Para os governantes, o centro da cidade deveria passar a ser um lugar que representasse a nobreza e os valores das classes dominantes.

Esse ponto de partida elitista fez com que as reformas tivessem um caráter totalmente higienista, removendo a população e as habitações que remetiam a sujeira e pobreza. Inúmeras habitações coletivas foram demolidas e suas fachadas coloniais, tidas como principais responsáveis pela falta de higiene e saneamento, que impactavam de maneira negativa a arquitetura do Rio de Janeiro, visto cada vez mais como uma “terra de contrastes”.¹⁰⁷ Essas decisões autoritárias tiveram ajuda de Oswaldo Cruz, médico e sanitarista responsável em higienizar e extinguir as doenças relacionadas a população pobre dos cortiços.

Oswaldo Cruz associava as estreitas ruas coloniais, lotadas de comércio informal e habitações, às péssimas condições de saúde da maioria da população. Portanto, o médico teve papel importante no movimento de higienização da cidade, atribuindo um método completamente autoritário. Para além da demolição dos conjuntos habitacionais, Oswaldo Cruz determinou a vacinação obrigatória de determinados grupos sociais. Apesar da medida, maioria da população submetida a vacinação não acreditava na eficácia do tratamento, revoltando-se contra a imposição do poder público. Assim, nasceu a Revolta da Vacina (1904), motim popular idealizado por aqueles que até então não tinham nenhuma participação política ou espaço de expressão.

¹⁰⁷ ABREU, Maurício de Almeida; Evolução urbana do Rio de Janeiro; referido por SILVA, Natália; 2018; p.14

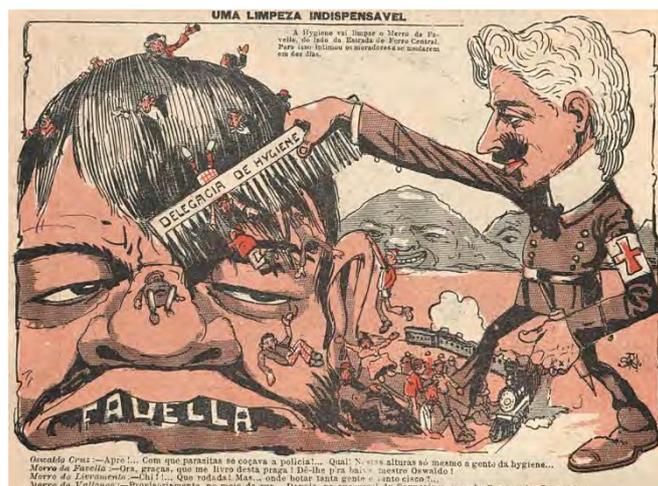


Figura 46: Caricatura de Oswaldo Cruz passando um “pente fino” na sujeira do Rio de Janeiro.

Além da vacinação da população marginalizada, era necessário remover os focos da insalubridade carioca. Dessa forma, deu-se origem a operação “Bota Abaixo”, que promovia a extinção dos cortiços através de decretos, força policial e outras ferramentas públicas que tornassem as desapropriações um ato político. As autoridades públicas chegaram a sugerir o deslocamento daquela população “para os arredores da cidade em pontos que passem trens e bondes”.¹⁰⁸

A partir da operação “Bota Abaixo”, o saneamento passou a ser não só urbano, mas também social, e sobretudo visava o controle do espaço e a criação da cidade burguesa, assim como acontecera em Paris, com o Haussmann.¹⁰⁹

*“a legislação que regulava a construção e reformas de prédios, bastante restritiva, liberava ‘construções em morros’. Curiosamente, embora se proibissem construções de madeiras em quase todas as ruas centrais, abria-se uma exceção para os morros ‘que ainda não tivessem habitações e mediante licença’”.*¹¹⁰

Com a liquidação dos cortiços no centro do Rio de Janeiro, grande parte da população começou a transferir-se para o Morro da Providência, participando da formação da primeira favela do Rio de Janeiro: o Morro da Favella. Com as reformas de embelezamento e a liberação para construção nas escarpas da cidade, o êxodo do asfalto para o morro foi a única opção restante para os “banidos da cidade”. A partir do “Morro da Favella”, o termo “favela” passou a ser associado à insalubridade, marginalização e pobreza, representando uma substituição dos cortiços.

¹⁰⁸ LEEDS, Anthony e LEEDS, Elisabeth; A Sociologia do Brasil Urbano; referido SOUZA, Jailton e BARBOSA, Jorge Luiz; 2005; p.25

¹⁰⁹ JACQUES, Paola; Elogio aos errantes; 2ª Edição; EDUFBA; Salvador; 2014; p.71

¹¹⁰ ZYLBERBERG, Sonia; Morro da Providência: memórias de “favella”; referido por referido por SOUZA, Jailton e BARBOSA, Jorge Luiz; 2005; p.25

Mesmo com uma frequente cobertura da imprensa, a disseminação das favelas não gerou nenhuma mobilização por parte do poder público. Para o governo, bastava que as favelas ficassem invisíveis aos olhos da burguesia, sem atrapalhar a arquitetura parisiense que emergia no solo carioca. Nesse caso, reconhece-se ao pobre o “direito” de estar no seu lugar, porém fora das áreas de interesse do capital e dos grupos dominantes.¹¹¹ Ainda que fosse concedido o direito de ocupação dos morros nos arredores da cidade, o poder público não reconhece o direito dessa população a partir do momento que essas áreas não recebiam qualquer infraestrutura ou investimento público.

Com as favelas já enraizadas como a “outra cidade” ou a “terra sem lei”, o tecido informal do Rio de Janeiro já nasceu com uma imagem negativa. Em 1909 surge na imprensa o primeiro uso do termo “favela” para retratar essa realidade ainda desconhecida. A Revista Careta publica um artigo de maneira a expor a favela como o inverso da civilização, alimentando o estigma de criminalização da população informal.

A postura sociocêntrica da imprensa e do poder público frente ao fenômeno das favelas pode ser vista como uma preocupação quanto a rápida expansão desses assentamentos no território do Rio de Janeiro. Essa postura de medo e descaso com a nova forma de viver da população menos favorecida surge por conta da distância entre a cidade formal e as favelas, criando um imaginário distorcido até os dias de hoje.

*” Expulsos do centro e impedidos de se assentar até nos locais mais distantes e mais econômicos, os pobres encontraram outra opção na ocupação de morros vazios nas proximidades do centro. A autoconstrução com materiais precários sobre terrenos de propriedade incerta se difundiu rapidamente e a favela começou a fazer notar a paisagem da cidade.”*¹¹²

¹¹¹ SOUZA, Jailton e BARBOSA, Jorge Luiz; Favela: Alegria e dor na cidade; SENAC-RIO; 2005; p.28

¹¹² VAZ, Lilian; Dos cortiços às favelas e aos edifícios de apartamentos — a modernização da moradia no Rio de Janeiro; Análise Social vol. XXIX; 1994; p.588; Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/122337718716iYL2uw3Xe43QN7.pdf>

O RIO DESCONHECIDO

A FAVELLA

Para nós, cariocas de todos os bairros, o Rio de Janeiro é o nosso bairro, a Avenida Central, Botafogo e e os pontos pittorescos celebrados pela admiração embasbacada dos estrangeiros.

Não suspeitamos que dentro do nosso bairro, qualquer que seja o da nossa residencia, uma cidadezinha pobre e exotica floresce ou vegeta, aninhando em sua escura modestia um vasto turbilhão de ambições humanas.

No coração da cidade, mesmo nas proximidades da Avenida Central, existe esse estranho bairro de Santo An-



Uma rua da Favella.



As lavadeiras da Favella, que palestravam enquanto a roupa secava ao sol, dão uma folguinha á palestra e pousam para o nosso photographo.

seus habitantes, os que mais contribuem para a sua escassa nomeada.

Da Favella e bairros congêneres têm saído esses famosos e terríveis Prata Preta, Pula Ventana, Chico Pé de Vento e tantos outros heróis das grandes pugnas eleitoraes e dos formidandos conflictos das tabernas.

A policia, por vezes, exerce a sua vigilancia nesses antros, onde raras vezes penetra a hygiene.

Um director da Saúde Publica, o Dr. Oswaldo Cruz, pretendeu arrazar a um desses bairros mas os seus habitantes desceram, amotinados, para as redacção e a imprensa, ou uma parte della, clamou que se queria destruir o azylo dos pobres, deixando-os sem tecto.

No entanto, apesar de possuir elementos honestos, a Favella é um antro de faccinoras e deve ser arrasado para decencia e hygiene da Capital Federal.

tonio, ha pouco tempo descoberto com espanto e vergonha do Rio modernizado.

A Favella é, dos bairros desconhecidos, o mais fallado graças ás occurrencias que desenroladas alli com frequencia fazem o seu nome figurar nos registros policiaes.

As suas casinholas bizarramente construidas de taboas, de pedaços de caixão, de latas e folhas de zinco dominam um soberbo panorama em meio do qual maravilhosamente avultam o viaducto da Central, a parte da cidade ornada pelas obras do porto e correspondentes avenidas, o Canal do Mangue com as suas palmeiras reaes e as praças e ruas circunvisinhas.

Laboriosamente construidas sobre rocha essas casinholas abrigam numerosas familias, operarios, lavadeiras e até faccinoras que são, entre os



Panorama da Favella, donde se descortina uma vasta e imponente aerea da cidade.

3.3 A evolução das favelas no Rio de Janeiro

O Morro da Favella deu início ao processo de ocupação informal que segue em expansão até os dias de hoje. Até o anos de 1900 as primeiras favelas concentravam-se ao redor do centro do Rio de Janeiro, indicando a importância da residência próximo ao trabalho e a ausência de um sistema de mobilidade coletiva. Segundo Lessa (2005, p.291), “prevalecerão a busca de proximidade com o mercado de subsistência e a redução do tempo de deslocamento em detrimento da densidade e insalubridade nos Ex quilombos, cortiços e favelas”.¹¹³

As primeiras favelas a marcarem presença no tecido do Rio de Janeiro foram: Morro da Favella, Quinta do Caju, Mangueira, Júlio Ottoni e Arreila. Com exceção da favela da Arreila, todas outros assentamentos estavam localizados na região central da cidade. A Arreila, localizava-se no atual bairro do Andaraí, na zona norte da cidade. Essa zona passou a ser ocupada por favelas a partir da inauguração do sistema de elétricos que conectavam a região com o centro.

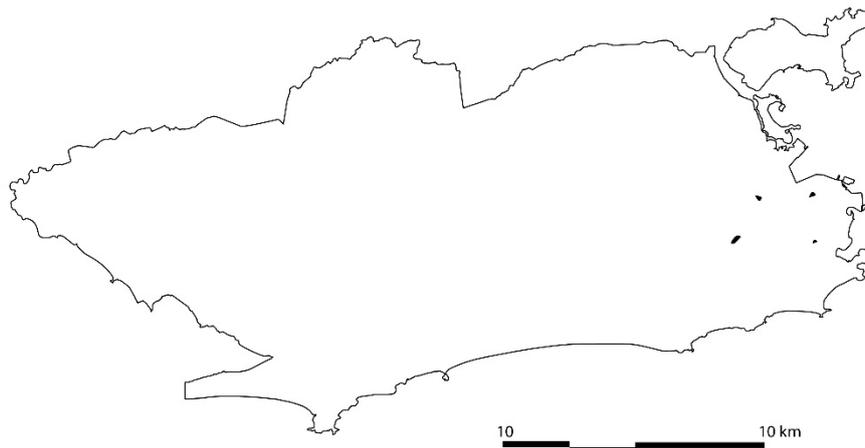


Figura 48: Favelas do Rio de Janeiro até 1900, com base em dados do Instituto Pereira Passos.

Com a total extinção dos cortiços e o crescimento da malha de transporte público, em 1920 a população das favelas já ultrapassava o número de 100 mil pessoas. Segundo Abreu (1994), foi nesse período que o termo favela generalizou-se e passou a representar todos os aglomerados habitacionais de caráter provisório e rudimentar, habitualmente situados em encostas de morros e sem autorização do estado.

¹¹³ LESSA, Carlos; O Rio de todos os Brasis (Uma reflexão em busca de autoestima); referido por SILVA, Marta; 2010; p.62; disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/16168/16168_4.PDF

A acelerada irradiação das favelas no Rio de Janeiro entre 1900 e 1930 surge em simultâneo com a afirmação de São Paulo como a metrópole brasileira da vez. A capital paulista tornara-se uma cidade cosmopolita com a presença de imigrantes alemães, italianos, espanhóis e portugueses. Segundo historiadores, o período da cidade paulista fora conhecido como a “Belle Epoque Brasileira” por conta da grande mudança urbanística e industrial na capital.¹¹⁴

Enquanto isso, o Rio de Janeiro virava palco de manifestações políticas que marcaram o período. As tensões eram grandes nas ruas, os meios de comunicação anunciavam as violentas demonstrações políticas, a carência de urbanização das áreas menos favorecidas e a crise habitacional. Com o aumento das favelas, surgem as primeiras organizações de moradores que deram início a uma luta contra o descaso do poder público. Com isso, surge o medo das classes dominantes em relação ao povo favelado, despertando a necessidade de resolver a questão da presença dos pobres no tecido urbano.

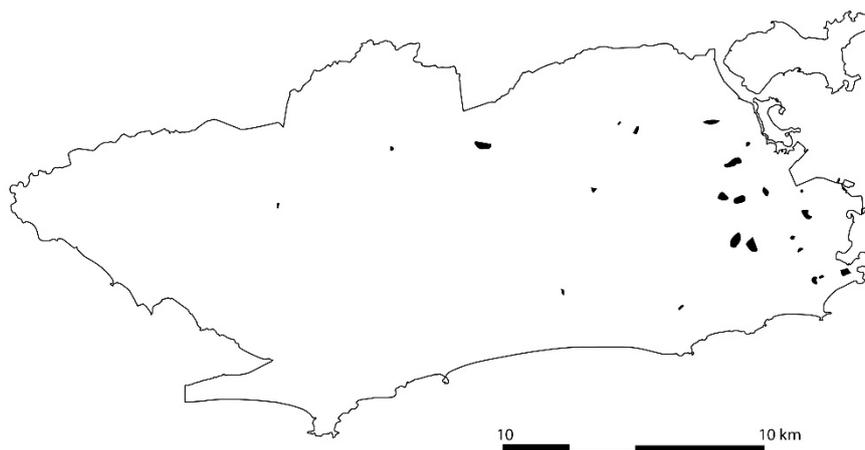


Figura 49: Favelas do Rio de Janeiro até 1930, com base em dados do Instituto Pereira Passos.

À medida que o Rio de Janeiro era visto como uma cidade marcada pelas favelas e classes sociais pobres, surge um plano de reforma para reverter a situação e colocar a cidade em um patamar social superior. O Plano de Reforma Urbana, concebido pelo engenheiro Alfred Agache e apelidado com seu nome foi pensado apoiado na ideia de cidade como organismo. Numa perspectiva funcional, cada parte da cidade pertenceria a um todo que funcionaria simultaneamente. Dessa vez, além da remodelação e do embelezamento, a reforma urbana deveria abranger toda a cidade.¹¹⁵ O propósito do projeto era fragmentar a cidade consoante as funções

¹¹⁴ PROENÇA, Caio; São Paulo na década de 1920: Construção de uma cidade para as elites; Anais do XXI Encontro Estadual de História- ANPUH-SP; Campinas; 2012; Disponível em: http://www.encontro2012.sp.anpuh.org/resources/anais/17/1342564465_ARQUIVO_ResumoUNICAMP2012.pdf

¹¹⁵ SOUZA, Jailton e BARBOSA, Jorge Luiz; Favela: Alegria e dor na cidade; SENAC-RIO; 2005; p.33

de cada área: comercial, industrial e residencial. As residências seriam reunidas em bairros de acordo com o poder aquisitivo dos cidadãos, removendo a população favelada para conjuntos habitacionais próximos às áreas industriais, na zona norte. Essa setorização resultava na segregação do pobre e simultaneamente buscava “civilizá-lo”.

“À medida que as vilas jardins operárias serão edificadas em obediência aos dados do plano, será conveniente reservar um certo número de habitações simples e econômicas, porém higiênicas e práticas, para a transferência dos habitantes das favelas, primeira etapa de uma educação que os há de preparar para uma vida mais confortável e mais normal” (Agache,1930).

Ainda que o plano identificasse de forma pioneira as carências das classes populares, as soluções propostas ainda eram de caráter elitista, similares às ideias de Pereira Passos no começo dos anos 1900. De maneira geral, os objetivos de Agache não eram a favor dos espaços informais, tratando-os como inconveniências à elite civilizada. Em paralelo com o posicionamento elitista de Agache perante as favelas, movimentos culturais como o Modernismo, passam a enxergar as favelas como fonte de cultura.

O retrato do cotidiano da favela começa a surgir através de obras de artistas como Di Cavalcanti e Tarsila do Amaral, que representavam figuras e cotidianos típicos do tecido informal do país.¹¹⁶ A representatividade da favela na arte e na música formara base para a mobilização da população favelada contra o descaso do poder público. O empoderamento da favela fortifica-se à medida que surgem novas políticas públicas que visavam interromper e remover a ocupação informal das favelas.



Figura 50: Morro da Favella, representado por Tarsila do Amaral em 1924.

¹¹⁶ SOUZA, Jailton e BARBOSA, Jorge Luiz; Favela: Alegria e dor na cidade; SENAC-RIO; 2005; p.35

Seguido da Reforma Agache, a década de 1930 representa uma grande mudança no Brasil. A revolução de Getúlio Vargas dá início a um regime autoritário de cunho popular, buscando apoio nas classes pobres. Os fundamentos dessa revolução baseiam-se no processo industrialização e urbanização iniciado na década de 1920 em conjunto com o aumento da voz das massas urbanas. Com as mudanças e estímulos económicos, cresce o fluxo imigratório do Nordeste sentido Sudeste, visto que Rio de Janeiro e São Paulo estavam no foco dos planos de Vargas. Com isso, a crise habitacional se intensifica, levando o tema das favelas à pauta das intervenções do governo.

A partir do governo de Getúlio Vargas, é criado o Código de Obras do Distrito Federal (1937), onde as favelas são reconhecidas como aberração.¹¹⁷ O código estabelecia o fim da construção de novos assentamentos informais, proibia a construção de novas casas nas favelas existentes e por fim, sugeria a substituição das favelas por conjuntos habitacionais. Para além do reconhecimento das favelas, Henrique Dodsworth, interventor do Rio de Janeiro durante o governo Vargas, encomendou o primeiro estudo sobre as favelas da cidade. Liderado pelo médico Victor Tavares de Moura, o estudo buscava levantar informações que resultassem em um plano para a população favelada.

O diagnóstico das favelas resultou no projeto dos Parques Proletários, conjuntos habitacionais de baixa densidade e condições de vida nem um pouco atraentes. Mesmo com o argumento de que as favelas eram insalubres, as casas dos Parques não possuíam banheiro e cozinha individual além da ausência de sistema de esgoto.

“Em geral eram dois cômodos, aproximadamente de 3x3 metros, com portas e janelas largas, servindo para ambos. Os cômodos eram separados por um biombo de madeira de dois metros de altura. As casas eram standardizadas.”¹¹⁸

Considerando as condições das alternativas habitacionais às favelas, surgem em 1945, as primeiras associações de moradores de favelas, em contraponto as políticas de remoção estabelecidas pelo governo de Getúlio Vargas. O fracasso dos Parques Proletários serviu então como ponto de partida para a reivindicação de infraestrutura e assistência nas favelas, criando espaço para manifestação e cobrança. Empoderadas, as organizações populares passaram a preocupar a elite do Rio de Janeiro, que tentaram através de fundações religiosas, controlar a população informal.

¹¹⁷ ZALUAR, Alba e ALVITO, Marcos; Um século de favela; Fundação Getúlio Vargas; Rio de Janeiro; 1998

¹¹⁸ PARISSE, Lucien; Favelas do Rio de Janeiro: evolução – Sentido; SOUZA, Jailton e BARBOSA, Jorge Luiz; 2005; p.39

Já na década de 1950, as favelas despertaram interesse no campo eleitoral, virando um campo eleitoral de extrema importância que até hoje é fator decisivo em campanhas políticas. A partir daí, os partidos estabeleceram laços com líderes comunitários, conquistando votos por meio de promessas. Para além do âmbito político, a “abertura” e representatividade das favelas passou a atrair intelectuais, que passaram a não só frequentar esses espaços como também refletir sobre eles e expressar suas opiniões por meio das artes, música e literatura.¹¹⁹

Com o reconhecimento do poder popular e a mobilização dos moradores de favelas, o governo toma iniciativa que visava a comunicação com as favelas. Em 1956 é criado o SERFHA (Serviço Especial de Recuperação de Favelas e Habitações Anti-Higiênicas, com a proposta de melhoria socio espacial das favelas. Apesar da importância da criação desse órgão, não é registrado nenhuma intervenção positiva em nenhum contexto informal do Rio de Janeiro. Muito pelo contrário, em 1960, com a eleição de Carlos Lessa ao governo da Guanabara, inicia-se um processo de remoção de favelas e relocação de moradores para conjuntos habitacionais.

Até o fim do primeiro mandato de Carlos Lessa, a cidade do Rio passou por um grande processo de crescimento do setor imobiliário, atraindo mão de obra para diversas regiões da cidade, em destaque a zona sul e oeste. Em conjunto com a verticalização da cidade, cresce também a distribuição de favelas, alcançando uma população de mais de 500 mil até o ano de 1970.

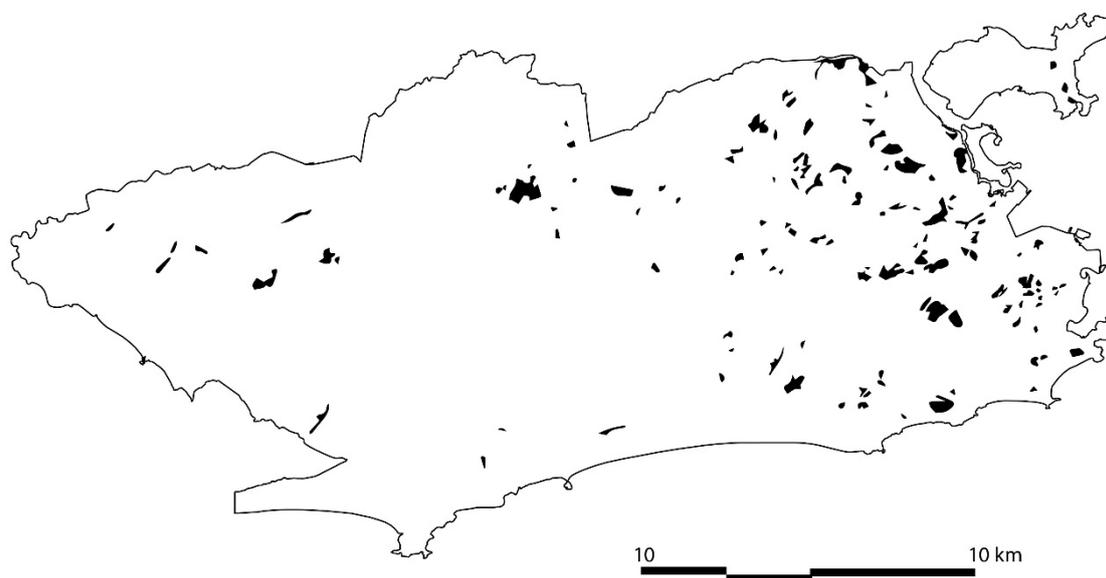


Figura 51: Favelas do Rio de Janeiro até 1964, com base em dados do Instituto Pereira Passos.

¹¹⁹ SOUZA, Jailton e BARBOSA, Jorge Luiz; Favela: Alegria e dor na cidade; SENAC-RIO; 2005; p.43

Como observa-se no mapa anterior, a maior concentração de favelas até a década de 1970 era, e ainda é, na Zona Norte da cidade. Pode-se atribuir essa aglomeração pelo fato da Zona Sul da cidade ser a mais valorizada, resultando em mais ações remocionistas para a expansão imobiliária. Ademais, a construção de linhas férreas e instalação de indústrias nessa região atraiu novos moradores e resultou na formação de novos assentamentos informais.

Favelas do Rio de Janeiro em 1970			
Zona	Número de favelas	População total	População favelada da cidade por zona (em%)
Zona Centro (I, II, III e XXIII R.A)	15	61.983	10,97
Zona Sul (IV, V e VI R.A)	27	68.270	12,08
Zona Norte (VII, VIII, IX, X, XI, XII, XIII, XIX, XV e XX R.A)	99	383.724	67,90
Zona Suburbana e Periférica (XVI, XVII, XVIII, XIX, XXI, XXII e municípios do antigo Estado do Rio)	21	63.970	11,32
TOTAL	162	565.129	100,0

Figura 52: Favelas e população em 1970, adaptado de Valladares (1980, p.98 e 43)

Com o Golpe Militar de 1964, deu-se início a uma explosão na quantidade de remoções provenientes do governo autoritário que viria a substituir o populista de Vargas. Assim, as organizações populares passaram a agir na clandestinidade, realizando eventos como o Congresso da Federação de Favelas do Estado da Guanabara (FAFEG). Mas, apesar do fortalecimento dessas associações informais, o regime autoritário favoreceu o aceleração das remoções e construções de conjuntos habitacionais.

Segundo Valladares (1980), entre os anos de 1962 e 1973, cerca de 140 mil pessoas foram transferidas para conjuntos residenciais. Essa atuação do governo teve impactos sociais de grande dimensão: redes sociais desfeitas e proximidade do local de trabalho, que proporcionava uma economia com o transporte, não existia mais.¹²⁰ A população favelada passou a viver num contexto totalmente diferente daquele construído por eles mesmos nos assentamentos, deixando para trás investimentos e esforço na construção de suas casas.

Para além das remoções, as décadas de 1970 e 1980 foram particularmente difíceis para a cidade do Rio de Janeiro, dentro da lógica econômica do país, pois a cidade passou por um esvaziamento político e econômico devido à transferência da capital para Brasília.¹²¹

¹²⁰ SOUZA, Jailton e BARBOSA, Jorge Luiz; Favela: Alegria e dor na cidade; SENAC-RIO; 2005; p.48

¹²¹ SIVAL, Marta Nascimento; A Favela como expressão de conflitos no espaço urbano do Rio de Janeiro; Dissertação de Mestrado de Geografia do Centro de Ciências Sociais da PUC-Rio; 2010; p.79; Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/16168/16168_1.PDF

3.4 A urbanização do tecido informal carioca

No final da década de 1970, com o enfraquecimento do Regime Militar e a volta da democracia, passou-se a ter mais esperança frente as favelas e o fim das remoções. Na primeira metade da década de 1980, surge um novo posicionamento político, que considerava urgente resgatar a dívida social com a população de aglomerados informais. O processo de democratização acabou por dar um novo impulso as organizações nas favelas, implicando numa maior organização em torno das reivindicações estruturais.¹²² As reivindicações passaram a surgir em cima do pretexto da degradação da paisagem do Rio de Janeiro, sustentando a necessidade do embelezamento e democratização do acesso a infraestrutura e lazer.

No estado do Rio de Janeiro, uma das propostas de Leonel Brizola, eleito para o governo do estado em novembro de 1982, era transformar as favelas em bairros populares.¹²³ Na altura, foram feitos testes de urbanização em trechos das favelas do Pavão-Pavãozinho e Cantagalo, ambas em encostas da zona sul carioca. Esse projeto foi realizado entre 1984 e 1986, beneficiando cerca de doze mil moradores, através da introdução de infraestruturas, mobilidade e habitação para moradores relocados por conta das obras.

A iniciativa do então governador Leonel Brizola criou raízes para a formulação do Programa Favela Bairro em 1990. Essa iniciativa da Prefeitura do Rio sob o comando de Cesar Maia (1993-96) visava formalizar o reconhecimento do tecido informal da cidade, estabelecendo metas que atendessem as demandas da população das favelas. Após o mandato de Cesar Maia, o programa passou a ser aprimorado e chegou a ser subdividido em três categorias que diferenciavam as favelas através de suas escalas.

Atualmente, o programa encontra-se na sua quarta fase (2017-2020), contando com investimentos de até 300 milhões de reais para melhoria de 16 favelas e aproximadamente 40 mil famílias. Segundo a prefeitura do Rio de Janeiro, essa nova fase iniciada em 2017 irá criar mais de três mil empregos até o ano de 2020 e concedendo a propriedade aos moradores dessas localidades.¹²⁴ Para além dos investimentos em obras, a Prefeitura do Rio também instalou Postos de Orientação Urbanística e Social (POUSOs) em áreas beneficiadas pelo programa. Essas unidades são centros cívicos que atuam na integração do tecido informal com o formal, tentando consolidar as favelas

¹²² SOUZA, Jailton e BARBOSA, Jorge Luiz; Favela: Alegria e dor na cidade; SENAC-RIO; 2005; p.51

¹²³ LEITÃO, Gerônimo e DELECAVE, Jonas; O programa Morar Carioca: novos rumos na urbanização das favelas cariocas? O Social em Questão – Ano XVI; Rio de Janeiro; 2013; p.268; Disponível em: <http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/11artigo29.pdf>

¹²⁴ Prefeitura retoma programa Favela-Bairro com investimentos até 2019; Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro; 28 de julho de 2017; Disponível em: <http://prefeitura.rio/web/guest/exibeconteudo?id=7203186>

como bairros. As POUSOs possuem profissionais da área de arquitetura e urbanismo a disposição da comunidade para consultorias e fiscalizações de obras. Isso estimula os membros das favelas a agirem dentro da legalidade ao realizarem alterações ou adições em construções.



Figura 53: Praça do Conhecimento na Favela Nova Brasília, construída através do programa Morar Carioca.

Em contraponto com a atuação do governo em 1980 frente as favelas, a prefeitura do Rio de Janeiro na década de 1990, através do programa Favela-Bairro, buscou ajuda para o desenvolvimento dos projetos previstos para a cidade. Optou-se pela terceirização dos projetos e execução de obras, com a colaboração de gabinetes de arquitetura e instituições acadêmicas. O Favela Bairro' inovou ao valorizar o projeto e ao buscar nesses escritórios a colaboração sobre um tema usualmente restrito aos quadros institucionais, contribuindo para o âmbito profissional e acadêmico da arquitetura.¹²⁵

No meio das equipes envolvidas no programa, destaca-se o arquiteto argentino Jorge Mario Jáuregui, fundador do escritório Atelier Metropolitano. Jáuregui desenvolveu diversos projetos do programa Favela-Bairro e do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC)¹²⁶, sempre tendo o tecido informal como uma ordem complexa e suscetível a intervenção a planejamento através da “escuta da demanda”.¹²⁷

¹²⁵ DENALDI, Rosana; Políticas de Urbanização de Favelas: evolução e impasses; Tese de doutoramento da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo; 2003; p.117; Disponível em: https://www.pucsp.br/ecopolitica/downloads/tes_2003_Politicas_urbanizacao_impasses.pdf

¹²⁶ Criado em 2007 o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) promoveu a retomada do planejamento e execução de grandes obras de infraestrutura social, urbana, logística e energética do país, contribuindo para o seu desenvolvimento acelerado e sustentável. Disponível em: <http://www.pac.gov.br/sobre-o-pac>

¹²⁷ BARBOSA; Antônio; Entrevista com o arquiteto e urbanista Jorge Mario Jáuregui; Revista digital Vitruvius; 2015; Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/16.064/5667>

Para o arquiteto, as intervenções realizadas no programa de urbanização das favelas (Favela Bairro), consistem em quebrar a cisão da "cidade partida" entre o asfalto e o morro, entre formal e informal, mediante a criação e desenho de espaços e âmbitos de uso público, dotados dos atributos da urbanidade (qualificação formal e espacial, equipamentos, serviços e conectividade).¹²⁸

Jorge Mario Jáuregui colaborou com diversos projetos para o programa Favela Bairro, com destaque para o Complexo de Manguinhos e o Complexo do Alemão, que será analisado em seguida para o desenvolvimento da intervenção arquitetônica proposta. Para o arquiteto o programa é uma catalisação de anos de intervenção na cidade do Rio, agora de maneira mais democrática e integradora de dois contextos de cidade totalmente opostos. Além disso, Jauregui defende que o trabalho nas favelas deve ser desenvolvido de maneira interdisciplinar, envolvendo arquitetos, engenheiros, geógrafos, sociólogos, assistentes sociais, entre outros. Para ele, o papel do arquiteto é de coordenar essas diferentes disciplinas, com o intuito de filtrar tudo aquilo que pode resultar em decisões projetuais.

*Hoje em dia, quando se quer intervir em problemas complexos como, por exemplo, o de articular a cidade formal com a cidade informal, a cidade dos fluxos com a cidade dos lugares, é necessário trabalhar de forma coordenada pondo em relação e intercetando diferentes visões e formas de abordar, problemas que vão desde o urbano, ao social, ao económico, ao ecológico, e onde se entrecruzam o ético (isto é, o que tem a ver com princípios), o estético (isto é, o desafio do novo) e o político (o que implica a relação sempre tensa com as estruturas de poder). A abordagem deve ser, claramente, transdisciplinar, quer dizer, deve tender para a busca da coincidência de paradigmas, como mínimo, duas a duas disciplinas. Eu vejo o território das favelas como um "campo adubado", como um lugar onde é possível fazer surgir o novo, rearticulando-o sobre novas bases.*¹²⁹

A arquitetura desenvolvida por Jáuregui nas favelas do Rio de Janeiro diferenciam-se especialmente pela introdução de novos programas de interesse social, de maneira a “construírem cidade”. Essa busca pela introdução de elementos formais em contextos informais acontece especialmente no espaço coletivo. Nas favelas o espaço público e a presença do estado são quase nulos, dessa forma, a introdução de novos programas cívicos e elementos estéticos é feita pelo arquiteto de maneira a respeitar as tradições e o cotidiano das comunidades.

¹²⁸ JÁUREGUI, Jorge Mario; Favelas: Articulação Urbana no Rio de Janeiro; Disponível em: <http://www.jauregui.arq.br/favelas2.html>

¹²⁹ JÁUREGUI, Jorge Mario; Construir a partir do conflito: Entrevista concedida à PINA, José Costa; Disponível em: http://www.jauregui.arq.br/texto_entrevista_jorge.html



Figura 54: Proposta de espaço público no Complexo de Mangueiras, Jorge Mario Jáuregui 2009



Figura 55: Biblioteca do Complexo de Mangueiras, Jorge Mario Jáuregui 2009

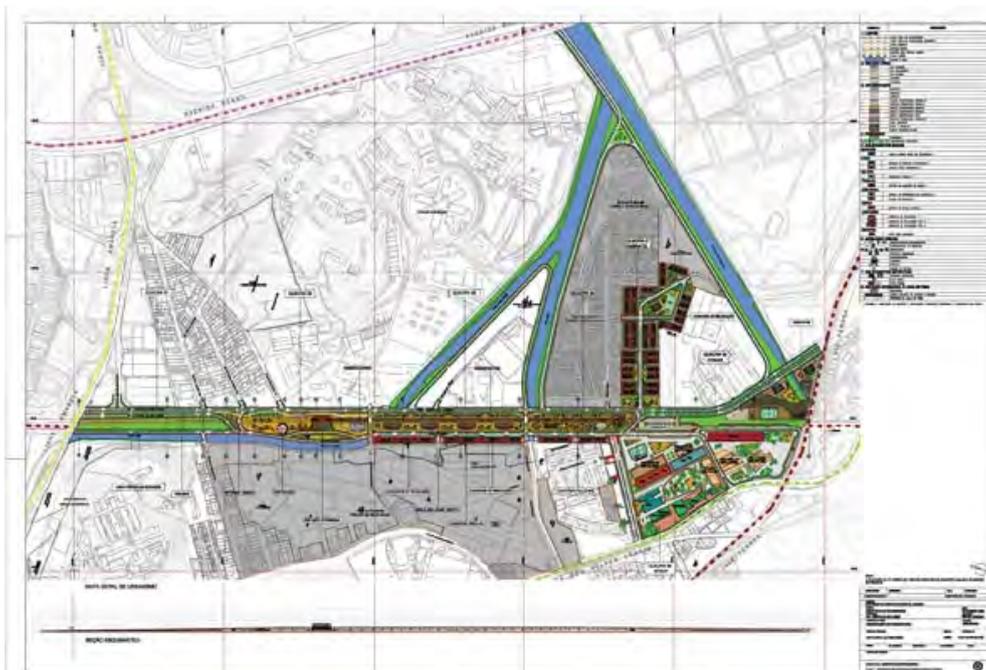


Figura 56: Masterplan para o Complexo de Mangueiras, Jorge Mario Jáuregui 2009

Com o intuito de desenvolver uma intervenção arquitetônica no âmbito das favelas no Rio de Janeiro, apoia-se sobre a obra de Jorge Mário Jauregui como referência de urbanização contemporânea do tecido informal. Nota-se na obras do arquiteto um gesto inicial, ainda em macro escala, de integração do sítio com o entorno, criando relações através das infraestruturas, mobilidade e programa. Para além da relação contextual, a função social da urbanização proposta pelos projetos de Jáuregui torna acessível o sentimento de cidadania, influenciando positivamente na autoestima da população informal.¹³⁰

Dentro da metodologia de trabalho do arquiteto no âmbito das favelas, determina-se para a intervenção a ser desenvolvida no Complexo do Alemão a consideração das seguintes questões como “Partido Urbanístico”:

- Delimitação criteriosa do problema e da área de intervenção,
- Estabelecimento daquilo que se procura resolver,
- Formulação detalhada do programa de necessidades e atuações,
- Previsão da articulação com a envolvente,
- Identificação das dinâmicas e laços sociais existentes,
- Investigação do processo histórico de configuração do contexto,
- Elaboração de um esquema de centralidade linear ou pontual.

Por fim, volta-se para o Complexo do Alemão como área de intervenção a ser analisada no capítulo a seguir. Com o objetivo de criar uma narrativa, retoma-se ao primeiro capítulo para explorar a temática do concurso em desenvolvimento e dar sequência a investigação do tecido informal. O desfecho da narrativa proposta visa, de maneira conclusiva, expor o concurso de arquitetura como forma de investigação prática em contraponto à investigação acadêmica. Vista a abordagem contextual que precede as intervenções de Jorge Mario Jáuregui e a interdisciplinaridade envolvida nos seus projetos, espelha-se na obra do mesmo para desenvolver os próximos dois capítulos.

¹³⁰ JÁUREGUI, Jorge Mario; Favelas: Articulação Urbana no Rio de Janeiro; Disponível em: <http://www.jauregui.arq.br/favelas2.html>

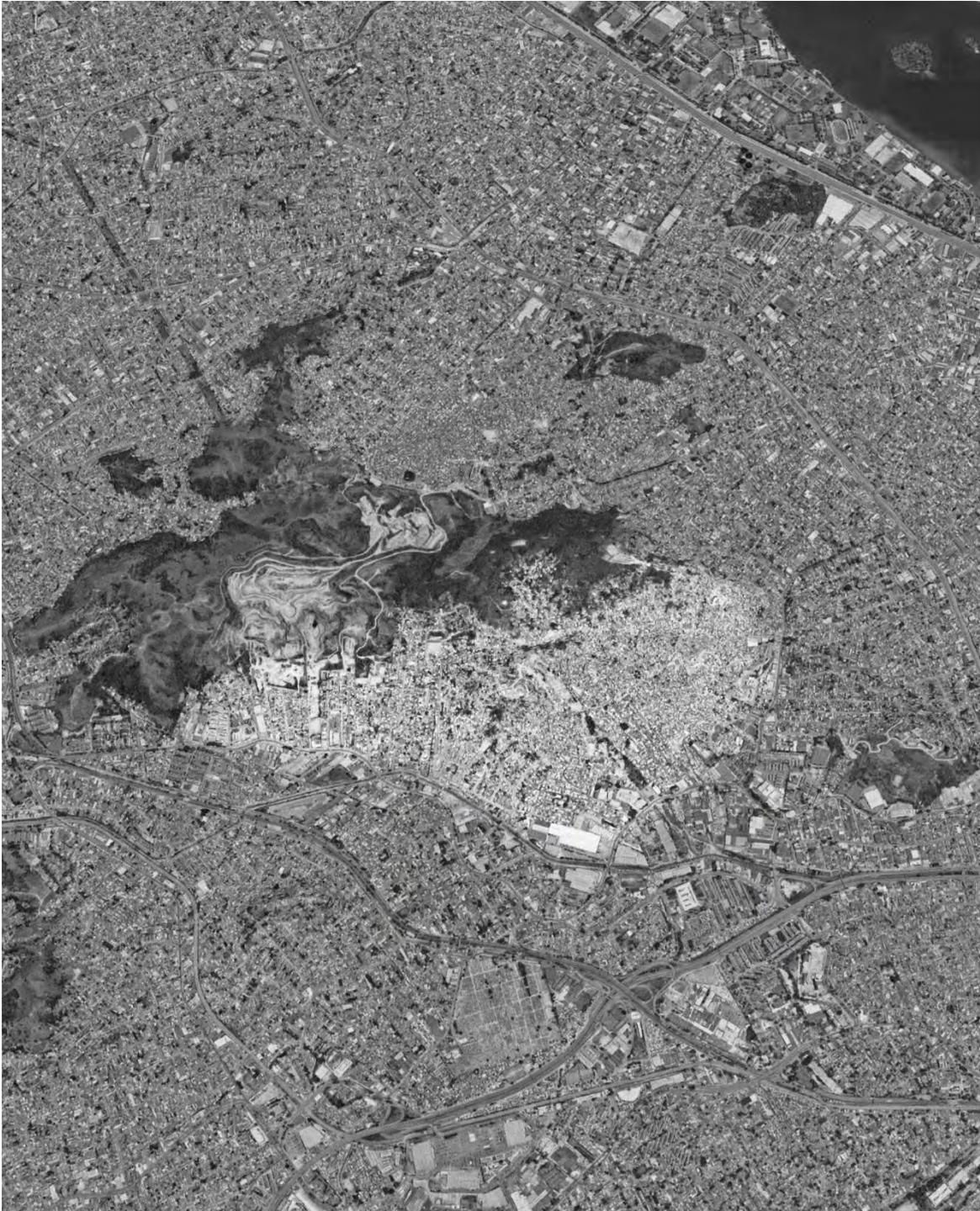


Figura 57: Imagem de satélite do Complexo do Alemão e suas adjacências, Rio de Janeiro.

**Capítulo 4 – Complexo do Alemão:
Contextualização da intervenção**

O conjunto de favelas chamado de Complexo do Alemão é formado por mais de quinze favelas e localiza-se na Zona Norte do Rio de Janeiro. Sendo maioritariamente uma ocupação em escarpas da Serra da Misericórdia, o conjunto abrange os bairros de Bonsucesso, Inhaúma, Olaria, Penha e Ramos. Segundo dados do Censo de 2010¹³¹ elaborado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população do Complexo é em torno de 69 mil moradores. Todavia, deve-se considerar que a população é muito maior, visto que os moradores das favelas que compõem o conjunto costumam informar o bairro que vivem e não a favela, temendo qualquer tipo de preconceito.

Como citado no capítulo anterior, a Zona Norte do Rio de Janeiro representa, desde o surgimento das favelas na década de 1900, uma região de extrema importância econômica e social para o desenvolvimento da cidade do Rio. Com o objetivo de analisar a área do Complexo do Alemão a ser repensada no próximo capítulo, volta-se para a Zona Norte do Rio como ponto de partida para a formação desse conjunto de favelas que surgiu a partir de 1928.

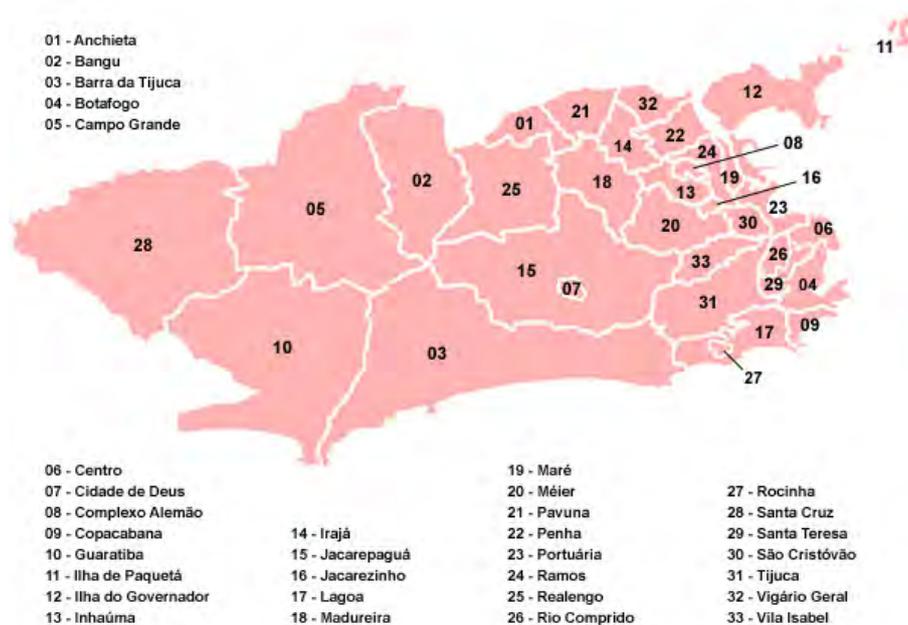


Figura 58: Contextualização da Zona Norte e o Complexo do Alemão

¹³¹ O Censo Demográfico é um estudo para o conhecimento das condições de vida em todos os municípios do Brasil e suas subdivisões. O Questionário Básico da pesquisa investiga informações sobre características dos domicílios (condição de ocupação, número de banheiros, existência de sanitário, escoadouro do banheiro ou do sanitário, abastecimento de água, destino do lixo, existência de energia elétrica etc.); emigração internacional; composição dos domicílios (número de moradores, responsabilidade compartilhada, lista de moradores, identificação do responsável, relação de parentesco com o responsável pelo domicílio etc.); características do morador (sexo e idade, cor ou raça, etnia e língua falada, no caso dos indígenas, posse de registro de nascimento, alfabetização, rendimento mensal etc.); e mortalidade. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/22827-censo-2020-censo4.html?=&t=o-que-e>

4.1 – A Zona Norte

A Zona Norte do Rio de Janeiro, desde o século XVII, teve um papel importante na economia da cidade. A região abrigava diversas áreas de cultivo de frutas, cana de açúcar e verduras, sendo um núcleo de distribuição para exportação e mantimento da cidade. De início, o transporte de mercadorias era feito pela Estrada Real de Santa Cruz, que fazia parte da Rota Real que interligava o Rio de Janeiro a Minas Gerais. Além de servir como via de escoamento das plantações, a Zona Norte estava inserida na rota do ouro que ia em sentido ao centro da cidade.

Com a intensificação das atividades comerciais e rurais na região, no começo do século XIX, a região norte teve seus primeiros bairros formados: Madureira, Anchieta, Irajá e Pavuna. Em 1858, foi inaugurada a linha férrea Central do Brasil (Estrada de Ferro D. Pedro II), e a estação de Madureira data de 1890. Tais fatos trouxeram maior dinamismo e estímulo à ocupação desta localidade.¹³² Com a inauguração da estrada de ferro, a região começou a se intensificar, atraindo imigrantes e moradores que antes estavam concentrados na zona sul e no centro.

Após o surgimento da linha férrea de D. Pedro II, é construída em 1874 uma nova linha secundária que alcançaria o bairro da Pavuna. Assim, a Zona Norte do Rio passara a fazer alusão à região por onde os comboios passavam. Até então essa parte da cidade não era tão densa quanto o centro da cidade, mas até o fim do século XIX anos outras paragens de comboio foram criadas, resultando na formação de novos bairros.

A grande expansão dessa zona ocorreu de forma mais significativa nas primícias do século XX. A Reforma Pereira Passos, como vista no capítulo anterior, resultou num grande êxodo populacional para o norte da cidade. No início dessa reforma nenhum plano foi elaborado para receber o grande número de pessoas retiradas do centro da cidade, restando apenas a alternativa de ocupar o terreno de maneira informal.

Apesar do crescimento das favelas na zona norte no início do século XX, esse época também deu início a inúmeros loteamentos de terras, que antes eram rurais, para construção de novos bairros. De forma a atrair novos moradores, esses bairros planejados eram projetados a partir de parcerias diretas com companhias de elétricos, como foi o caso do bairro do Engenho Novo.

“A concessão de bondes propunha uma linha que ligasse o centro da cidade aos bairros do Engenho Novo e Andaraí Grande. Parte dessa área pertencia à fazenda dos Macacos, propriedade da família imperial. Os concessionários compraram a fazenda, mais ou menos na época em que fizeram o contrato dos bondes para aquela área da cidade, e criaram a Companhia Arquitetônica, que estabeleceu um projeto de loteamento. O bairro projetado seguia o exemplo

¹³² FRAGA, Annelise Caetano e SANTOS, Miriam; Madureira, Capital dos subúrbios (1940-1960): Carnaval e Comércio na produção de uma comunidade imaginada; Iluminuras volume 16; Porto Alegre; 2015; p.12

das cidades européias, com grandes avenidas e construções modernas, e começou rapidamente a se desenvolver.”¹³³



Figura 59: Linha de elétrico da Zona Norte do Rio de Janeiro, década de 1950.

Com a transferência da capital para Brasília, a cidade do Rio de Janeiro precisou de um novo plano para se reestabelecer com Cidade Estado. Em 1965, fora encomendado um novo plano para cidade do Rio de Janeiro. Carlos Lessa, então governador da Guanabara, contratara o arquiteto e urbanista Costantino Doxiadis para repensar as estratégias de urbanismo da cidade. O plano previa o deslocamento da área industrial do Rio para áreas nas zonas Norte e Oeste, em direção ao Porto de Sepetiba, ligando as áreas da cidade através de um sistema rodoviário com vários túneis e as linhas policromáticas (Vermelha, Amarela, etc.) sendo a avenida Brasil um dos eixos principais, onde se instalariam os bairros-proletários.¹³⁴

Conforme estabeleceu o Plano Doxiadis, o estabelecimento de indústrias na zona norte colaborara para a geração de empregos e conseqüentemente a densificação do tecido urbano. Após a concentração da indústria na Zona Norte, surge a proposta de construção de novos bairros operários, particularmente na área da Leopoldina. Essa região fora a primeira parte do norte da cidade a ser loteada e receber infraestrutura básica, criando base para mais de treze bairros que existem até hoje. As favelas já existentes por conta da Reforma Passos cresceram, além de novas que foram surgindo, visto que os conjuntos habitacionais não davam vazão a demanda por moradia. Junto das residências, comércio próprio, feiras livres, escritórios e novas residências vieram a ocupar o cenário da zona norte, frequentado por moradores, em sua maioria

¹³³ VON DER WEID, Elisabeth; O bonde como elemento de expansão urbana no Rio de Janeiro; Fundação Casa de Rui Barbosa; p.13

¹³⁴ RESENDE, Vera; Planejamento urbano e ideologia: Quatro planos para a cidade do Rio de Janeiro; Ed. Civilização Brasileira; 1982; p.62

negros e imigrantes nordestinos que faziam parte da mão de obra operária das fábricas instaladas no entorno.¹³⁵

De acordo com o Instituto de Desenvolvimento da Guanabara (IDEG), as favelas presentes durante o período de industrialização da Zona Norte eram fatores que colaboravam para o êxito das indústrias lá instaladas¹³⁶:

“A ocorrência de favelas nas áreas de maior concentração industrial encerra, sem dúvida, um aspecto benéfico para a atividade fabril, que pode ser traduzido pela possibilidade de captação de mão-de-obra em locais próximos às fábricas (...) O mesmo se pode dizer de certas indústrias, cuja produção sofre efeitos sazonais (alguns setores da indústria alimentar). Neste caso, a relativa proximidade de uma favela se reveste de características extremamente favoráveis, pelas possibilidades que oferece, para uma rápida arregimentação de pessoal, nas épocas em que se torna necessária a intensificação do trabalho.”. (IDEG, 1968: 29).

Considerando a relação direta entre aglomerados informais e a indústria emergente da Zona Norte do Rio, é possível afirmar que o crescimento das favelas nessa região não se deu exclusivamente por conta das reformas urbanísticas de Pereira Passos. A substituição de um novo padrão de economia, acoplado a uma falta de planejamento do estado fez com que o norte do Rio de Janeiro crescesse de maneira descontrolada, formando um tecido urbano diverso.

A Zona Norte perdeu seu posto na liderança industrial da cidade do Rio de Janeiro após a fundação da Zona Industrial de Santa Cruz em 1975, provocando igualmente a sua urbanização, a exemplo da construção de conjuntos habitacionais.¹³⁷ Ainda que tenha perdido seu caráter manufatureiro, a Zona Norte representa um grande polo comercial e logístico da cidade do Rio de Janeiro, ainda contando com grandes construções de caráter industrial.

¹³⁵ MAIA, João Luis e CHAO, Adelaide: Subúrbio carioca: conceito, transformações e fluxos; UCS volume 15; Rio de Janeiro; 2016; p.156

¹³⁶ BRUM, Mario Sergio; Ordenando o espaço urbano no Rio de Janeiro: o programa de remoção da CHISAM e as “utilidades” para os favelados (1968-1973); Encontro Regional da ANPUH-RIO; Rio de Janeiro; 2010; p.06; Disponível em: http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276733458_ARQUIVO_AnpuhRJ2010.pdf

¹³⁷ ROVERE, Renata; Desenvolvimento Econômico Local da Zona Oeste do Rio de Janeiro e seu Entorno: diagnóstico sócio econômico do local; Projeto FAPERJ; UFRJ; Rio de Janeiro; 2007; p.14; Disponível em: http://www.ie.ufrj.br/intranet/ie/userintranet/hpp/arquivos/diagnostico_socio_economico_zona_oeste_v9_com_anexo.pdf

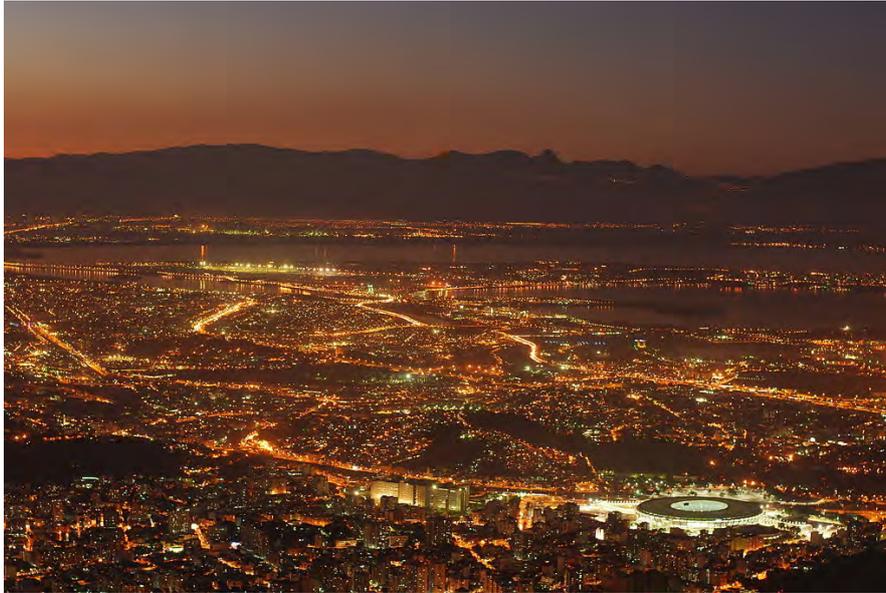


Figura 60: Vista parcial da Zona Norte do Rio de Janeiro.

Em 1981, a prefeitura da cidade do Rio reconheceu a necessidade de organizar o tecido do município em diferentes setores para a coordenação e planejamento do território. Dessa forma, a cidade foi dividida em uma estrutura de APs (Áreas de Planejamento) que pertencem as Regiões Administrativas (RAs) do município. Atualmente o Rio de Janeiro é composto por cinco APs, 33 RAs e 160 bairros. Dentro do contexto da Zona Norte por conseguinte do Complexo do Alemão, interessa a AP3 como setor representativo da região em questão.

A Área de Planejamento 3 representa o norte da cidade, englobando treze regiões administrativas e cerca de 87 bairros. De acordo com o Senso de 2010, a população dessa AP alcançou o número de 2,4 milhões de habitantes, representando cerca de 38% da população carioca. Com o objetivo de ter uma gestão mais eficaz, a prefeitura do Rio de Janeiro fora dividida em subprefeituras de acordo com as APs, sendo a subprefeitura da Zona Norte a responsável pela região aqui investigada.

Tal como visto no capítulo anterior, as favelas do Rio foram espalhadas pelos quatro cantos da cidade ao longo dos últimos cem anos. Com a saturação e elitização do centro da cidade, a região norte fora a primeira opção para as novas ocupações informais. De maneira a aproximarmos do contexto de intervenção, volta-se para a região central da Leopoldina, onde a partir da década de 1920 começou a se formar o que viria ser um dos maiores conjuntos de favelas do Brasil: O Complexo do Alemão.

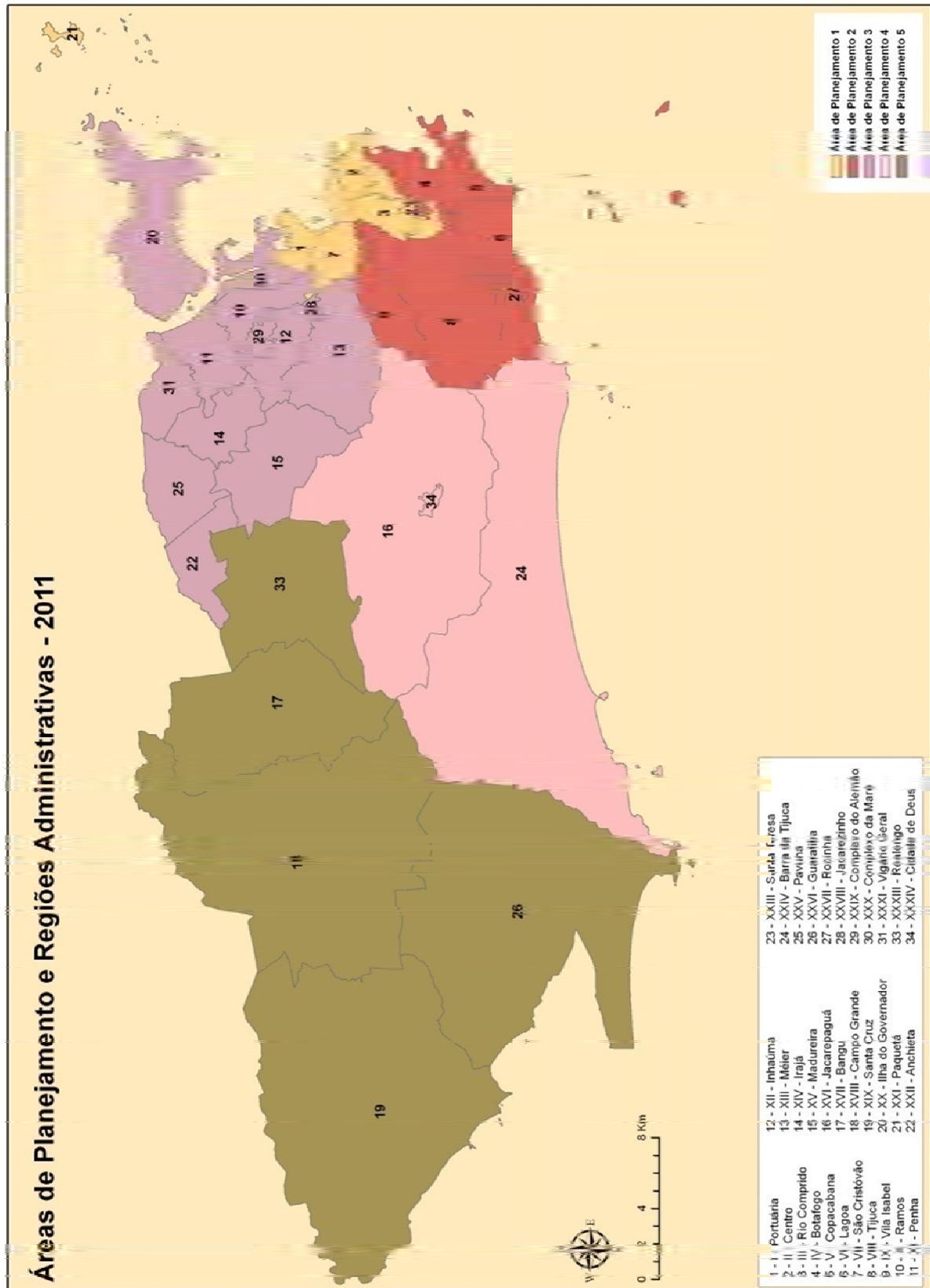


Figura 61: Mapa da Áreas de Planejamento do Rio de Janeiro.

4.2 – Histórico de ocupação do Complexo do Alemão

A partir do loteamento de terras agrícolas na década de 1920 surge o processo de ocupação que hoje representa o Complexo do Alemão. De acordo com especialistas, é difícil traçar uma única história sobre a formação do conjunto de favelas, visto que esse aglomerado se formaram ao longo de um período de diversos acontecimentos históricos ligados à história da cidade.

De acordo com o Sistema de Assentamentos de Baixa Renda (SABREN)¹³⁸, a origem do Complexo fora a favela Joaquim de Queiróz em 1928. Esse aglomerado surgira de propriedade rural de aproximadamente 87 hectares, que representa grande parte da atual favela do Morro do Alemão. Outra fazenda, de cerca de 70 hectares, no início do século XX já estava sendo fracionada para loteamento e hoje representa a área da favela Nova Brasília e favela do Itararé.

Em 1946, com o projeto de abertura da Avenida Brasil e o desenvolvimento industrial da região, trabalhadores e imigrantes passaram a escolher o Complexo como opção estratégica e econômica de moradia. Diante da transformação da região na década de 1950, o crescimento acelerado das favelas se originou nas favelas Nova Brasília e Joaquim de Queiroz, que ao terem um grande crescimento populacional resultaram na formação de novas comunidades.

O Morro do Alemão, recebeu tal nome desde os primórdios do seu povoamento. O imigrante polonês Leonard Kcmarkiewicz comprou grande parte dos terrenos da Serra da Misericórdia para o loteamento que deu origem a favela.¹³⁹ Devido ao estranhamento dos moradores da região frente ao sotaque e nome do imigrante polonês, o conjunto de favelas fora apelidado de “alemão” e posteriormente reconhecido pela prefeitura da cidade.

“Anos 20 do século passado, período de poucas oportunidades em uma Europa destruída após o fim da Primeira Guerra Mundial. O polonês Leonard Kcmarkiewicz decide mudar-se para o Brasil. Escolhe o Rio de Janeiro para fazer sua vida e aqui compra uma vasta extensão de terra na Serra da Misericórdia, formação geológica na zona norte da cidade, vegetação abundante e com muitas nascentes de água límpida. Até os anos 40 as terras de Kczmarkiewicz formavam uma grande fazenda, com cerca de 3 km², limitadas pelos bairros de Bonsucesso, Inhaúma, Ramos, Penha e Olaria. Algumas indústrias começaram a se instalar na região, como a Cortume Carioca na Penha, que nos anos 50 chegou a ser a maior indústria de curtição e fabricação de produtos de couro das Américas e a segunda maior do mundo, empregando até 3 mil pessoas. Aos poucos, a área foi desmembrada e vendida em lotes. Os principais compradores eram trabalhadores das indústrias que se instalaram por ali.” (texto do PAC, 2009)

¹³⁸ Órgão público que surgiu do Cadastro de Favelas da Cidade do Rio de Janeiro em 1983, que, formou um banco de dados que guardava informações qualitativas e quantitativas sobre as favelas do Rio, muitas delas obtidas por meio de entrevistas realizadas com antigos residentes e líderes comunitários. Disponível em: <https://www.arcgis.com/apps/MapJournal/index.html?appid=4df92f92f1ef4d21aa77892acb358540>

¹³⁹ VELLOSO, João Paulo e PASTUK, Maria; Favela como oportunidade: plano de desenvolvimento de favelas para sua inclusão social e econômica; Editora Fórum Nacional; Rio de Janeiro; 2013; p.188

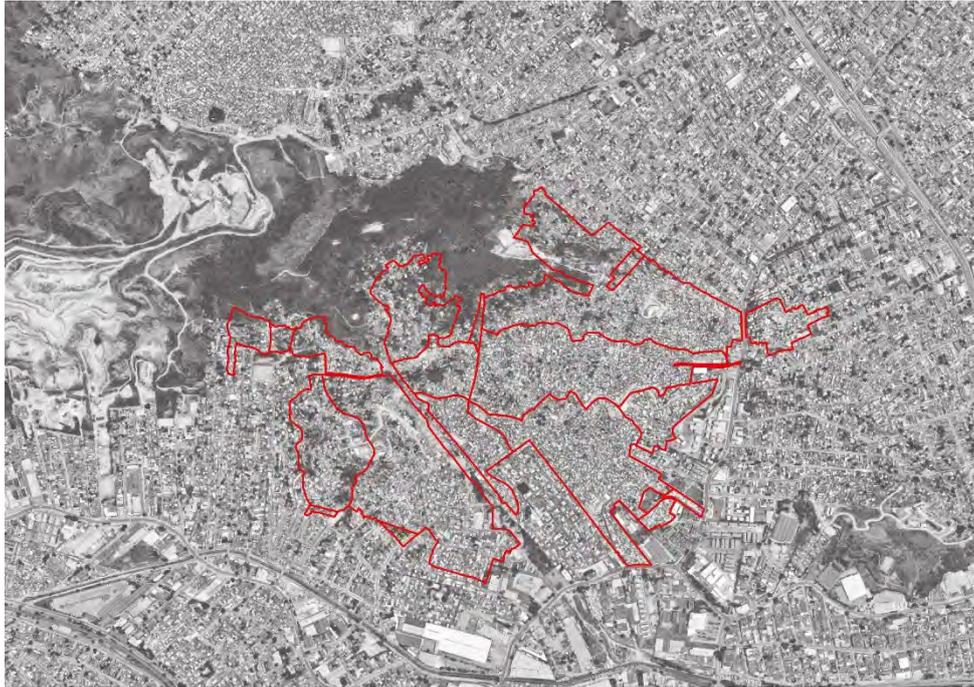


Figura 62: Atual organização das favelas do Complexo do Alemão.

A região oeste do Complexo é marcada por um terreno divisório, separando oeste e leste. Essa faixa de terra fora vendida ao Instituto Brasileiro de Microbiologia e posteriormente, em 1938 revendido para a companhia Light de energia. Atualmente a barreira ainda é visível no tecido do complexo, separando a favela Nova Brasília da favela Parque Alvorada.

Diversas outras ocupações e loteamentos deram origem a outras favelas do Complexo nas décadas de 1970 e 1980. Esse período deu início a um tópico de discussão que representa a imagem das favelas até os dias de hoje: a questão da violência. Esse cenário tomou forma com as atuações de fações criminosas associadas ao tráfico de drogas, que assumiria controle das favelas a partir dessa década.¹⁴⁰

Com o crescimento de ações criminosas no Complexo do Alemão e em todo o Estado do Rio de Janeiro, inicia-se uma série de intervenções políticas e militares nas favelas. O posicionamento do poder público e da imprensa diante desses confrontos não levou em consideração a população inocente desses contextos, aumentando o preconceito com o povo favelado. A identificação das favelas com a questão da criminalidade se perpetuará durante a década de 2000, configurando-se como um importante elemento da relação entre essas e a cidade.¹⁴¹

¹⁴⁰ MISSE, Michel; As ligações perigosas: mercado informal ilegal, narcotráfico e violência no Rio; Contemporaneidade e educação vol.1; Rio de Janeiro; 1997; p.05; Disponível em: https://violenciaedesigualdadesocial.files.wordpress.com/2015/04/misse_ligac3a7c3b5es-perigosas_mercado-ilegal-e-violc3aancia.pdf

¹⁴¹ VELLOSO, João Paulo e PASTUK, Maria; Favela como oportunidade: plano de desenvolvimento de favelas para sua inclusão social e econômica; Editora Fórum Nacional; Rio de Janeiro; 2013; p.190

Após uma série de assassinatos e conflitos armados, é criado no ano de 2008 o programa das Unidades de Polícia Pacificadora (UPP). Esse programa baseia-se em um modelo de policiamento comunitário, com uma ideia de reconquista dos espaços tomados pelo crime. As unidades tinham como objetivo a aproximação da população com o estado, mas mesmo assim foram alvos de críticas por conta da maneira que atuam. A instalação das UPPs no Complexo do Alemão duraram cerca de dois anos, marcados por intensos conflitos e apreensão de vários membros da organização criminosa dominante.

Em 2012 foram inauguradas as primeiras UPPs do Alemão, permanecendo no território até hoje. Apesar do impacto positivo na imprensa, a ocupação da polícia ainda divide opiniões, principalmente de organizações não governamentais que atuam no Complexo. Vale considerar, todavia que tal ocupação se torna necessária muito em função de décadas de abandono por parte do Estado, sempre negligente em conceber e executar política públicas estruturantes para esse, que promovessem o desenvolvimento comunitário e a inclusão social e produtiva dos respetivos moradores não raro criminalizados pela situação de pobreza que vivem.¹⁴²



Figura 63: Protesto contra a atuação violenta da polícia militar no Complexo do Alemão, Rio de Janeiro 2015.

¹⁴² VELLOSO, João Paulo e PASTUK, Maria; Favela como oportunidade: plano de desenvolvimento de favelas para sua inclusão social e econômica; Editora Fórum Nacional; Rio de Janeiro; 2013; p.193

4.3 – As dinâmicas do território: cultura ofuscada pela violência

Diante do contexto do Complexo do Alemão, pode-se identificar diversas fontes de atuação sob o território. Mas considerando que formação desse tecido informal se deu exclusivamente por iniciativa popular, cabe aqui ressaltar o poder de construção física e simbólica dos moradores dessa área. O desenvolvimento da urbanização das favelas do Alemão originou-se principalmente a partir da atuação comunitária, ainda que nem tudo reivindicado seja atendido por parte do poder público.

Nessa perspectiva, observa-se as primeiras iniciativas públicas durante as décadas de 50 e 60. Ainda de maneira pontual e desarticulada, pequenas melhorias foram feitas no âmbito do saneamento e iluminação. Por isso, muitas ruas foram urbanizadas por conta dos moradores, que se reuniam e planejavam as operações. Assim, em 1960 surge a primeira organização de moradores, dando mais voz para a reivindicação de investimentos na região.

As décadas seguintes foram marcadas por articulações entre moradores e candidatos e políticos, que viram um público eleitoral de muito potencial nas favelas cariocas. Esses políticos colaboravam na realização de forças tarefa através da doação de alimentos, brinquedos, remédios e até materiais de construção, visando uma compra de votos indireta. Na década de 1980 os mutirões passaram a ser organizados pelo poder público, através de obras mais planejadas, com a construção de equipamentos público e saneamento básico, contando com mão de obra local.¹⁴³

Passada a década de 1980, o Rio de Janeiro entra em uma crise sócio econômica guiada principalmente pelo crescimento do tráfico de drogas e conseqüentemente pelo aumento da violência. Dessa forma, as décadas de 1990 e 2000 foram marcadas por uma repercussão negativa das favelas, resultante da forma de abordagem da imprensa e da própria forma atuação da polícia. Frente a exposição dos moradores do Complexo à violência e marginalização, ONGs começaram a atuar nas favelas com o objetivo de inserir os moradores num contexto social e econômico digno de um civil como qualquer outro da cidade.

A atuação de organizações dentro das favelas do Alemão, além de confortar os moradores diante do cenário de violência, colaborou para a formação e divulgação de diversas manifestações culturais existentes na região. Como registrado no capítulo anterior, desde a década de 1930, intelectuais e artista observaram um grande potencial artístico e cultural nas favelas, que posteriormente foram registrados em obras de arte e canções. Mas só a partir da atuação de instituições externas que essas manifestações receberam mais olhares e investimentos.

¹⁴³ VELLOSO, João Paulo e PASTUK, Maria; Favela como oportunidade: plano de desenvolvimento de favelas para sua inclusão social e econômica; Editora Fórum Nacional; Rio de Janeiro; 2013; p.195

De acordo com uma pesquisa feita pelo Observatório das Favelas¹⁴⁴, o Complexo do Alemão é a segunda favela com mais manifestações e instituições culturais, atrás apenas da favela da Rocinha. Aproximadamente 110 instituições e 183 manifestações acontecem em diferentes áreas do Complexo do Alemão, sendo maioria delas desconhecidas ou não reconhecidas. Esses números expõe uma face das favelas que ainda é muito ofuscada pelos aspectos negativos que prevalecem na imprensa. Acredita-se que o grande número de manifestações independentes surge a partir das dificuldades impostas pelo acesso à cultura no Rio de Janeiro e a maneira que os investimentos nesse âmbito são distribuídos na cidade.

Jailton de Souza, pesquisador do Observatório das Favelas, enfatiza o poder da cultura das favelas como criação de novas sociabilidades: *“No campo da cultura popular são grupos de funk, rap, forró, capoeira, pagode e samba que fazem e refazem a cultura de suas territorialidades e toda a tradição popular carioca. Não podemos mais conviver com a divisão entre lugares de supremacia cultural e lugares subalternizados apenas porque esses últimos não trazem um legado cultural hegemônico ou remam contra o gosto industrial cultural. A cultura é sempre diversa, dinâmica e plural.”*¹⁴⁵

CLASSIFICAÇÃO DAS PRÁTICAS CULTURAIS MAPEADAS	COMPLEXO DO ALEMÃO	
	qnt.	%
ARTES CÊNICAS	28	15,3
ARTES DO CUIDADO DE SI	1	0,5
ARTES VISUAIS	21	11,5
ATIVIDADES FORMATIVAS	8	4,4
AUDIOVISUAL	25	13,7
ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE	12	6,6
ESPORTE E SOCIABILIDADE	8	4,4
GRAFITE	4	2,2
LITERATURA	5	2,7
CULTURA POPULAR	18	9,8
MODA	3	1,6
MÚSICA	50	27,3
TOTAL	183	100

Figura 64: Número de manifestações culturais no Complexo do Alemão de acordo com o Observatório das Favelas.

¹⁴⁴ O observatório das Favelas é uma organização de investigação e ação pública no âmbito das favelas e da informalidade. O objetivo da organização é integrar as favelas à cidade e políticas públicas através da colaboração de pesquisadores de diferentes campos. Disponível em: <https://of.org.br/apresentacao/>

¹⁴⁵ SOUZA, Jailton e BARBOSA, Jorge Luiz; Favela: Alegria e dor na cidade; SENAC-RIO; 2005; p.107

Junto com música, o jovem das favelas do Rio de Janeiro tem estimulado e expressado suas ideias através de grupos de arte, dança, fotografia, vídeo, artesanato. O desenvolvimento dessas práticas é possível principalmente por conta do acesso à internet. Através de ferramentas digitais, eles formam redes sociais e outros mecanismos de expressão do seus objetivos, opiniões e medos. Em uma realidade definida pela segregação, o jovem tem muito a ensinar sobre convivência em comunidade e disputa por espaço de representação.¹⁴⁶

Em conjunto das manifestações culturais, a economia do Complexo do Alemão é representada por mais de seis mil micro empreendimentos representados pelo setor terciário, que criaram base para a chegada de empresas externas que passaram a introduzir elementos como televisão a cabo a população informal.¹⁴⁷

Nesse sentido, apesar da cultura das favelas ser vibrante, nota-se uma ausência de integração e infraestrutura para essas manifestações. Tratar esse assunto como pauta de política pública social pode ser um ponto de partida para transformação desses territórios de maneira a respeitar aquilo construído pelos moradores ao longo de décadas.¹⁴⁸ Reconhecendo a diversidade positiva das favelas é possível formar uma identidade própria para a cidade, que por sua vez é composta por diferentes fragmentos, ora informais, ora formais.

Diante da proposta do concurso *UIA HYP CUP 2019*, toma-se a temática das manifestações culturais como tônica da intervenção a ser desenvolvida no próximo capítulo. A questão da felicidade impera de maneira legítima nas favelas, onde o senso de comunidade colabora para a criação de condições melhores num contexto esquecido e marginalizado pelo resto da cidade. Apesar das carências e problemas das favelas, volta-se primeiramente para as qualidades e potenciais desse contexto de maneira a atrair mais olhares e investimentos para esses locais.

Através dessa pluralidade cultural e informal, surge a necessidade de propor ferramentas que integrem as manifestações informais ao tecido formal da cidade. Reconhecendo a qualidade dos saberes e fazeres da cidade informal parece ser uma estratégia mais democrática do que impor modelos preconcebidos, cujo objetivos são manter a população das favelas desconectadas da vida na cidade formal. Dessa forma, idealiza-se um projeto que sirva de infraestrutura para as manifestações culturais e ao mesmo tempo atue como articulador urbanístico entre o tecido formal e informal.

¹⁴⁶ SOUZA, Jailton e BARBOSA, Jorge Luiz; Favela: Alegria e dor na cidade; SENAC-RIO; 2005; p.62

¹⁴⁷ VELLOSO, João Paulo e PASTUK, Maria; Favela como oportunidade: plano de desenvolvimento de favelas para sua inclusão social e econômica; Editora Fórum Nacional; Rio de Janeiro; 2013; p.237

¹⁴⁸ SOUZA, Jailton e BARBOSA, Jorge Luiz; Favela: Alegria e dor na cidade; SENAC-RIO; 2005; p.107



Figura 65: Alunos da escola de fotografia Olhar Complexo.



Figura 66: Alunos do Projeto Vidançar, que ensina diversos tipos de dança para todas as idades.



Figura 67: Alunos do Centro Cultural Oca dos Curumins, que apoia projetos de formação em arte para crianças do Complexo.

4.4 – O PAC e urbanização do Complexo do Alemão

A fim de compreender melhor o contexto a se realizar a proposta do concurso *UIA HYP CUP 2019* no conjunto de favelas do Alemão, volta-se para as últimas obras de urbanização do local. Essas intervenções marcaram um novo posicionamento frente as favelas do Rio de Janeiro, atraindo novos olhares e investimentos para comunidades que estavam esquecidas pelo poder público. Apesar da grande dimensão desses projetos, ainda é cabível questionar a eficácia e realização de diversas intervenções realizadas no Complexo do Alemão nos últimos doze anos.

Nesse contexto, em 2003 a Prefeitura do Rio desenvolveu o primeiro Plano Diretor do Complexo do Alemão que posteriormente, em 2007, começaria a sair do papel através de verbas do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). O programa surgiu no Complexo com duas principais vertentes: desenvolvimento sustentável e gestão de impacto. Essa estratégia visava a boa relação entre o poder público e a população local, respeitando as demandas e a rotina dos moradores do Alemão. A elaboração da pauta de necessidades da região foi feita com a colaboração de ONGs e associações de moradores que durante décadas reivindicam investimentos para o Complexo.

Os projetos do PAC envolviam diversas obras e projetos sociais num valor de aproximadamente 495 milhões de reais. Os investimentos abrangiam o sistema viário, unidades habitacionais, sistema de teleféricos e criação de espaços cívicos com diversos programas. De acordo com Renato Balbim, *o modelo lógico elaborado, é “integrar o Complexo do Alemão à cidade formal, melhorar as condições de habitabilidade, acesso e mobilidade, consolidando a presença do Estado com a oferta de serviços públicos essenciais”*.¹⁴⁹

INTERVENÇÃO	DESCRIÇÃO	Área/Ext./Quant.
Abastecimento de água		48.813 m
Sistema Sanitário	Esgotamento sanitário	33.223 m
Sistema de drenagem	Drenagem pluvial	21.748 m
Sistema viário carroçável	Vias arteriais, de penetração, locais e de serviço	129.216 m ²
Sistema viário pedestres	Vias de pedestres, escadarias e calçadas	152.124 m ²
Sistema teleférico	Estações terminal, social e cabines	2,95 km
Iluminação pública	Postes, sistema viário, áreas de lazer e esportes	1.650
Conteções	Solo grampeado, muros de concreto e cortina atirantada	19.059 m ³
Áreas de lazer	Quadras esportivas e pista de skate	90.935 m ²
Paisagismo	Sistema viário, áreas de lazer	3.209
Remoções de edificações	Edificações, áreas de lazer, contenções, teleférico	1.978
Serra da Misericórdia	Parque da Misericórdia, muros, cercas e reflorestamento	29 hectares

Figura 68: Intervenções projetadas para o PAC do Complexo do Alemão, de acordo com Ministério do Planejamento.

¹⁴⁹ BALBIM, Renato; *Intervenção Sociourbanística no Complexo do Alemão: Referências para futuras avaliações*; Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Rio de Janeiro; 2010; p.714; Disponível em: academia.edu/25624667/Intervencao_Sociourbanistica_no_Complexo_do_Alemao_Referencias_para_futuras_avaliacoes

A intervenção mais inovadora do PAC foi no âmbito da mobilidade. Um sistema de teleféricos com seis estações interliga diferentes favelas do Complexo e leva os moradores até a estação de comboios de Bonsucesso, que respetivamente liga milhares de pessoas até o centro da cidade. A proposta dos teleféricos surgiu de uma visita do então governador do estado do Rio de Janeiro à Medellín, onde o sistema teve enorme sucesso ao fazer diversas conexões em encostas íngremes e integrar diferentes programas às estações.

Segundo Jorge Mário Jauregui, arquiteto responsável pelo projeto dos teleféricos e outras intervenções no Alemão, o teleférico reforça a integração e resinificação das favelas à cidade, além de ter grande potencial turístico:

“Na favela temos de trabalhar com o conceito de máximo e não de mínimo. Nada de fazer o mínimo. Máxima elaboração de qualidade do projeto, expressividade arquitetônica, qualidade urbanística e ambiental, durabilidade dos equipamentos, tudo que formos capazes de pensar para criar uma cidade que vai ser vivida e não apenas para curar feridas, pois é um corpo pleno, um lugar desejável de ser vivido, que você ou eu podemos querer e nos imaginar que podemos viver lá dentro. É uma promessa de cidade para todos, não só para os favelados, é para qualquer um.”¹⁵⁰

Para além da mobilidade dos teleféricos, um novo sistema viário fora proposto para o Complexo. Vias expressas foram ligadas a entradas das favelas e novas vias de diferentes escalas e fluxos foram abertas com o objetivo de melhorar o acesso de moradores e prestadores de serviços. Junto das novas vias, ruas existentes passaram a receber mobiliário urbano, iluminação, sinalização e vegetação. E em conjunto as melhorias viárias, fora proposto também a remodelação de fachadas e telhados de residências de maneira a alterar a imagem geral do passeio.

Junto aos projetos de infraestrutura e mobilidade, o PAC do Complexo do Alemão conta com projetos de equipamentos sociais como: Centro integrado de serviços, Centro de Apoio Jurídico, biblioteca pública, Centro de Referência da Juventude, Centro Integrado de Atenção à Saúde, Escola de Ensino Médio de Referência e Centro de Geração de Trabalho e Renda. Esses equipamentos fazem parte do escopo de trabalho técnico social do programa, colaborando para a mobilização comunitária, capacitação profissional de moradores e geração de trabalho e renda.¹⁵¹

¹⁵⁰ Entrevista com Jorge Jáuregui, arquiteto contratado pelo Consórcio Rio Melhor, realizada em 10/12/2009.

¹⁵¹ BALBIM, Renato; Intervenção Sociourbanística no Complexo do Alemão: Referências para futuras avaliações; Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Rio de Janeiro; 2010; p.716; Disponível em: academia.edu/25624667/Intervencao_Sociourbanistica_no_Complexo_do_Alemao_Referencias_para_futuras_avaliacoes

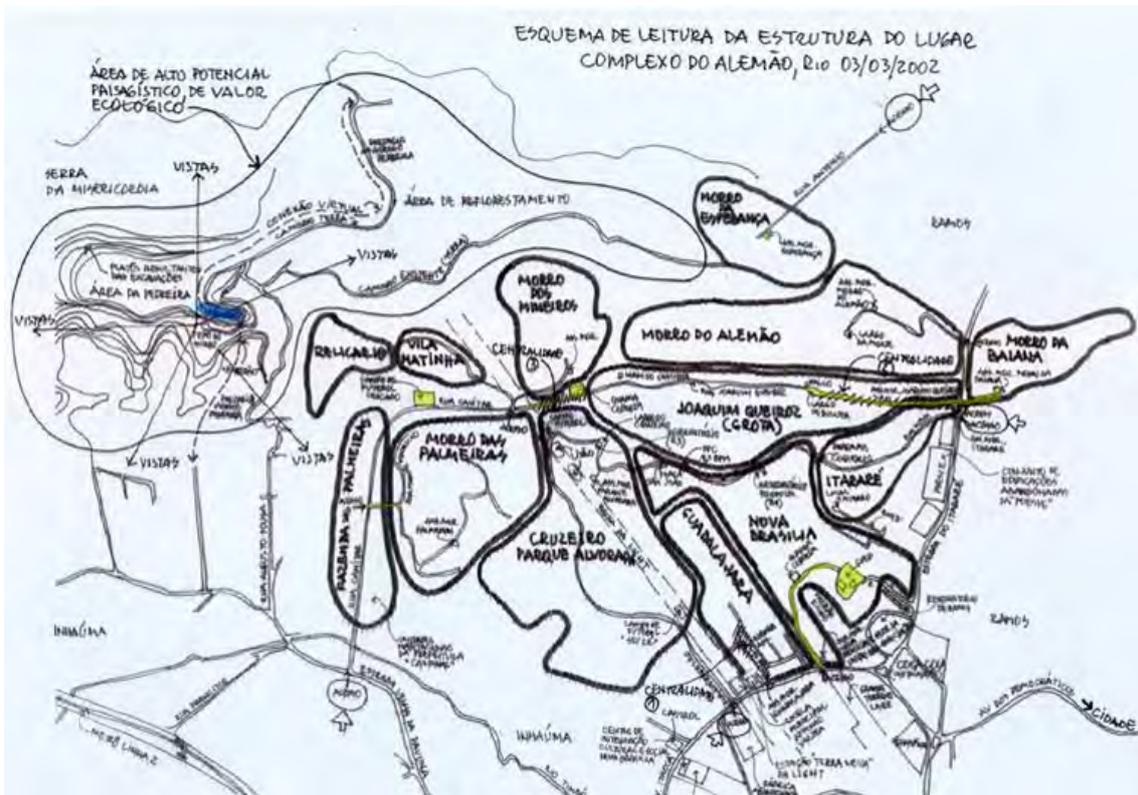


Figura 69: Esquema de leitura do Complexo do Alemão segundo Jorge Mario Jáuregui.



Figura 70: Sistema viário e infraestrutural proposto por Jorge Mario Jáuregui para o PAC do Complexo do Alemão.

A ambição do PAC no Complexo do Alemão criou muita especulação quanto aos impactos das intervenções. O arquiteto Jorge Mário Jáuregui, idealizador de grande parte do projeto definiu os seguintes objetivos para o projeto:

- Conectar a região do Complexo do Alemão com o entorno e com a cidade;
- Definir novas centralidades junto a equipamentos públicos de qualidade;
- Agregar valor arquitetônico ao contexto informal;
- Resinificar a favela através da presença do Poder Público;
- Reduzir o fluxo de automóveis dentro das favelas, favorecendo o pedestre;
- Realizar uma intervenção estrutural, conectada por pontos ao longo do tecido informal.

Apesar da ambição e escala do PAC, o resultado e a gestão das diversas intervenções ainda gera discussão. Estima-se que as concretizações de diversas obras no Complexo não foram realizadas conforme o planejado e até hoje muitas infraestruturas sofrem com a má gestão e conservação. Jorge Mário Jáuregui revelara a dificuldade da relação com o poder público e a execução de algumas obras ao longo do PAC no Complexo:

“Bom, no Complexo do Alemão, a intervenção tinha a ver com transporte, com o meio-ambiente, com a habitação, com a educação, com o esporte, com o desenvolvimento socioeconômico (geração de trabalho e renda), com saúde. Nem tudo isso foi feito, e o projeto propunha a criação desse centro cívico do qual só foi feita a escola, a creche – por sinal, horrível, uma coisa espantosa, que foi um projeto da prefeitura –, e um centrinho comercial do lado. A creche enfeou o lugar, porque foi um projeto feito sem nenhum cuidado, apenas como constructo, sem nenhuma elaboração; e hoje, o que tem, que foi construído do projeto que eu fiz, é apenas a escola.” Isto significa que, muitas vezes, você deve criar as condições para a recepção de um projeto, sobretudo em relação ao próprio poder público, que no que a ele respeita, só está interessado, na maioria das vezes, no cumprimento do contrato e não na qualidade do que se faz.”¹⁵²

O relato do arquiteto responsável por grande parte dos projetos do Complexo reforça o caráter político das intervenções em favelas ao redor do Brasil. Normalmente, esses projetos são elaborados em períodos eleitorais, com o objetivo de captar votos e fazer campanha eleitoral. O PAC do Complexo do Alemão ocorreu durante o mandato do governador do estado Sérgio Cabral (2007-2014), responsável também pela criação das Unidades Pacificadoras que retomaram comunidades dominadas por organizações criminosas.

Mesmo com uma grande popularidade, o governo de Cabral terminou com diversas obras não concluídas ou sucateadas, seguidas da renúncia ao cargo em 2014 e prisão por corrupção em 2016.

¹⁵² JÁUREGUI, Jorge Mario; O mestre da habitação social: entrevista a Antônio Agenor Barbosa, Rachel Paterman e Alberto Goyena; Rio de Janeiro; 2016; Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/16.064/5667?page=3>

O então governador fora acusado de desvio de 224 milhões de reais provenientes de lavagem de dinheiro e desvio de verbas para obras, além de ter sido acusado de cartel na licitação do PAC das favelas da cidade.

O caso de Sérgio Cabral e muitos outros marcam o descaso do governo com as infraestruturas públicas da cidade, principalmente aquelas em áreas menos favorecidas. Em 2016, a rede de teleféricos do Complexo do Alemão foi desativada em reflexo da ausência de manutenção, deixando as seis estações sucateadas. De acordo com o consórcio que operava as estações, o estado faltava com o auxílio financeiro de 2,7 milhões de reais mensais, criando uma dívida que levou a paralisação. O sucateamento do teleférico afetou o cotidiano e a situação financeira população, obrigando diversos moradores a utilizarem moto táxi e vans clandestinas. O transporte que era gratuito para os moradores agora obriga-os a caminhar ladeiras ou pagar por transportes alternativos.

Não obstante a ausência do sistema de mobilidade, a população também perdeu o acesso às infraestruturas de lazer e serviços que se situavam nas estações de teleférico. Além disso, muitos moradores ficaram em situação de desemprego, uma vez que toda mão de obra era local. Além disso, a ausência do serviço de teleféricos vem afetando a economia do Complexo através da redução do turismo, que trazia esperança para o desenvolvimento local. Após inúmeras reivindicações, em 2017 o governo emitiu uma nota que previa a reativação das linhas de teleférico no início de 2018, porém até o presente momento a situação permanece a mesma.



Figura 71: Estação de teleférico do Morro do Adeus em situação de abandono.

Aproximando-se do território do Alemão e dando início à intervenção arquitetônica, surge a necessidade de reflexão quanto a proposta a ser desenvolvida a seguir. Os repertórios dos projetos na região expressam a falta de preocupação quanto ao funcionamento e gestão das infraestruturas a longo prazo. Assim, acredita-se que as intervenções em favelas precisam prever o máximo de controle e ativação por parte dos moradores dessas comunidades. A partir do momento em que o tecido informal é uma construção comunitária, estima-se que os futuros projetos nesse contexto sejam guiados pelos princípios das relações informais.

Cabe ressaltar que a leitura e a intervenção a seguir partem do princípio de que o Complexo do Alemão é um tecido digno de qualidades, mas que apresenta problemas sérios que lhe atribuem um dos piores Índices de Desenvolvimento Social da cidade do Rio. Nesse sentido, busca-se valorizar as qualidades desse contexto e propor melhorias a partir da lógica informal, que respeite os quase 100 anos de história dessas favelas.

Projetar na cidade informal deve ser resultado de um processo de “interpretação das demandas”, conforme diz Jorge Mário Jauregui. Nesse caso, as relações sociais guiam o gesto arquitetônico, que por sua vez deve estar diretamente relacionado com o urbano e a paisagem, uma vez que o espaço público é o que existe de mais valioso e escasso nas favelas. Esse processo de investigação, originado da proposta de um concurso, acaba por favorecer a construção de um esquema para o local, assim como a leitura do lugar.

Depois de investigar o processo de formação dos tecidos informais e seus processos de formação, inicia uma leitura mais urbana desse contexto. Sobrepondo os conceitos sociológicos, históricos e especiais da área de estudo surge a intervenção arquitetônica, que por sua vez concluirá a presente investigação.

4.5 – Leitura urbana e territorial

Sob o ponto de vista da cidade informal, a leitura desse território se dá desde os fatores sociais que originaram esse tecido até a leitura dos factos urbanos concretos. A partir da análise de um facto urbano, identifica-se diversos problemas e complexidades que se referem à qualidade de uma arquitetura própria e, portanto, de uma forma própria.¹⁵³ Nesse contexto, inicia-se uma leitura urbana por partes, baseada na investigação socio espacial das favelas que antecede este capítulo.

As **figuras conceituais** estabelecidas por Paola Jacques (2001)¹⁵⁴ para dissecar o tecido informal são retomadas para a leitura morfológica do Complexo do Alemão. O **rizoma**, **labirinto** e **fragmento** são utilizados de maneira a fazer uma aproximação sob a área de estudo, identificando potencialidades e necessidades para a intervenção arquitetónica. Do urbano ao pormenor construtivo, as favelas apresentam uma vasta variedade de características que precisam ser individualizadas para uma melhor compreensão como unidades de um conjunto urbano.

Para além da componente investigativa, a análise seguinte visa a definição do terreno para a intervenção arquitetónica. Assim, a análise também é conduzida de acordo com o edital do presente concurso, que requer a transformação de sítios degradados e a integração do projeto de arquitetura com a paisagem.



Figura 72: Vista geral do Complexo do Alemão.

¹⁵³ ROSSI, Aldo; A arquitetura da cidade; Edições 70; 2019; p.39

¹⁵⁴ JACQUES, Paola; Estética das favelas; Vitruvius; 2001;
Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.013/883>

4.5.1 – Rizoma: fronteiras e potencialidades

O Complexo do Alemão ocupa uma área correspondente à Serra da Misericórdia, um maciço rochoso que divide o bairro e Irajá e Inhaúma. Esse maciço abrange mais de vinte bairros da região norte do Rio de Janeiro, sendo classificado como o quarto maior da cidade. As áreas mais altas dessa topografia permanecem preservadas e fazem parte de um projeto para um parque municipal com áreas de preservação, educação ambiental e atividades de lazer. Apesar do parque ter sido criado em 2010 através de um decreto, nenhum investimento foi feito e até hoje a região florestada sofre ameaça do crescimento descontrolado do Complexo do Alemão.



Figura 73: Parque da Misericórdia e o conjunto de favelas do Complexo do Alemão.

A ocupação rizomática no contexto do Complexo diz respeito ao avanço orgânico e descontrolado dos assentamentos, que acabaram por criar uma responsabilidade urbana própria. Dentro das formas rizomáticas da cidade informal, exploradas no segundo capítulo, o Complexo do Alemão se insere na categoria das **escarpas**, visto que o conjunto de favelas se apoia na maior parte do território em topografias acentuadas. Dessa forma, a malha viária do complexo e consequentemente as construções, avançam no terreno de maneira a acompanhar a pendente e tornar o percurso menos ingrime possível.

Segundo Aldo Rossi, a cidade formal segue “*um princípio de crescimento segundo determinados eixos de tráfego, ou seja, segundo determinadas linhas de transporte, sobrepondo os sectores concêntricos, os sectores radiais a partir do centro da cidade.*”¹⁵⁵ Em contraponto ao tecido formal, o conjunto de favelas do Alemão surge a partir do espaço expectante, mas considerando

¹⁵⁵ ROSSI, Aldo; A arquitetura da cidade; Edições 70; 2019; p.84

uma localização estratégica que no contexto histórico é determinada por conta da proximidade de polos industriais e acesso à linhas de comboio.

Dentro da estrutura rizomática do Complexo do Alemão surge uma hierarquia da ramificação do tecido que apesar de se opor à cidade planejada, segue uma lógica complexa. O sistema viário desse contexto é composto por estradas, ruas, travessas e vias. Fora as vias reconhecidas pela prefeitura e registadas em cartografias, o Complexo ainda conta com diversas ruas que são exclusivamente para peões e não estão mapeadas. Normalmente esses passeios são intermédios entre vias maiores e chegam em sítios inacessíveis por veículos. E de maneira geral, essas diferentes componentes viárias relacionam-se com a morfologia e agregação das construções, que por sua vez representam o fragmento da cidade informal.

Esses tipos de ramificações viárias e a maneira que são articuladas no terreno seguem a lógica de Alexander, de que a “cidade não é uma árvore”¹⁵⁶ e vai contra o planejamento moderno que é visto num contexto próximo do Alemão. Esse contraponto com o tecido formal cria uma clara fronteira física nas extremidades do Complexo, que são vias primárias de alto fluxo de transporte, ligando a favela à diversos pontos da cidade.



Figura 74: Variação de tecidos informais, formais e mistos na região do Complexo do Alemão

O rizoma no Complexo do Alemão representa os princípios de conexão e heterogeneidade do tecido. Deleuze e Guattari definem o conceito de rizoma a partir do princípio de que “qualquer ponto pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo.”¹⁵⁷ Dessa forma, o rizoma dessa área corresponde também à interligação das diferentes favelas que compõem o Alemão. Nesse contexto, as ramificações orgânicas distribuem percursos e criam pontos de referências para os moradores do local, enquanto que para o visitante todo o tecido pode parecer indiferenciável.

¹⁵⁶ CHRISTOPHER, Alexander; A city is not a tree in Architectural Forum; 1965; Disponível em: https://www.academia.edu/16545395/Christopher_Alexander_A_city_is_not_a_tree

¹⁵⁷ DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix; Mil Platôs - Capitalismo e Esquizofrenia; Trad. Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa; Ed. 34; Rio de Janeiro; 1997; Disponível em: https://www.academia.edu/14918383/CIDADE_REDE_RIZOMA

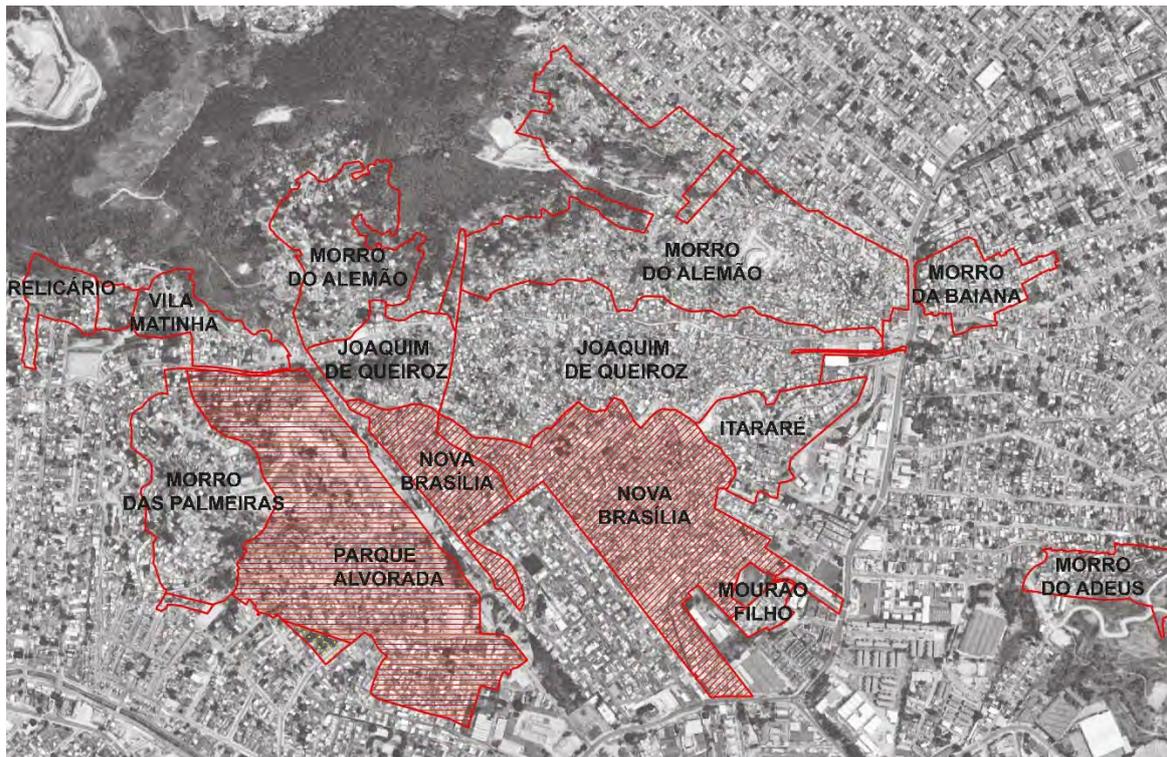


Figura 75: Complexo do Alemão e a fronteira entre a favela Parque Alvorada e Nova Brasília.

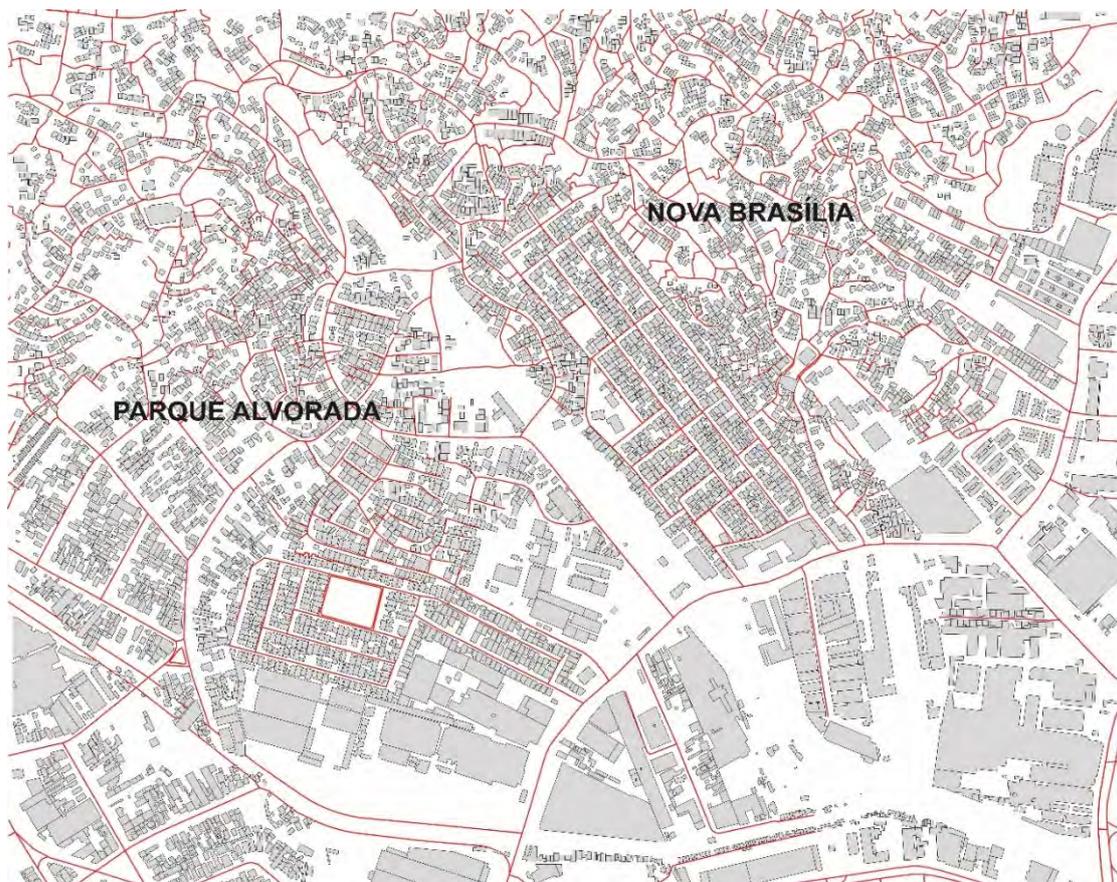


Figura 76: Fronteira entre o rizoma informal e o tecido formal da região do Complexo.

Apesar do tecido do Alemão ser resultado de uma ocupação selvagem típica das favelas¹⁵⁸, nota-se o confronto direto com estruturas formais. A região oeste do conjunto é marcada por uma rutura que atualmente separa a favelas Nova Brasília e Parque Alvorada. No contexto histórico apresentado anteriormente, esta área corresponde a um antigo loteamento adquirido pela companhia energética Light. Mesmo com a subutilização do terreno, a faixa de aproximadamente 1 quilometro de extensão serve apenas para operação de três torres de distribuição energética, e o restante do terreno acaba por servir de depósito de lixo. Ainda nesse local, é identificado um confronto entre os tecidos formais e informais, visto que um trecho da favela Nova Brasília fora loteado para programas de habitação nos primórdios da ocupação do Complexo.

O espaço entre as duas favelas citadas é marcado por uma diferença de cotas que chega até os 16 metros, dificultando a integração entre os assentamentos. Mesmo com a topografia acidentada, a linearidade do terreno em questão atua como ponto de acesso à parte oeste do Complexo. Logo, essa rutura no tecido informal é vista como uma oportunidade para articular um elemento arquitetônico que sobreponha a informalidade e formalidade urbana.

De maneira bem clara, o terreno da Light conecta o Complexo ao tecido formal. Sua extensão no sentido norte-sul liga uma avenida primária até o cume da Serra da Misericórdia, resultando num grande potencial conector entre o tecido informal e formal. Visto isso, já na figura conceitual do rizoma surge uma problemática e um gesto que pode vir a resultar na proposta para o concurso. Dessa forma, terreno em questão passa a ser um fragmento a ser investigado a partir das figuras conceituais seguintes, com o objetivo de compreender o local a partir de escalas mais aproximadas.

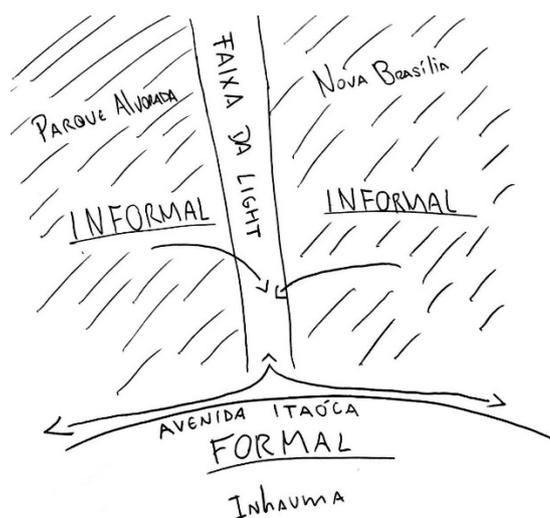


Figura 77: Esquema inicial de leitura da área de intervenção.

4.5.2 – Labirinto: percursos e aglomerações

A figura do labirinto nas favelas, segundo Paola Jaques, “*se baseia no estudo do conjunto de barracos, do processo urbano labiríntico das favelas, compreendida através da noção de percurso e consequentemente da experiência do espaço urbano espontâneo, que é muito diferente do espaço desenhado por urbanistas*”.¹⁵⁹ Analisando a área da Faixa da Light e suas adjacências, identifica-se percursos explícitos, ao mesmo tempo que a região adquire caráter labiríntico conforme se avança a dentro do tecido informal.

O acesso principal à área em questão ocorre através da Avenida Itaóca, via de alto fluxo que serve de rota para diversas linhas de autocarros e conecta grande parte da população à estação de comboios de Bonsucesso. A partir dessa via se tem acesso à Rua Antônio Austragésio, uma das maiores ruas do Alemão, que percorre todo o terreno da faixa da Light e estabelece uma das poucas ligações entre a favela Parque Alvorada e Nova Brasília. Em primeira estância, essa via indica um percurso linear a partir da Avenida Itaóca em direção ao maciço da Misericórdia e após quatrocentos metros a mesma se ramifica e começa a integrar-se ao rizoma orgânico.



Figura 78 e 79: Avenida Itaóca e início da Rua Antônio Austragésio.



Figura 80 e 81: Rua Antônio Austragésio em trechos de percurso labiríntico e de caráter informal.

A partir desse percurso se dá início a uma experiência labiríntica causada pelas curvas, dimensões e bifurcações constantes. Nesse tecido viário observa-se também a escassez de espaços públicos e áreas exclusivas para fluxo de peões. Dessa forma, as esquinas e ramificações de vias atuam como ponto de referência e respiro, contando muitas vezes com a presença de comércio e espaços de permanência.

¹⁵⁹ JACQUES, Paola; Estética das favelas; Vitruvius; 2001;
Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.013/883>

De acordo com Aldo Rossi, o modo como se realizam os tipos de edifícios residenciais, “o *aspecto tipológico que os caracteriza, está intimamente ligado à forma urbana.*”¹⁶⁰ Nesse sentido, a lógica de aglomeração das construções colabora para criação do labirinto e do percurso no Complexo, resultando em espaços externos variados. Apesar das construções do local tenderem a acompanhar o sistema viário, a liberdade construtiva e falta de regulamentação torna infinita as possibilidades de alinhamentos e afastamentos. Portanto, a imagem das vias se transforma em algo mais fragmentado e carregado de informação.

Diante desse rizoma, é possível identificar ao menos três **lógicas de ocupação** do solo, que resultam em percursos e espaços públicos: aglomeração **contínua**, **radial** e **espontânea**. Essas ocupações estão diretamente relacionadas com a topografia, sistema viário e disponibilidade de terra. Mesmo com três lógicas claras, também é possível que haja uma sobreposição de ocupações devido a complexidade do tecido.

A **lógica contínua** é a mais simples forma de ocupar o solo acompanhando o sistema viário. Esta lógica forma um corredor denso onde a rua é a extensão do espaço da casa, sendo local de constante convivência e ao mesmo tempo de intenso fluxo de veículos e pedestres. Apesar das diferenças morfológicas e espaciais, essa ocupação linear é a que mais se assemelha à cidade formal. A rua Antônio Austregésilo representa um claro exemplo, visto que ela surge da intersecção com a Avenida Itaóca, via do tecido formal que serve de acesso ao Complexo.



Figura 82: Tipologia linear na Rua do Estofador.

¹⁶⁰ ROSSI, Aldo; A arquitetura da cidade; Edições 70; 2019; p.89

A **lógica radial** ocorre de maneira nuclear, quando as construções formam um espaço central que funciona como área comum entre as habitações e serve para diversos eventos sociais e práticas domésticas. No Alemão, esse tipo de aglomerado é formado por um pequeno número de habitações em quadras de pequena dimensão. Com o espaço exterior voltado para o interior do “quarteirão”, acredita-se que essa formação colabore para o senso de comunidade e intimidade entre os grupos envolvidos.

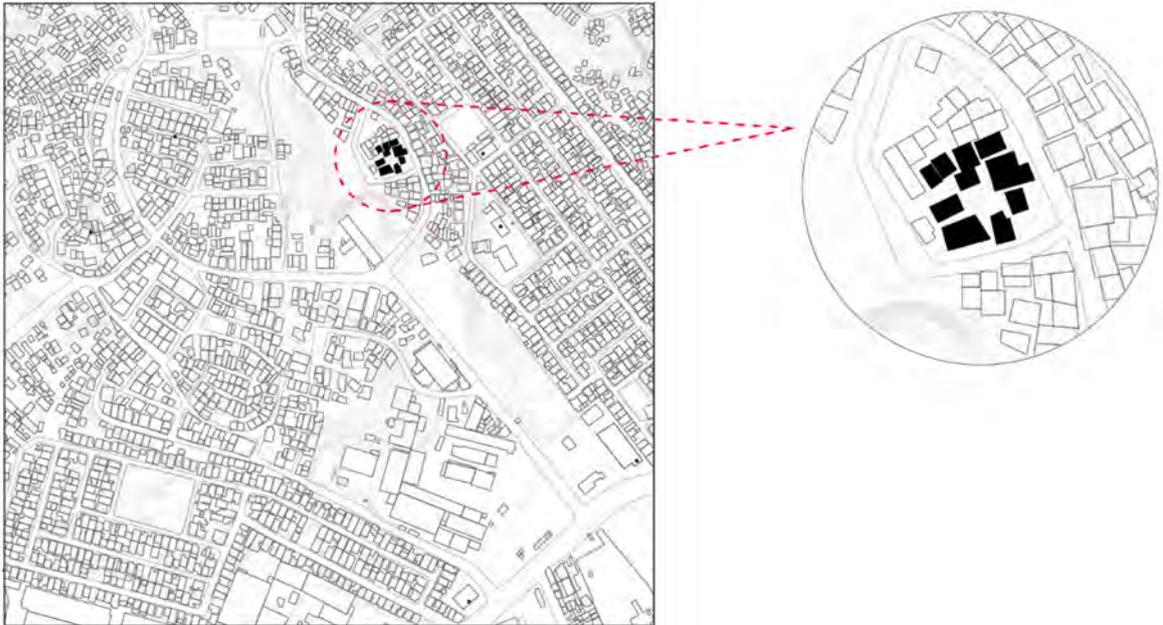


Figura 83: Tipologia radial na Rua Três Marias.

Apesar de criar um espaço central, é comum que essa tipologia se transforme com o passar do tempo a medida que os moradores estendam suas casas para o interior dos lotes. Dessa forma, o espaço coletivo pode ser totalmente extinto, tornando a lógica radial quase irreconhecível. Para além dessa tipologia, é difícil categorizar permanente o contexto em questão, visto que ele encontra-se em constante transformação e as unidades habitacionais que compõem esse tecido são um processo construtivo que nunca termina, como será abordado na figura conceitual do **fragmento**.

Enfim, identifica-se uma tipologia muito comum no início da ocupação do Complexo, mas que com o crescimento do local tem sido cada vez menos frequente. A **lógica espontânea** representa todas as ocupações livres, sem acompanhar o sistema viário ou seguir alguma tipologia pré-existente. Essas construções desarticuladas são comuns em áreas muito ingrimes e de difícil acesso. Na maioria dos casos, esse tipo de agregação ocorre em áreas de vegetação onde as possibilidades de implantação são limitadas e a construção é proibida.

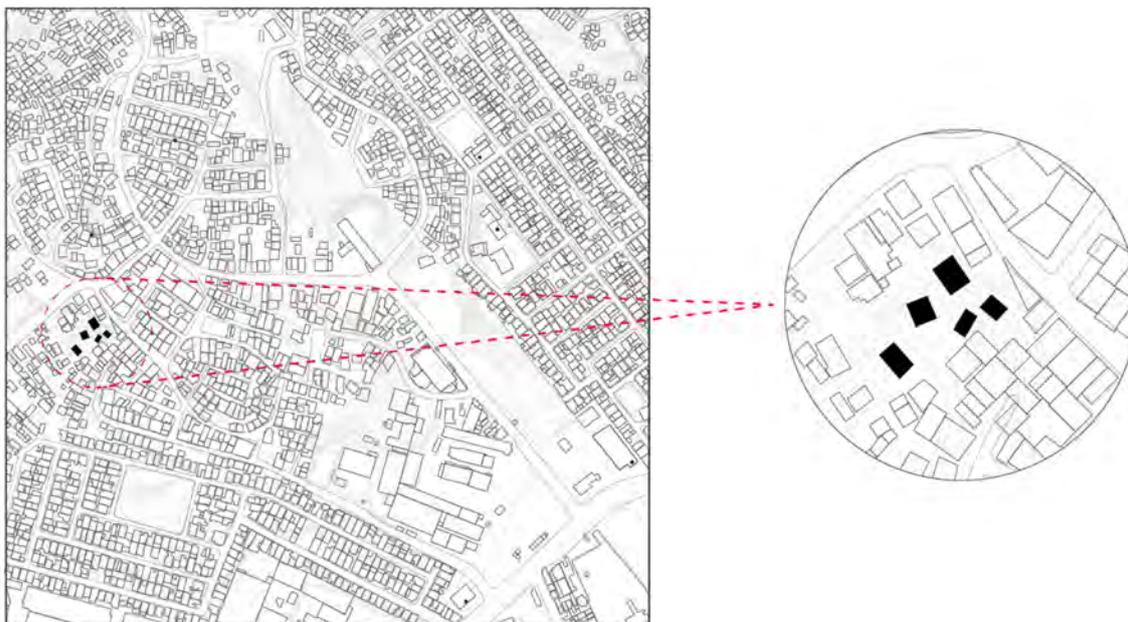


Figura 84: Tipologia livre próxima a Rua Ivurarema.

Diante dessas diferentes formas de aglomeração e as possíveis combinações e mutações que elas podem sofrer, é necessário aproximar-se das construções e a articulação entre elas. Essas tensões criadas pelas tipologias de agregação formam um espaço público complexo, que se fundamenta na disposição das habitações. Como dito anteriormente, o espaço público que representa o Complexo do Alemão é o seu próprio sistema viário. É na rua onde os encontros, eventos e vivências acontecem, sempre tendo alguma relação direta ou indireta com as habitações.

A forma com que as construções se articulam com as ruas define o caráter do espaço público em cada trecho. Esses espaços podem ser totalmente públicos ou semipúblicos, podem também ser muito usados ou totalmente abandonados. De forma a compreender como esses espaços surgem e como são apropriados pela população, volta-se para a figura conceitual do **fragmento**, onde procura-se entender a lógica das unidades habitacionais e espaços públicos específicos.

4.5.3 – Fragmento: habitação e espaço público

O conceito de **fragmento**, conforme definido por Paola Jacques, corresponde à menor escala das favelas, representada pelas habitações responsáveis pela formação do **labirinto** e consequentemente pelo **rizoma**. No Complexo do Alemão, esses fragmentos residenciais surgiram como construções rudimentares de madeira e outros materiais reaproveitados. A partir de uma mobilização da comunidade onde envolve a colaboração de diversos moradores, essas construções começaram a ser erguidas e até hoje seguem sofrendo constantes mudanças.

Ao longo do processo de crescimento do Alemão, as habitações evoluíram até virarem casas de alvenaria. Mesmo com uma estandardização do método construtivo da favela, as construções apresentam diversas características estéticas. Conforme os moradores conseguem capital para realizarem obras de melhoria ou extensão das casas, elas passam a ter suas cores, fachadas e revestimentos alterados e assim as ruas ganham uma aparência policromática, ainda que a textura do tijolo sempre sobressaia. De maneira a embelezar a imagem local, os moradores também costumam realizar melhorias na calçada em frente de suas casas ou comércios, como forma de expressar a importância da imagem do espaço público.



Figura 85: Variação da pavimentação na Rua Antônio Austregésilo.



Figura 86: Fragmentos estéticos do Complexo do Alemão.

Quanto ao interior das habitações, dificilmente pode-se definir uma tipologia predominante, uma vez que nas favelas a construção é um processo temporal em constante mutação onde não existe a noção de projeto.¹⁶¹ A definição dos espaços internos surge de acordo com a demanda e o tamanho das famílias, mas é possível identificar uma tendência da localização de cozinhas e casas de banho no rés do chão por conta do fácil acesso a captação de água e despejo de esgoto. Ainda no contexto do rés do chão, destaca-se a presença de muitas atividades comerciais, que na maioria dos casos pertence ao morador da construção onde estão inseridas, fazendo parte de uma economia informal que emprega muitos moradores do Complexo.

Ao analisar as habitações num contexto genérico, surge um tema vital em todas as favelas do Brasil: a laje. Nas favelas, a laje não é apenas uma cobertura da edificação. É nas lajes onde ocorrem eventos cotidianos, onde famílias comemoram, crianças brincam e adultos lavam roupa. Para além de ser um cômodo da casa, a laje assume uma função comunicativa e conectora na comunidade, servindo de observatório daquilo que acontece na favela e rota de transporte de grandes volumes, dado que maioria das ruas são muito estreitas. Em um contexto geral a laje na favela ultrapassa o seu sentido arquitetónico e passa a carregar um espectro infinito de usos. Ressalta-se também o pensamento do morador que constrói a laje pensando no presente e no futuro, como a possibilidade de construir uma extensão da casa a ser ocupada por outras pessoas da família ou para uso no mercado imobiliário.¹⁶²

A disposição das lajes e as alturas das construções fazem com que o alçado das ruas não siga uma lógica volumétrica. As construções variam de um a quatro pisos, que através do processo construtivo faseado e a pendente das ruas, não garante um alinhamento entre as construções vizinhas. Dentro das lógicas de aglomeração apresentadas anteriormente, a ocupação linear é aquela que permite a construção de casas mais altas e com diferentes recuos, uma vez que essa ocupação ocorre em trechos com menos pendente e lotes maiores. Dessa forma, cria-se uma condição mais favorável para comércio, espaços de estar e comunicação entre construções.

Diante das variações tipológicas de ocupação do tecido, nota-se uma variedade de perfis viários. De acordo com o perfil, a rua apresenta condições mais favoráveis para o convívio ou caráter mais privado. A ocupação do interior de quarteirão dá origem a novos acessos a partir de vãos entre construções, que acabam por criar as “vielas”. Essas ruas estreitas só são identificáveis a partir do ponto de vista do pedestre e acabam por assumir um caráter muito íntimo, sendo apenas reconhecidas por moradores vizinhos, podendo ser até fechadas por portões.

¹⁶¹ JACQUES, Paola; *Estética das favelas*; Vitruvius; 2001; Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.013/883>

¹⁶² MEDEIROS, Bianca; *Epistemologia da laje*; USP; São Paulo; 2019; p.12; Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/332595009_Epistemologia_da_laje

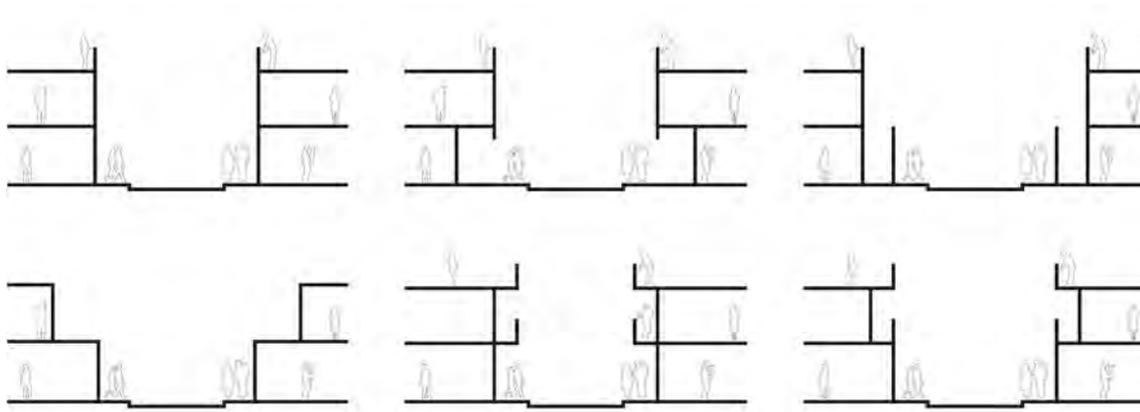


Figura 87: Relações entre construções e vias no Complexo do Alemão.

Para além das vias que possuem habitações em ambos lados, que é o caso mais recorrente no Complexo do Alemão, nota-se também casos onde as construções não se articulam com a envolvente de maneira a criar um ambiente de permanência ou qualquer acontecimento cotidiano. Esses casos ocorrem quando casas são voltadas exclusivamente para escarpas ou qualquer outro terreno acidentado. Na região da Faixa da Light, diversas habitações da favela Nova Brasília voltam-se para o terreno vazio, que por sua vez apresenta uma diferença de cotas de até 16 metros. Por um lado, essa situação é positiva para os moradores, que passam a ter mais privacidade a medida que não possuem vizinhos de frente, mas por outro lado encontram-se desconectados da favela vizinha.

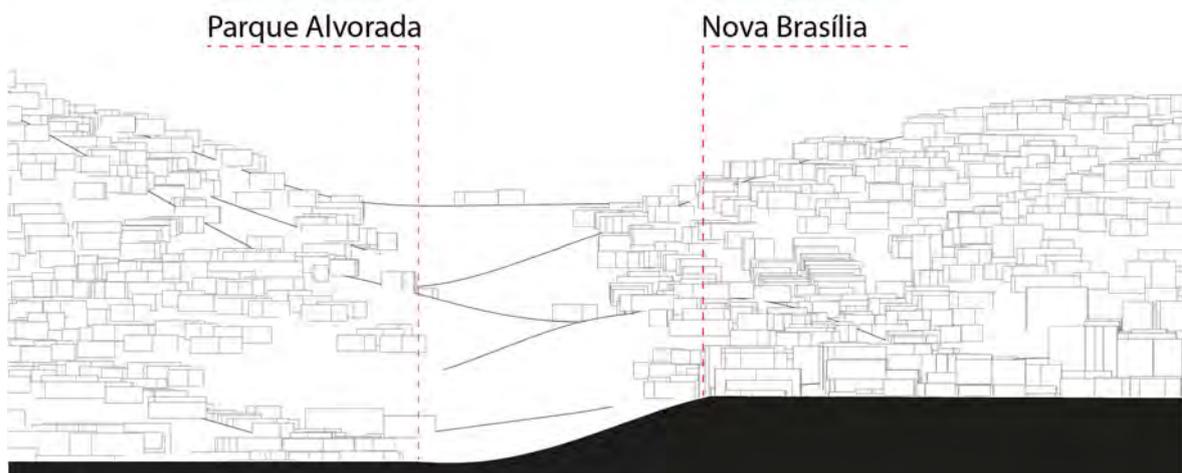


Figura 88: Diferença de cotas entre extremidades da Faixa da Light.

Junto do sistema viário, o terreno da Light tem grande impacto nas relações socio espaciais entre as duas favelas em questão, enquanto dispõe de grande potencial de articulação. Diante desse trecho é localizado um dos principais espaços públicos da região, que assume diversos usos pela comunidade. As duas quadras poliesportivas a norte da faixa da Light são palco de atividades físicas, reuniões sociais e comemorações, sendo utilizada durante todas as partes do dia.

Apesar das intensas dinâmicas sociais que se identifica ao longo da área em questão, é concluído que o espaço público necessita de infraestrutura básica, equipamentos de lazer e espaços próprios para atividades que hoje acontecem na rua. A distância desta região para as obras do PAC, onde encontram-se alguns equipamentos de lazer e espaços de permanência, acaba por desfavorecer muitos moradores, surgindo a necessidade de uma rede de infraestruturas distribuídas ao longo do Complexo. Por fim, ao analisar a configuração do espaço público do Complexo a partir do fragmento da habitação, acredita-se que futuras intervenções no âmbito urbano devem levar em consideração a maneira informal de se “fazer cidade”. Mesmo com poucos recursos, esse tecido está em vibrando e se manifestando através do espaço que restou, a rua.

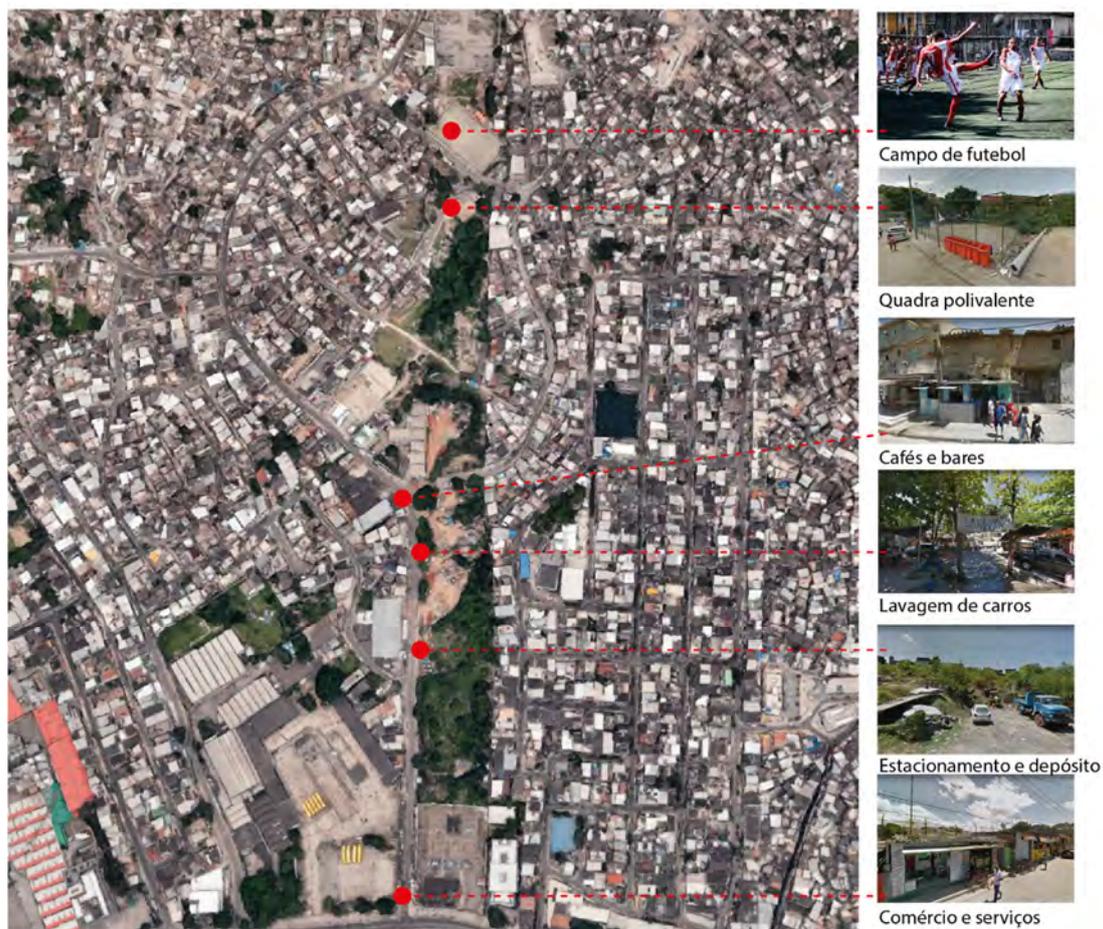


Figura 89: Principais atividades ao longo da Faixa da Light.

4.6– Conclusões

Ao investigar o contexto das favelas desde suas primeiras manifestações até o panorama atual do Complexo do Alemão, sobressai a ideia de uma cidade autoconstruída perante a ausência do poder público e de investimentos básicos. A partir disso, todo processo de formação do Complexo é entendido como uma rica mobilização comunitária nunca vista em qualquer trecho formal da cidade do Rio de Janeiro.

Essas relações sociais responsáveis pela construção do tecido informal refletem na arquitetura local, que é um processo constante de transformação em contraponto a arquitetura projetual. Dessa forma, o Complexo é lido como um organismo onde favelas com características heterogêneas formam um território de forte identidade. Mesmo assim, a imagem do Alemão sempre foi deturpada por conta da marginalidade que sobressai na imprensa e resulta em ações imparciais por conta do poder público, reforçando a exclusão dessa população diante do restante da cidade. Essa visão segregadora ao longo do tempo impediu uma aproximação a esse contexto, resultando na falta de assistência e recursos básicos para a comunidade.

O surgimento de investimentos a partir do PAC em 2007, acabaram por atrair novos olhares para o Complexo, mostrando que é possível intervir de forma positiva nesse tipo de contexto. Apesar de questões político econômicas que não garantiram um aproveitamento integral dos investimentos do programa, esse período teve grande importância para a investigação e urbanização do tecido informal. Arquitetos, pesquisadores e investidores passaram a repensar e estudar as favelas de um ponto mais social do que exclusivamente formal e arquitetônico.

Diante do contexto de urbanização das favelas e a proposta sugerida pelo concurso UIA HYP CUP 2019, identificou-se através da leitura do Complexo do Alemão, uma área de intervenção que atende as expectativas do concurso e ao mesmo tempo carece de uma intervenção estrutural que dê continuidade ao tecido informal e se integre com o resto da cidade. Conhecido como Faixa da Light, o terreno de aproximadamente 800 metros de extensão interrompe o rizoma do Complexo, agindo com barreira ao mesmo tempo que possui grande potencial de intervenção.

A área em questão já fora repensada numa perspectiva de masterplan, pelo arquiteto Jorge Mario Jáuregui e alunos da Universidade de Buenos Aires durante o projeto do PAC. A proposta para um parque linear conectando o Parque da Misericórdia até o tecido formal da cidade foi desenvolvida, com uma série de programas voltados para a preservação ambiental e preservação do espaço público ao longo do trecho. Apesar de ter sido especulada apenas num contexto acadêmico, a proposta representa a necessidade da área por espaços públicos e o potencial da mesma.



Figura 90: *Jardim Productivo* desenvolvido por Jorge Mario Jáuregui e alunos da Universidade de Buenos Aires.

Tirando partido da intervenção proposta por Jáuregui e a condicionante do concurso, que exige repensar a envolvente do edifício proposto e sua articulação com a paisagem, define-se a mesma área para o projeto a seguir. Devido ao fato do concurso tratar principalmente do desenho de um edifício, o projeto terá foco no edifício como articulador urbano, mas também será repensada uma visão geral para toda a área, ainda que seja de forma mais esquemática.

A leitura do Complexo do Alemão foi essencial para a construção de uma problemática e um conceito para o projeto seguinte. Entender um contexto a começar de sua formação, passando pelas dinâmicas cotidianas e o comportamento de seus moradores forma uma base consistente para que a intervenção não seja apenas um edifício, mas sim uma forma de introduzir a arquitetura formal num tecido informal. Assim, o processo investigativo dessa dissertação trata o concurso não só como uma alternativa de projeto e sim um método investigativo que pode ser continuado em outros contextos e projetos.



Figura 91: Cheios e vazios da área de intervenção.

Capítulo 5 – Intervenção

5.1 Ponto de partida

A investigação desenvolvida até o presente capítulo teve como objetivo criar base teórica e prática para a realização de um concurso que propõe a requalificação de lugares considerados “infelizes” “pela ausência de planejamento urbano e infraestrutura, além da segregação com o restante da cidade. O edital apresentado no primeiro capítulo apresenta a suposição de que esse lugares considerados são “infelizes”, uma vez que é constantemente enfatizado a necessidade de transformar esses lugares de maneira a torná-los felizes. Dessa maneira, o edital deixa implícito que o contexto a ser abordado está relacionado à informalidade, dado que o tópico de discussão cita áreas periféricas, degradadas e desintegradas conforme o trecho abaixo:

*“Big cities often contain places that lack identity and whose existences are hardly linked with culture, history or tradition. These places are so-called “periphery” or “degraded” areas that remained isolated and un-integrated, such as neighborhoods with social conflict or poverty. They are often damaged and in need of reconstruction due to lousy planning or no planning at all. The architects mission is, therefore, to recognize the character of the site and create its sense of place”*¹⁶³

Perante o modo em que o edital trata o tipo de área passível de intervenção e diante da investigação desenvolvida sobre os tecidos informais, em específico as favelas do Rio, conclui-se que a proposta não deve ser guiada exclusivamente pelas irregularidades do contexto. Já foi evidenciado que a formação dos tecidos informais envolve um grande processo coletivo que resulta em comunidades ricas em relações sociais, que se reinventam para se afirmarem como cidade. A ideia de cidade é possível com simples recursos locais e gestão de pouco poder financeiro, mas que mesmo assim adquire capacidade de apropriação em condições extremas, enquanto que a cidade formal se mostra inacessível.¹⁶⁴

Partindo da premissa de que a cidade informal, apesar de suas adversidades, apresenta atividades e relações socio espaciais positivas, busca-se abordar o contexto escolhido como um suporte para a imaginação da intervenção a ser feita. Prolongar as estruturas existentes, agregar, unir, ampliar para construir algo novo é muito eficaz: a estrutura urbana, arquitetônica e paisagística já estão no local, só é preciso saber tirar partido delas.¹⁶⁵ Acredita-se que todas as qualidades criadas ao longo da formação do tecido informal do Complexo do Alemão possam servir de tônica para a

¹⁶³ Trecho do edital do concurso UIA-HYP CUP 2019;
Disponível em: <http://hypcup.uedmagazine.net/?r=info/content&en=1>

¹⁶⁴ ANZORENA, Jorge; “Companion to Contemporary Architectural Thought: Informal housing and the barefoot architect” referido por LOUREIRO, Vânia; 20e11; p.21

¹⁶⁵ LACATON, Anne e VASSAL, Jean Philippe; Actitud; Editora Gustavo Gili; Barcelona; 2017; p.88

elaboração da proposta arquitetónica. Sobrepondo a informalidade e a prática arquitetónica, pode-se criar um cenário onde as demandas sejam consideradas e a arquitetura seja um elemento que potencialize a cidade informal ao mesmo tempo que supra as necessidades infraestruturais.

Tendo um panorama geral sobre tecidos informais e uma leitura meticulosa do âmbito das favelas do Rio de Janeiro, inicia-se a estabelecer objetivos que guiem desenvolvimento da intervenção projetual. Estes objetivos visam criar uma narrativa através da proposta, sendo importante para a leitura do projeto por parte do júri e para a conclusão do processo investigativo desenvolvido até aqui. Dessa forma, os objetivos que visam a transformação da área em questão são os seguintes:

- Estabelecer uma nova relação do Complexo do Alemão com a cidade, de maneira romper a segregação da informalidade das favelas;
- A partir de uma escala de masterplan, repensar a Faixa da Light como um todo;
- Conectar as favelas Parque Alvorada e Nova Brasília por intervenção do espaço público, criando espaços para acontecimentos cotidianos;
- Propor um edifício que atue como articulador urbano, em harmonia com o contexto urbano e paisagístico existente, e que também se conecte com a população e história do local;
- Atribuir um papel social ao edifício através de uma arquitetura que represente uma sociedade modernizada com senso de comunidade e cidadania
- Articular o edifício com as atividades existentes na envolvente da área de intervenção;
- Propor um programa que envolva as manifestações culturais locais, dando infraestrutura e acesso a informação a população residente;
- Garantir a flexibilidade do projeto, levando em consideração as constantes mudanças que ocorrem no tecido informal;
- Conduzir a proposta com uma abordagem sustentável, que garanta um conforto não só no interior do edifício, mas também na envolvente.

Em conjunto destes objetivos, espera-se que o projeto tenha um impacto que resinifique a favela e aquilo que lá é produzido e não é valorizado pelo resto da cidade. A partir destes objetivos, imagina-se que o contexto passe por uma mudança social por meio do uso do edifício e vire um ponto de transformação e fortalecimento das comunidades e culturas locais.

Considerando o caráter teórico e prático dessa dissertação, se dá início aos primeiros gestos arquitetónicos numa escala urbana. Os gestos tomados a seguir devem ser apoiados nos capítulos anteriores, principalmente na leitura histórica e urbana do local, que inconscientemente começou a criar um imaginário da intervenção arquitetónica.

5.2 Escala urbana

A leitura prévia da área de estudo do Complexo do Alemão, como visto anteriormente, acabara por especular uma possível área de intervenção, identificada como Faixa da Light. A partir daí inicia-se um processo de definição do **sítio** ou **locus**, “*termo ainda de Rossi – todo aquele material funcional e formal que singulariza cada situação.*”¹⁶⁶ Esse processo partiu da identificação das possíveis conexões existentes e potenciais que poderiam integrar o tecido informal com o formal, dando sentido e forma a um projeto urbano.

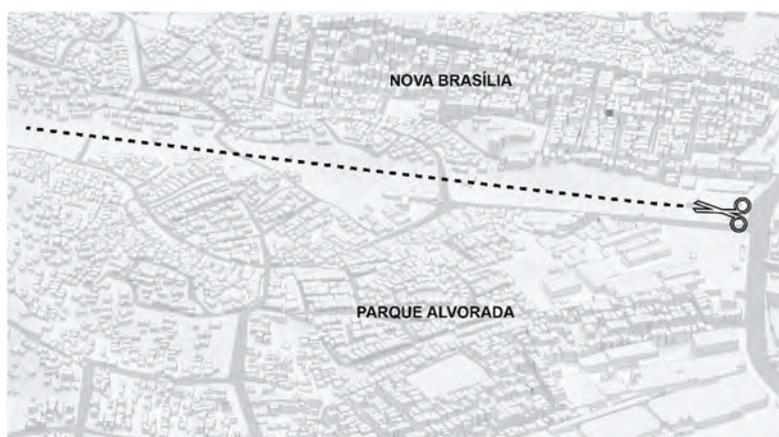


Figura 92: Identificação do terreno atual como barreira entre as duas favelas.



Figura 93: Principais conexões existentes e potenciais.

Considerando o sistema viário do local e a ruptura causada pelo terreno expectante, surge a ideia de potencializar conexões existentes, principalmente no sentido norte sul onde é possível aproximar o Complexo do tecido formal e criar ligações no sentido leste oeste, conectando as favelas Parque Alvorada e Nova Brasília. O objetivo desse gesto é atender as demandas locais e ao mesmo tempo tornar a favela mais visível e acessível para aqueles de fora e a partir disto começar a tornar o contexto informal mais evidente e valorizado em relação com o resto da cidade.

¹⁶⁶ PORTAS, Nuno; A cidade como arquitetura; Livros Horizonte; 4ª edição; 2011; p.98

A partir das conexões identificadas fica claro que o eixo norte sul é o mais bem marcado, devido a linearidade do terreno da Light. A ativação desse eixo passa a depender do desenho urbano e definição do programa ao longo do percurso que se deseja criar. Dessa forma, o eixo leste oeste passa a depender de gestos mais pontuais, uma vez que a distância que separa as duas favelas é inferior àquela que separa a cidade formal da informal. Com a ideia inicial para a área de estudo, cabe delimitar uma área de trabalho mínima, que por sua vez é definida a partir do sistema viário e da variação da topografia.¹⁶⁷

Junto a definição da área de trabalho através de questões urbanas pré-existentes, leva-se em consideração o projeto para a Faixa da Light elaborado por Jorge Mario Jáuregui em parceria com a Universidade de Buenos Aires e abordado no capítulo anterior. Embora a área de trabalho como um todo seja pensada apenas numa escala macro, notou-se a necessidade de a intervenção total de maneira explorar o potencial total do terreno da Light. Em uma escala de masterplan, se dá continuidade a ideia de um parque linear ao longo do terreno, onde os diferentes programas são concebidos de acordo com as condições da topografia e vegetação do lugar. Considerando escassez de espaço público e vegetação no Alemão, fica implícita a necessidade de transformar o espaço disponível numa área orgânica onde as intervenções arquitetônicas não afetem as condições naturais.

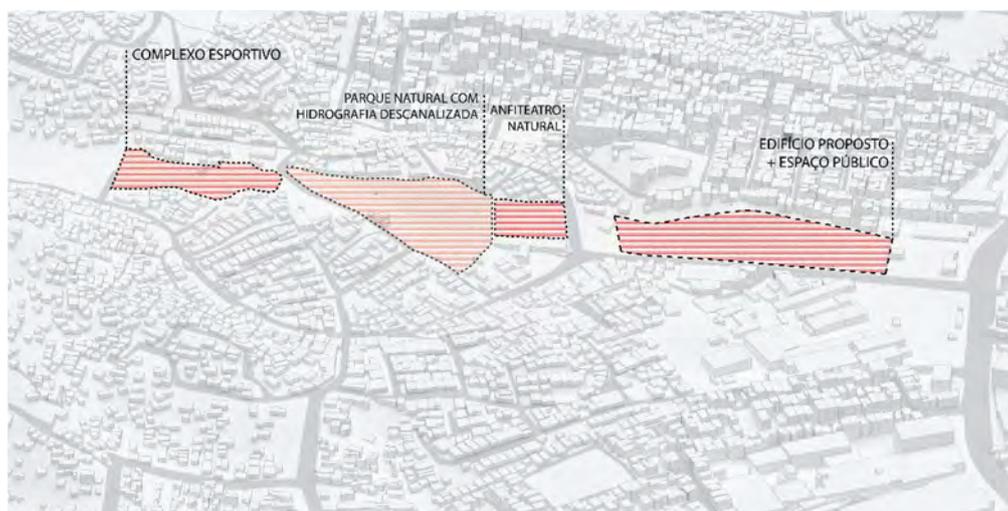


Figura 94: Setorização da área de trabalho.

A setorização apresentada para a área de trabalho indica a necessidade maior de desenho urbano do que a construção de edifícios. O complexo esportivo proposto na extremidade norte do terreno deverá desenvolver-se em volta das quadras esportivas existentes, sendo essencial a melhoria desses equipamentos e da sua envolvente. Em seguida, um grande trecho dispõe de vegetação

¹⁶⁷ ROSSI, Aldo; A arquitetura da cidade; Edições 70; 2019; p.78

abundante e de um rio canalizado, sendo assim sugerida a naturalização do curso de água e criação de passeios ao longo do trecho. A terceira intervenção urbana deve corresponder a um espaço de permanência que pode ser apropriado para diversas manifestações culturais. Nesse trecho, a topografia é interrompida de forma brusca, diferente do restante do terreno onde a pendente é constante. Assim, uma espécie de anfiteatro natural é formada, criando condições ideais para realização de eventos e na concentração de pessoas de maneira geral. Por último, seguindo em sentido ao tecido formal, encontra-se a área definida para o edifício proposto, uma parcela do terreno com cerca de 250 metros de extensão e 60 metros de largura.

Esta área fora delimitada a partir das conexões que se quer promover ao longo do tecido e de acordo com as reais condições construtivas que o terreno apresenta. Definido pela Rua Antônio Austregésilo e um longo alçado composto por diversas habitações da favela Nova Brasília, o terreno função essencial para a integração das duas favelas rompidas pela Faixa da Light. Observa-se nesse trecho o grande potencial de uma construção que assuma uma estrutura urbana e atue como facto urbano, penetrando na morfologia urbana e fazendo cidade.¹⁶⁸



Figura 95: Área definida para projeto e novas conexões.

Estabelecida a área para o desenvolvimento do edifício, inicia-se o desenvolvimento do programa de necessidades, que será uma condicionante para a morfologia do edifício e as relações urbanas que o mesmo tende a formar. Devido ao fato do concurso não estabelecer um programa específico, considerou-se essencial a formulação de uma ideia urbana antes mesmo de avançar para o desenho arquitetónico e assim buscar um impacto positivo mais abrangente para a envolvente e sua população.

¹⁶⁸ PORTAS, Nuno; A cidade como arquitetura; Livros Horizonte; 4ª edição; 2011; p.08

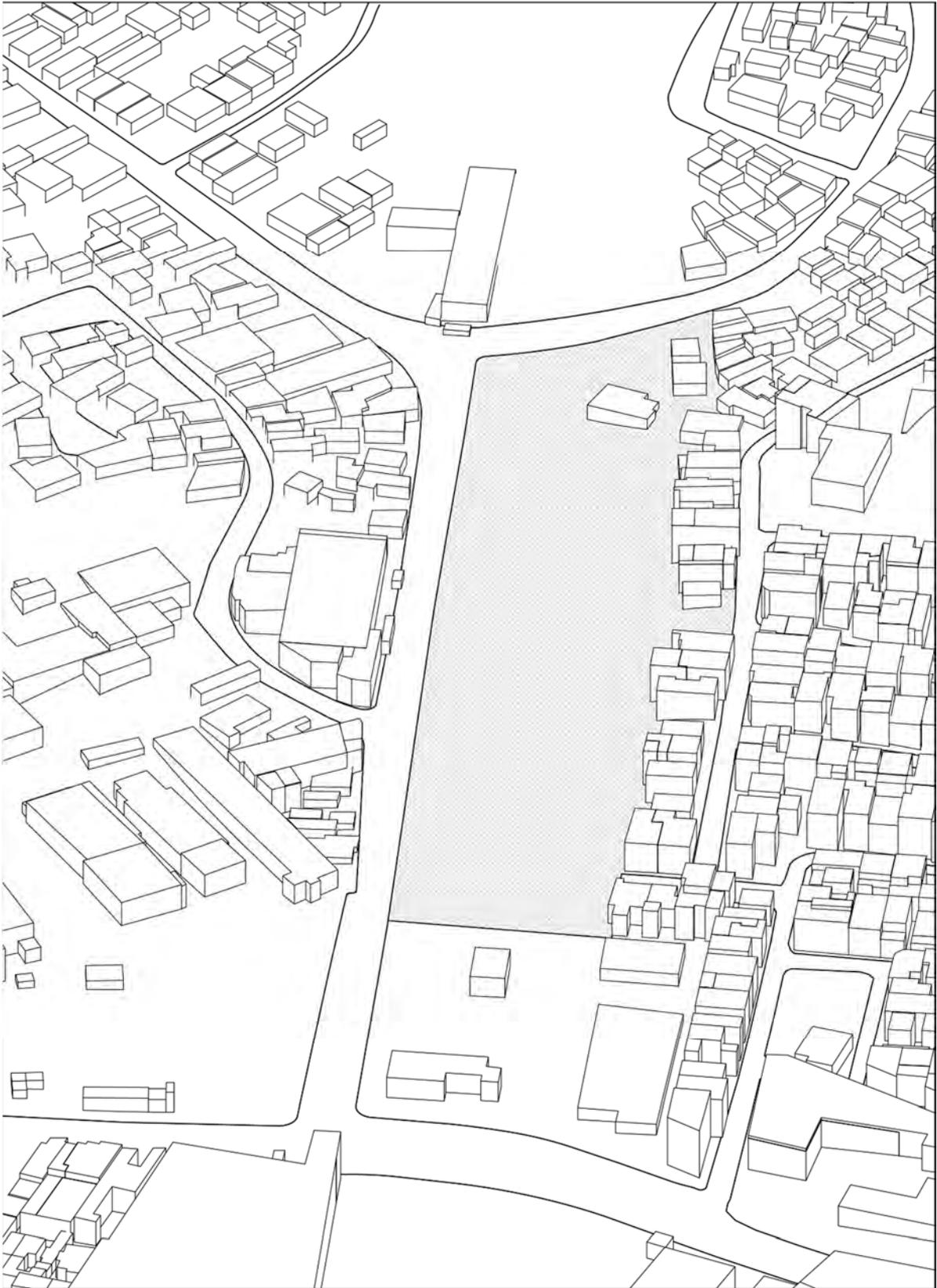


Figura 96: Axonometria da área de projeto.

5.3 Programa

O edital divulgado pela comissão organizadora do concurso dá total liberdade aos concorrentes de elaborarem o próprio programa de necessidades, desde que o mesmo englobe no mínimo duas funções diferentes. Junto ao programa do edifício, espera-se que usos para a envolvente também sejam propostos, que no caso da presente proposta foram expostos no tópico anterior numa tentativa de resolver primeiramente a questão urbana.

Ao abordar a questão programática, Nuno Portas trata o programa e o desenho como elementos interdependentes, mas não sucessivos.¹⁶⁹ A partir dessa afirmação, e o caráter versátil das relações comportamento-espaco do tecido informal, o programa passa a ser tratado de maneira mais versátil, tendo a temática da infraestrutura como pilar principal. Então, um meta-programa é estabelecido para guiar o desenvolvimento de um edifício flexível que atue em conjunto do organismo informal da favela. De maneira mais concreta, o programa a ser estabelecido é pensado para dar suporte as manifestações culturais pré-existentes no Alemão.

A partir da premissa projetual que tem a intenção de integrar a cidade informal ao tecido formal e romper as barreiras sociais, é esperado envolver práticas informais que atualmente estão ocultas ao longo do Complexo do Alemão. Como abordado no terceiro capítulo, o Alemão é a segunda favela com mais manifestações e organizações culturais, que sem incentivos e infraestrutura resistem e transformam a comunidade local. Essa capacidade de improviso e reinvenção da favela através da mobilização e interação social, quando concentrada e em relação direta com a cidade, pode colaborar para a mudança do tecido formal, que em contraponto ao informal carece de senso de comunidade.

Diante disso, as manifestações culturais do Complexo foram divididas de acordo com o campo de atuação, como por exemplo: artes visuais, artesanato, artes cênicas, fotografia e meios de comunicação. Em conjunto ao âmbito cultural, considerou-se dar espaço também para os pequenos empreendedores, *startups*¹⁷⁰ e grupos de ensino, que cada vez mais tem surgido na região. Assim, divide-se o programa a partir da informalidade gerada e do suporte a novos projetos, criando a ideia de uma incubadora e um centro de artes para a área de projeto.

Para essas atividades citadas, especula-se o desenho de espaços de trabalho e ensino condizentes com cada tipo de manifestação, sempre apoiados de áreas básicas como sanitários, arrumos e salas administrativas. Ao mesmo tempo, os espaços destinados à essas manifestações devem ser

¹⁶⁹ PORTAS, Nuno; A cidade como arquitetura; Livros Horizonte; 4ª edição; 2011; p.23

¹⁷⁰ Startup significa começar algo imediatamente, e passou a se referir a empresas emergentes que buscam inovação no mercado. Este termo começou a surgir a partir do crescimento da internet na década de 1990, que criou base para novos modelos de negócio.

pensadas de maneira flexível e adaptável, podendo ser reorganizados de acordo com as necessidades da comunidade local.

Em conjunto a essa função mais informal do programa, surgiu a necessidade de inserir usos pré-determinados que colaborassem para o desenvolvimento das atividades do edifício e atraísse um público maior ainda para a área. Surge assim, a ideia de propor um programa de Mediateca, baseado no caso colombiano de Medellín, onde encontra-se uma situação de assentamentos informais similar ao caso do Rio de Janeiro, mas que virou referência mundial no âmbito de urbanização de favelas. A cidade colombiana já esteve entre uma das cidades mais perigosas do mundo, vivendo uma guerra civil fomentada pelo tráfico de drogas. Em 2004, a cidade passou a desenvolver diversas políticas e projetos que partiam da melhoria do espaço público, e assim passaram a construir um estado de resiliência e segurança através do desenho urbano.¹⁷¹ Esse projetos urbanos envolviam a implantação de equipamentos em áreas com conflitos sociais e assim inserir infraestrutura urbana no tecido informal.

A sequência de implantação de equipamentos público em Medellín partiu de uma “acupuntura urbana”, onde projetos de menor escala uma vez distribuídos de maneira estratégicas, atuaram como uma intervenção geral.¹⁷² Esses equipamentos foram baseados no acesso a cultura e veículos de comunicação, sendo criadas as “Parque-bibliotecas”. O sucesso dessas intervenções não se deu somente por conta do programa dos edifícios, mas também pela articulação da arquitetura com espaços públicos que transformaram o contexto. Todos os projetos das bibliotecas foram realizados através de concursos internacionais, o que garantiu a qualidade e diversidade arquitetônica de cada edifício e promoveu a imagem do tecido informal colombiano como uma boa referência.



Figura 97: Biblioteca Parque Espanã, Medellín.

¹⁷¹ ANTONUCCI, Denise e BUENO, Lucas; A construção do espaço público em Medellín: Quinze anos de experiência em políticas, planos e projetos integrados; Vitruvius; 2018; Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/19.218/7022>

¹⁷² LE ROUX, Nicolas; O edifício como articulador e constituidor da urbanidade: a biblioteca e a cidade; FAUSP; 2014; p. 37; Disponível em: https://issuu.com/nicolas.lr/docs/relat_rio_parcial_nicolas_le_roux

Visto a capacidade transformadora de tal programa num contexto similar ao Complexo do Alemão, decide-se articular essa atividade às práticas informais que se propusesse concentrar no projeto. Dessa forma, o programa da mediateca procura fornecer uma diversa cama de meios de comunicação ao morador do Complexo, fornecendo espaço para um grande acervo de livro e mídias digitais como vídeo e áudio. Aproximando-se de uma lógica organizacional do programa ao longo do edifício, é pré-estabelecida a localização central da Mediateca, de forma apoiar os outros usos.



Figura 98: Lógica linear de articulação do programa proposto.

Definidos os usos para o edifício a ser desenvolvido, inicia o estudo de áreas para cada programa. O edital determina uma área de quatro mil metros quadrados, podendo ser ultrapassada de acordo com o contexto e proposta. Dado a extensão da área de projeto e a flexibilidade cedida edital, opta-se por atribuir uma área maior para o programa, levando em conta o terreno e o público que se pretende beneficiar. Além disso, é idealizado um desenho de edifício que visa estender seus usos para o espaço público para reforçar o impacto social e urbano da proposta, necessitando então de um gesto arquitetônico que procure atender o caráter linear do terreno.

Considerando a função central determinada à Mediateca como um equipamento articulador da informalidade ao redor, não é pré-definido uma organização interna do programa tão estática, apenas áreas técnicas e de arquivo são estabelecidas proporcionalmente a área de cada programa. Quanto ao espaço de uso da comunidade, é pensado um desenho unitário onde todos os tipos de mídias convivem em harmonia. Ao mesmo tempo, o programa de biblioteca demanda de um espaço exclusivo em função do armazenamento e silêncio que o ambiente de leitura requer, mas que não necessariamente está desconectado do restante do programa.

Para os espaços de suporte às manifestações culturais, o programa é separado em duas áreas principais: Centro de Artes e incubadora de projetos. O Centro de Artes corresponde aos espaços para todo o tipo de manifestação artística e de manufatura, prevendo espaços de atelier, salas polivalentes para ensaios e apresentações, administração, recepção, entre outros espaços técnicos necessários. Já a Incubadora de Projetos condiz ao espaço de trabalho formal, com salas de

reunião, salas de aula e refeitório. Para além dos espaços das atividades, determina-se uma áreas de circulação e sanitários proporcional a cada programa ao longo do edifício.

O fato do concurso ter um programa livre e não estabelecer um cliente direto, como é de costume no projeto de arquitetura, os participantes são obrigados a idealizarem também o tipo de organização ou entidade que poderia operar o edifício e como isso aconteceria. Obviamente, a temática do concurso indica uma arquitetura de caráter público, dessa forma imagina-se que o edifício pode ser uma ação do governo do Rio de Janeiro, assim como as Bibliotecas Parque de Medellín são responsabilidade do poder público colombiano. Sendo assumido como equipamento público, a estrutura proposta deve ser acessível a todos. É previsto que os espaços de trabalho e produção sejam geridos de forma que promova uma rotatividade de grupos e pessoas, transformando o espaço em algo que sempre esta em transformação, com o poder de mostrar o que de mais interessante é criado no Complexo.

Com uma definição programática do edifício, é iniciada uma experimentação morfológica que visa a relação da construção com a envolvente e o masterplan proposto para a Faixa da Light. Um processo de manipulação formal é iniciado, procurando estabelecer relações de escala e tipologia dos dois tipos de cidade em questão. Ao mesmo tempo, o programa é considerado nesse processo para que haja um limite volumétrico e uma lógica que possibilite o programa da Mediateca ser o núcleo central do edifício. De maneira conclusiva, o processo iniciado a seguir busca resultar em uma estrutura social que represente todo processo investigativo e narrativo da cidade informal até aqui desenvolvido.

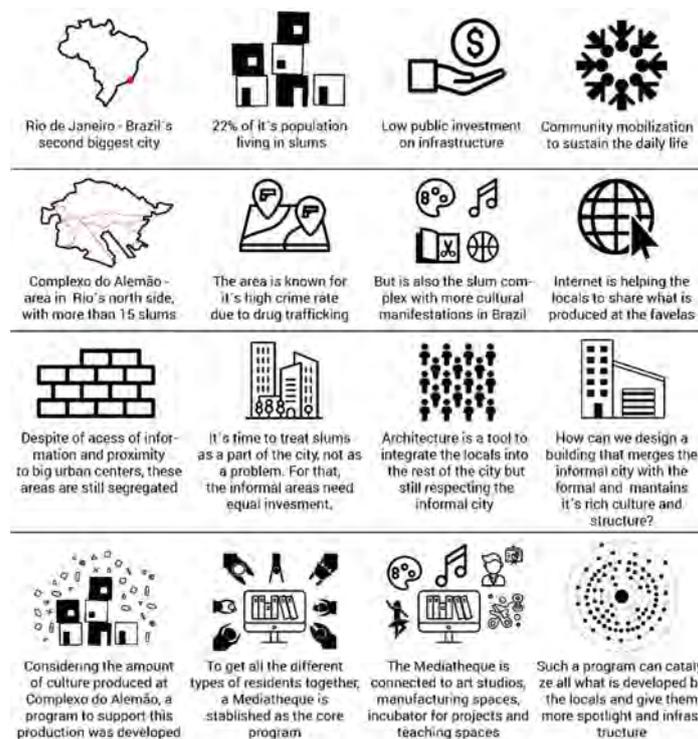


Figura 99: Narrativa apresentada na proposta do concurso UIA HYP CUP 2019.

5.3 Processo conceptual

A narrativa apresentada no tópico anterior e no início da proposta submetida ao concurso, atua como fio condutor para dar forma àquilo que ainda não possui um gesto formal. Dito isto, iniciou-se um processo conceptual para expressar os gestos arquitetónicos que possam representar o diagrama em questão. Traduzindo a intenção de integrar as favelas Parque Alvorada e Nova Brasília através do edifício, procurou-se primeiramente experimentar as possibilidades de ocupação da área de projeto definida. Desde o início do processo, estabeleceu-se o critério de elaborar um projeto que forme um eixo longitudinal, com o intuito de reforçar a conexão que se intenta criar entre as favelas do Complexo e o tecido formal vizinho.



Figura 100: Limites definidos para a construção do edifício.

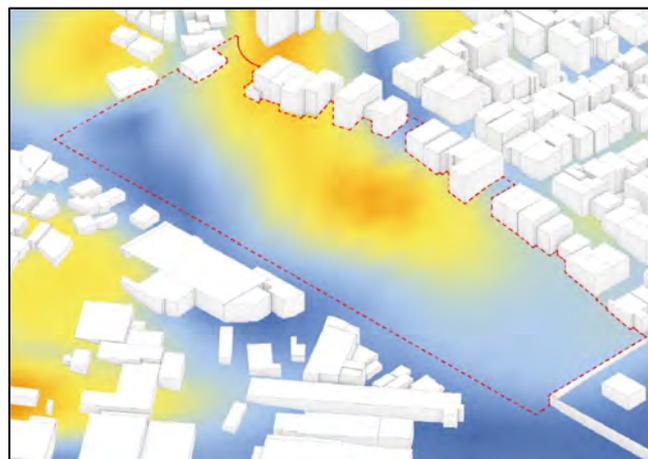


Figura 101: Graus de pendente da topografia local.

Desde logo, foi observada uma pendente variada na área de projeto, que no sentido norte sul apresenta um grau de até 10% de inclinação, e no sentido leste oeste esse aclave chega até 25%. Assim sendo, surge a necessidade de desenvolver uma morfologia que acompanhasse as diferenças de cota entre as duas favelas, dado que uma volumetria uniforme apenas reforçaria a

barreira existente no terreno e não resultaria numa articulação positiva com o espaço público. Mesmo assim, experimenta-se a implantação de um volume compacto de forma a indicar a linearidade que se propõe para o local. Então, a partir de uma extrusão retangular de até quatro pisos, inicia-se uma série de operações formais que resultam na morfologia final.

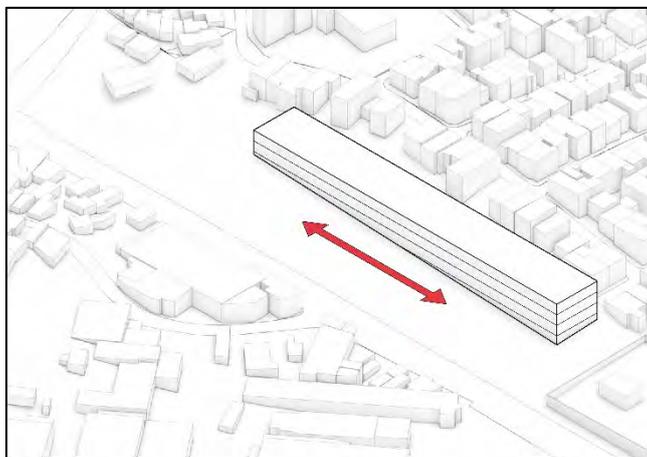


Figura 102: Volumetria compacta indicando o eixo longitudinal da intervenção urbana.

Ao definir uma extensão longitudinal para o projeto, volta-se para uma adaptação ao espaço público da favela, visto que a implantação inicial propõe uma lógica modernista de relacionar-se com o contexto e assim entra em conflito com o local. Isto posto, é necessário conciliar as exigências de desenhar a cidade e o elemento-edifício, em busca de ferramentas de controle e comunicação entre o urbano e a construção.¹⁷³ O recurso que se usa para articular estas exigências parte da fragmentação da geometria inicial, atribuindo complexidade e ênfase na adequação funcional do projeto. Assim, a fragmentação geométrica busca articulação com os dois eixos apresentados anteriormente, e resulta por criar espaços externos relacionados com a tipologia das favelas, onde as construções não costumam seguir um alinhamento a nível de alçado.

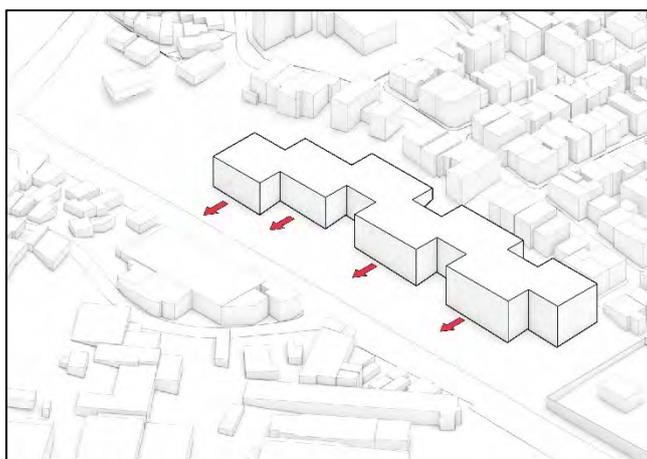


Figura 103: Volumetria fragmentada, definindo diferentes espaços exteriores.

¹⁷³ PORTAS, Nuno; A cidade como arquitetura; Livros Horizonte; 4ª edição; 2011; p.37

Seguido da definição da implantação do edifício, passa-se para a articulação do edifício através da escala. Ainda atuando como barreira no eixo leste oeste, surge uma demanda por relacionar a cota do edifício com a envolvente. As noções de escala são então feitas através da variação de alturas da volumetria pretendida. É sobretudo, buscada uma relação entre a pendente e a altura de cada fragmento, resultando num gesto que acompanha a topografia da mesma forma que as construções locais vão se adaptando ao solo em que estão criando uma paisagem construída. Assim, o edifício assume uma imagem *pixelizada*¹⁷⁴, com elementos geométricos que quando articulados geram terraços, que por fim vão ter usos atribuídos como as lajes da cidade informal.

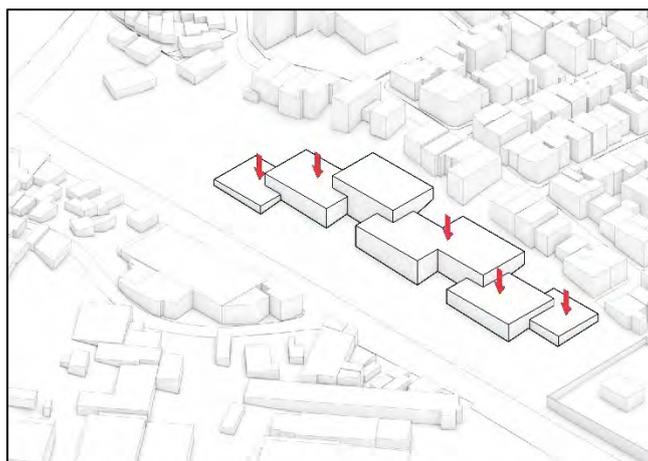


Figura 104: Volumetria adaptada a escala do contexto, criando uma série de terraços.

Rompendo com a obsolescência do volume inicial, a diferença de alturas passa a tornar possível a interação da população local com o edifício, de maneira apropriarem-se da cobertura como parte do espaço público. Uma vez que as lajes se tornam habitáveis, elas passam a integrar o tecido informal e tendem a indicar um possível percurso com cima do edificado. A ideia do sistema de escadas surge a partir da Casa Tolo (Figura 15) em Alvite do arquiteto Álvaro Siza, onde um estreito terreno com declive torna possível o caminho sobre a volumetria. Junto a questão das cotas, o projeto também assume uma linearidade que garante a continuidade com o entorno.¹⁷⁵

Como consequência da adaptação volumétrica a topografia, passa a ser possível vencer a diferença de cotas entre as favelas ao descer-se pela cobertura do projeto. Através de um sistema de escadas e elevadores, determina-se um percurso que acompanha a morfologia do edifício e propõe diversas visadas em direção ao Complexo do Alemão e o restante da cidade. Por fim, com a intenção integrar o edifício ao tecido urbano, propõe-se duas passagens pedonais (Figura 16) da favela Nova Brasília para a cobertura do edifício, fazendo ligação direta entre os dois tecidos antes separados.

¹⁷⁴ Relativo ao elemento pixel, que representa um dispositivo de exibição. A forma quadrada desse elemento passou a ser usada na arquitetura para fazer referência a edifícios compostos por diversos fragmentos geométricos, principalmente para expressar a variação de alturas.

¹⁷⁵ Extraído do memorial descritivo da Casa Tolo 1999; Disponível em: <http://www.alvaroleitesiza.com/casa-tolo/>

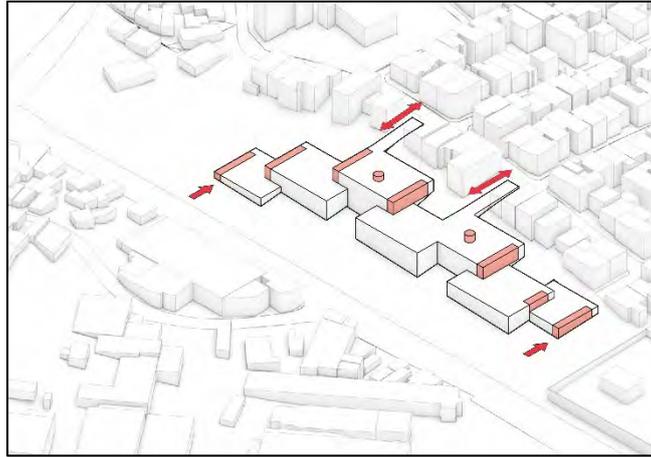


Figura 105: Sistema de escadas e elevadores gerando novas conexões.



Figura 106: Escadas da Casa Tolo, Álvaro Siza 1999.



Figura 107: Acesso ao terraço do edifício através da favela Nova Brasília.

Com uma reestruturação urbana explícita, retorna-se ao programa, que divide a organização do edifício em três partes: a parte central da Mediateca, que ocupa os três volumes mais altos da morfologia, o centro de artes localizado a norte e a incubadora de projetos a sul do terreno.

Conforme expresso no tópico passado, a Mediateca ocupa a posição principal do edifício. Dado que ela corresponde ao programa de condição mais pública, os acessos da favela Nova Brasília ocorrem sobre esse programa. Esta situação é principalmente determinada pela acessibilidade e acesso aos dois elevadores que fazem a conexão das contas mais altas da área de projeto. Contudo, os acessos em sentido contrário são através dos programas informais, tornando o percurso em um momento de descoberta de tudo aquilo que acontece ao longo do projeto. Ainda que este percurso ocorra no exterior, é previsto o acesso ao edifício em cada patamar, atraindo mais visitantes e ao mesmo tempo expandindo as atividades para o espaço público.

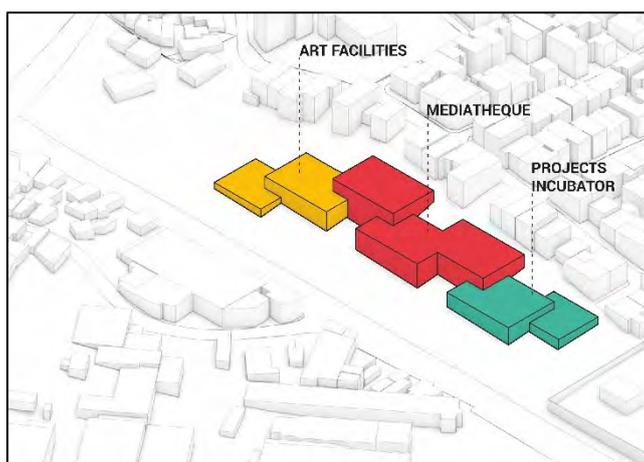


Figura 108: Mediateca como núcleo principal, conectando as atividades informais.

Numa linguagem gestual muito forte, forma-se uma visão inicial do edifício, elaborada a partir da reestruturação urbana e inserção de atividades e pessoas em um local antes considerado inalcançável. São legíveis as intenções do projeto através do seu processo de operação formal, mas cabe salientar que os gestos surgem da investigação a partir do contexto informal e visam a valorização da cultura informal antes de meramente representar uma manipulação formal.

O processo projetual estabelecido é relacionado com a ideia de Nuno Portas sobre um *“processo em que o sistema de funções se define na sua crescente complexidade em passos estratégicos, permitidos pelo conhecimento na sua aproximação da realidade, e a estrutura formal o morde com crescente importância da liberdade...”*¹⁷⁶ A partir da fala de Portas sugere um processo projetual gradual que adquire informações chave para a concretização da arquitetura, provendo a cada passo desse processo novos gestos e diferentes escalas e resultando numa narrativa que vai da apresentação do contexto até o pormenor do edifício.

¹⁷⁶ PORTAS, Nuno; A cidade como arquitetura; Livros Horizonte; 4ª edição; 2011; p.34



Figura 109: Axonometria geral do edifício e espaço público proposto.

5.4 Tipologia e desenho

A partir do pensamento conceptual, cria-se base para a organização da proposta, que deve ser traduzida através do desenho arquitetónico, tornando viável a narrativa diagramática expressa no tópico anterior. Esses traços agora tem a função de representar a materialização da investigação desenvolvida, criando espaços reais para a viabilidade daquilo que se idealizou para o edifício ao longo da dissertação. O processo de dar uma forma acabada a uma componente de exigências quantitativas e qualitativas se traduz também num processo de abstração onde o pensamento resulta na peça desenhada. Mesmo que uma meta-morfologia já tenha sido desenvolvida, como é o caso da resultante do processo conceptual, resta definir uma ordem de espaços e relações que garantam o funcionamento do edifício.

O primeiro passo desse exercício surge da necessidade de possibilitar a organização vertical do edifício, viabilizando a conexão das cotas propostas e a disposição dos espaços. A especificidade da topografia da área de projeto e a vontade de adequar-se ao local, leva ao desenho de linhas horizontais que a nível do solo acompanham a pendente, criando diferentes níveis térreos que por sua vez são separados de acordo com o programa. Acima do nível da rua, uma segunda linha pretende equilibrar a linearidade do edifício, agora percorrendo os dois extremos da volumetria numa mesma cota, reforçando o eixo que se tenciona estabelecer ao longo da Faixa da Light.

A sucessão de lajes até o terceiro pavimento, vai tendo sua superfície reduzida à medida que a volumetria representa uma intersecção de terraços que formam um corpo de aspecto montanhoso. O desenho destas coberturas surge do traço conceptual que visa criar diferentes espaços exteriores, introduzindo uma intenção do espaço interno de dialogar com espaço público, e de dar uma “*continuidade espacial e tipológica, em relação ao território ou à cidade.*”¹⁷⁷ A disposição desses espaços exteriores e da interrupção da linearidade das lajes é maturada ao longo do exercício de desenho, resultando numa regra modular que correlaciona-se com a tectónica e o programa do edifício.

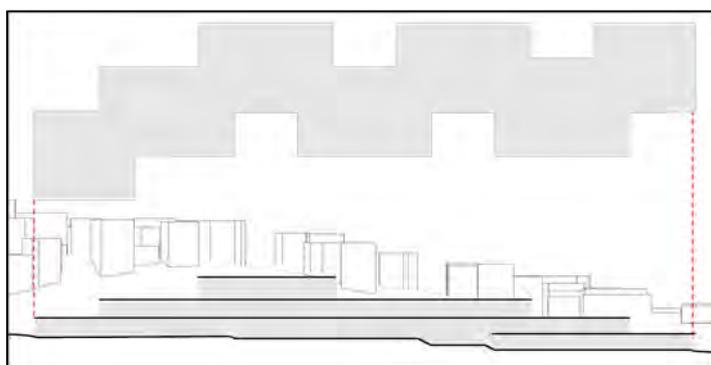


Figura 110: Disposição das lajes.

¹⁷⁷ PORTAS, Nuno; A cidade como arquitetura; Livros Horizonte; 4ª edição; 2011; p.125

A partir da organização dos pavimentos, o programa é distribuído conforme a hierarquia e área pré-estabelecida, sendo atribuído ao nível térreo uma imagem de vitrine daquilo que acontece no edifício. De acordo com a importância da Mediateca, esta assume o acesso principal ao volume e garante conexões aos outros programas. Mas ao mesmo tempo, é dada autonomia às atividades informais, garantindo acessos independentes voltados para os usuários e serviços, enquanto possíveis visitantes podem ter acesso a esses espaços pela Mediateca. Esse esquema de organização visa possibilitar futuras mudanças nos programas e atividades culturais, sem interferir no núcleo principal do edifício e mantendo a sua função integradora no tecido local.

O desenho dos espaços surge da divisão do programa e consequentemente do estabelecimento de uma malha modular que impõe limites e ao mesmo tempo dá liberdade ao layout dos espaços internos. Este aspecto formal atribuído através de um *grid* ortogonal é visto como a inserção de um novo desenho no contexto das favelas do Complexo do Alemão, mas que é inserido com o objetivo de dar à população local infinitas possibilidades de apropriação do espaço gerado, num jogo colaborativo assim como é o processo construtivo local. Visto isto, projeta-se uma malha de 7,50 por 10 metros, dividindo o volume através de uma ordem sistêmica e funções dinâmicas que se relacionam diretamente com a forma e função urbana do propõe.

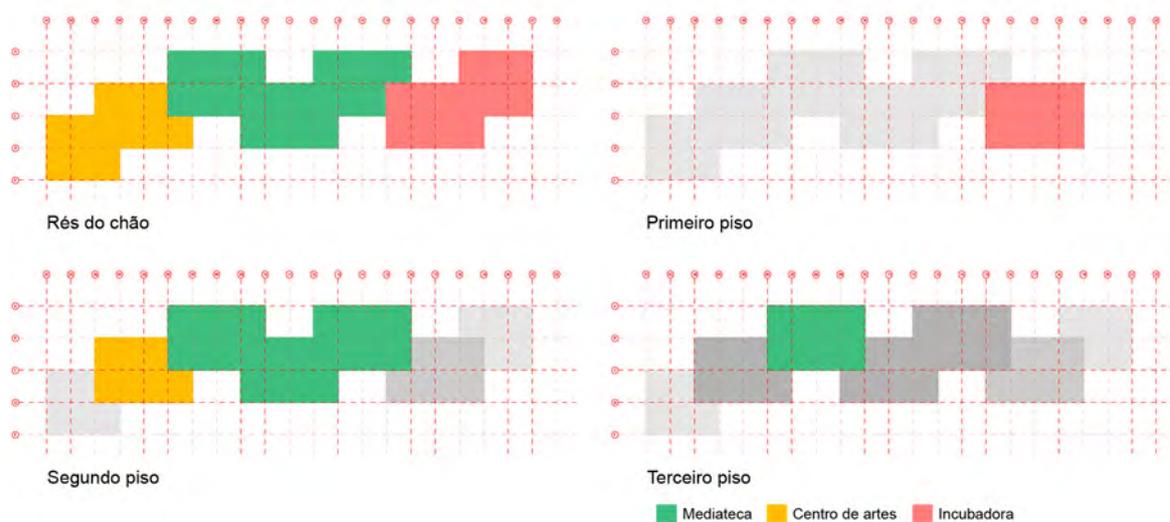


Figura 111: Organização do programa sobre a malha proposta.

Dada a setorização dos pavimentos, iniciou-se uma sequência de tentativas que visavam resolver a circulação interna, as áreas técnicas e sanitários do edifício. Em virtude da rígida malha estrutural proposta e a flexibilidade que se propõe aos espaços, resolveu-se concentrar todos esses elementos na extremidade oposta a fachada principal do edifício. Isso fez com que as áreas mais iluminadas e ventiladas do projetos ficassem completamente livres para a apropriação dos usos principais. A partir dessa organização, o desenho assume um papel infraestrutural, tornando viável diversos tipos de usos futuros que podem ultrapassar o aspecto de forma construída e sempre manter sua função urbana.

A nível de layout, procurou-se desenhar espaços com o mínimo de divisões internas possíveis, sem considerar as áreas técnicas, possibilitando uma construção com um número máximo de metros cúbicos possíveis, e que recebe todas atividades imaginadas. Os grandes espaços criados acabam por proporcionar uma noção de liberdade, dando ao usuário a liberdade de relação natural com o espaço, sem que fabrique uma relação pré-determinada.¹⁷⁸ A dimensão do módulo colabora para uma setorização primária dos espaços, criando diferentes zonas dentro de espaços abertos. Este sistema espacial único em cada programa do edifício, reforça o senso de comunidade no interior do projeto ao mesmo tempo que promove a extensão do espaço público da favela. A conjugação de espaços únicos e diversos programas acabam por determinar uma tipologia evolutiva, que pode mudar mediante do número de atividades e grupos que se pretende receber nos espaços das manifestações artísticas e de incubação de projetos. Os espaços voltados para arte, em contraponto aos espaços de trabalho da incubadora, requerem uma organização interna um pouco mais formal, dada a demanda por espaço de armazenamento e trabalhos que envolvem atividades físicas e manipulação de matérias. Enquanto isso, imagina-se para a incubadora de projetos uma planta única, onde diversas estações de trabalho e reunião ficam à disposição do público empreendedor do Complexo em um ambiente colaborativo.

O género de espaço interno aqui proposto é visto por Nuno Portas como uma tendência sistémica na arquitetura, onde *“o problema da abertura, quer ao nível de programa, quer ao nível de sua tradução formal, reduz-se à procura de sistemas funcionais indeterminados, flexíveis e evolutivos, interpretados por uma standardização funcional, dimensional e construtiva. Sistemas que tendem a ser universais e indiferentes aos sítios geográficos ou culturalmente considerados.”*¹⁷⁹ Apesar da pertinência da citação, acredita-se que no contexto urbano, o sistema proposto atua de acordo com o contexto, tanto social quanto geográfico, a medida que se enraíza no tecido existente e propõe uma articulação exterior interior.

Frente a um inquietude entre o risco dos sistemas flexíveis indeterminados e o possível desenho de uma planta mais rígida, apoia-se na arquitetura informal das favelas para defender o sucesso desse espaço evolutivo. Como visto ao longo da investigação, a favela é um processo construtivo em constante desenvolvimento, onde o meta programa é a habitação, que sofrerá alterações ao longo do tempo, em contraponto a arquitetura formal, onde um pré projeto dita o futuro de uma construção. Visto isto, considera-se de responsabilidade da disciplina a questão urbana e morfológica, que transforma a envolvente e cria um superfícies para que posteriormente a informalidade conduza o organismo do edifício.

¹⁷⁸ LACATON, Anne e VASSAL, Jean Philippe; Actitud; Editora Gustavo Gili; Barcelona; 2017; p.83

¹⁷⁹ PORTAS, Nuno; A cidade como arquitetura; Livros Horizonte; 4ª edição; 2011; p.125

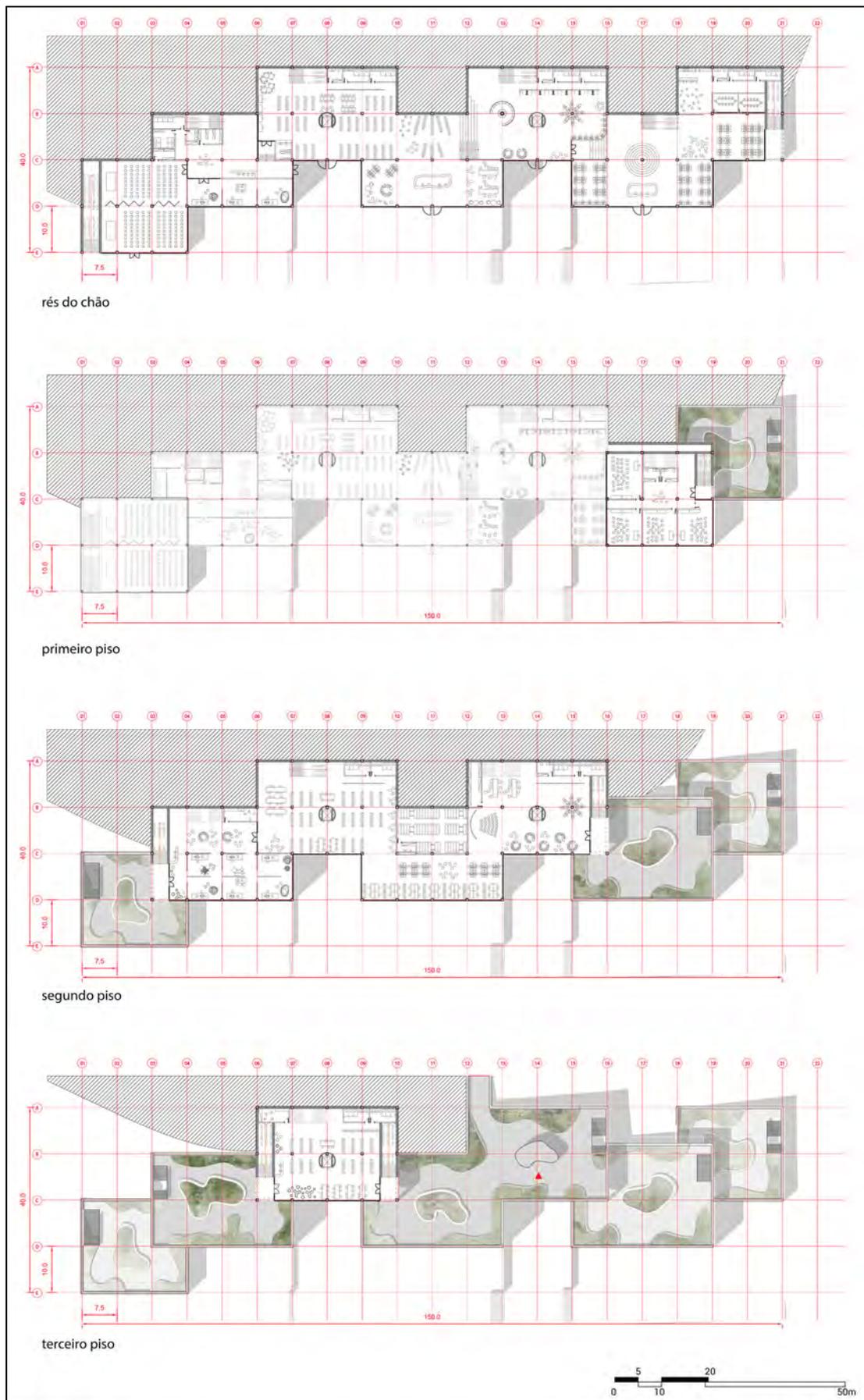


Figura 112: Plantas baixas do edifício.



Figura 113: Mediateca a nível do rés do chão.



Figura 114: Espaço de produção artesanal do Centro de Artes.



Figura 115: Sala polivalente.



Figura 116: Atelier para artistas locais.

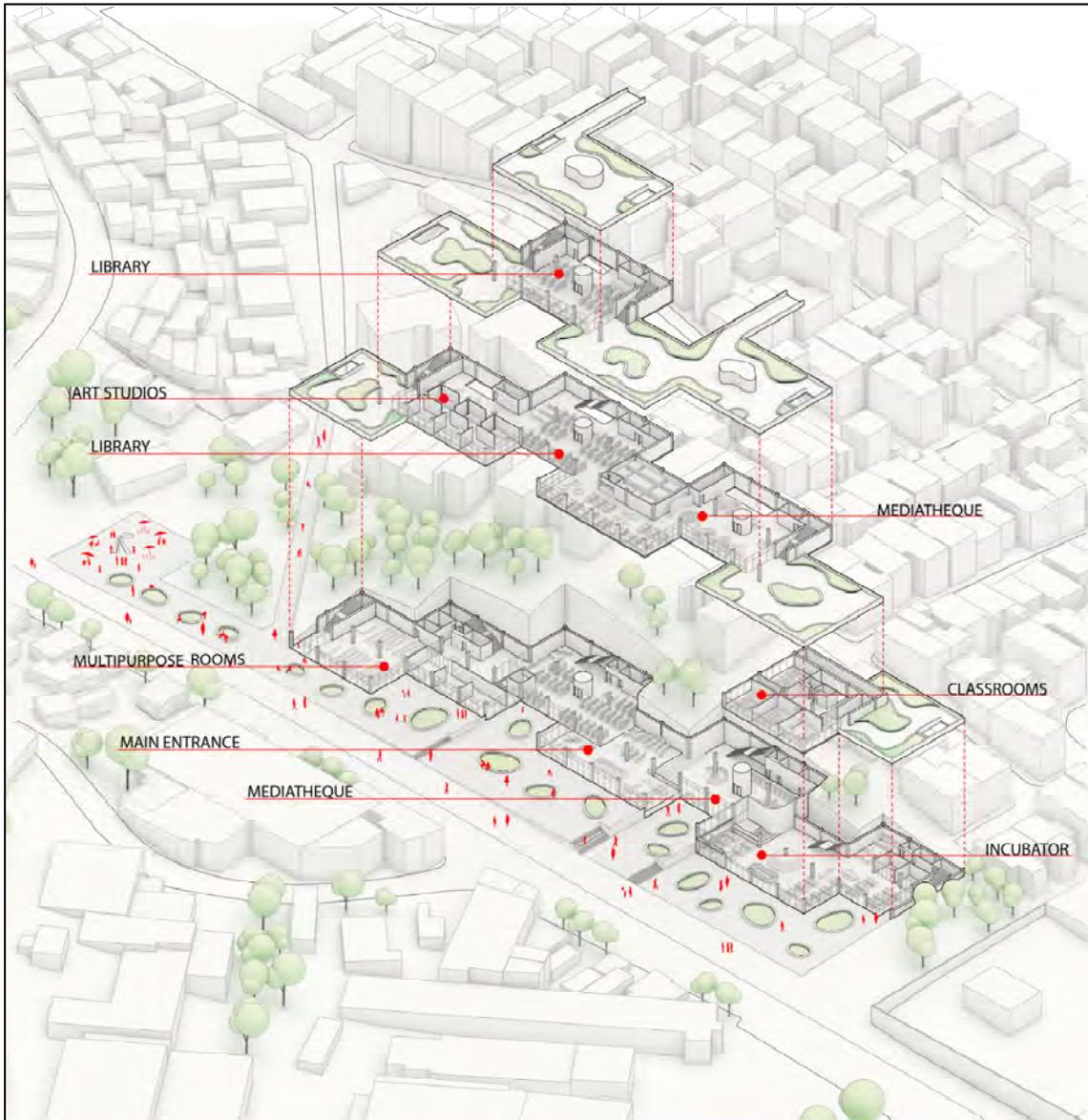


Figura 117: Axonometria explodida.

5.5 Espaço público

Partindo da lógica informal de espaço público, onde as áreas exteriores resultam dos recuos e diversidade de perfis viários, sempre em relação direta com as construções, procurou-se seguir essa estrutura para manter o aspecto heterógenos destes espaços. Dito isto, optou-se por criar uma complexidade de espaços externos que estabeleçam diferentes relações com o programa e o entorno do edifício. Para além da ativação destes espaços através de atividades relacionadas ao edifício, esses espaços compõem percursos que tornam possível a função conectora do projeto, reforçando a ligação entre as favelas Nova Brasília e Parque Alvorada e atraindo novos públicos provenientes do tecido formal vizinho.



Figura 118: Esquema de espaço público.

O sistema de escadas externas propostas ao longo, levam o transeunte a uma série de terraços que permitem a extensão das atividades realizadas no interior do edifício ou servem meramente como espaços de estar e encontros cotidianos. Em seguida dos terraços, o rés do chão também é fragmentado em três diferentes patamares conectados por escadas e pela pendente da Rua Antônio Austregésilo. Esses patamares separam os três grandes programas do edifício e criam espaço para a apropriação por conta de atividades pré-existentes nessa rua, como pequenos comércios e serviços que atualmente resistem com o mínimo de espaço que encontram disponível para apropriação.



Figura 119: Perspectiva de um dos terraços propostos.

Para compor os terraços propostos, é desenhado uma série de canteiros de forma orgânica, que de uma vista de topo parecem pertencer a um mesmo conjunto, mesmo que em diferentes cotas. Estas silhuetas curvilíneas surgem da obra do paisagista brasileiro Roberto Burle Marx, conhecido por estabelecer relações entre arte e paisagismo. O desenho inspirado em Burle Marx aqui proposto busca definir diferentes espaços nos terraços, formando áreas de introspeção ou até para realização de atividades.



Figura 120: Paisagismo de Burle Marx no Edifício Gustavo Capanema, Rio de Janeiro.

Por outro lado, o novo espaço público a nível do rés do chão em frente ao edifício proposto, estabelece a substituição de um percurso que antes era feito no meio da rua, devido a ausência de passeio. A partir deste espaço, os peões que passam pela construção, têm contacto com as atividades do edifício e a oportunidade de subir até a favela Nova Brasília, antes separada pelo terreno vazio. Junto a isto, são desenhados uma série de canteiros, com o objetivo de criar uma zona de permanência, no eixo que hoje é exclusivamente usado para transitar do Complexo até a

Avenida Itaóca. Numa perspectiva linear, a relação de escala e de espaços externos gerados pelo edifício relaciona-se diretamente com a escala da favela em termos de alturas, afastamentos e visadas criadas, ainda que como um todo o edifício represente claramente uma intervenção externa e não uma replicação daquilo construído ao longo da formação do Alemão.

Entende-se dessa forma, que o gesto aqui desenvolvido pretende reconhecer a riqueza das relações cotidianas do Alemão, que ocorrem principalmente no âmbito público. A partir disto, o projeto visa fazer referência aos espaços que apesar de carecerem de infraestrutura, tem grande importância para o dia a dia da população local. Agora, com mais área comum e elementos que colaboram para um espaço mais confortável, estipula-se que o edifício e sua envolvente passem a virar um espaço de encontro, assim unindo pessoas de todas as favelas do Complexo e atraindo possíveis públicos que antes tinham receio sobre o tecido informal.

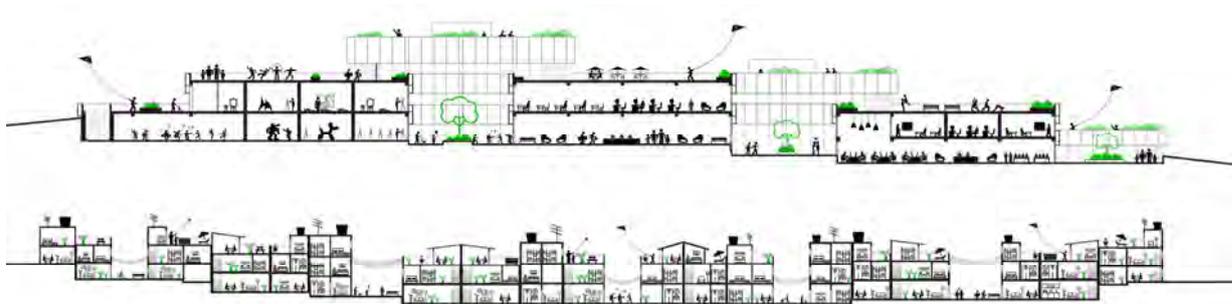


Figura 121: Equilíbrio escalas espaciais do edifício proposto e da condição atual da favela

Por fim, voltando a escala do masterplan proposto no início deste capítulo, acredita-se que o espaço público gerado através da implantação e morfologia do edifício é peça vital para o sucesso da intenção geral de conectar o Parque da Misericórdia ao restante da cidade. Sendo localizada próximo a fronteira da favela com a cidade, a área de projeto assume papel de porta de entrada para o percurso imaginado. Este percurso, ainda que não precise de grandes intervenções arquitetônicas, requer que barreiras sociais sejam quebradas para que passe a ser um local feliz, como o próprio edital do concurso sugere. Assim, é começando por intervenções mais pontuais como a do edifício proposto, que o local passará a ser tratado com menos medo e sim potencial.



Figura 122: Novo passeio ao longo da Rua Antônio Austregésilo.

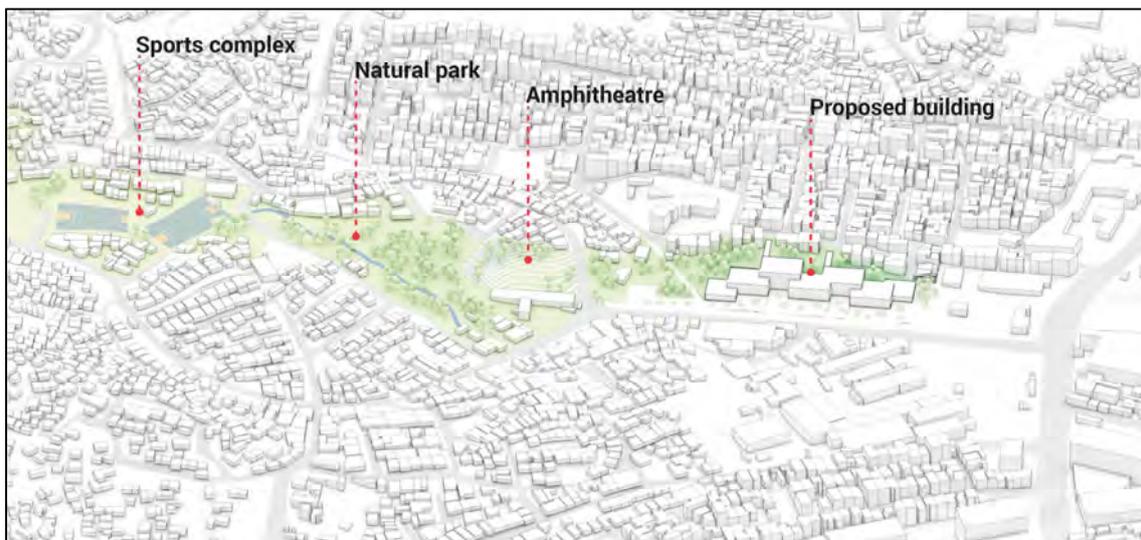


Figura 123: Axonometria geral do masterplan proposto.

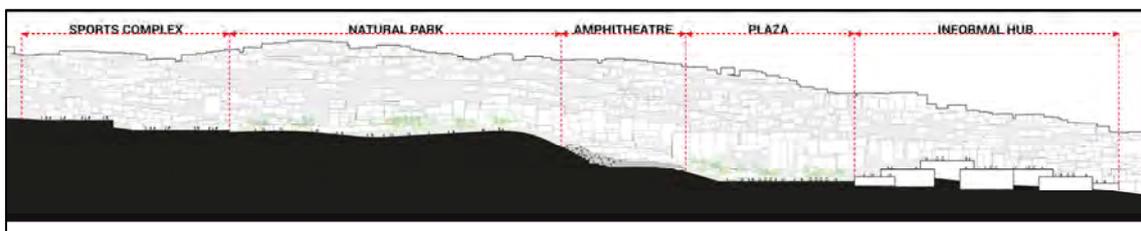


Figura 124: Perfil geral do masterplan proposto.

5.5 Tectónica

Com o objetivo de atribuir valores técnicos e características físicas ao projeto, pretende-se estabelecer relações diretas entre a forma, conceito, materiais e processo construtivo da intervenção em questão. Estas características físicas, de maneira conclusiva respondem a todas as intenções pré-estabelecidas para o projeto e garantem o funcionamento da infraestrutura desenhada. Por se localizar num contexto informal onde o processo construtivo encontra-se em constante alteração, imagina-se desde o início um método construtivo que garanta rápidas alterações ao longo da vida do edifício, para que esse também possa acompanhar a dinâmica das construções que o rodeiam. Os sistemas construtivos baseados na estrutura e no revestimento, e com uma boa proporção de capacidade portante e custo, acabam por não comprometer os programas do edifício, tornando viável que os mesmos se convertam em qualquer outro uso.¹⁸⁰ A independência entre tectónica e programa é entendida como o rompimento de uma barreira que impede a reinvenção das práticas cotidianas, que na favela assumem importante papel e garantem o senso comunitário.

Dito isto, o processo construtivo do edifício surge de sua estrutura como componente expressiva da forma, distribuída ao longo do módulo de 7,5 por 10 metros. O sistema estrutural de pilares metálicos de perfil 300x300x16 milímetros e vigas HEA280 suportam as lajes de *steel deck*, tornando a montagem mais rápida e com um canteiro de obras menor. Este sistema construtivo apresenta facilidade para a colocação de instalações e rebaxos, resultando em uma economia de materiais e maior versatilidade de acabamentos. Junto a questão estrutural, o caráter flexível e dinâmico do projeto é reforçado dado a ausência de paredes estruturais, tornando mais variada as opções de layout e organização dos espaços internos.

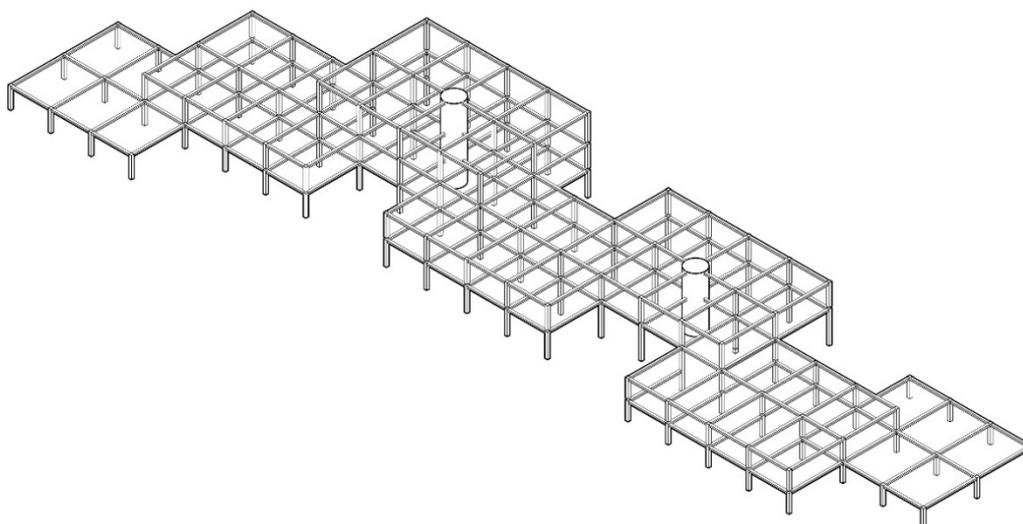


Figura 125: Sistema estrutural.

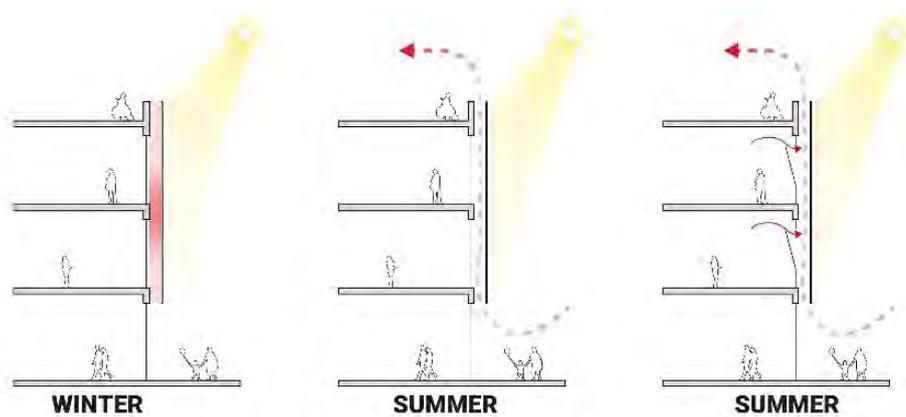
¹⁸⁰ LACATON, Anne e VASSAL, Jean Philippe; Actitud; Editora Gustavo Gili; Barcelona; 2017; p.83

A imagem que se pretende formar para o edifício é diretamente espelhada na arquitetura de Anne Lacaton e Jean-Philippe Vassal, arquitetos franceses que têm seus trabalhos reconhecidos pela cunho social, sustentável e mutável. Através de princípios que enfatizam a flexibilidade, sustentabilidade e qualidade do espaço, a obra da dupla assume uma estética repleta de transparências, porosidade e sobreposição de elementos. Para alcançar uma condição interior confortável, buscou-se explorar uma aproximação do clima através da estrutura, da mobilidade e da transparência do invólucro da proposta. Ainda sobre a arquitetura da dupla francesa Lacaton & Vassal, deve-se imaginar a construção como uma roupa, que possa ser mudada para disfrutar dos diferentes momentos e climas a serem enfrentados.¹⁸¹ Portanto, o maior controle sobre a abertura e sombreamento das fachadas faz com que o edifício não dependa exclusivamente de climatização maquinada.

O revestimento das fachadas com placas de policarbonato é determinado tanto por questões estéticas quanto por questões sustentáveis. O policarbonato é inserido com um sistema de placas pré-fabricadas que acaba por criar uma estanquidade melhor do que a do vidro, enquanto possui uma permeabilidade luminosa de 98%. Seguido do revestimento de policarbonato, uma pele dupla é criada com o uso de uma segunda pele de caixilharia simples com aberturas basculantes e com um afastamento de sessenta centímetros da primeira pele. Esse involucro funciona como um isolamento contra temperaturas extremas, melhorando o desempenho térmico do projeto, seja em temperaturas altas ou baixas.

No caso do Complexo do Alemão, as temperaturas são predominantemente quentes, dessa forma, ao combinar a fachada de policarbonato e os caixilhos ventilados, cria-se um sistema de troca de ar do edifício, levando o ar quente para o exterior e garantindo que a temperatura interior fique estável. Geralmente, esse tipo de solução depende das condições locais de radiação solar, temperatura externa e ventilação, que vão influenciar diretamente no conforto interno do edifício, no caso do Rio de Janeiro o clima quente é estacado pela primeira pele e o vento penetra a fachada dupla, criando um efeito chaminé através da densidade do ar que possibilita o ar quente escapar do edifício.

¹⁸¹ ¹⁸¹ LACATON, Anne e VASSAL, Jean Philippe; Actitud; Editora Gustavo Gili; Barcelona; 2017; p.78



The double skin facade created with the polycarbonate layer adapts the facade to cooler and warmer weather. In Rio's hot climate the cavity vents outside the building to mitigate solar gain and decrease the cooling load. This chimney effect is created by air density, allowing the warmer air to scape.

Figura 126: Esquemas de ventilação de fachada.

A conjugação desta geometria e sistema construtivo só é possível com uma preparação do terreno para construção do edifício. Dado que a área de projeto se encontra em pendente, propõe-se a retirada de terra em alguns pontos para que muros de sustentação moldem os fundos do edifício, resultando num encaixe do sistema estrutural na topografia do local. Esta solução fora a mais plausível para que o projeto respeitasse as alturas vizinhas e se integrasse ao tecido de forma orgânica, como se fosse uma extensão da paisagem local.

Por fim, é estipulado que os materiais e técnicas construtivas imaginadas para a intervenção respondam ao caráter que atribuído ao edifício e que crie um cenário viável dentro das condições financeiras e infraestruturais do contexto em que se situa. Desta forma, num contexto utópico, mas ideal, a intervenção pode estabelecer um padrão técnico económico que possa ser replicada pontualmente em vários outros aglomerados informais do Rio de Janeiro e do Brasil.

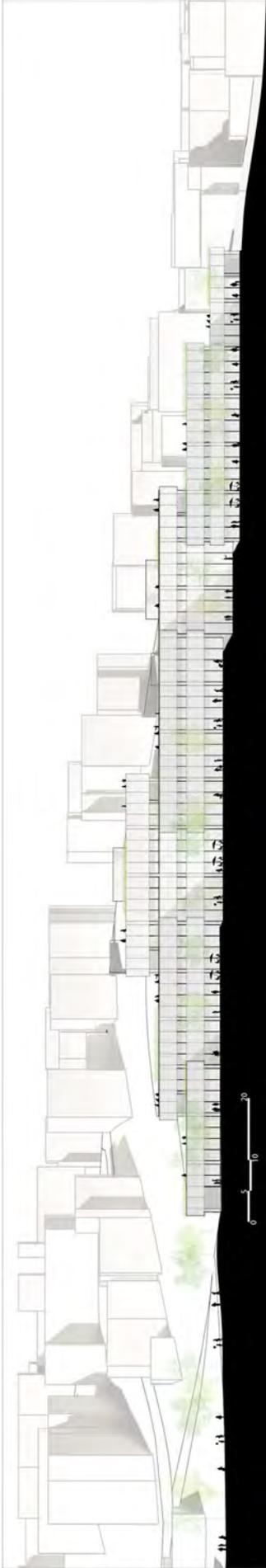


Figura 129: Alçado principal

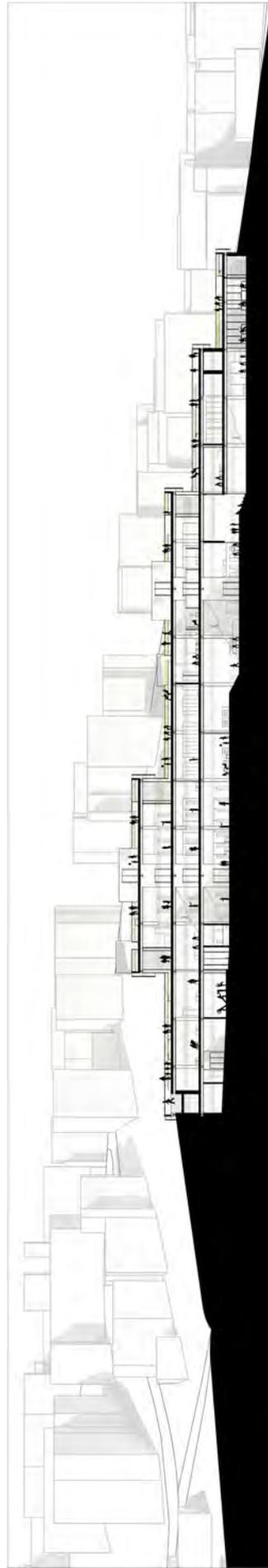


Figura 130: Corte longitudinal

Considerações finais

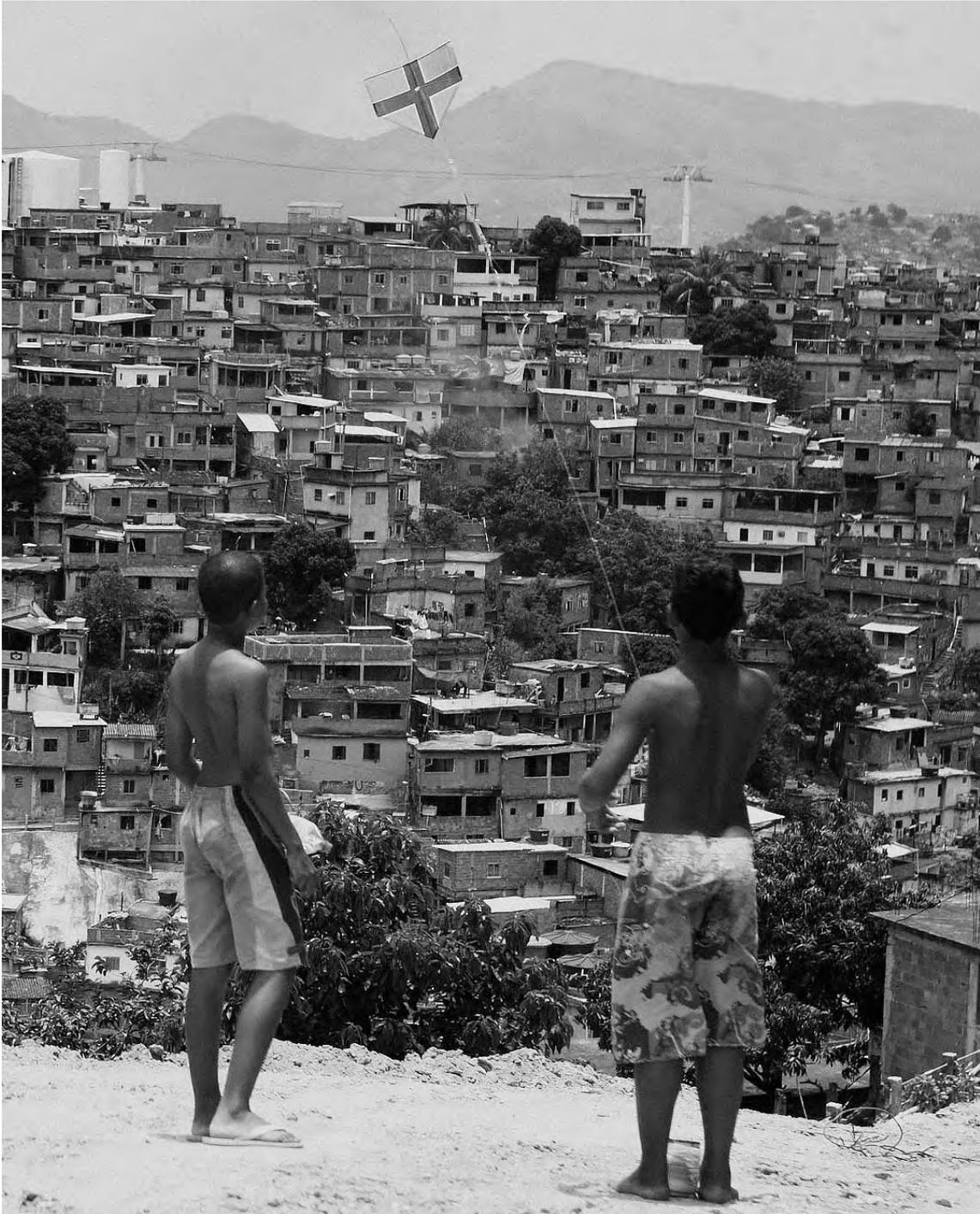


Figura 132: Complexo do Alemão, Rio de Janeiro.

No decorrer do presente trabalho, vimos como o ato de participação em concurso gera matéria investigativa sobre temas específicos dentro do campo da arquitetura e urbanismo em alternativa ao campo acadêmico. Considerando o método democrático dos concursos de arquitetura, utiliza-se de um deles para enfatizar o empenho social do arquiteto, que pressupõe desenvolver novas formas de melhorar a condição de vida urbana.¹⁸²

Neste caso, o concurso *UIA HYP CUP 2019*, aliado ao tema dos assentamentos informais, conduziu a análise crítica e histórica das favelas na cidade do Rio de Janeiro, formada a partir de um cenário pós escravidão e desenvolvida ao longo de um cenário desigual e preconceituoso. Por meio de diferentes formas de construir, a partir da participação dos moradores e uso de materiais precários, instáveis e efêmeros,¹⁸³ esses assentamentos se enraizaram na paisagem brasileira, sofrendo constante opressão por parte de classes mais favorecidas. Mesmo assim, provou-se que as favelas seguem produzindo riquezas e improvisando para sobreviver a políticas injustas, violência e ausência de direitos humanos.¹⁸⁴

Dentro do contexto dos assentamentos informais, esta dissertação procurou representar a favela como um sistema espacial pertencente a cidade, ainda que segregada, mas caracterizada por uma certa paisagem urbana, por um certo conteúdo social e por uma função própria.¹⁸⁵ A partir da heterogeneidade do tecido informal, determinou-se necessário valorizar sua afirmação como território e reconhecer que este tipo de tecido tem muito a ensinar ao restante da cidade, que baseada em princípios principalmente modernistas, desconsidera a complexidade da vida cotidiana e volta-se para a individualidade. Assim, o diagnóstico e intervenção sobre esse contexto considerado problemático, tendeu a abandonar os fantasmas do passado que até hoje indicam os limites das atuações e realizações futuras¹⁸⁶ no campo da arquitetura, política, entre outros.

Valorizar as favelas é valorizar também a história do Brasil, que nos últimos tempos vem sofrendo um processo de atrofia de identidade. A medida em que é deixado de lado tudo aquilo que construiu a identidade do local em que vivemos, deixa-se de compreender a cidade e suas dinâmicas, surgindo então o preconceito contra os espaços populares. Visto isso, o trabalho buscou acreditar que é possível mudar esse panorama, que valoriza a desigualdade e não reconhece valores sociais.

¹⁸² PORTAS, Nuno; *A cidade como arquitetura*; Livros Horizonte; 4ª edição; 2011; p.18

¹⁸³ JACQUES, Paola; *Elogio aos errantes*; Editora EDUFBA; Salvador; 2014; p.178

¹⁸⁴ SOUZA, Jailton e BARBOSA, Jorge Luiz; *Favela: Alegria e dor na cidade*; SENAC-RIO; Rio de Janeiro; 2005; p.15

¹⁸⁵ ROSSI, Aldo; *A arquitetura da cidade*; Edições 70; 2019; p.82

¹⁸⁶ LESSA, Carlos; *Autoestima e desenvolvimento social*; Editora Garamond; Rio de Janeiro; 2000; p.12

O que se propôs a partir do contexto do Rio de Janeiro, foi uma leitura a nível urbano, social e histórico, com o objetivo de encontrar espaço e demanda por uma intervenção arquitetónica e urbanística. Tal intervenção fora idealizada no Complexo do Alemão, conjunto de favelas que se mostra rico em manifestações culturais e carente em infraestrutura e políticas públicas. A partir desta área, foi identificado um contexto marcado por barreiras físicas e sociais, que mereceram atenção especial para a elaboração de uma proposta que não desprezasse as estratégias criativas, complexas e heterogêneas desenvolvidas pela população local na ausência do poder público.¹⁸⁷

Em seguida, a definição da Faixa da Light como área de projeto é caracterizada pela sua forte expressão sobre o tecido informal, por um lado rompendo esse tecido e por outro indicando uma possível ligação com o tecido formal vizinho. A decisão de intervir em toda extensão dessa área resulta num impacto socio espacial maior, que abrange mais comunidades e insere elementos naturais na favela. Neste novo cenário, a Faixa da Light vira um exemplo das inúmeras possibilidades de urbanização das favelas, que ao longo da dissertação também são apoiadas por outros exemplos de intervenções positivas.

Ao aproximar-se da área de projeto, buscou-se estabelecer novas conexões entre as diferentes favelas e tornar mais atrativo o acesso ao tecido informal por parte do restante da cidade. Isso tudo passa a ser viável através de um edifício que assume caráter urbano e penetra na morfologia urbana dando continuidade a cidade.¹⁸⁸

Junto da sua função urbana, a intervenção buscou a sobreposição das diferentes expressões culturais do Complexo do Alemão, bairro formado por 15 favelas. O projeto resume em fornecer infraestrutura e acesso ao conhecimento para a comunidade local responsável por uma grande produção cultural que envolve artes, artesanato, música, mídia e muitas outras manifestações independentes. O catalisador de múltiplas expressões culturais em um único edifício colabora na transmissão da cultura da favela para o restante da cidade, enquanto propõe mudanças no cotidiano hoje ainda marcado pela cultura do medo.

¹⁸⁷ SOUZA, Jailton e BARBOSA, Jorge Luiz; Favela: Alegria e dor na cidade; SENAC-RIO; Rio de Janeiro; 2005; p.65

¹⁸⁸ PORTAS, Nuno; A cidade como arquitetura; Livros Horizonte; 4ª edição; 2011; p.08

A decisão de não abordar as favelas como lugares “infelizes” com necessidade de virarem “felizes” como sugere o tema do concurso, surgiu ao longo da investigação deste contexto, que mostrou um panorama em que o imprevisto e a mobilização categorização de problema higiênico, estético e populacional pelas autoridades.¹⁸⁹ Acredita-se que a mudança de ponto de vista sobre as favelas pode colaborar na qualidade da urbanização destes assentamentos, tendo um gesto menos autoritário e mais interpretativo. Atualmente, a favela permanece na condição de objeto dos responsáveis por intervenções, que por sua vez caracterizam-se pela ignorância ou desprezo das estratégias criativas, complexas e heterogêneas desenvolvida pelos moradores em virtude da melhoria da qualidade de vida.¹⁹⁰

Visto isto, é oportuno concluir que o papel do arquiteto e do poder público é essencial para a manutenção dos assentamentos informais, dado que a população destes tecidos também pertence a cidade e faz jus a direitos iguais. Dentro da relação entre as favelas e o poder público, o maior desafio é superar a ideia de definir limites para a população favelada. Até agora, o discurso sociocêntrico segue exigindo que a favela não desça para a cidade e não roube o protagonismo dos grupos dominantes.

Por fim, procura-se deixar uma contribuição teórica e prática sobre o tecido informal, que sirva de reflexão e crítica ao posicionamento político e arquitetônico positivo sobre a cidade. Ao considerarmos a “*cidade como uma formação da civilização e um facto permanente*”¹⁹¹, devemos reconhecer todas as manifestações sociais e formas de apropriações espaciais. A partir disto, pode-se desenvolver intervenções que não atuem como imposições e sim como articulações socio espaciais, criando ambientes mais propícios à vida coletiva.¹⁹²

¹⁸⁹ SOUZA, Jailton e BARBOSA, Jorge Luiz; Favela: Alegria e dor na cidade; SENAC-RIO; Rio de Janeiro; 2005; p.25

¹⁹⁰ Ibidem; p.65

¹⁹¹ ROSSI, Aldo; A arquitetura da cidade; Edições 70; 2019; p.27

¹⁹² Ibidem

Bibliografia

ANGELILLO, Antonio; Eduardo Souto de Moura; Editora Blau; Lisboa; 1996

AZEVEDO, Aluísio; O cortiço; 8ª edição; Editora Martin Claret; São Paulo; 2012

BALBIM, Renato; Intervenção Sociourbanística no Complexo do Alemão: Referências para futuras avaliações; Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Rio de Janeiro; 2010

BARBOSA, João Paulo; O pós abolição no Rio de Janeiro: Representações do negro na imprensa (1888-1910); Dissertação de mestrado; Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; 2016

CARDOSO, Maria do Rosário; Da cidade informal à cidade forma: A reinterpretação da estrutura socio-espacial como suporte para a intervenção no bairro do Barruncho; Dissertação de mestrado na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa; 2014

CARVALHO, Delgado; História da cidade do Rio de Janeiro; 2ª edição; Biblioteca Carioca; Rio de Janeiro; 1990

CHUPIN, Jean; Architecture Competitions and the Production of Culture, Quality and Knowledge; Potential Architecture Books; Montreal; 2015

DE CARVALHO, Raul; Revista Architecti v.7 - Olivetti Projectos: O Banco, Três conceitos arquitetônicos para o futuro; Lisboa; 1996

DE HAAN, Hilde e HAAGSMA; Architects in competition: international Architectural competitions of the last 200 years; Thames and Hudson; Londres; 1998

DENALDI, Rosana; Políticas de Urbanização de Favelas: evolução e impasses; Tese de doutoramento da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo; 2003

GEHL, Jan; Cidades Para Pessoas; Island Press; Washington DC; 2010

GUILHERME, Pedro; O concurso internacional de arquitetura como processo de internacionalização e investigação na arquitetura de Álvaro Siza Vieira e Eduardo Souto de Moura; tese de doutoramento na Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa; 2016

JACQUES, Paola; Elogio aos errantes; EDUFBA; Salvador; 2ª edição; 2014;

LACATON, Anne e VASSAL, Jean Philippe; Actitud; Editora Gustavo Gili; Barcelona; 2017

LESSA, Carlos; Autoestima e desenvolvimento social; Editora Garamond; Rio de Janeiro; 2000

LOUREIRO, Vânia; Da arquitetura vernacular à informalidade contemporânea dos assentamentos; Dissertação de mestrado da Universidade da Beira Interior; Covilhã; 2011

MAGALHÃES, Sergio; A cidade na Incerteza: ruptura e contiguidade em urbanismo; Editora Viana & Mosley; Rio de Janeiro; 2007

MISSE, Michel; As ligações perigosas: mercado informal ilegal, narcotráfico e violência no Rio; Contemporaneidade e educação vol.1; Rio de Janeiro; 1997

PORTAS, NUNO; A cidade como arquitetura; 4ª edição; Livros Horizonte; 2011

RESENDE, Vera; Planejamento urbano e ideologia: Quatro planos para a cidade do Rio de Janeiro; Ed. Civilização Brasileira; Rio de Janeiro; 1982

ROSSI, Aldo; A arquitetura da cidade (1966); Edições 70; 2018

SIVAL, Marta Nascimento; A Favela como expressão de conflitos no espaço urbano do Rio de Janeiro; Dissertação de Mestrado de Geografia do Centro de Ciências Sociais da PUC-Rio; Rio de Janeiro; 2010

SOUZA, Jailton e BARBOSA, Jorge Luiz; Favela: Alegria e dor na cidade; Editora SENAC-RIO; Rio de Janeiro; 2005

STEVENS, Garry; The Favored Circle: The Social Foundations of Architecture Distinction; MIT PRESS; Cambridge; 1998

TOSTRUP, Elisabeth; Architecture and Rhetoric: Text and design in Architecture Competitions; Andreas Papadakis Publisher; Oslo; 1999

THEODOROU, Maria e KATSAKOU, Antigoni; Experimenting with & within Architecture Competitions; RIBA Publishing; Londres; 2018

VELLOSO, João Paulo e PASTUK, Maria; Favela como oportunidade: plano de desenvolvimento de favelas para sua inclusão social e econômica; Editora Fórum Nacional; Rio de Janeiro; 2013

ZALUAR, Alba e ALVITO, Marcos; Um século de favela; Fundação Getúlio Vargas; Rio de Janeiro; 1998

Artigos e links

ANTONUCCI, Denise e BUENO, Lucas; A construção do espaço público em Medellín: Quinze anos de experiência em políticas, planos e projetos integrados; Vitruvius; 2018; Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/19.218/7022>

BARBOSA; Antônio; Entrevista com o arquiteto e urbanista Jorge Mario Jáuregui; Revista digital Vitruvius; 2015; Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/16.064/5667>

BRUM, Mario Sergio; Ordenando o espaço urbano no Rio de Janeiro: o programa de remoção da CHISAM e as “utilidades” para os favelados (1968-1973); Encontro Regional da ANPUH-RIO; Rio de Janeiro; 2010; p.06; Disponível em: http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1276733458_ARQUIVO_AnpuhRJ2010.pdf

COSTA, Alexandre A.; Primeira anotação do Curso de arquitetura de Coimbra; Joelho: Revista de Cultura Arquitectónica No.3; Editorial do Departamento de Arquitetura; Coimbra; 2012; Disponível em: <https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/37315/3/Primeira%20anotacao%20do%20curso%20de%20Arquitetura%20de%20Coimbra.pdf>

CHRISTOPHER, Alexander; A city is not a tree in Architectural Forum; 1965; Disponível em: https://www.academia.edu/16545395/Christopher_Alexander_A_city_is_not_a_tree

DONOVAN, Joey; Deconstructing Villette: A Critical Analysis of Parc de la Villette's, Influence as Design and as Competition; University of Greenwich; Disponível em: https://www.academia.edu/8951226/Deconstructing_Villette

DOVEY, Kim e KING, Ross; Forms of Informality: Morphology and Visibility of Informal Settlements; Philadelphia University; 2012; Disponível em: <http://www.philadelphia.edu.jo/newlibrary/470-article/architecture/49973-20514>

FRAGA, Annelise Caetano e SANTOS, Miriam; Madureira, Capital dos subúrbios (1940-1960): Carnaval e Comércio na produção de uma comunidade imaginada; Iluminuras volume 16; Porto Alegre; 2015; Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/53132>

GRAÇA, Ana Catarina e PAIO, Alexandra; Formal city vs. Informal city: From clandestine neighbourhoods to concept of UAIG (urban areas of ilegal genesis); Instituto Universitário de Lisboa; Lisboa; 2019; Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/17087>

GUILHERME, Pedro; "Competitions serve a larger purpose in architectural knowledge", Lusofona Journal Of Architecture And Education; Portugal; 2014; Disponível em: <http://revistas.ulusofona.pt/index.php/revlae/article/view/4782/3210>

GUILHERME, Pedro; Shall we compete? Universidade de Évora; Portugal; 2014; Disponível em: https://www.academia.edu/5168404/GUILHERME_Pedro_2014_.Shall_we_compete

JACQUES, Paola; Estética das favelas; Arquitectos Vitruvius; 2001; Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.013/883>

JÁUREGUI, Jorge Mario; Construir a partir do conflito: Entrevista concedida à PINA, José Costa; Disponível em: http://www.jauregui.arq.br/texto_entrevista_jorge.html

JAUREGUI, Jorge Mario; Entrevista por Elisabeth Blum e Peter Neitzke; Rio de Janeiro; 2002; Disponível em: <http://www.jauregui.arq.br/entrevistas.html>

JÁUREGUI, Jorge Mario; Favelas: Articulação Urbana no Rio de Janeiro; Disponível em: http://www.jauregui.arq.br/favelas_alemao.html

JÁUREGUI, Jorge Mario; O mestre da habitação social: entrevista a Antônio Agenor Barbosa, Rachel Paterman e Alberto Goyena; Rio de Janeiro; 2016; Disponível em:

<https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/entrevista/16.064/5667>

KELLETT, Peter e NAPIER, Mark; Squatter Architecture? A critical examination of vernacular theory and spontaneous settlement with reference to South America and South Africa; International Association for the Study of Traditional Environments; 1995; Disponível em:

https://www.jstor.org/stable/41757181?read-now=1&seq=1#page_scan_tab_contents

LEITÃO, Gerônimo e DELECAVE, Jonas; O programa Morar Carioca: novos rumos na urbanização das favelas cariocas? O Social em Questão – Ano XVI; Rio de Janeiro; 2013; Disponível em: <http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/11/artigo29.pdf>

LE ROUX, Nicolas; O edifício como articulador e constituidor da urbanidade: a biblioteca e a cidade; FAUSP; São Paulo; 2014; Disponível em:

https://issuu.com/nicolas.lr/docs/ic_nicolas_le_roux

MAIA, João Luis e CHAO, Adelaide; Subúrbio carioca: conceito, transformações e fluxos; UCS volume 15; Rio de Janeiro; 2016; Disponível em:

<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/3517>

MEDEIROS, Bianca; Epistemologia da laje; USP; São Paulo; 2019; Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/151262>

MORAES, Renato Figueredo; A escravidão e seus locais de memória – O Rio de Janeiro e suas “maravilhas”; Revista ODEERE; Universidade do Estado do Rio de Janeiro UERJ; Disponível em: <http://www.pretosnovos.com.br/dropbox/textos/publicados/5960-22044-1-PB.pdf>

OMA; Memória descritiva de projeto: Parc de la Villette; 1982; Disponível em:

<https://oma.eu/projects/parc-de-la-villette>

PROENÇA, Caio; São Paulo na década de 1920: Construção de uma cidade para as elites; Anais do XXI Encontro Estadual de História- ANPUH-SP; Campinas; 2012; Disponível em:

http://www.encontro2012.sp.anpuh.org/resources/anais/17/1342564465_ARQUIVO_ResumoU NICAMP2012.pdf

QUICI, Fabio; The Interpretation of the Informal City; Sapienza Università di Roma; Roma; 2011; Disponível em:

https://www.academia.edu/16259405/The_Interpretation_of_the_Informal_City

RIOS, Ana Maria e MATTOS, Hebe Maria; O pós abolição como problema histórico: balanços e perspectivas; Revista Topoi Volume 5; Rio de Janeiro; 2004; Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/topoi/v5n8/2237-101X-topoi-5-08-00170.pdf>

ROGGEMA, Rob; The Design Charrette: Ways to Envision Sustainable Future; Springer; 2014; Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/259742327_Design_Charrettes_Ways_to_Envision_Sustainable_Futures

ROVERE, Renata; Desenvolvimento Econômico Local da Zona Oeste do Rio de Janeiro e seu Entorno: diagnóstico sócio econômico do local; Projeto FAPERJ; UFRJ; Rio de Janeiro; 2007; Disponível em:

http://www.ie.ufrj.br/intranet/ie/userintranet/hpp/arquivos/diagnostico_socio_economico_zona_oeste_v9_com_anexo.pdf

TILL, Jeremy; What is architectural research? Architectural Research: Three Myths And One Model; RIBA Research and Development Committee; 2005 ; Disponível em:

<http://dla.epitesz.bme.hu/appendfiles/1024-WhatisArchitecturalResearch.pdf>

UIA; Guidelines UIA Competition Guide for Design competitions in architecture and related fields; Adotado pelo 130º Conselho em Kuala Lumpur; 2017; Disponível em: <https://www.uia-architectes.org/webApi/uploads/ressourcefile/32/uiacompetitionguide.pdf>

UIA-HYP CUP 2019; Trecho do edital do concurso; 2019; Disponível em:

<http://hycup.uedmagazine.net/?r=info/up&en=1>

UTZON, Jorn; The importance of architects; 1984; Disponível em: <https://utzon.dk/the-importance-of-architects/>

VAZ, Lilian; Dos cortiços às favelas e aos edifícios de apartamentos — a modernização da moradia no Rio de Janeiro; Análise Social vol. XXIX; 1994 ; Disponível em:

<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223377187I6iYL2uw3Xe43QN7.pdf>

VON DER WEID, Elisabeth; O bonde como elemento de expansão urbana no Rio de Janeiro; Fundação Casa de Rui Barbosa; Rio de Janeiro; Disponível em:

http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/o-z/FCRB_ElisabethvonderWeid_Bonde_elemento_expansao_RiodeJaneiro.pdf

Autoria e proveniência das imagens

Capítulo 1

- # 1jxu4# Lodovico Cardi Da Cigoli, 1613 – Planta e corte da Duomo de Florença.
Disponível em:
https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Cigoli_drawing_of_El_Duomo_Florence.jpg
- # 1jxu5# Atelier populaire, ex École des Beaux-Arts, 1968 – Critique to competitions.
Disponível em:
https://www.researchgate.net/publication/283623951_Compétitions_serve_a_larger_purpose_in_architectural_knowledge/figures?lo=1&utm_source=google&utm_medium=organic
- # 1jxu6# Autoria própria – Diagrama esquemático segundo a estrutura do processo competitivo de Bechara Helal
- # 1jxu7# Capa do guia para concursos internacionais de arquitetura e campos relacionados, elaborado pela União Internacional dos Arquitetos e UNESCO.
Disponível em: <https://www.bak.de/architekten/internationales-1/>
- # 1jxu8# Álvaro Siza Vieira e Peter Brinkert 1980 - Bonjour Tristesse Berlin.
Disponível em: <https://www.archdaily.com/519337/ad-classics-wohnhaus-schlesisches-tor-bonjour-tristesse-alvaro-siza-vieira-peter-brinkert>
- # 1jxu9# Eduardo Souto de Moura 1987 – Hotel em Salzburgo.
Disponível em: <https://www.cardapio.pt/arquitectura-design/43035-eduardo-souto-de-moura-deposita-na-casa-da-arquitectura-acervo-de-40-anos-de-tra/>
- # 1jxu: # Eduardo Souto de Moura 1993 – Banco Olivetti.
Disponível em: <http://photos1.blogger.com/blogger/6144/875/1600/Untitled.0.jpg>
- # 1jxu; # Eduardo Souto de Moura – Referências para a fachada da Torre do Burgo.
Disponível em:
https://www.researchgate.net/publication/261633479_Architectural_Competition_as_a_Lab_A_study_on_Souto_de_Moura%27s_competitions_entries/figures?lo=1
- # 1jxuc# Eduardo Souto de Moura 2007 – Torre do Burgo.
Disponível em: <https://divisare.com/projects/287560-eduardo-souto-de-moura-luis-ferreira-alves-burgo-tower>
- # 1jxu43# Ivan Leonidov 1927 – Lenin Institute.
Disponível em: <https://misfitsarchitecture.com/2016/04/03/career-case-study-5-ivan-illich-leonidov/ivan-leonidov-lenin-institute/>

- # 1jxu44# Archizoom 1964 – Non-Stop City.
Disponível em: <https://relationalthought.wordpress.com/2013/08/03/1815/>
- # 1jxu45# Bernard Tschumi 1982 – Parc de La Villette.
Disponível em: <https://www.architonic.com/en/story/klaus-leuschel-maintenant-bernard-tschumi-at-the-pompidou-centre/7000944>
- # 1jxu46# Rem Koolhaas 1982 – Parc de La Villette.
Disponível em: http://3.bp.blogspot.com/-KZaKTLh7Xr8/UEyxVqkLKnI/AAAAAAAAAA8/bRdjb0FIXRw/s1600/villette-oma1-lavillette_big.jpeg
- # 1jxu47# Autoria própria – Gráfico de publicações com citações diretas às propostas de Tschumi e Koolhaas e o Parc de La Villette.
- # 1jxu48# Autor desconhecido – Charrette da Ecole des Beaux Artes.
Disponível em:
http://www.harvarddesignmagazine.org/uploads/image/attachment/1204/c4_Willis-Charrette_Lennertz-and-Lutzenhiser-15.jpg
- # 1jxu49# Autoria própria – Colagem de concursos realizados entre os anos de 2016 e 2019.
- # 1jxu4:# UED Magazine – Cartaz oficial do concurso UIA HYP CUP 2019.
Disponível em: <http://competitions.archi/competition/uia-hyp-cup-2019-international-student-competition-in-architectural-design/>
- # 1jxu4;# Júri reunido durante a avaliação do UIA HYP CUP 2018.
Disponível em: https://twitter.com/uia_architects/status/1059721997016555520?lang=kn
- # 1jxu4<# Miralles Tagliabue EMBT 2005 – Mercado de Santa Catarina, Barcelona.
Disponível em: <http://www.mirallestagliabue.com/project/santa-caterina-market-renovation/>
- # 1jxu53# Miralles Tagliabue EMBT 2004 – Parlamento Escocês, Edinburgo.
Disponível em: <http://www.mirallestagliabue.com/project/scottish-parliament-building/>
- # 1jxu54# Miralles Tagliabue EMBT 2004 – Sede Gás Natural Fenosa, Barcelona.
Disponível em: <http://www.mirallestagliabue.com/project/gas-natural-fenosa-office-building/>
- # 1jxu55# Atelier Metropolitano 2016 – Núcleo Habitacional da Rocinha.
Disponível em: https://arcowebarquivos-us.s3.amazonaws.com/imagens/60/40/arc_46040.jpg

Capítulo 2

1jxu56# Favela de Paraisópolis, São Paulo.

Disponível em: https://www.archdaily.com/98214/informal-city-of-century-xxi-measure-of-manmeasure-of-architecture-exhibitions-austin-smithlord/1_heli_parais_photo_54e708

1jxu57# Favela de Dharavi, Índia.

Disponível em: <https://nextcity.org/daily/entry/next-city-health-horizons-innovation-informal-economy-informal-workers>

1jxu58# Cena do filme *Cidade de Deus*, Brasil 2003.

Disponível em: <https://www.forum.pt/noticias/267-cinema-e-tv?start=20/20674-motelx-celebra-13-edicao>

1jxu59# Favela de Paraisópolis, São Paulo.

Disponível em: https://profademirjunior.blogspot.com/2015_02_09_archive.html

1jxu5:# Favela Tavares Bastos, Rio de Janeiro.

Disponível em: <https://www.spiegel.de/sport/fussball/brasilien-vor-der-fussball-wm-fussballspielen-in-einem-slum-von-rio-a-970295.html>

1jxu5;# Casas de palafita em Manaus, Brasil.

Disponível em: <https://idd.org.br/acervo/palafitas/>

1jxu5<# Favela em Medellín, Colômbia.

Disponível em: <https://pt.depositphotos.com/73212305/stock-photo-slum-medellin-colombia.html>

1jxu63# Aglomerado subnormal em Soweto, África do Sul.

Disponível em: <https://rogerfarnworth.com/2018/05/24/uganda-railways-part-8-west-of-nairobi-nairobi-to-naivasha/>

1jxu64# Comunidade de Kibera, Quênia.

Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/File:Nairobi_Kibera_04.JPG

1jxu65# Aglomerado subnormal em Mumbai, Índia.

Disponível em: <https://theperfectslum.blogspot.com/2014/02/>

1jxu66# Kunsthaus Tschelch Berlin, Alemanha.

Disponível em: <https://theedgers.files.wordpress.com/2013/06/q-banca-sbanca-1.jpg>

1jxu67# Aglomerado subnormal na Cidade do Cabo, África do Sul.

Disponível em: <http://sapropertyinsider.co.za/2019/07/04/start-informal-settlements-order-address-urban-land-reform/>

1jxud68# Aglomerado subnormal em Nova Delhi, Índia.

Disponível em: <https://www.newsclick.in/Delhi-Slums-Public-Toilets>

1jxud69# Claude Perrault 1684 – Ilustração da Cabana Primitiva.

Disponível em: https://act.art.queensu.ca/details_dual.php?i=250&j=249

1jxud6:# Favela do Moinho, São Paulo.

Disponível em: <https://www.mobilize.org.br/noticias/5738/spmoradores-da-favela-do-moinho-se-unem-paraconstruir-parque.html>

Capítulo 3

1jxud6;# Favela do Morro da Providência, Rio de Janeiro.

Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/primeira-favela-do-brasil-morro-da-providencia-completa-120-anos-21378057>

1jxud6<# Autoria própria - Contextualização da Baía de Guanabara e o Complexo do Alemão.

1jxud73# Vitor Meirelles 1885 – Pintura de vista do Morro do Castelo.

Disponível em: <http://poesiaartebellepoque.blogspot.com/2010/04/?m=0>

1jxud74# Cais do Valongo, Rio de Janeiro.

Disponível em: <https://projetocolabora.com.br/ods1/memoria-e-historia-maltratadas-na-pequena-africa/>

1jxud75# Senhora com dois escravos no Rio de Janeiro.

Disponível em: <https://www.boletimdaliberdade.com.br/2017/11/19/a-abolicao-foi-a-maior-reforma-liberal-que-ja-existiu-no-brasil-diz-leandro-narloch-em-entrevista-ao-boletim-da-liberdade/>

1jxud76# Jornal Gazeta de Notícias de treze de maio de 1888.

Disponível em: <http://portalsq.com.br/13-de-maio-abolicao-da-escravatura/>

1jxud77# Marc Ferrez 1888 – Fotografia da Missa campal no Rio de Janeiro.

Disponível em: <http://maristelafarias6.blogspot.com/2015/04/brasiliانا-fotografica-portal-reune.html>

1jxud78# Cortiço no começo do século 20, Rio de Janeiro.

Disponível em: <https://journals.openedition.org/nuevomundo/50103?lang=es>

1jxud79# Jornal O Malho, junho de 1907 - Caricatura de Oswaldo Cruz limpando o Morro da Favela.

Disponível em:

https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Oswaldo_Cruz_passa_o_pente_fino_da_%E2%80%99CDelegacia_da_Higiene%22_no_Morro_da_Favela.jpg

- # 1jx7: # Revista Careta, dezembro de 1909.
Disponível em: SOUZA, Jailton e BARBOSA, Jorge Luiz; Favela: Alegria e dor na cidade; SENAC-RIO; 2005
- # 1jx7; # Autoria própria - Mapa das favelas do Rio de Janeiro até 1900.
- # 1jx7< # Autoria própria - Mapa das favelas do Rio de Janeiro até 1930
- # 1jx83 # Tarsila do Amaral, 1924 – Pintura do Morro da Favella.
Disponível em: http://obviousmag.org/pintores-brasileiros/tarsila_do_amaral/as-fases-artisticas-de-tarsila-do-amaral.html#ixzz3TH1aSM8M&i
- # 1jx84 # Autoria própria - Mapa das favelas do Rio de Janeiro até 1964.
- # 1jx85 # Autoria própria – Quadro de favelas e população em 1970.
- # 1jx86 # Praça do Conhecimento na Favela Nova Brasília, Rio de Janeiro.
Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Favela-Bairro#/media/Ficheiro:Pra%C3%A7a_do_Conhecimento.jpg
- # 1jx87 # Jorge Mario Jáuregui 2009 – Complexo de Manguinhos.
Disponível em: <http://www.jauregui.arq.br/miscelaneas-la-ville.html>
- # 1jx88 # Jorge Mario Jáuregui 2009 – Biblioteca do Complexo de Manguinhos.
Disponível em: <http://www.jauregui.arq.br/biblioteca-manguinhos.html>
- # 1jx89 # Jorge Mario Jáuregui 2009 – Masterplan do Complexo de Manguinhos.
Disponível em: <http://www.jauregui.arq.br/biblioteca-manguinhos.html>

Capítulo 4

- # 1jx8: # Google Earth – Imagem de satélite do Complexo do Alemão.
- # 1jx8; # Mapa de contextualização da Zona Norte do Rio de Janeiro.
Disponível em: <http://saudementalrj.blogspot.com/2012/08/>
- # 1jx8< # Autor desconhecido – Imagem do Elétrico da Linha Zona Norte do Rio de Janeiro, década de 1950.
Disponível em:
https://www.flickr.com/photos/carioca_da_gema/139835721/in/photostream/
- # 1jx893 # Autor desconhecido – Vista parcial da Zona Norte do Rio de Janeiro.
Disponível em: [https://www.wikiwand.com/pt/Zona_Norte_\(Rio_de_Janeiro\)](https://www.wikiwand.com/pt/Zona_Norte_(Rio_de_Janeiro))
- # 1jx894 # Mapa de Áreas de Planejamento do Rio de Janeiro.
Disponível em:
<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4290214/4105682/06.AnexoVIDescricaoMapadaAreadePlanejamento5.pdf>
- # 1jx895 # Autoria própria – Mapa de contextualização das favelas do Complexo do Alemão.

- #1jxud96# Thiago Ramos 2015 – Fotografia de protesto contra atuação violenta da polícia militar no Complexo do Alemão.
Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/justica-aceita-denuncia-contr-pm-acusado-de-matar-o-menino-eduardo/>
- #1jxud97# Autoria própria - Quadro quantitativo de manifestações culturais no Complexo do Alemão.
- #1jxud98# Autor desconhecido – Alunos da escola de fotografia Olhar Complexo.
Disponível em:
<https://www.facebook.com/olharcomplexo/photos/a.1893383737569883/2418275081747410/?type=3&theater>
- #1jxud99# Autor desconhecido – Alunos do Projeto Vidançar.
Disponível em:
<https://www.facebook.com/projetovidancar/photos/a.835169286509129/3546777418681622/?type=3&theater>
- #1jxud: # Autor desconhecido – Alunos do Centro Cultural Oca dos Curumins.
Disponível em:
<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=641767585938765&set=pb.100003165874956.-2207520000.1568827221.&type=3&theater>
- #1jxud; # Autoria própria – Quadro das intervenções projetadas para o PAC do Complexo do Alemão.
- #1jxud<# Jorge Mario Jáuregui – Esquema de leitura do Complexo do Alemão.
Disponível em: http://www.jauregui.arq.br/favelas_alemao.html
- #1jxud: 3# Jorge Mario Jáuregui – Sistema viário proposto para o PAC do Complexo do Alemão.
Disponível em: http://www.jauregui.arq.br/favelas_alemao.html
- #1jxud: 4# Marcelo Régua 2018 – Estação de Teleférico do Morro do Adeus.
Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/telefericos-do-alemao-da-providencia-viram-sucata-22553797.html>
- #1jxud: 5# Google Earth – Vista geral do Complexo do Alemão.
- #1jxud: 6# Jorge Mario Jáuregui – Parque da Misericórdia e masterplan do PAC do Complexo do Alemão.
Disponível em: http://www.jauregui.arq.br/favelas_alemao.html
- #1jxud: 7# Autoria própria – Esquema de variação de tecidos informais, formais e mistos na região do Complexo do Alemão.

- #128# Autoria própria – Mapa de contextualização das favelas Parque Alvorada e Nova Brasília.
- #129# Autoria própria – Planta de contextualização da área de intervenção.
- #130# Autoria própria – Esquema inicial de leitura da área de intervenção.
- #131# ;# Google Street View – Vista da Avenida Itaóca.
- #132# <# Google Street View – Vista da Rua Antônio Austregésilo.
- #133# 3# Google Street View- Vista da Rua Antônio Austregésilo.
- #134# 4# Google Street View – Vista da Rua Antônio Austregésilo.
- #135# 5# Autoria própria – Diagrama de tipologia linear.
- #136# 6# Autoria própria – Diagrama de tipologia radial.
- #137# 7# Autoria própria – Diagrama de tipologia livre.
- #138# 8# Google Street View- Vista da Rua Antônio Austregésilo.
- #139# 9# Autoria própria – Colagem de fragmentos estéticos do Complexo do Alemão.
- #140# :# Autoria própria – Variações de perfil viário da área de intervenção.
- #141# ;# Autoria própria – Corte entre as favelas Parque Alvorada e Nova Brasília.
- #142# <# Autoria própria – Mapa de atividades da Faixa da Light.
- #143# 3# Jorge Mario Jáuregui – Mapa e corte do Jardim Productivo da Faixa da Light.
Disponível em: http://www.jauregui.arq.br/favelas_alemao.html

Capítulo 5

- #1jxu&k4#0 Autoria própria – Mapa de cheios e vazios da área de intervenção.
- #1jxu&k5#0 Autoria própria – Diagrama de identificação de barreiras.
- #1jxu&k6#0 Autoria própria – Diagrama de conexões existentes e potenciais.
- #1jxu&k7#0 Autoria própria – Diagrama de setorização da área de trabalho.
- #1jxu&k8#0 Autoria própria – Planta e corte da área de projeto.
- #1jxu&k9#0 Autoria própria – Axonometria da área de projeto.
- #1jxu&k :#0 Giancarlo Mazzanti 2008 – Biblioteca Parque Espanã, Medellín.

Disponível em: <https://www.archdaily.com/2565/espasa-library-giancarlo-mazzanti>

- #1jxu&k ;#0 Autoria própria – Diagrama da lógica programática proposta.
- #1jxu&k <#0 Autoria própria – Esquema da narrativa criada para o concurso UIA HYP CUP.
- #1jxu&433#0 Autoria própria – Diagrama dos limites da área de projeto.
- #1jxu&434#0 Autoria própria – Diagrama de graus de pendente da topografia local.
- #1jxu&435#0 Autoria própria – Diagrama de volumetria compacta de eixo longitudinal.
- #1jxu&436#0 Autoria própria – Diagrama de volumetria fragmentada.
- #1jxu&437#0 Autoria própria – Diagrama de adaptação de alturas.
- #1jxu&438#0 Autoria própria – Diagrama de sistema de escadas e elevadores propostos.
- #1jxu&439#0 Álvaro Siza Vieira 1999- Casa Tolo

Disponível em: <http://www.alvaroleitesiza.com/casa-tolo/>

- #1jxu&43 :#0 Autoria própria – Perspetiva de acesso ao terraço do edifício proposto.
- #1jxu&43 ;#0 Autoria própria – Diagrama de distribuição do programa.
- #1jxu&43 <#0 Autoria própria – Axonometria geral do edifício proposto.
- #1jxu&443#0 Autoria própria – Planta e corte da disposição das lajes.
- #1jxu&444#0 Autoria própria – Esquemas de organização do programa.
- #1jxu&445#0 Autoria própria – Plantas baixas do edifício proposto.
- #1jxu&446#0 Autoria própria – Perspetiva da Mediateca a nível do rés do chão.
- #1jxu&447#0 Autoria própria – Perspetiva de espaço de produção.
- #1jxu&448#0 Autoria própria – Perspetiva da sala polivalente.
- #1jxu&449#0 Autoria própria – Perspetiva do espaço de ateliers.
- #1jxu&44 :#0 Autoria própria – Axonometria explodida da proposta.
- #1jxu&44 ;#0 Autoria própria – Mapa de espaços públicos.
- #1jxu&44 <#0 Autoria própria – Perspetiva de um dos terraços propostos.
- #1jxu&453#0 Roberto Burle Marx 1943 – Paisagismo do edifício Gustavo Capanema.

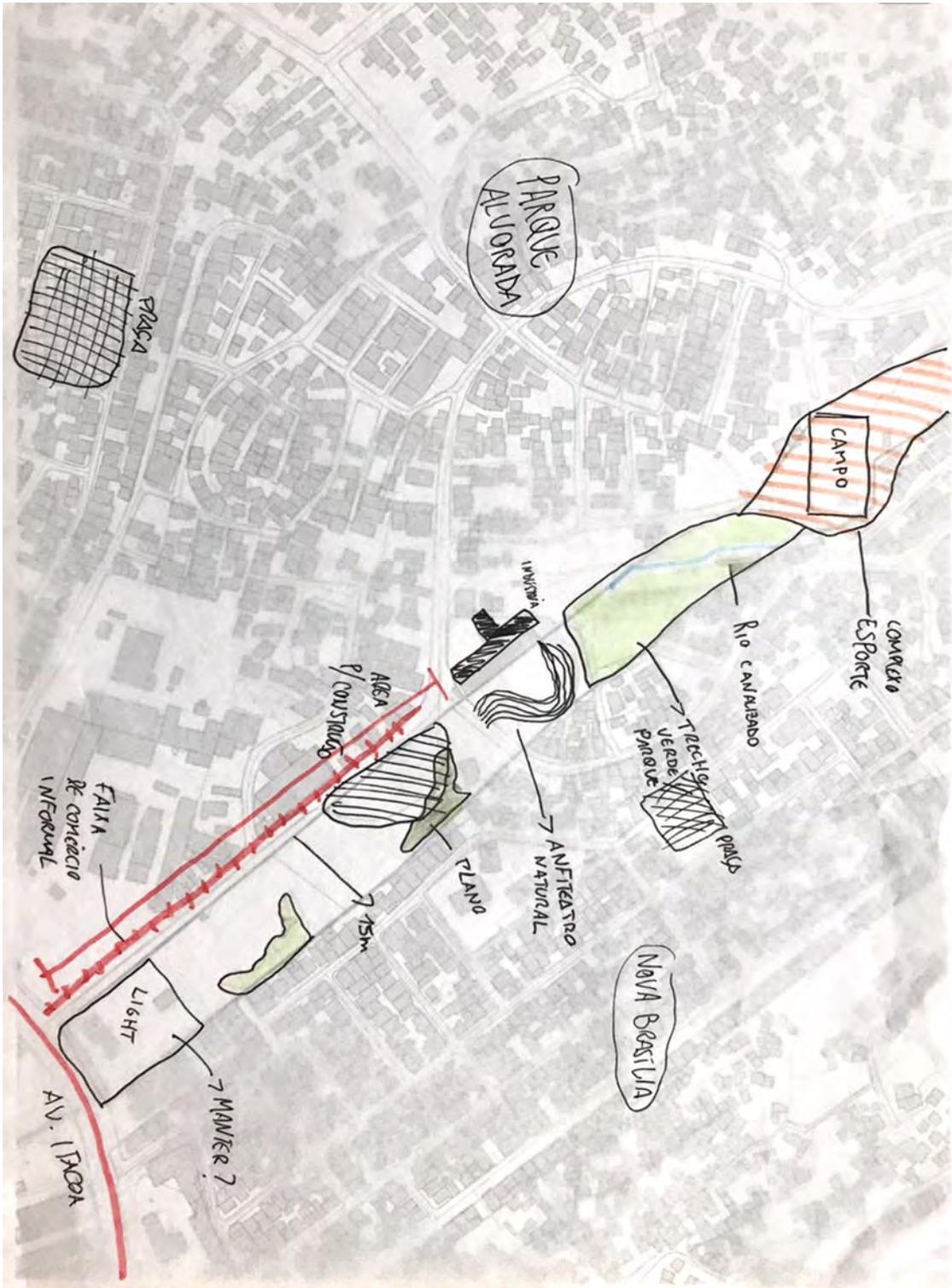
Disponível em: <http://www.colortil.com.br/blog/5945/>

- #1jxu&454#0 Autoria própria – Cortes longitudinais da proposta e do Complexo do Alemão.

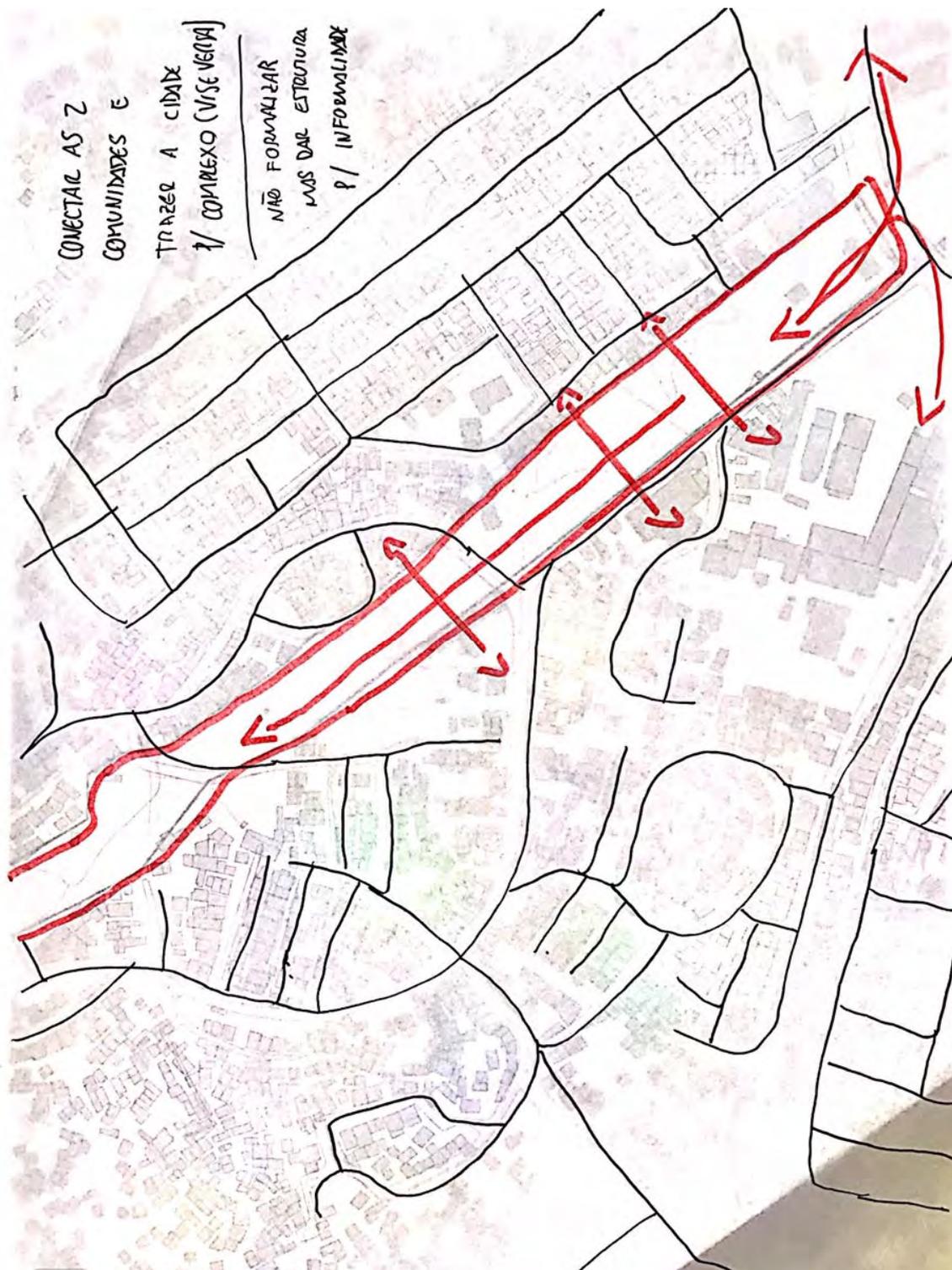
- #ljxu455# Autoria própria – Perspetiva da área externa da intervenção.
- #ljxu456# Autoria própria – Axonometria geral do masterplan proposto.
- #ljxu457# Autoria própria – Perfil geral do masterplan proposto.
- #ljxu458# Autoria própria – Axonometria do sistema estrutural.
- #ljxu459# Autoria própria – Diagrama de esquemas de ventilação de fachada.
- #ljxu45:## Autoria própria – Perspetiva frontal do edifício proposto.
- #ljxu45;# Autoria própria – Corte transversal.
- #ljxu45<# Autoria própria – Alçado principal.
- #ljxu463# Autoria própria – Corte longitudinal.
- #ljxu464# Guilherme Barros 2015 – Vista do Complexo do Alemão.

Disponível em: <https://www.rioonwatch.org/?p=9048>

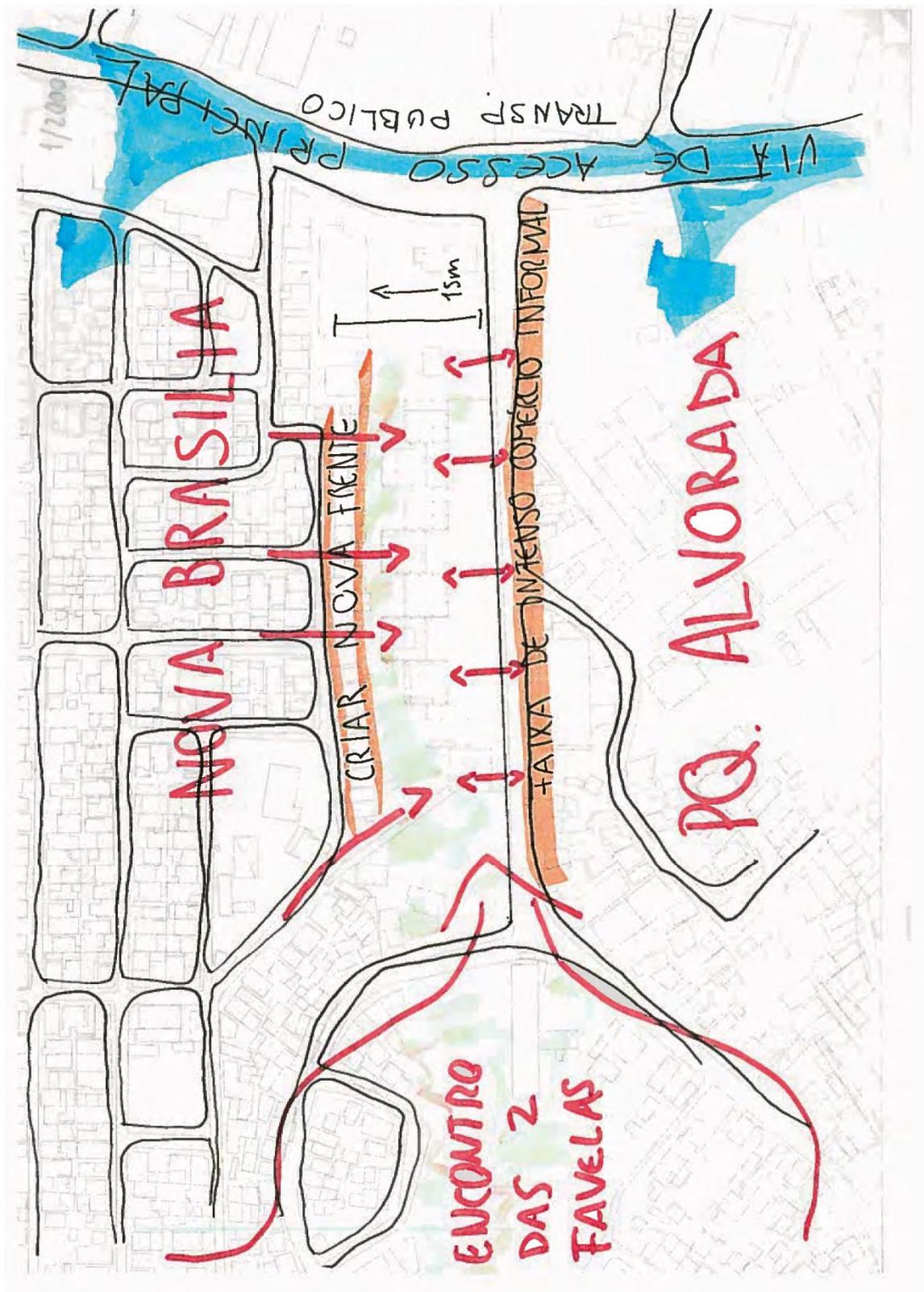
Anexos



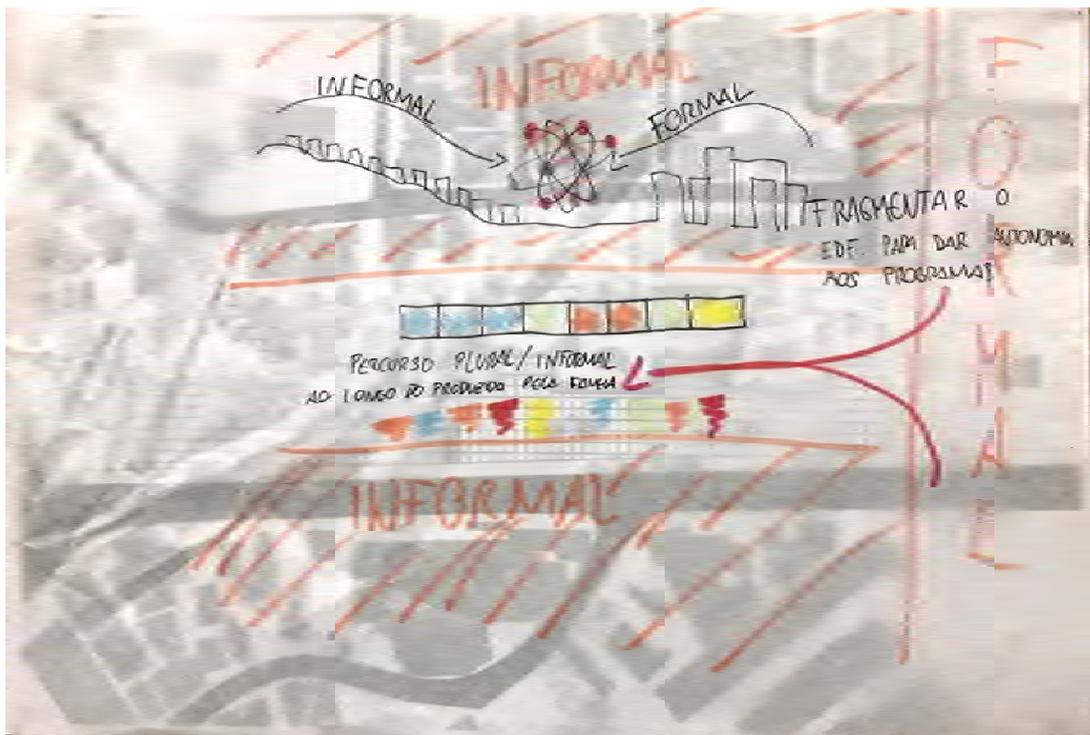
Anexo 01: Leitura da área de intervenção



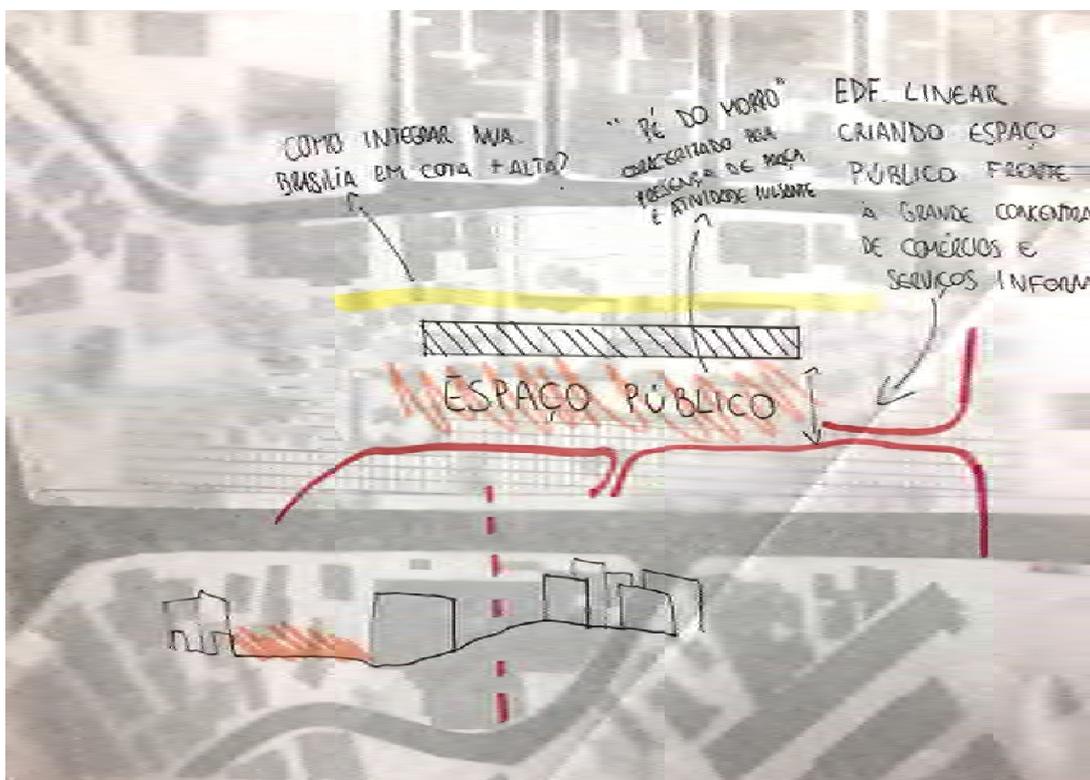
Anexo 02: Leitura viária da área de intervenção



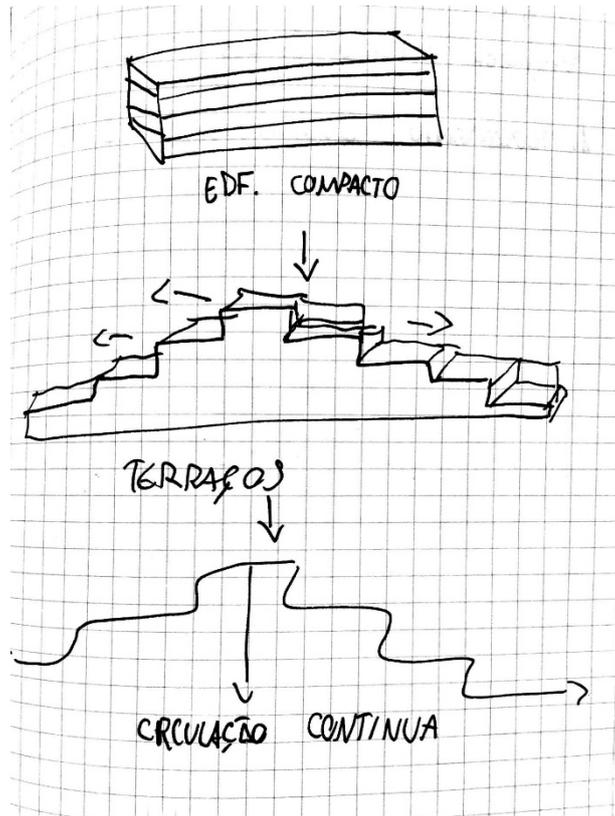
Anexo 03: Leitura da área de projeto



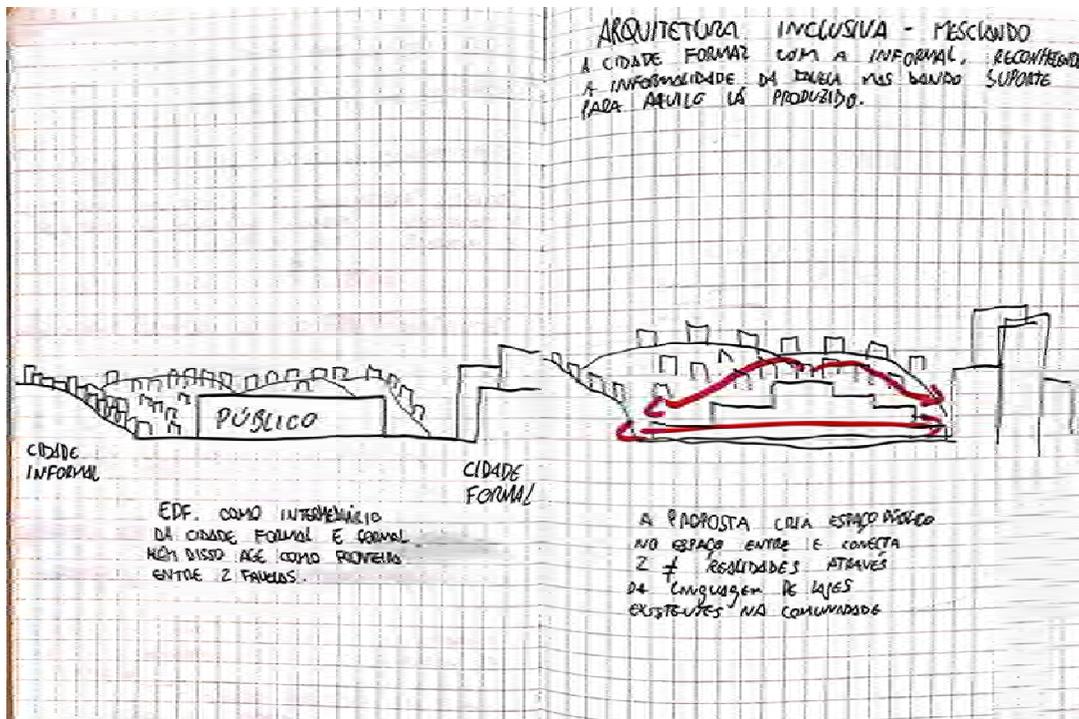
Anexo 04: Relação programa x contexto



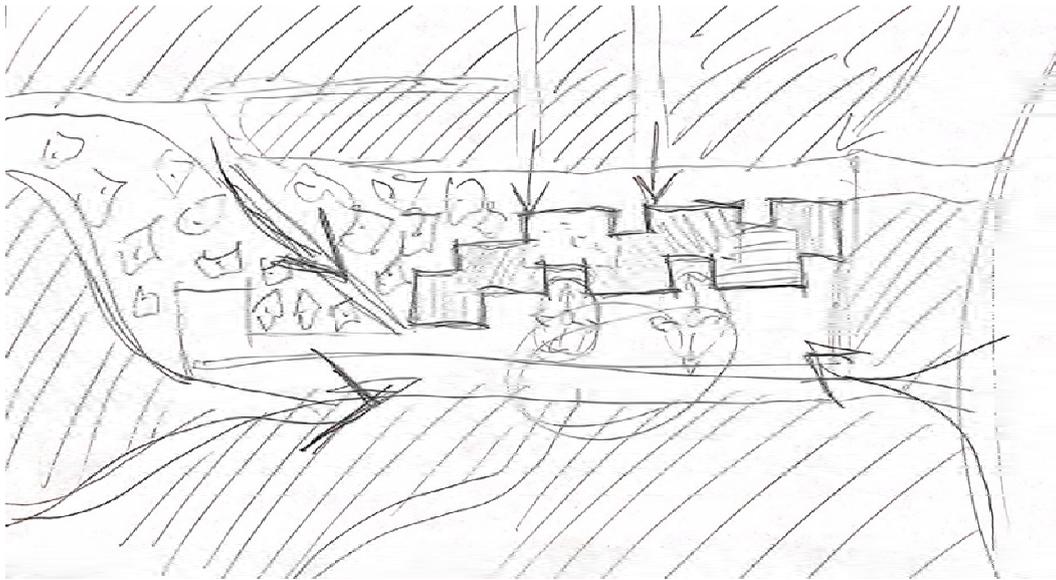
Anexo 05: Leitura do espaço público existente na área de projeto



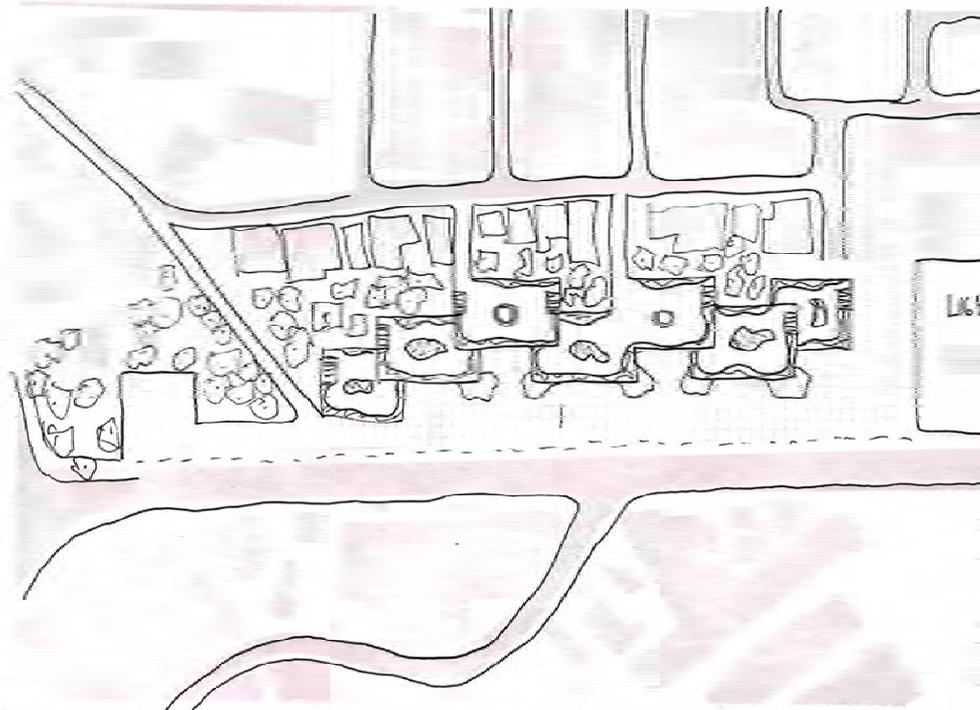
Anexo 06: Conceptualização formal



Anexo 07: Conceptualização formal



Anexo 09: Implantação



Anexo 10: Implantação

WHERE INFORMAL MEETS FORMAL

Supporting the informal culture produced by the favelas from Complexo do Alemão, Rio de Janeiro's biggest favelas complex.

The modern urbanism that guides the current way of making cities and the constant growth of big urban centers, motivated by the age of industrial revolution, created room for the emergence of informal settlements. Despite the lack of infrastructure and support, these settlements emerge with a big sense of local community and full of social interactions. In Brazil, the slums took shape from the post-slavery period and now a days almost 10% of the country's population lives in slums or favelas. Through this urban phenomenon, the following proposal seeks to integrate informal settlements with the formal city of Rio de Janeiro in order to create happy and democratic places.

"Where informal meets formal" represents the overlay of cultural expressions from Complexo do Alemão, a neighborhood made up of 15 slums that express the social inequality in Brazil. The project seeks to provide infrastructure and access to knowledge to the local community, responsible for a big cultural production that involves arts, craftwork, music, media and many more independent manifestations. The catalyst of multiple cultural expressions in one single building collaborate on the transmission of the favela culture and the overcoming of social barriers marked by criminality and absence of proper urban politics.

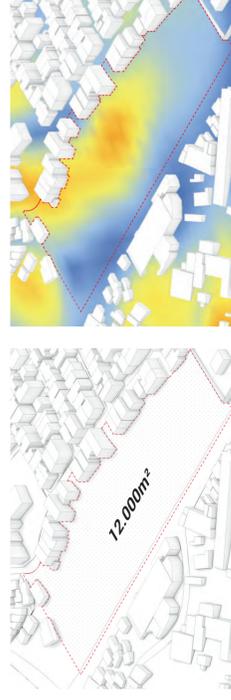
In order to transform the slum context into a captivated place, the building acts as an urban connector, bringing two detached favelas together and blending their network structure with the rest of the city. The proposal is not only a social structure but likewise an urban gesture that combines urbanistic, social, cultural, economic, and ecological aspects in a unique conceptual formal and spatial configuration. In a social frame of reference, this project aims to transform the daily life of the community that is seen as marginalized, without having its socio-cultural richness recognized by the formal city.

Rio de Janeiro - Brazil's second biggest city	22% of it's population living in slums	Low public investment on infrastructure	Community mobilization to sustain the daily life

Complexo do Alemão - area in Rio's north side, with more than 15 slums	The area is known for it's high crime rate due to drug trafficking	But is also the slum complex with more cultural manifestations in Brazil	Internet is helping the locals to share what is produced at the favelas

Despite of access of information and proximity to big urban centers, these areas are still segregated	It's time to treat slums as a part of the city not as a problem. For that, the informal areas need equal investment.	Architecture is a tool to integrate the locals into the rest of the city but still respecting the informal city structure?	How can we design a building that merges the informal city with the formal and maintains its rich culture and structure?

Considering the amount of culture produced at Complexo do Alemão, a program to support this production was developed	To get all the different types of residents together, a Mediatheque is established as the core program	The Mediatheque is connected to art studios, manufacturing spaces, incubator for projects and teaching spaces	Such a program can catalyze all what is developed by the locals and give them more spotlight and infrastructure

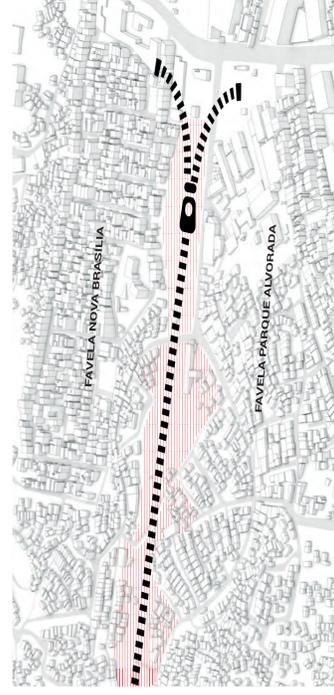


BUILDING SITE
The zone where the two favelas meet is chosen as the construction area due its public range

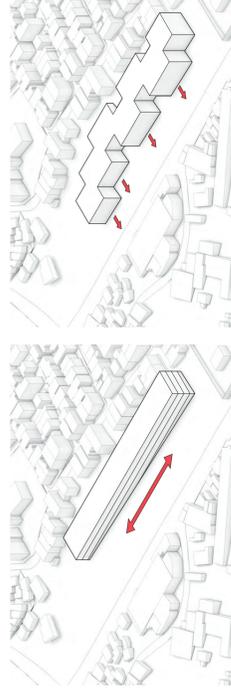
TOPOGRAPHY SLOPE
The moderated slope suggest the integration into the existing landscape



Located on the north side of Rio de Janeiro, the Complexo do Alemão was a farmland until 1950. The occupation and emergence of informal settlements started due to the industrial development and construction of railways on north region.



DIVIDED COMMUNITY
Today, the empty site acts as a border, separating the two favelas and the rest of the city. This urban void has been abandoned, resulting in a dangerous area due to the presence of criminal organizations



SLAB BUILDING
A compact shape with a single load corridor indicates the linearity of the plot

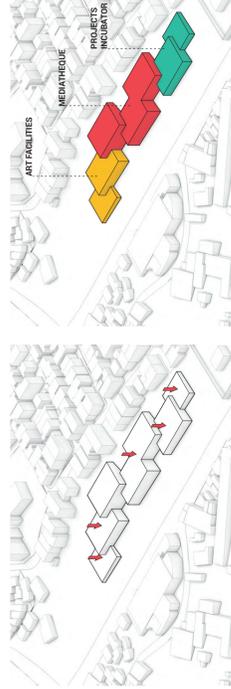
SHIFTED GEOMETRY
The shape is divided into seven volumes, defining different outdoor spaces



The north of Rio grew exponentially and became the most dense area of the city, mixing housing, services and industry. Despite of being located close to formal settlements and primary transport networks, it has not receive enough investment on urbanization, leaving the area detached from the city by physical and social boundaries.



ACCESSIBLE PATHWAYS
Starting from a primary road, the site contextually knits into the existing favela fabric with a range of possible accesses that can turn the existing condition into a region of interest.

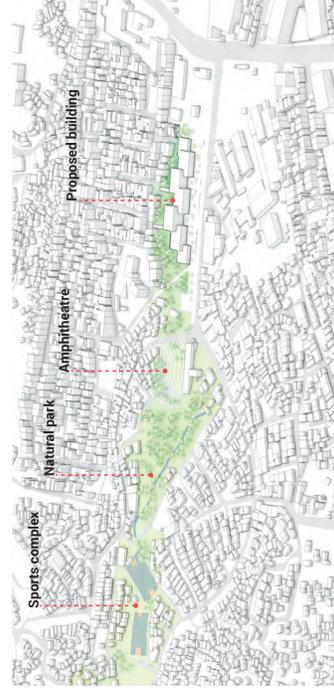


TERRACES
The volumes heights is adapted to create terraces and relate to the context scale

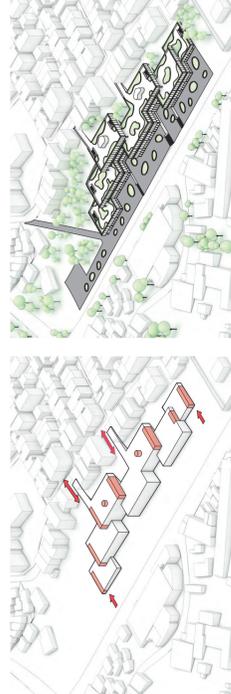
MIXED PROGRAM
As a central core, the Mediatheque connects the art facilities and incubator



The informal city grows from the existing fabric and creates a new set of pathways and connections in a spontaneous way. This organic emergence process of informal neighborhoods results in dense and very human-scale set. But the occupation of the area also created voids due to land ownership issues.

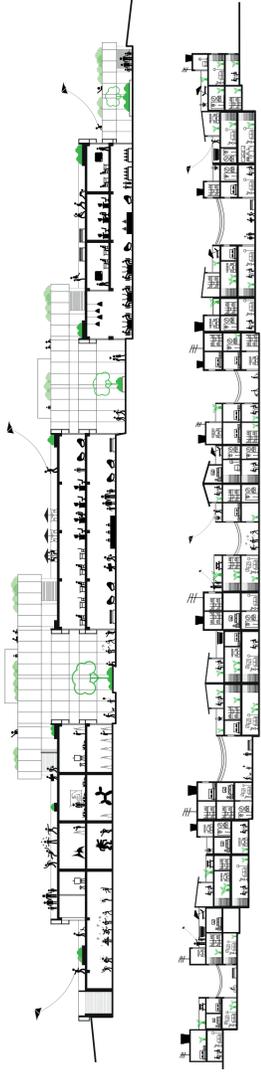
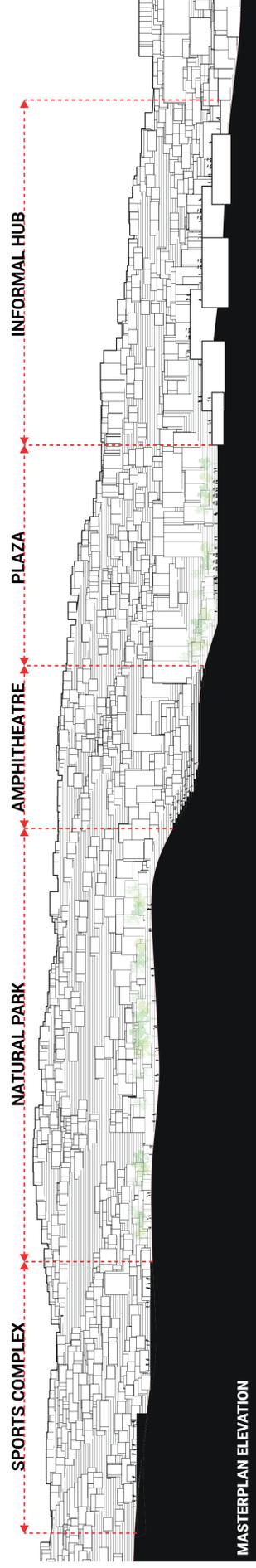


CIVIC PARK
A sequence of different programs, respecting the existing conditions, promotes the integration from the informal fabric with the formal city.



MULTIPLE CONNECTIONS
Outdoor stairs and elevators connect the two favelas and the different programs

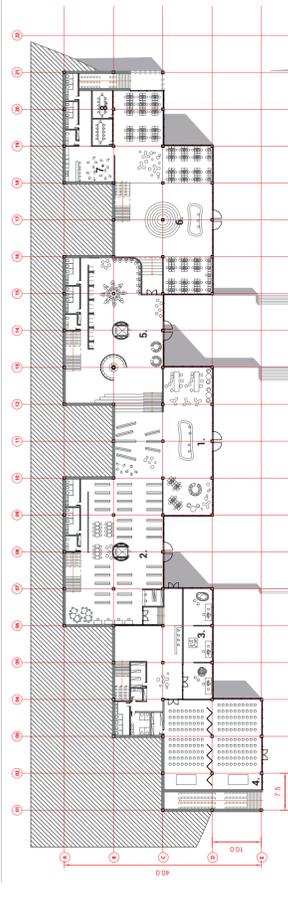
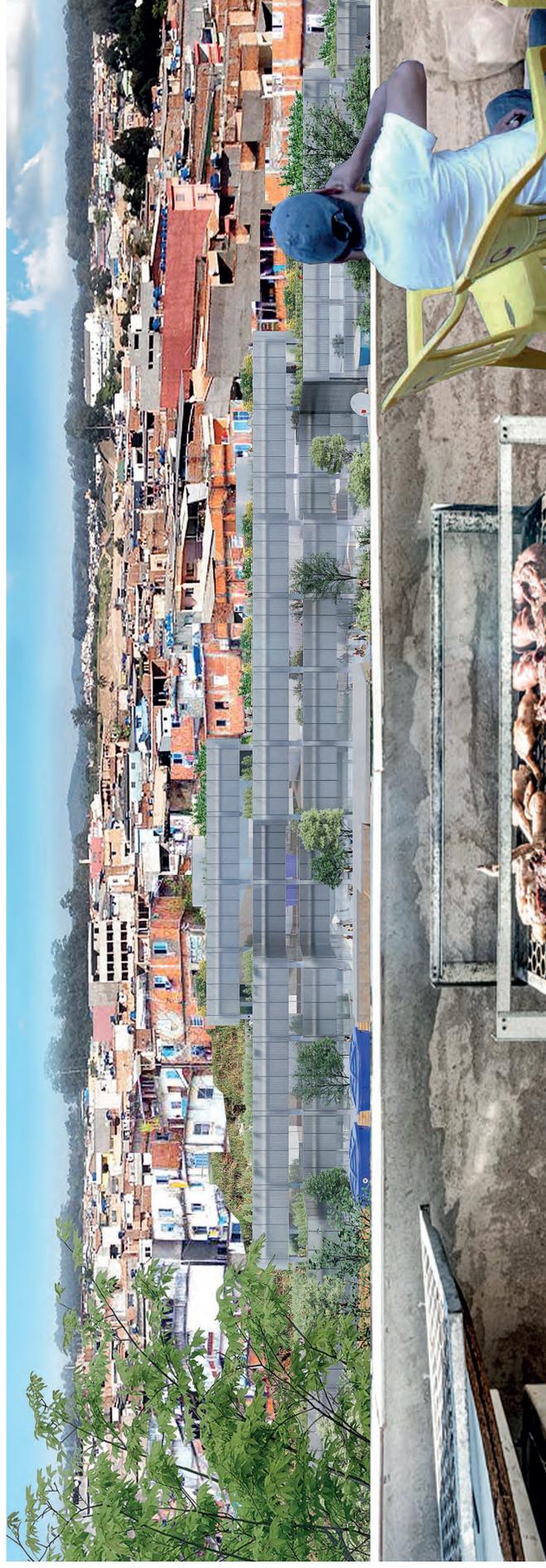
A SOCIAL INFRAESTRUTURE
At the encounter between two favelas, the building turns into a meeting point with new activities



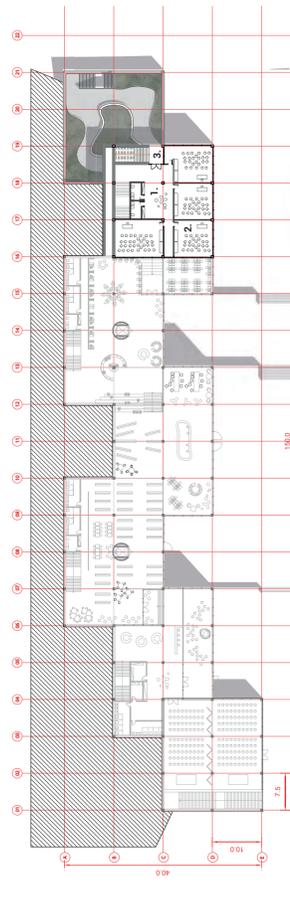
INFORMAL	FORMAL	INFORMAL
ARTS CENTER	MEDIA THEQUE	INCUBATOR
VISUAL ARTS	BOOKS	STARTUPS
CRAFTWORK	VIDEOS	PHOTOGRAPHY
DANCE	MUSIC	JORNALISM
MUSIC	AUDIOBOOK	ARCHIVE
INTERNET	GAMES	MAGAZINES
	INTERNET	NEWSPAPERS
		EDUCATION
		JURIDICAL SUPPORT

Recognizing the richness of the everyday relationships created by the slum typology, the Informal Hub seeks to relate to the informal construct. The slab at the favelas has an important role as a gathering space and the zone between the public and private space, so this informal use is also transmitted to the proposed building as a way to expand the program to the public space.

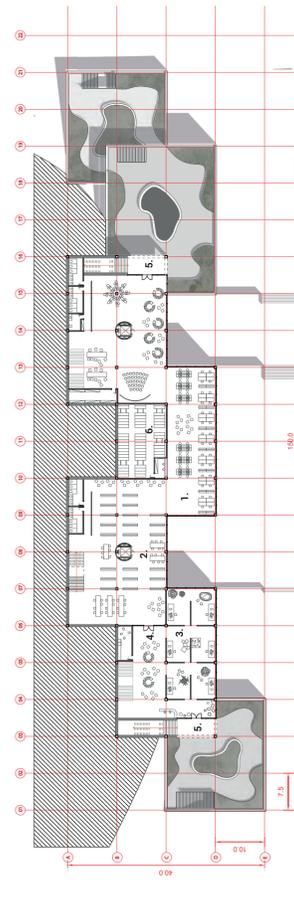
In order to promote the informal expressions produced by the favela, the Mediatheque acts as a tool to support all these manifestations and integrate it with the formal city fabric through the proposed building and urban interventions.



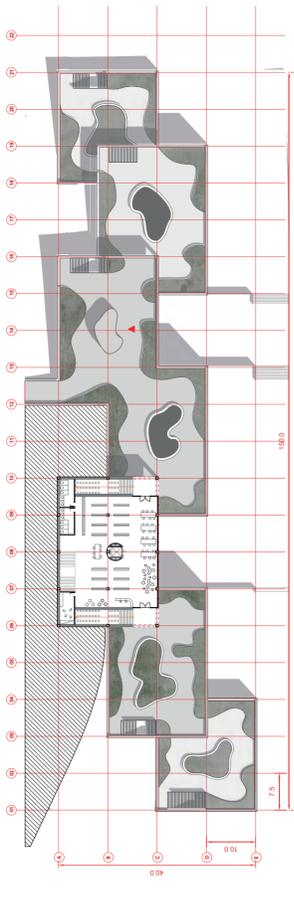
GROUND FLOOR



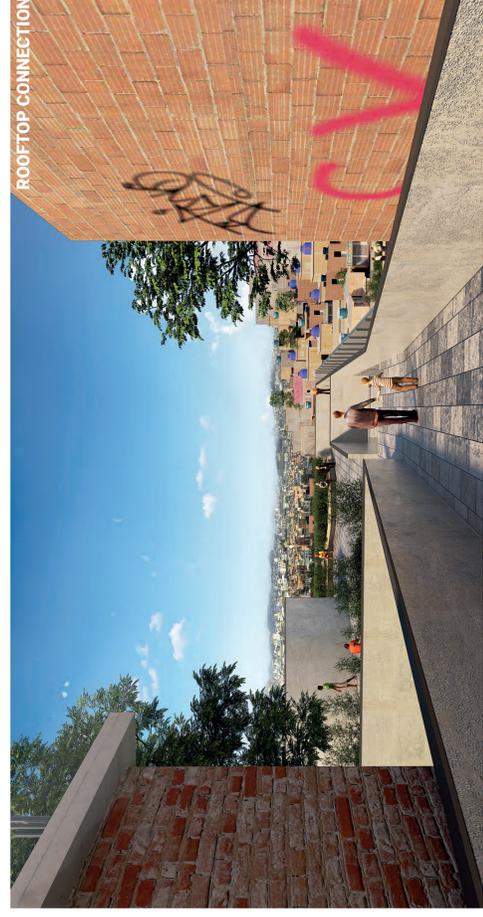
FIRST FLOOR



SECOND FLOOR

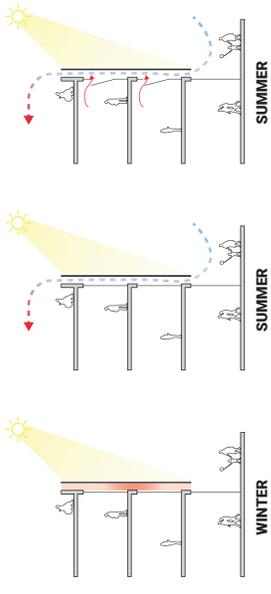


THIRD FLOOR





In order to create not only new connections between the favela Parques Alvorada and Nova Brasília, the Burtie Marx inspired landscape create new living spaces for the everyday events and stimulates the extension of the inner program to the public space.

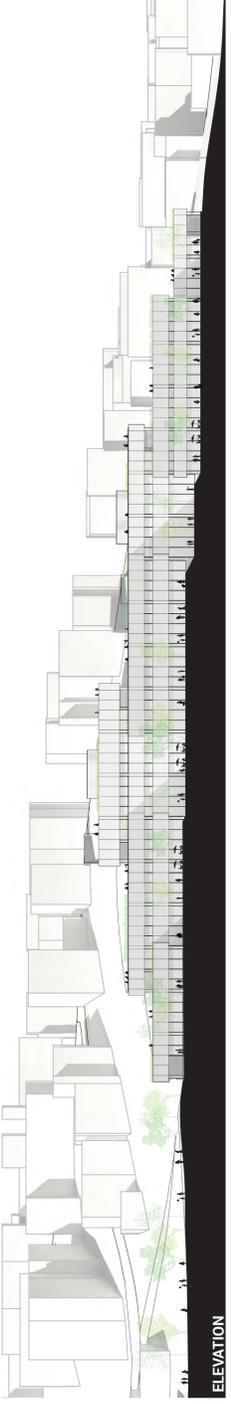


WINTER

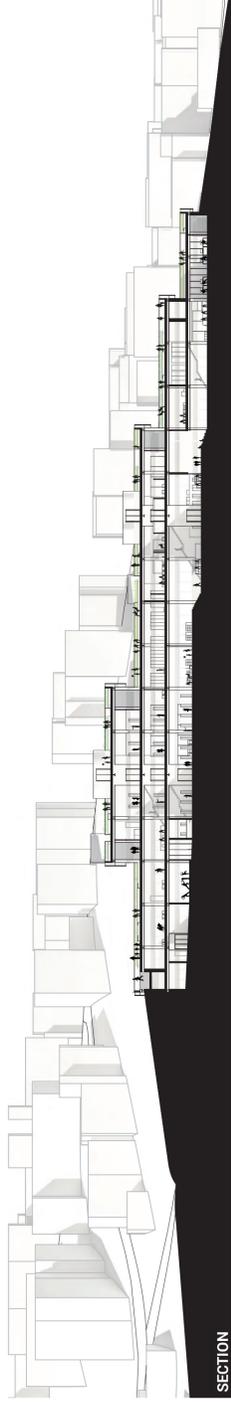
SUMMER

SUMMER

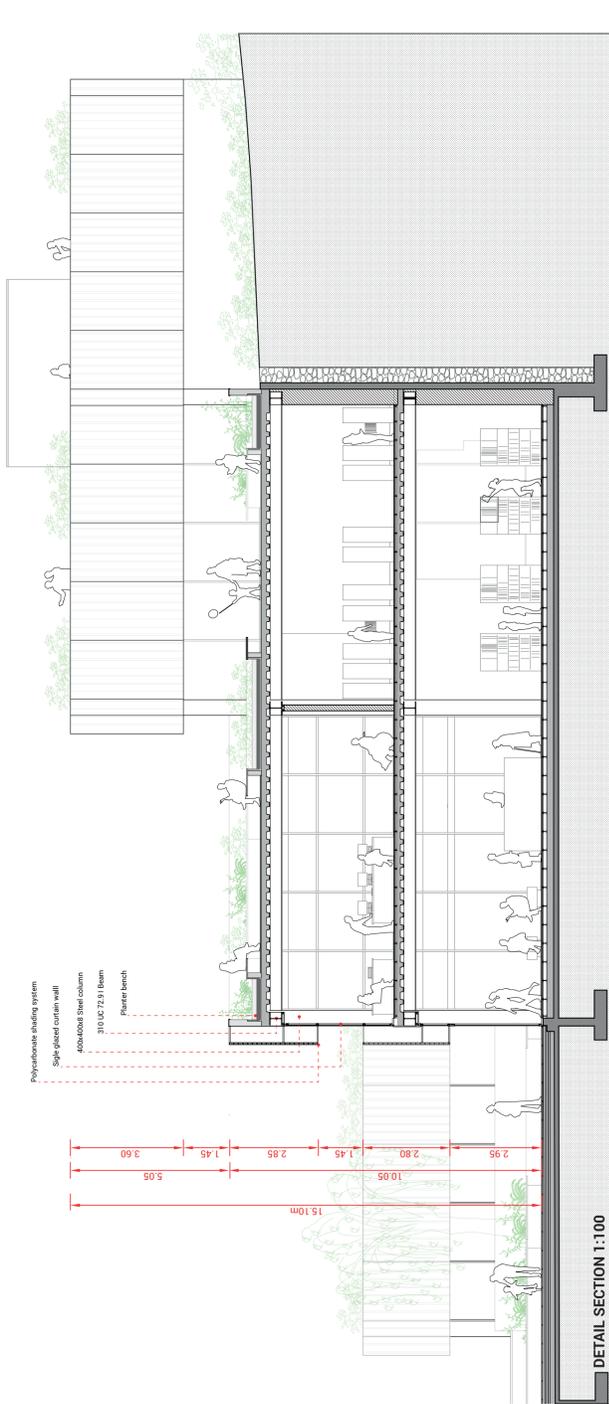
The double skin facade created with the polycarbonate layer adapts the facade to cooler and warmer weather. In Rio's hot climate the cavity vents outside the building to mitigate solar gain and decrease the cooling load. This chimney effect is created by air density, allowing the warmer air to scape.



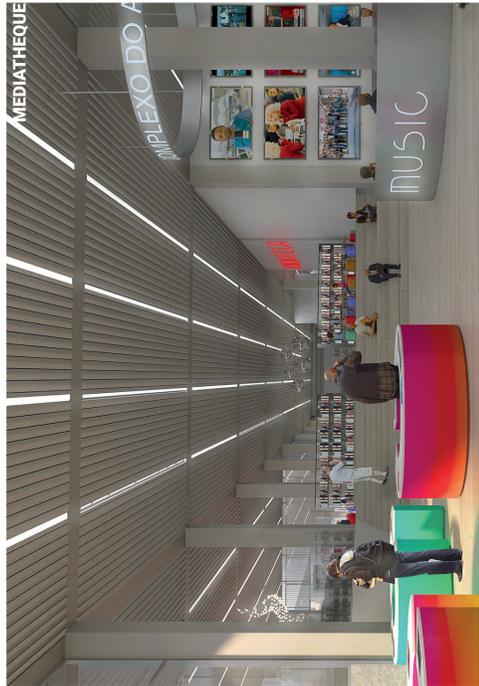
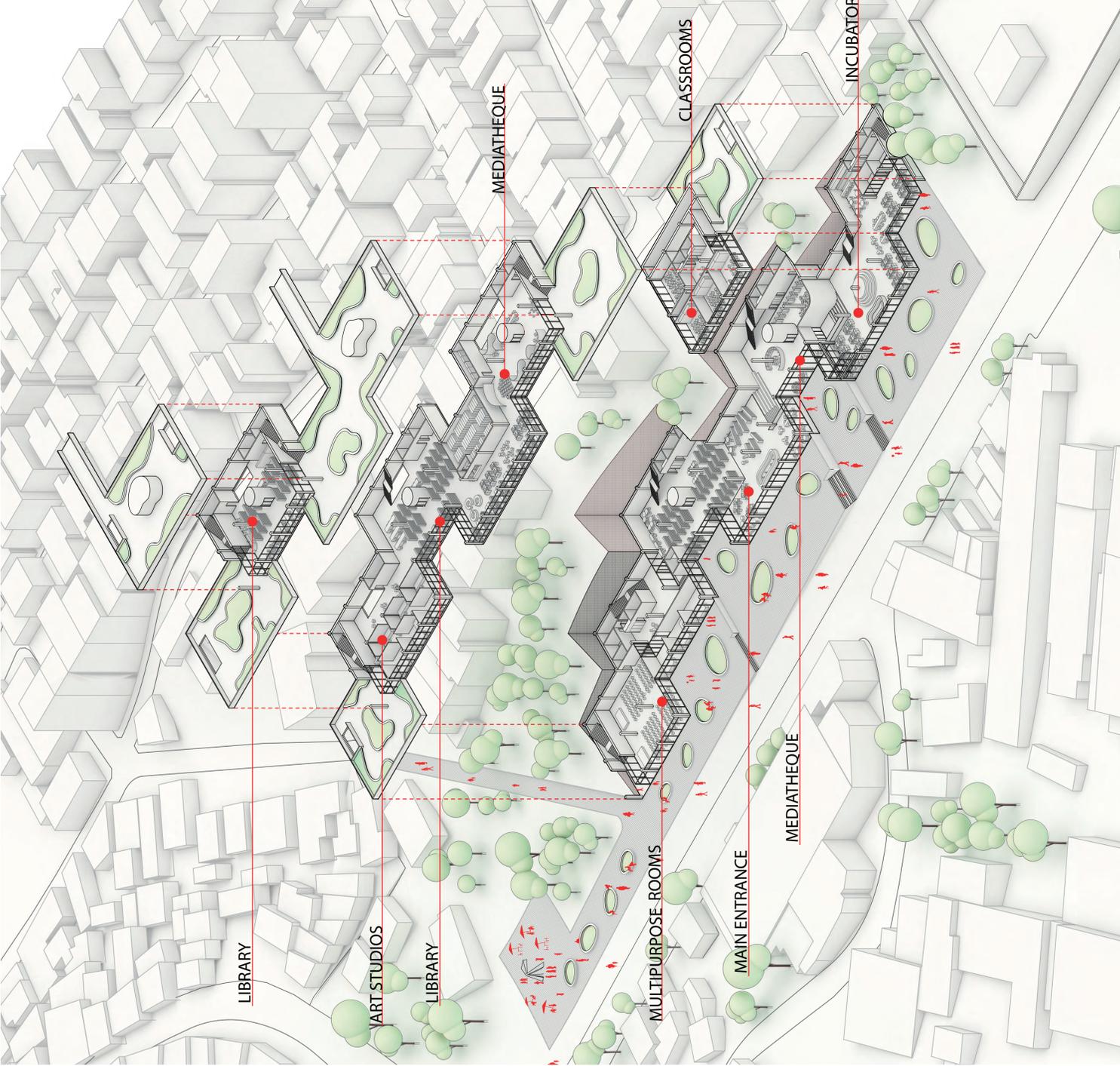
ELEVATION



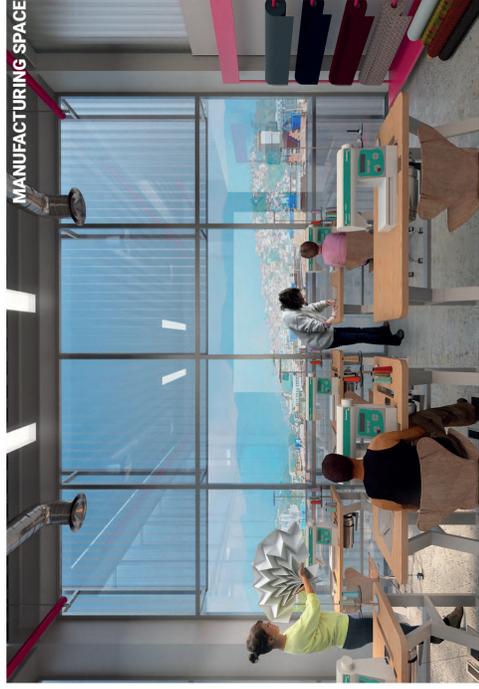
SECTION



DETAIL SECTION 1:100



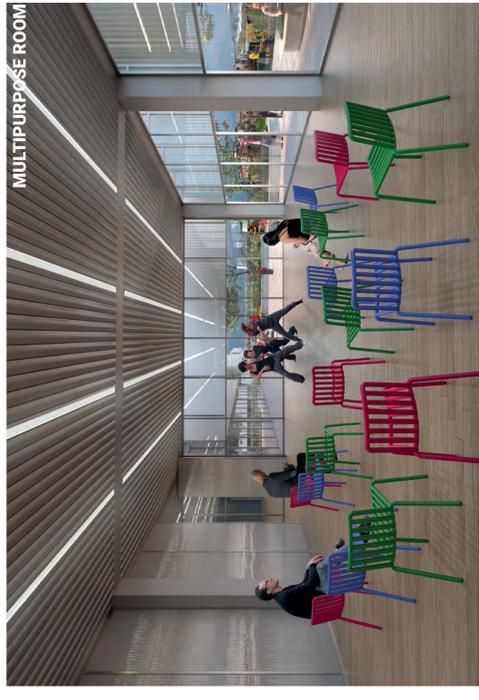
MEDIATHEQUE



MANUFACTURING SPACE



ATELIER



MULTIPURPOSE ROOM